

A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DA LT 750kV IVAIPORÃ - ITABERÁ III, PARANÁ - SÃO PAULO

Igor Chmyz
Eliane Maria Sganzerla
Jonas Elias Volcov
Eloi Bora
Roseli S. Ceccon

RESUMO: Nesta monografia são expostos os resultados das pesquisas de salvamento arqueológico realizado na área da Linha de Transmissão de Energia (LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III), implantada por Furnas Centrais Elétricas S.A. no Paraná e São Paulo. Executadas entre 2001 e 2006, as pesquisas registraram, ao longo de 227km por 100m de largura, sítios pertencentes às tradições Umbu, Itararé, Casa de Pedra e Tupiguarani, além de vestígios relacionados à ocupação moderna, compreendendo uma faixa temporal situada entre 9630 AP e 90 AP. Com base nos dados de campo e análises laboratoriais, são discutidos padrões de implantação, práticas funerárias, sinalizações rupestres, deslocamentos populacionais e a influência exercida pelas reduções jesuíticas entre os grupos tribais.

Palavras-chave: Salvamento arqueológico; Arqueologia do Paraná e São Paulo; Tradições Umbu, Itararé e Tupiguarani.

INTRODUÇÃO

A presente monografia expõe os resultados do Projeto de Salvamento Arqueológico efetuado ao longo da Linha de Transmissão LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III, a qual integra o Circuito do Sistema de Transmissão de Itaipu, e tem como função transmitir a energia gerada por essa Usina Hidrelétrica. Caracteriza-se por uma sucessão de 668 torres distribuídas com regularidade e de forma linear situadas, preferencialmente, no topo ou nas encostas de elevações.

O empreendimento, sob a responsabilidade de Furnas Centrais Elétricas S.A. tem origem na subestação de Ivaiporã e, com destino à subestação de Itaberá, percorre cerca de 227km no Estado do Paraná e, 45km no Estado de São Paulo. Totalizando 272km localiza-se, em sua grande parte, no Segundo Planalto Paranaense, situando-se entre os paralelos 24º 30' e 40º 00' de longitude oeste de Greenwich.

Compreende, também, uma faixa de terra para fins de servidão administrativa que varia, ao longo de seu traçado, entre 72 e 94,50m de largura.

Em seu percurso, a Linha de Transmissão atravessa 16 municípios, sendo 13 no Paraná: Manoel Ribas, Ivaiporã, Grandes Rios, Rosário do Ivaí, Ortigueira, Sapopema, Curiúva, Tibagi, Ibaiti, Arapoti, Pinhalão, Wenceslau Braz e São José da Boa Vista. Três municípios situam-se em São Paulo: Ribeirão Vermelho do Sul, Itararé e Itaberá (Fig. 1).

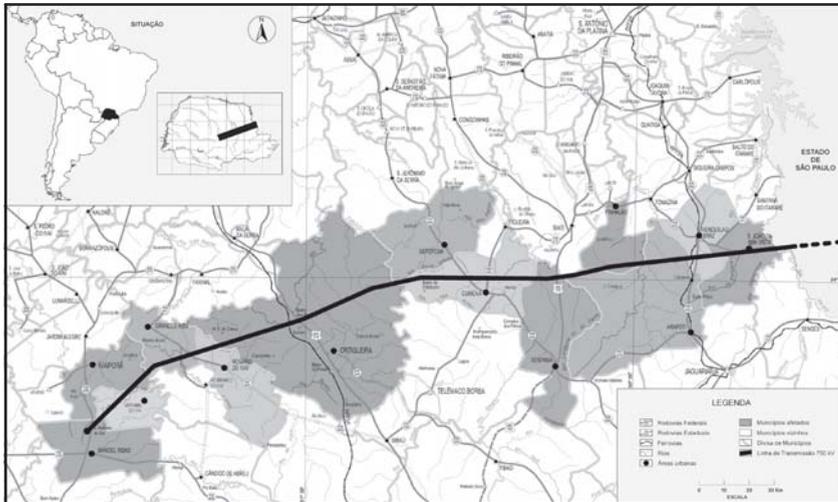


Figura 1: Localização da LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III no contexto dos municípios abrangidos pelo empreendimento e as principais vias de acesso.

Considerando-se que a implantação da Linha de Transmissão afetaria áreas ao longo de seu traçado, de acordo com a Resolução N° 001/86 do Conselho Nacional de Meio Ambiente, primeiramente um projeto para fins de diagnóstico de patrimônio arqueológico na área impactada foi estruturado e executado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA/UFPR) entre os anos de 1999 e 2000.

As pesquisas de campo resultaram na identificação de 366 pontos com indícios arqueológicos, encontrados em terrenos planos e no flanco ou topo de elevações, distribuídos de forma esparsa ou concentrada, com dimensões e formas variáveis, demonstrando padrões culturais associados à exploração diferencial da paisagem. Do total de pontos constatados, 338 situavam-se no território paranaense e, 28 no paulista.

Essa etapa, coordenada por Igor Chmyz, foi conduzida por Jonas Elias Volcov, João Carlos Gomes Chmyz, Laércio Loiola Brochier e Eloi Bora. Nas atividades de laboratório a equipe contou com a

colaboração de Eliane Maria Sganzerla e Luiz Fernando Erig Lima, além do estagiário Luciano Monti Paz.

Visando proteger este patrimônio, entendimentos foram mantidos entre Furnas Centrais Elétricas S.A. e o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, para a elaboração e execução de um Projeto de Salvamento.

Acertadas as negociações e, após o encaminhamento de proposta de projeto, a Fundação da Universidade Federal do Paraná para o Desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Cultura assinou, em 30 de julho de 2001, um contrato com Furnas Centrais Elétricas S.A. para que o CEPA/UFPR pudesse desenvolver o Projeto Arqueológico de Salvamento.

Considerando-se as características do trabalho e, para que este contemplasse todos os 338 espaços registrados no Estado do Paraná, abrangendo integralmente as atividades de campo e as subseqüentes de laboratório, foi calculado para este Projeto de Salvamento, um período de trabalho compreendido em 5 anos, sendo 4 divididos entre etapas de campo e laboratório e, o último, dedicado somente às atividades laboratoriais.¹

Resultando, ainda, das negociações empreendidas, face à necessidade de local para guarda do material coletado durante o projeto, a reforma das instalações do CEPA/UFPR, com a ampliação de seu espaço físico, foi igualmente financiada por Furnas Centrais Elétricas S.A.

O Projeto de Salvamento Arqueológico na área da LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III foi autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por meio da Portaria Nº 134, de 18 de dezembro de 2001 e, registrado no Banpesq da Universidade Federal do Paraná, com o Nº 2001010025, como atividade docente.

O projeto contou, ainda, com a colaboração da Dr^a Betty J. Meggers, do Smithsonian Institution, que providenciou a datação de amostras pelo método C-14.

O AMBIENTE²

O espaço geográfico em que está inserida a LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III apresenta aspectos fisiográficos bastante diversificados, que devem ser contemplados a propósito do estudo dos assentamentos humanos pretéritos e sua relação com a paisagem e, no entendimento das características de formação e/ou destruição do refugio arqueológico.

¹ Com o desenvolvimento dos trabalhos de Salvamento, novos sítios e indícios foram encontrados, elevando para 428 o número de pontos identificados no Paraná.

² Capítulo elaborado, em parte, por Laércio Loiola Brochier.

Tais aspectos referem-se principalmente ao clima, geomorfologia, geologia, hidrografia, cobertura vegetal e uso atual do solo.

Por suas características peculiares, as obras relacionadas aos projetos lineares de transmissão elétrica atravessam extensas regiões, cobrindo os mais diversos ambientes morfoclimáticos, exigindo uma análise ampla e regional para, posteriormente, caracterizá-la nos limites de sua estreita faixa de domínio (MAYA, 1994). Para o caso da LT 750kV Ivaiporã – Itaberá III, que corta boa parte da região centro-norte do Estado do Paraná e menor setor ao sul do Estado de São Paulo, a principal constatação está relacionada ao seu alinhamento geral nordeste-sudeste frente às formações geomorfológicas, litológicas e a drenagem superficial.

A unidade de maior grandeza corresponde à Bacia Sedimentar do Paraná, formada por uma extensa depressão deposicional, que ocupa grande parte do centro-leste do continente sul-americano, cobrindo uma área com cerca de 1.600.000km².

Segundo Schneider et alii (1974), trata-se de uma bacia intracratônica simétrica, de profundidade máxima em torno de 5.000 metros, preenchida por sedimentos paleozóicos, mesozóicos, lavas basálticas e, localmente, rochas cenozóicas. No Paraná, desenvolve-se a partir da Serra de São Luiz do Purunã (Serrinha), onde forma o Segundo Planalto, rumando para oeste da escarpa arenito-basáltica da Serra Geral ou Serra da Esperança, já nos domínios do Terceiro Planalto.

O Segundo Planalto é constituído por relevos tabulares, que formam “cuestas” e plataformas estruturais cada vez mais dessecadas para oeste, onde perdem altitude. De modo sumário pode-se subdividir este planalto em duas grandes zonas de formas de relevo: na porção leste, onde as formações são mais resistentes, o Planalto da Serrinha apresenta altitudes mais elevadas e vales mais fechados. A oeste, os rios entalharam vales mais amplos em terrenos Permo-Carboníferos, com rochas básicas intrusivas, originando formas de mesetas, cadeia de mesetas, morros testemunhos e platôs alongados. Não apresenta solos de tanta fertilidade natural quanto os do Terceiro. São solos menos profundos, menos férteis e desenvolvidos, na sua grande maioria, em rochas sedimentares. Em boa parte, é uma tradicional região de pecuária extensiva, em razão dos seus campos nativos.

O Terceiro Planalto desenvolve-se a oeste da escarpa mesozóica e representa a região dos grandes derrames de lavas básicas. Suas formas superficiais são esculpidas nos derrames vulcânicos do Grupo São Bento e, na porção noroeste do estado, no arenito Caiuá, que documenta a presença de um clima árido durante a Era Mesozóica. Suas paisagens típicas, em mesetas estruturais, dão

origem a uma topografia de aspecto tabuliforme, entremeada por formas onduladas com chapadas de encostas mais suavizadas. Apesar da relativa uniformidade de sua superfície, é dividido em blocos que são limitados por grandes rios como o Piquiri, Ivaí e Iguaçu. Apresenta, em linhas gerais, solos profundos, bem desenvolvidos e de alta fertilidade natural. A feição dominante é a de uma série de patamares, devida à sucessão dos derrames basálticos, à erosão diferencial e ao desnível de blocos falhados. Os rios esculpiram na região, vales ora mais abertos, formando “labiados” e dando origem a corredeiras, saltos e cachoeiras, ora mais fechados, formando “canyons”.

Na área compreendida pela obra, as camadas sedimentares formadoras da bacia, desde o Devoniano ao Triássico, apresentam leve inclinação para oeste em direção ao rio Paraná e para norte em direção do rio Paranapanema (MAACK, 1968). Esta declividade é a principal responsável pelo sentido geral dos cursos dos rios, de sudeste para noroeste. O relevo torna-se bastante variável em razão da grande diversidade litológica, com rochas que apresentam diferentes resistências à meteorização. As formas principais alternam-se de leste para oeste, de relevo tabular menos dessecado, relevo tabular mais dissecado e, patamares e mesetas (ITCF/UFPR, 1988). Em determinados setores, as unidades sedimentares são cortadas por inúmeros diques de rochas básicas, de direção noroeste, que desenvolvem relevos em cristas alongadas, produzindo padrões de drenagem retilínea. Verifica-se, portanto, que a orientação da LT 750kV Ivaiporã – Itaberá III corta sub-perpendicularmente as camadas litológicas, as estruturas e alinhamentos geológicos/geomorfológicos e, os principais cursos de água existentes ao longo do seu eixo.

Quanto ao clima, segundo ITCF/UFPR (1988), o Estado do Paraná, e por extensão, as áreas próximas aos seus limites, sofrem a influência de quatro fatores macroclimáticos:

“Migração das massas de ar da Zona Atlântica equatorial e tropical de pressão baixa, nos meses de verão, em direção Sul;

Infiltração de massas de ar frio da frente polar, nos meses de inverno, impulsão por anticiclones do Atlântico Sul em direção ao Norte;

Interferência dos ventos alísios, de sudeste, na intensidade do deslocamento das massas de ar da Zona Atlântica para o Sul e do avanço dos anticiclones do Atlântico Sul para o Norte, com influência direta na formação das precipitações orográficas da Serra do Mar;

A corrente marítima quente do Brasil, provoca uma expansão das características, de clima tropical quente e úmido em direção ao Sul, tornando o ar do mar mais úmido e com temperaturas mais estáveis”.

De acordo com a carta climática do Estado do Paraná (GODOY; CORREIA, 1976 *apud* EMBRAPA, 1984) e com a Divisão Climática do Estado do Paraná (MAACK, 1968), ambas baseadas na classificação de Koeppen, identifica-se para a área de estudo, os tipos climáticos Cfa e Cfb. O primeiro, que é o predominante, corresponde a um clima Subtropical Úmido Mesotérmico, de verões quentes com tendência de concentração das chuvas (temperatura média superior a 22°C) e invernos com geadas pouco freqüentes (temperatura média inferior a 18°C), sem estação seca definida. O segundo diferencia-se do primeiro pela ocorrência de geadas severas e freqüentes, sendo a média da temperatura dos meses mais quentes inferior a 22°C.

Além dos macro-fatores que regulam as condições regionais, o relevo e a cobertura vegetal interferem decisivamente em sua caracterização climática.

A cobertura vegetal do Estado do Paraná e de São Paulo, por encontrar-se atualmente em avançado estágio de extinção, está deixando de exercer seu papel moderador nas condições médias do tempo e, com isso, vêm se produzindo alterações nas suas condições pluviométricas. Verifica-se que em consequência de um modelo agroeconômico incentivador das monoculturas de exportação e da pecuária extensiva, as áreas de florestas sofreram grande redução, assim como os campos nativos.

Para a área em estudo, os redutos de cobertura vegetal estão, em geral, relacionados à Floresta Ombrófila Mista e ecossistemas associados (Floresta de Araucária, campos limpos, campos cerrados, vegetação rupestre e vegetação de várzeas).

Quanto ao uso atual do solo, além da agricultura e pecuária, verificam-se grandes áreas de silvicultura, com reflorestamentos de pinus e eucaliptos.

A OCUPAÇÃO HUMANA

Período Histórico

Historicamente, essa região do Estado do Paraná, que comporta porções dos chamados Norte Pioneiro, Norte Novo e Norte Novíssimo, teve momentos diferenciados em sua exploração e colonização.

O Norte Novíssimo compreende a região situada entre os rios Ivaí e Piquiri. Teve sua colonização incrementada entre 1940 e 1960, quando finda o ciclo cafeeiro.

A ocupação e desenvolvimento da área conhecida como Norte Novo, limitada ao norte pelo rio Paranapanema, ao sul com a cidade de Manoel Ribas, a leste com o rio Tibagi e a oeste com o rio Ivaí e,

comportando como cidades pólos, Londrina, Maringá, Apucarana e Ivaiporã, foi intensificada em período recente, mais precisamente a partir do começo do século XX (1920/1950), principalmente entre 1934 e 1947.

Sua colonização foi incentivada com a construção da estrada de ferro “São Paulo-Paraná”, unindo a cidade de Ourinhos à de Cambará, pela companhia inglesa “Paraná-Plantation”, a qual, dona de extensos cafezais na região de Cambará, necessitava de uma ligação do norte do Paraná aos centros consumidores e exportadores de café, como São Paulo e Santos.

Implantada a linha ferroviária, a “Paraná-Plantation”, acreditando na potencialidade das terras da região, de grande fertilidade para o cultivo do café, as quais tinham sido adquiridas do Governo do Estado em consequência da falência da Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, fundada em 1920, e que da mesma forma pretendia a colonização da área, desdobrou-se em duas, constituindo-se: a Companhia de Terras Norte do Paraná e a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, tendo a primeira a função de lotear e revender em pequenas propriedades as terras adquiridas e, a segunda, dar continuidade à implantação de ferrovias, a partir de Cambará em direção à nova área de colonização, a qual tinha como sede a cidade de Londrina.

Caracterizando-se como uma colonização dirigida, com a divisão das terras em glebas com cerca de 5, 10 e 30 hectares e, em lotes urbanos e rurais, a companhia, inclusive, estabeleceu o perfil dos colonos, buscando migrantes e imigrantes para a ocupação efetiva das terras trazendo, dessa forma, compradores e não somente trabalhadores, pois a condição exigida para obtenção da escritura de posse era a sua ocupação imediata. Assim chegaram paulistas, mineiros, baianos, catarinenses, paranaenses, japoneses, alemães, tchecos, poloneses, italianos, portugueses, espanhóis, etc., sendo fundadas as cidades de Londrina, Cambé, Rolândia, Arapongas, Mandaguari, Apucarana, Jandaia, Maringá, Cianorte, entre outras. Paralelamente ao estabelecimento das cidades, a estrada de ferro acompanhava a penetração do loteamento da Companhia, chegando a Jataizinho em 1931, Londrina em 1935, Apucarana em 1937 e Maringá em 1947.

No período da Segunda Guerra Mundial a estrada de ferro foi incorporada à rede Viação Paraná-Santa Catarina e, a Companhia de Terras Norte do Paraná vendida a empresários paulistas. Mesmo com a sua venda objetivava, ainda, a Companhia de Terras Norte do Paraná, dar continuidade à colonização do norte. A falta de acordo entre a empresa e o Governo do Estado, no entanto, levou a companhia a direcionar seu capital a investimentos industriais nos estados do Paraná

e São Paulo, modificando inclusive, em 1951, seu nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Além da colonização efetuada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, outras, promovidas pelo Governo do Estado e, também, por imobiliárias particulares, contribuíram para sua ocupação.

O Norte Pioneiro, ou Norte Velho, colonizado entre 1860 e 1925, está inserido na região situada entre os rios Paranapanema, Itararé e Tibagi. Sua ocupação por mineiros e paulistas se efetou, principalmente, de 1862 até a década de 1920. Neste período foram fundadas algumas das cidades que o compõem, como Jacarezinho, Cambará, São José da Boa Vista, Siqueira Campos, Ribeirão Claro, Santo Antonio da Platina, Jundiá do Sul, Wenceslau Braz, etc.

Em meados de 1840, com a utilização do caminho do Viamão para condução de tropas do Rio Grande do Sul para São Paulo, passando pelo Registro de Itararé, situado entre os estados de São Paulo e Paraná, nas margens do rio Itararé, fazendeiros e tropeiros mineiros tomaram conhecimento da existência de terras férteis e devolutas na região norte do Paraná. As migrações se intensificaram, também, motivadas pelas perseguições políticas após a revolução liberal de 1842. Até 1866, entretanto, não havia nenhuma organização quanto à forma de colonização dessa região, que tinha nessa época, somente 36 lotes demarcados. A efetiva ocupação iniciou em 1904, quando fazendeiros de café oriundos de Ourinhos (SP) fundaram a cidade de Cambará e continuaram a penetração em direção ao vale do rio Tibagi.

Sua ocupação foi, inicialmente, baseada nos padrões do séc. XIX que compreendia o latifúndio e o uso do trabalho escravo, sendo cultivados algodão, fumo, arroz, feijão e milho. Já no início do séc. XX, com a chegada da ferrovia Sorocabana, a agricultura, apesar de manter-se, deu espaço maior à suinocultura, sendo substituída depois pela monocultura do café.

Esse espaço paranaense não despertou atenção durante os primeiros movimentos exploratórios: *“... sua extraordinária fertilidade permaneceu inexplorada pelo bandeirante paulista, que em suas terras destruiu as reduções espanholas; não despertou a atenção dos mineradores de ouro do planalto de Curitiba e do vale do Ribeira, no século XVII; os tropeiros que faziam o comércio entre São Paulo e o Rio Grande do Sul no século XVIII, também não lhe divisaram a fertilidade, nem tampouco o governo imperial ou estadual.”* (WACHOWICZ, 1967:159).

No século XVIII, a necessidade de consolidação das fronteiras brasileiras com o Uruguai, Argentina e Paraguai, levou expedições exploratórias a percorrer esse espaço. Sob ordem do tenente-coronel

Afonso Botelho Sampaio e Souza, a primeira expedição militar que alcançou as matas situadas a oeste do rio Tibagi foi comandada por Estevão Ribeiro Bayão e, apesar de diamantes terem sido encontrados em bolsões de cascalhos característicos de seu curso, nesse período, ainda, nenhum povoamento estável se formou.

Somente a partir de meados do século XIX, quando se fez necessária a aproximação da província do Mato Grosso com São Paulo, diante da possibilidade do início de um conflito armado com o Paraguai, e a invasão das fronteiras mato-grossenses, a região voltou a assumir importância. Em 1845, por ordens do barão de Antonina, expedição comandada por Joaquim Francisco Lopes foi enviada para explorar os rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus tributários: Tibagi e Pirapó. “... *descer pelo Paraná, e subir pelo Ivaí até um caminho feito por ordem do mesmo Exmo. sr. barão a sahir nos campos do Amparo, fronteiras mais ou menos à Ponta-Grossa, perfazendo assim um círculo da maior parte da comarca de Curitiba.*” (ELLIOT, 1847:17).

Tornando-se imprescindível a abertura de uma estrada que ligasse o Paraná ao Mato Grosso, assim como a defesa das suas fronteiras, as explorações modificaram seus objetivos, buscando então o estudo de traçados de vias de comunicação. Resultante dessas expedições, Colônias Militares e Aldeamentos ou Colônias Indígenas foram criados no setentrião paranaense. No rio Tibagi, junto ao porto de Jataí foi fundada, em 1855, pelo barão de Antonina, a Colônia Militar de Nossa Senhora da Conceição do Jataí, que tinha como diretor o major Thomaz José Muniz. Em 1880, a colônia possuía 306 habitantes, sendo a população formada por paulistas, mineiros e paranaenses. Em meados de 1896 a Colônia foi emancipada da tutela militar do Governo Federal e entregue à administração do Governo do Paraná, originando a cidade de Jataizinho, primeiro núcleo colonizador oficial do Norte do Paraná (STECA; FLORES, 2002:122).

Ainda sob as ordens do barão de Antonina, fundaram-se dois aldeamentos indígenas na região: o de São Pedro de Alcântara, em frente à Colônia Militar de Jataí, na margem esquerda do rio Tibagi, sobre as ruínas da redução jesuítica de São José e o de São Jerônimo, às margens do rio do Tigre, afluente do rio Tibagi. O primeiro teve, como diretor, o frei capuchinho Timóteo de Castellnuevo. Em 1857, foi criado o Aldeamento do Pirapó na margem esquerda do rio Paranapanema, pouco acima da foz do rio Pirapó, sobre as ruínas da redução jesuítica de Nossa Senhora de Loreto.

Os aldeamentos tinham como finalidade congregar índios Caiuá e Coroadó que viviam nos sertões, para catequese e integração à sociedade nacional. O aldeamento de Alcântara, no entanto, comportava

também, africanos assalariados e brancos que possuíam lotes em seu perímetro urbano (BOUTIN, 1979:56). Esse aldeamento, apesar de ter reunido indígenas, construído edificações e desenvolvido atividades agrícolas, teve vida curta. A falta de recursos governamentais e uma epidemia de varíola em 1877 impediu o seu crescimento. Foi abandonado e teve sua sede transferida para a colônia Jataí. Em 1875, “*eram contados 1.363 índios na Paróquia, sendo 902 Kaingáng e 461 Caiuá.*” (STECA; FLORES, 2002:122).

O aldeamento de São Jerônimo, situado a 60km de Jataí, em meio à Serra dos Agudos, foi criado em função de ataques de índios Kaingáng à Fazenda São Jerônimo e, aos índios Caiuá aldeados em Alcântara. Em 1858, sua direção foi entregue a Joaquim Francisco Lopes e a catequese ao frei Matias de Gênova até 1866, quando chegou ao aldeamento frei Luiz de Cemitile. Em 1878, São Jerônimo registrava 76 famílias, com 295 indivíduos.

O aldeamento do Pirapó, em conseqüência da insalubridade do lugar onde foi instalado, gerava febres intermitentes em seus moradores e, em 1862 foi transferido para o local onde, primeiramente, havia sido instalada a redução de Santo Inácio Mini.

As reduções jesuíticas estão relacionadas a um período anterior, correlato às primeiras penetrações do europeu nos sertões paranaenses, objetivando sua ocupação. A partir do século XVI e durante o século XVII, tem início o reconhecimento das bacias dos rios Paraná e Paranapanema por espanhóis e jesuítas.

Apoiados no Tratado de Tordesilhas, logo depois da descoberta, os espanhóis começaram a penetração na América Espanhola. Utilizando-se de caminhos indígenas conhecido como Peabiru, ou subindo o rio da Prata, fundaram portos, como Sancti Spiritu em 1527, Nuestra Señora Santa Maria del Buen Aires em 1536 e Asuncion em 1537 (CHMYZ, 1976a:67).

A proibição do rei espanhol às expedições à Serra da Prata os levaram a penetrar território paranaense à procura de riquezas e, também, além de assegurar o domínio espanhol das terras, encontrar uma saída, por terra, para o Atlântico, e submeter os indígenas que viviam no rio Paraná. Dessa forma, comunidades espanholas começaram a ser fundadas. A primeira, denominada Ontiveros, data de 1554 e foi estabelecida às margens do rio Paraná. De pouca duração, seus habitantes mudaram para a comunidade de Ciudad Real, criada em fins de 1556 ou início de 1557 na foz do rio Piquiri com o rio Paraná, sobre a aldeia indígena de Guayrá. A terceira comunidade espanhola fundada, denominada Villa Rica del Spiritu Sancto, situava-se na foz do rio Corumbataí com o Ivaí, datando, provavelmente, de 1570.

O movimento reducional teve início na região de Guayrá em 1610, pelos padres jesuítas José Cataldino e Simão Maceta, com a fundação da redução de Nossa Senhora de Loreto na foz do rio Pirapó com o Paranapanema. Nesse mesmo ano, *“os mesmos padres jesuítas fundaram, 20km acima, na confluência do ribeirão Santo Inácio com o Paranapanema, a redução de Santo Inácio Mini ou do Ipaumbucu.”* (CHMYZ, 1986:8).

O sucesso do empreendimento levou, até 1628, à criação de treze novas reduções nos vales dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e, possivelmente no Iguaçu. Compreenderam as reduções de São Francisco Xavier (1622), na margem esquerda do rio Tibagi, no Município de Ibitiporã; São José (1625), nas nascentes de um pequeno afluente da margem esquerda do rio Tibagi, entre os municípios de Ibitiporã e Sertanópolis; Nossa Senhora da Encarnação (1625), também na margem esquerda do rio Tibagi, pouco abaixo da foz do rio Barra Grande, no Município de Ortigueira; Santa Maria (1626), no rio Iguaçu, nas proximidades dos Saltos de Santa Maria; São Paulo do Iniaí (1626), estabelecida na margem esquerda do rio Ivaí, na confluência do rio Iniaí, entre os municípios de São João do Ivaí e Jardim Alegre; Santo Antônio (1627), situada na margem direita do rio Ivaí, na foz do rio das Antas, no Município de Grandes Rios; Sete Arcanjos de Taiaova (1627), à margem direita do rio Corumbataí, acima da foz do rio Muquillão, entre os municípios de Jardim Alegre e Ivaiporã; São Miguel (1627), situada provavelmente, na margem esquerda do rio das Cavernas, pouco acima de sua confluência com o rio Tibagi, no Município de Tibagi; São Pedro (1627), provavelmente nas nascentes do rio Piquiri, no Município de Guarapuava; Conceição de Nossa Senhora do Guayaná (1627/28) estabelecida, provavelmente, nas cabeceiras do rio Piquiri, no Município de Pitanga; São Tomé (1628), localizada nas cercanias de Vila Rica do Espírito Santo, provavelmente à margem direita do rio Corumbataí, no Município de Jardim Alegre; Jesus Maria (1628) situada, provavelmente, nas cabeceiras do rio Ivaí, no Município de Prudentópolis; Ermida de Nossa Senhora de Copacabana estabelecida no vale do rio Tibagi, no atual Município de Ubitatã.

Os estabelecimentos jesuíticos do Guayrá atraíram a atenção dos bandeirantes paulistas, que passaram a atacá-las para o aprisionamento dos indígenas, os quais, treinados pelos jesuítas para o desenvolvimento de várias tarefas representavam maior investimento que aqueles aldeados pelos espanhóis para a coleta de erva-mate. Iniciando em 1618 por Manuel Preto, que tentou atacar a redução de Nossa Senhora de Loreto, mas foi dissuadido, estabelecendo-se na foz do rio Tibagi, os ataques bandeirantes às reduções se intensificaram,

restando em 1631, somente as reduções de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini, as quais congregavam cerca de 5.000 índios e, mais aproximadamente outros 7.000 em seus arredores, fugitivos das reduções abandonadas ou destruídas.

A grande população indígena existente na área, apontada nos relatos históricos por cronistas do período do estabelecimento de comunidades espanholas e reduções jesuíticas, entre 1554 e 1631, referem-se a índios Guarani nos rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí e, também, à presença de Jê nas reduções centrais.

Essas populações são mencionadas em estudos efetuados por Nimuendajú e Métraux, os quais fornecem datas históricas mais recentes de migrações de povos da família lingüística Tupi-Guarani na região sul-brasileira, como os Taniguá, Oguauíva e Apapokúva que, partindo de regiões mato-grossenses, dirigiram-se para leste seguindo rotas diferentes a partir de 1820.

No mapa elaborado por Curt Nimuendajú constam, também, na área em pauta e seus arredores, grupos da família lingüística Jê representados pelos Kaingáng (séc. XVIII) e Guayaná (1849) e, grupos da família lingüística Tupi-Guarani, representados pelos Guarani (entre 1830 e 1913) e Kaiguá (1913). Em seu mapa lingüístico, Nimuendajú assinala-os na direção SO-NE, cortando os estados sulinos. No Paraná, atravessa os rios Iguaçu, Piquiri, Tibagi, Cinzas e Paraná.

Branislava Susnik (1979-80:II, 22-45), refere-se à presença, na área e em suas proximidades, de grupos da família lingüística Tupi-Guarani, correspondentes aos Carios, representados pelos Cario-"Ypacaraí", Quiindy-Acahá y Yvytyrusú; aos Tobatines, representados pelos Tobatines, Tanimbú e Yuruquizába; aos Guarambarenses, representados pelos Ypané, Atyrá e Jejuí; aos Mbaracayúenses, representados pelos Amambay, Itanará, Terecañy; aos Itatines, representados pelos Moteteý, Itati-Piraí, Igatemi e, finalmente, aos Guayráes, representados pelos Añembý, Tibagiva, Yuyanguí, Tocanguasú, Paranapanema, Yvahý e Iñeay.

Segundo a pesquisadora, ainda, o rio Paranapanema, quando da entrada dos espanhóis, representava o limite territorial dos "*Guaraníes, Guayanás y Tupinaquíes. La comarca del R. Tibagiva, afluente del Paranapanemá, era la más homoganeamente poblada por los Guaraníes, lo que implica una nucleación cerrada y estabilizada.*" (SUSNIK, 1979/80:II, 43). Situa, ainda, nas cabeceiras do rio Itararé e, entre os rios Iguaçu e Piquiri, região caracterizada pela presença de muitos pinheirais, grande número de grupos "Gualachos-Gês". Existindo animosidade entre os dois grupos, detinha o segundo, grande número de prisioneiros guarani. Visitas pacíficas, no entanto, eram esporadicamente

praticadas entre os grupos.

Pertencentes, também, à família lingüística Tupi-Guarani, índios Xetá foram constatados na região centralizada pelo salto Ariranha, no rio Ivaí, entre os atuais municípios de Rio Branco do Ivaí e Ariranha do Ivaí. Integrantes da “Paraná and Mato Grosso Survey Expedition” capturaram índios genericamente denominados “botocudos”, que lá viviam em 1873 (BIGG-WITHER, 1974:297). Os 26 homens, mulheres e crianças reunidos no acampamento do Ariranha que sucumbiram na quase totalidade logo depois, apresentavam características físicas e culturais comparáveis àquelas dos índios Xetá estudados por José Loureiro Fernandes na década de 1950, no noroeste do Paraná (1959:27).

Aspectos Culturais dos Grupos Indígenas

Na área em pauta, relacionados aos índios citados historicamente na bibliografia pertinente e através de pesquisas arqueológicas realizadas anteriormente em regiões próximas, foram registradas as presenças de grupos ceramistas vinculados à família lingüística Jê, representados pelos Xoklém e Kaingáng, e grupos pertencentes à família lingüística Tupi-Guarani.

Família Lingüística Jê

Pertencente ao Tronco Lingüístico Macro-Jê, está representada por populações contatadas por exploradores logo após o descobrimento. Com subdivisões lingüísticas e grupais, no Brasil Meridional correspondem aos grupos Kaingáng e Xoklém.

Kaingáng

Dominavam espaços situados entre o atual estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul, estendendo-se até Misiones, na Argentina.

Habitantes de terrenos preferencialmente altos e frios, cobertos por vegetação de campos e matas mistas com pinheiros, no Paraná os Kaingáng ocuparam os três planaltos que o constituem. Estabeleceram-se nas proximidades de grandes rios e seus afluentes, como o Paranapanema, Tibagi, Itararé, Paraná, Iguaçu, Piquiri e Ivaí. Ocuparam, ainda, partes do litoral.

De acordo com Darcy Ribeiro (1982:101) *“Esses índios que viviam no recesso das matas, em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, eram conhecidos como Guainá, Bugres ou Botocudos, de língua Kaingáng. Alguns deles que habitavam a orla das matas, haviam sido subjugados pelos criadores de gado vindos do sul e sobreviviam nos capões de mata, desde os campos de Guarapuava, Ivay e Palmas até o Rio Grande do Sul.”*

Formados por grupos seminomades, com economia de subsistência baseada na caça, pesca e coleta de mel, frutas e, principalmente pinhão, eram detentores de conhecimentos básicos de horticultura, cultivando preferencialmente o milho.

As referências às suas habitações, após o contato com o europeu, descrevem-nas tanto como toldos isolados, como formando conjuntos deles, configurando-se uma aldeia. Situavam-se estas, comumente, nas proximidades de grandes roças de milho. Muitas se ligavam por pequenas trilhas: *“Na primeira expedição de Botelho e sua comitiva militar, foram localizadas outras muitas aldeias intercomunicáveis por estreitas trilhas que serviriam também aos desbravadores. Essas muitas aldeias abandonadas apresentavam vestígios de roças antigas em meio a capões de mato.”* (BECKER; 1999:62).

Suas cabanas, de acordo com descrição de Telemaco Borba (1905:53-62), tinham cerca de 25 a 30m de comprimento. Eram construídas e cobertas com folhas de palmeira. Sem divisão interna possuíam apenas uma pequena abertura em cada extremidade, as quais serviam de porta. Loureiro Fernandes (1941:171), em seu estudo sobre os Kaingáng de Palmas, descreve em seu interior, por toda a extensão do rancho, a presença de fogueiras em um espaço de três a quatro palmos de largura. Segundo o pesquisador, ao longo delas dormiam homens e mulheres, com os pés voltados para o fogo. Essas habitações, quando muito sujas e infestadas de piolhos e pulgas, eram queimadas.

Construíam, em acampamentos temporários, abrigos *“... formados em geral por um anteparo retangular cujo arcação é feito de galhos mais ou menos retos revestidos exteriormente com folhas de palmeiras. Verdadeira parede que é apoiada na parte superior sobre estacas de modo a ficar bem inclinada, como uma meia água de telhado que entrasse em contato com o solo em sua porção inferior.”* (FERNANDES, 1941:169).

Sua estrutura social mostra as tribos kaingáng separadas em metades exógamas e patrilineares, subdivididas, por sua vez, em dois grupos distintos designados, no Estado do Paraná, como Kadnyerú, Kamé, Votoro e Aniky. Dentro de sua metade, cada grupo obedecia a uma hierarquia distinta, de acordo com seu prestígio social. Pinturas no rosto os identificavam dentro da sociedade. Dessa forma, *“Os Votôros apresentam pequenos círculos no meio da testa, e outro do mesmo tamanho e às vezes não completamente fechado, em cada bochecha. Os Kadnyerú tem nos mesmos lugares um ponto grosso apenas. Os Aniky tem ao lado de cada olho dois riscos curtos paralelos começando nos ângulos externos dos olhos e passando horizontalmente em direção à têmpora, dois riscos de cada bochecha, e um curto risco horizontal*

ao lado de cada canto da boca. Os Kamé não ostentam senão um risco vertical em cada bochecha.” (BALDUS, 1937:45-46).

Polígamos, as moças casavam jovens, entre 11 e 12 anos, e os rapazes entre 18 e 20 anos, sendo respeitados os graus de parentesco. A poligamia estava relacionada ao desempenho e valentia do rapaz.

Em suas festividades, nas danças, os grupos tomavam posição de acordo com as metades a que pertenciam. De acordo com registro de Telemaco Borba, nas festas utilizavam buzinas feitas de chifres de boi, troncos ocos de embaúbas e porongos com grãos de milho ou pedrinhas em seu interior. Usavam, ainda, flautas e apitos de taquara.

Além de reuniões com caráter festivo, representava papel importante na vida tribal a Festa dos Mortos ou *Veingréinyã*, relacionada à cultura espiritual. Essa festa congregava todos os elementos da vida social Kaingáng pois, nela, além das homenagens ao morto, as crianças ficavam sabendo, através do pai, a qual metade pertenciam e o significado e importância de seu nome (BECKER, 1999:222).

Morto, o “(...) indígena era transportado envolto em pano para o local do sepultamento, sendo a cova forrada com folhas de palmeira e com a casca de árvore que servira de leito ao defunto. Juntamente com ele eram enterradas, do lado direito, suas armas, “*curu*” e *enfeites*, e do lado esquerdo, *panelas com farinha, recipientes de taquara com água e um tição*. A sepultura era coberta com ramos e folhagem para impedir que a terra caísse sobre o cadáver, levantando-se, então, um *montículo de 10 a 12 palmos de altura e de forma cônica*.” (CHMYZ, 1981:11).

Encerrado o sepultamento, período de luto era respeitado, ficando as mulheres do morto isoladas em rancho separado durante oito dias, lamentando-o três vezes ao dia.

Tradicionalmente, nesse período, a festa era preparada pelos demais membros do grupo. Após o contato com o branco, essa festa passou a ser realizada em comum, na época em que o milho e os pinhões estivessem maduros.

A cerimônia fúnebre era convocada pelo toque de uma buzina e iniciava com a reunião da tribo na casa dos parentes do morto. Os indígenas, nessa ocasião, pintavam seus rostos de negro, com os grafismos referentes à sua metade.

Iniciando com o canto, pelo cacique, de melodias monótonas e acompanhado pelo choro das mulheres, o ritual prosseguia com a realização da dança fúnebre pelos homens.

Em relação à sua cultura material, as informações obtidas através da etno-história citam utensílios como panelas, gomos de taquaruçu que, devidamente impermeabilizados, conservavam líquidos

ou eram usados como copos; porongos, balaio, cestas com tampas revestidas com cera e utilizadas para transporte de água, jacás para o trabalho com pinhão e paris usados para captura de peixes, assim como pinças de madeira que eram utilizadas para mexer em pedras ou brasas quentes e, para retirar pinhões das fogueiras e espetos de madeira dura para assar carnes.

De pedra, faziam pilões e machados, utilizando pequenas lascas como instrumentos cortantes.

Os recipientes cerâmicos, gradualmente substituídos por panelas de ferro, são citados vagamente como tigelas de barro preto bem queimados. Loureiro Fernandes (1941:190) em seu trabalho sobre os Kaingáng de Palmas refere-se à sua produção, através de relatos de índios mais velhos que ainda conservavam lembrança de mulheres confeccionando-as. Segundo o autor, primeiramente eram escolhidas variedades de barro nas barrancas dos rios, as quais eram em seguida misturadas e amassadas. Depois a argila era trabalhada em forma de roletes, os quais eram sobrepostos, tomando a vasilha a forma desejada, sendo predominantes as esféricas com pescoço circunscrito e borda ligeiramente extrovertida e tigelas. Para regularização de sua superfície usavam as mãos ou pedaços de porongos ou pedras conservando, mais comumente, as suas faces lisas. Depois de secas, quando eram expostas ao sol, mas abrigadas do vento, eram levadas aos arredores de fogueiras, quando adquiriam a coloração escura pela ação da fumaça. Somente após esse processo eram colocadas em covas abertas no solo e cobertas com galhos, sobre as quais se mantinha uma fogueira até a sua queima completa.

Referente às vestimentas e adornos, nos relatos de expedições os homens são descritos portando apenas cordéis de fibras na cintura e nas pernas e, as mulheres, tangas que as cobriam da cintura até os joelhos. Para a época do frio são mencionados panos grossos feitos com fibras de urtiga brava chamados *Kurú-cuxá*, onde eram comuns desenhos em vermelho ou preto representando machados, facões e flechas esquematizados.

Seus adornos eram confeccionados com frutos silvestres e dentes de animais.

Havendo divisão de trabalho entre os sexos, às mulheres competia a tecelagem, cestaria e cerâmica. Aos homens, o preparo das armas, a caça e a pesca.

Suas armas consistiam no arco, confeccionado com pau de guaiúva e enleados em cipó imbê, flechas, lanças e cacetes de madeira dura. *“As flechas tinham dois metros de comprimento, com pontas de osso e/ou madeira, algumas em forma de virote, e hastes pintadas. As*

pontas utilizadas na pesca eram barbeladas num dos lados; as de osso eram obtidas pela fragmentação da tíbia de pequenos mamíferos, principalmente de macaco e bugio.” (CHMYZ, 1981:10).

Xoklém

De acordo com estudos antropológicos os Xoklém, conhecidos também como Bugre, Botocudo, Aweikoma e Xokrén fazem parte do Tronco Macro-Jê.

Apesar de filiados à mesma família lingüística e, admitindo-se que tanto os Kaingáng como os Xoklém derivaram dos antigos Guayaná ou Caaguá, existem discussões sobre a identidade cultural dos dois grupos. Para Henry (1941), que estudou os Xoklém como sendo Kaingáng, as tribos que falavam dialetos Kaingáng diferiam na linguagem e na cultura. Da mesma forma Baldus (1937 e 1952), também não aceitou haver identidade cultural entre os dois grupos tribais. Hicks (1966), através da análise de informações etnográficas, corroborou a opinião destes pesquisadores, afirmando que correspondiam a grupos tribais distintos.

Estudos comparativos evidenciam diferenciações culturais entre Xoklém e Kaingáng, principalmente no que se refere à organização social, rituais de passagem, mitologia e à maneira de enterrar seus mortos.

Representando grupos nômades e com uma economia de subsistência baseada na caça e coleta ocupavam, no século XIX, as terras do interior do sul do Brasil e também as porções litorâneas. Na época da conquista, três grupos dominavam esses espaços: *“um deles vivia no centro do território catarinense, tendo como área de ação principal o médio e o alto vale do Itajaí; o segundo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná; o terceiro dominava o sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão.”* (SANTOS, 1973:32-33). Outros autores situam-nos mais amplamente, até o vale do rio Piquiri, no oeste do Paraná (RIVET; LOUKOTKA, 1952:11-22). Bartomeu Meliá (1983:12) assinala os Guayaná dos séculos XVI e XVII na periferia do habitat Guarani. No Paraná, eram denominados Chiqui e Gualacho, ocupando os primeiros, de acordo com a cartografia jesuítica, os espaços entre os rios Piquiri e Iguazu e, os segundos, o Primeiro Planalto Paranaense.

A sua economia extrativista e de caça, levava-os a grandes movimentações, sendo a sua presença registrada historicamente em pontos distantes de suas origens.

A tribo, formada por diversos grupos compostos por 50 até 300 pessoas, em razão de seu próprio nomadismo mudava de lugar frequentemente, sendo o acampamento assinalado pelo lugar onde a

mulher depositava a tralha doméstica e acendia a fogueira, em torno da qual todos dormiam. Em dias chuvosos se protegiam construindo paraventos com ramos e árvores.

Seus ranchos eram construídos com varas finas, colocadas uma ao lado das outras e a pouca distância. Eram vergadas em forma de arco e, suas pontas, presas em uma vara horizontal, a qual era fixada em árvores. De forma abobadada, era coberta com folhas de coqueiro, caeté ou xaxim. Ao “(...) permanecer em determinado ponto por maior espaço de tempo (colheita de pinhões, festas, etc) constroem seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas às outras, formando então uma abóbada perfeita (...)” (SANTOS, 1973:209).

Relacionadas às suas atividades diárias, tinham a caça e a pesca como tarefas exclusivamente masculinas, utilizando-se para isso de armas como arco, flecha e lança. A borduna era mais usada como arma de guerra.

Desempenhando parte importante da alimentação dos indígenas, a caça era realizada por pequenos grupos formados por parentes como irmãos, pais, filhos. Se o grupo, no entanto, tinha seu intento malgrado, ao regressar, ele se unia aos demais membros, dividindo-se a refeição existente entre todos, não havendo consumo individual dos bens produzidos. Pinhões, frutas, mel e larvas complementavam a sua dieta alimentar. Na tarefa de coleta todos participavam, sendo o período de maior fartura aquele compreendido entre abril e junho, na época em que o pinhão estava maduro. Em virtude de sua abundância, eram armazenados em balaies forrados com folhas de xaxim e amarrados com cipó. Estes então eram mergulhados em pequenos córregos. Serviam como âncoras aos balaies, pequenas pedras amarradas aos cipós.

Bebidas fermentadas também eram fabricadas com base no mel, água e xaxim. Eram preparadas por ocasião da festa de furação dos lábios dos meninos e, também, segundo informações, “(...) após o ritual de cremação, os índios faziam uma festa, durante a qual cortavam o cabelo da viúva.” (SANTOS, 1973:212).

Em relação à tralha doméstica, seus vasilhames eram obtidos através da cestaria e da cerâmica, sendo a primeira, uma atividade essencialmente masculina e, a segunda, feminina. Os balaies podiam ser utilizados não somente para guardar e transportar alimentos ou objetos; quando impermeabilizados com cera de abelha, serviam para a guarda de líquidos. Faixas trançadas também eram confeccionadas

e serviam tanto para apoiar um balaio às costas, como para transportar crianças.

Os recipientes cerâmicos eram de tamanho reduzido e de coloração preta. Com a aculturação com o branco, gradativamente foram sendo substituídas por panelas de ferro. Santos (1973:214), descreve a confecção de vasilhas de acordo com informações obtidas em 1967, através da índia *locô Aiú*: *“as panelas são feitas com barro misturado com carvão. O barro é bem amassado e limpo. Depois de moldada, a peça fica secando uma semana, mais ou menos. A seguir, faz-se a queima numa fogueira ao ar livre. A peça é envolvida num musgo, chamado barba de pau. Durante a queima a mulher “reza” pedindo que a panela não se quebre”*.

Através da tecelagem confeccionavam, com fibras de urtiga brava, grandes mantas. Usadas pelas mulheres, cobriam-nas desde abaixo dos seios até os joelhos. No inverno eram utilizadas como cobertores. Os homens andavam nus, usando somente um feixe de fios de embira-açu, às vezes enfeitados com plumas coloridas de aves. Nesse feixe era presa a glande.

Como ornamentos, as mulheres usavam colares feitos de sementes ou dentes de animais. Quando meninas recebiam duas incisões abaixo da patela esquerda, que segundo informações obtidas por Santos (1973:214), era para fortalecer as pernas para caminhar.

Os homens usavam botoques como emblema tribal. Ainda pequeno, o índio tinha seu lábio inferior perfurado, onde era introduzido um tembetá. Este inicialmente era pequeno, mas à medida que o menino crescia, era substituído por outro maior. A perfuração era acompanhada por uma festa onde se reunia toda a tribo.

Em relação aos seus mortos, era comum a prática de cremação. Apenas as crianças pequenas eram enterradas. Nesse ritual, *“conjuntamente com o guerreiro são queimados todas as suas armas e demais utensílios de uso pessoal. Incinerado o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam em um buraco redondo, previamente forrado com cascas e folhas de árvores, sendo então tampado com terra e sobre a qual colocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo, um rancho (...).”* (PAULA, 1922:126).

As referências quanto à organização social desses grupos situam-nos como exógamos, praticando todos os tipos de casamentos: monogamia, poliginia, poliandria e casamento conjunto. Respeitavam somente as ligações consangüíneas entre pais e filhos. No período dos primeiros contatos com o branco, o Xokleng vivia em um contexto cultural alterado e lutava pela sua sobrevivência. Mantinha, portanto, somente os princípios sociais indispensáveis.

Composta por famílias extensas, a tribo era dividida em cinco grupos, os quais eram relacionados a uma série de nomes pessoais e pinturas corporais, com os quais se apresentavam em festas cerimoniais. O sistema de nominação, inclusive, era a estrutura social básica no grupo. Recebendo sempre o nome de um indivíduo já falecido, parente ou não, a criança ingressava na mesma posição social e no mesmo grupo de pintura do falecido.

Família Lingüística Tupi-Guarani

No Brasil Meridional os Guarani estão divididos em três grupos: os Ñandéva, representados pelas hordas Apapokúva e Tañguá; os Mbüá, conhecidos na bibliografia como Kainguá, Kaiuá e, também, como Apüteré ou Apyteré, com as corruptelas Apuiteré e Apiteré e, como Baticolas e Aváhuguai. O terceiro grupo corresponde aos Kayová, conhecidos como Teüi e Tembokuá e composto, provavelmente, pela horda Txiripá habitantes das margens do rio Paraná.

Compreendendo grupos com padrões culturais heterogêneos, na época da conquista eram encontrados no antigo território Guayrá, entre os rios Paranapanema e Iguaçu, na região entre o rio Uruguai e a lagoa dos Patos, entre os rios Uruguai e Paraná, até o rio Miranda ao norte e, ocupando as ilhas do rio Paraná até o rio Tigre ao sul.

Mantendo linhagem patrilinear com residência matrilocal, suas aldeias eram compostas por grandes casas comunais com capacidade para abrigar de 10 a 60 famílias, constituindo um grupo macrofamiliar unido pelo parentesco. Polígamos, os homens casavam entre 16 e 18 anos e, as mulheres, entre 14 e 17 anos.

Com uma organização social baseada em pequenos núcleos estruturados a partir da grande família, a qual representava a unidade sócio-econômica da sociedade guarani, esta dispunha de autonomia e território próprio e podia incorporar outras famílias, sendo dominante nestes casos aquela que chegou primeiro ao local, o qual era escolhido através do contato efetuado pelo seu líder religioso (*ñanderú*, entre os Ñandéva; *paí*, *ñanderú* ou *mburuvixá* entre os Mbüá; *paí* entre os Kayová) com os deuses.

Suas casas comunais tinham base quadrangular e apresentavam cobertura de sapé descendo até o chão formando os frontões. Schaden (1974:26) descreve essa construção de acordo com informações obtidas de chefe religioso *“Comprimento: cerca de 18; largura 8m. Frontões e oitões cobertos de sapé. A casa consiste, pois, em quatro faces de cobertura, que fecham todos os lados, estendendo-se a cumeeira em sentido norte-sul. Três entradas: uma a leste, outra ao norte e a terceira ao sul. Em frente, isto é, para leste, estende-se*

grande pátio, como terreiro de dança, de talvez 500 metros quadrados. No interior: quatro grandes vigas transversais, duas à direita e duas à esquerda da entrada principal, repousando sobre as vigas longitudinais, contra as quais se apóiam as ripas da parede-cobertura fincadas no solo. Do lado oposto à entrada principal, um “altar”, armação de madeira, diante do qual se realiza parte das danças religiosas.”

Formando bandos seminomades de caçadores-coletores, praticavam também a horticultura, cultivando principalmente o milho, com o qual fabricavam a chicha (bebida fermentada), a mandioca e o fumo, o qual mascavam e carregavam em pequena cuia atada à cintura. Associado a ele está o uso de cachimbos feitos de barro ou nó de pinho.

Para a caça, atividade de importância na dieta alimentar dos Guarani, usavam armadilhas de jiçara e laços, além de arcos e flechas, algumas com ponta rombuda para não ficar presa nas árvores. “Os arcos, de corte biconvexo, tem encordamento de embira e enfeite de trançado de tipo mbopará (taquara e imbé) em padrões tradicionais; as flechas, com pontas de osso de bugio (káiguasú) ou de brejaúba, a madeira preta (...) são desprovidas de farpas, mas ostentam emplumação comum.” (SCHADEN, 1974:77).

A caça era repartida em porções iguais, beneficiando todos os integrantes da família.

Na pesca utilizavam covos de taquara, anzóis, arcos e flechas e armadilhas, além da pesca com timbó. “Para a pesca com timbó, constroem um pari no rio, cortam timbó, colocam-no sobre uma pedra e amassam-no com outra, jogando-o em quantidade dentro da água.” (SCHADEN, 1974:47). Os peixes eram recolhidos em cestos ou enfiados em pauzinhos com farpas. Quando longe de casa eram assados no próprio local, onde era consumido e, quando perto da aldeia, eram divididos igualmente.

Ceramistas, produziam recipientes onde armazenavam líquidos, farinhas e demais alimentos. Fabricavam desde grandes vasilhas, até peças pequenas e rasas. De formatos ovais, elípticos, esféricos, em semi-esfera, perfiformes e carenados, correspondiam a vasos, pratos, terrinas, jarros, etc.

Segundo Hans Staden (1892:340) “As mulheres fabricam os vasos do modo seguinte. Formam com barro uma espécie de massa, a que dão a forma desejada; sabem mui bem colorir. Deixam estes vasos secar por algum tempo, os põem depois em cima de pedras, cobrem com lenha, e assim os deixam no fogo até ficarem rubros; então axam-se suficientemente cozidos.”

Confeccionadas através da superposição de cordéis de pasta e queimadas diretamente em fogueiras, com a colocação das peças

diretamente sobre o braseiro, os vasilhames poderiam conservar a superfície externa simplesmente alisada ou receber decoração plástica com motivos diferenciados como corrugações, unguiações, ponteados, incisões, engobo vermelho, serrungulações, etc. Alguns recipientes tinham a face externa escovada, permanecendo as estrias, comumente finas e paralelas entre si, na superfície. Outras recebiam pinturas policromas, com linhas em vermelho ou preto sobre uma base branca ou, mais raramente, linhas pretas ou brancas sobre vermelho.

Os motivos decorativos, principalmente a pintura, formavam complexos padrões geométricos ou abstratos delineados por linhas ou traços paralelos distribuídos em zonas delimitadas. Era comum também, a associação de técnicas decorativas em um mesmo recipiente, assim como a alternância de espaços decorados com outros sem decoração.

As grandes urnas eram utilizadas, também, para enterramentos, os quais podiam ser acompanhados por oferendas depositadas em vasilhas pequenas.

Intrinsecamente relacionada com a religião, na vida social e econômica dos Guarani qualquer acontecimento mostrava-se motivo para rezas e danças rituais, adquirindo caráter místico.

De orientação masculina, na cultura Guarani, a religião permanecia em mãos dos homens. A iniciação dos meninos apresentava significado religioso. Era realizada através de cerimônia coletiva antecedida por um período de resguardo onde os meninos aprendiam a confeccionar cestas de carregar, peneiras, a construir armadilhas, etc, e representava a entrada de nova etapa na vida, quando estes atingiam a puberdade. Tinha como ponto culminante a perfuração do seu lábio inferior. Realizada pelo *pai* ou sacerdote, em geral no período da festa do milho, nela não havia participação da mulher nem de quem não tinha o lábio furado. O *tembetá* era feito de resina, medindo geralmente de 8 a 15cm de comprimento. Semelhante ao âmbar amarelo era retirada do *tembetá-ý*, que em português significa pau de vidro. *“Para fazer o tembetá, dão-se talhos em forma de losango na casca do pau de vidro, prendendo por baixo dela um tubo fino de takuary (taquara apropriada por ter os gomos bem compridos), na qual a resina escorre por uns dois dias. Daí a um ou dois dias, endurecida a resina, racha-se a taquara, alisa-se o tembetá com lixa-do-mato (...) afina-se a ponta inferior com faca, lasca de pedra ou caco de vidro, e coloca-se na parte superior um botão da mesma resina.”* (SCHADEN, 1974:93).

As meninas, por sua vez, quando da primeira menstruação tinham os cabelos cortados em forma circular ou totalmente raspados. Obedecendo a dieta alimentar rigorosa, ficavam em reclusão absoluta em um cubículo da cabana do pai, no qual não entrava luz. Nesse

período a menina dedicava-se a aprender habilidades domésticas como fiar, trançar redes, preparar comida, etc.

Como indumentária, segundo Schaden (1974:31-32), “*são três as peças principais da indumentária tradicional masculina dos Kayová: o txiripá, o txumbé e o ponchito. Todas elas são feitas de fio de algodão (mandydjú inimbó), produzido pelos próprios índios.*” O *txiripá* consistia em um pano de forma retangular, provido de franjas em três lados, com o qual cobriam-se da cintura até abaixo dos joelhos. Uma forma alternativa desta peça era o *tambéaó*, que era de menor tamanho. O *txiripá* era preso na cintura e apertado pelo *txumbé*. Tinham, ainda, um cinto ornamentado chamado *kúákuahá*, usado em rituais. O *ponchito* correspondia a um poncho pequeno usado sobre os ombros. As mulheres usavam o *tupái* e a *váta*. O primeiro assemelhava-se ao *txiripá*. Tinha aproximadamente o mesmo comprimento, era fechado por meio de costura lateral e usado em torno da cintura, como uma saia. A *vatá* era como uma blusa com mangas, que as cobria até a altura da cintura.

Profundamente arraigado na alma Guarani era o sentimento da morte. Não manifestavam medo da morte, mas dos mortos, que podiam colocar em perigo as almas dos parentes vivos. Suas práticas rituais tinham como objetivo assegurar a separação da alma do corpo morto e, o luto representava um meio para o reequilíbrio emocional da comunidade. Usualmente enterravam seus mortos em urnas, muitas vezes depositadas dentro das habitações.

Arqueologia da Área

A diversidade de recursos e paisagens da região cortada pela LT 750kV Ivaiporã – Itaberá III, como cerrados, colinas, vales e terraços aluvionais, possibilitou o assentamento de grupos indígenas na área, em períodos anteriores ao da ocupação européia, os quais foram evidenciados por meio de pesquisas arqueológicas em espaços próximos desde a década de 1940.

Foram desenvolvidas primeiramente por Herbert Baldus, que trabalhou nos arredores da atual cidade de Rolândia e, na Fazenda Iberá, situada entre os municípios de Cambará e Jacarezinho e, posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970 pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, através da execução do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), o qual abordou espaços pontuais compreendidos no baixo e médio rio Tibagi, no baixo rio das Cinzas, no médio rio Paranapanema e, no baixo e médio rio Itararé e, pela realização de Projetos de Salvamento Arqueológico junto às áreas das UHE Salto Grande (1964/65) e, UHE Xavantes (1965/68), abrangendo os estados do Paraná e São Paulo.

A partir de 1983, pesquisas sistemáticas foram retomadas no vale do rio Paranapanema com a implantação do Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu e, mais tarde, do Projeto Arqueológico Canoas.

Todos os trabalhos realizados nesse vale fluvial resultaram no registro de inúmeros sítios arqueológicos e, das atividades laboratoriais, o estabelecimento de diversas fases e tradições vinculadas a estabelecimentos de grupos indígenas pré-ceramistas e ceramistas.

Ao primeiro grupo, formado por bandos de caçadores-coletores generalizados, as ocupações mais antigas localizadas nas áreas mais próximas ao traçado da Linha de Transmissão, estão representadas pelas fases Ivaí e Timburi. No vale do rio Itararé, junto à última fase estão associados pequenos aterros. Ambas estão vinculadas à Tradição Humaitá. Datações por Carbono 14 remetem a Fase Ivaí a 3430 a.C. Pertencentes também, a grupos pré-ceramistas foram identificadas as fases Itaguajé, Inajá e Tapejara, da Tradição Umbu.

Aos grupos ceramistas, detentores de uma economia diferenciada baseada na exploração dos recursos naturais e no cultivo estão as tradições Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira.

A primeira tradição registrada na bacia do rio Paranapanema se caracteriza pela presença, em seu acervo, de recipientes de cerâmica de cor escura, de pequenas dimensões e com paredes delgadas. Junto a seus sítios podem ocorrer estruturas subterrâneas e, aterros alongados e circulares.

À segunda, compreendem três subtradições: Pintada, Corrugada e Escovada. Indicativas de temporalidade, à Subtradição Pintada estão relacionadas a Fase Pirapó, registrada no médio rio Paranapanema, Fase Cambará, no médio e alto rio Paranapanema, fases Umuarama e Condor, no médio rio Ivaí. Datações por C-14 situam a Fase Cambará em 820 A.D. e, a Umuarama em 570 A.D. Vinculadas à Subtradição Corrugada, estão a Fase Guaraci, localizada no médio rio Paranapanema e, a Fase Tamboara, no médio rio Ivaí. A Subtradição Escovada está representada pela Fase Loreto, estudada no médio rio Paranapanema, Fase Tibagi no curso médio do rio homônimo e, Caloré, entre os rios Ivaí e Tibagi.

A Fase Loreto foi estabelecida com base nos vestígios encontrados nas reduções jesuíticas de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini e, sítios indígenas por elas influenciados nos arredores. Pertencentes ao mesmo período jesuítico, que compreende os anos de 1610 a 1631 A.D., estão as reduções de São José, São Francisco Xavier e Nossa Senhora da Encarnação, fundadas no vale do rio Tibagi.

A Tradição Neobrasileira representa a ocupação mais recente da área. Está relacionada ao período histórico e compreende os

estabelecimentos de caboclos, originários da miscigenação de portugueses com índios e africanos. Mantendo, ainda, traços da cultura indígena ou africana na confecção de recipientes cerâmicos, utilizavam também, utensílios industrializados para caçar e pescar, como armas de fogo e anzóis de metal. Usavam, igualmente, painéis de ferro, louças e frascos de vidro.

O PROJETO DE SALVAMENTO

Antecedentes

As atividades desenvolvidas neste Projeto de Salvamento derivaram de estudos anteriores, realizados em 1999, pelo CEPA/UFPR, nas faixas de domínio da LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III.

Os primeiros entendimentos para a concretização desse trabalho ocorreram nos meses de abril e maio de 1999, entre Furnas Centrais Elétricas S.A., o CEPA/UFPR e a Fundação da Universidade Federal do Paraná para o Desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Cultura (Funpar).

Das discussões resultou a elaboração de um plano de trabalho e, a assinatura de um Contrato entre essas instituições, para a sua execução. Na seqüência, o projeto foi submetido à apreciação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através das Superintendências Regionais do Paraná e São Paulo, sendo solicitada autorização para a execução da pesquisa conforme o que dispõe a Lei Federal Nº 3.924, de 26 de julho de 1961 e, de acordo com a Portaria Nº 07/88 desse Instituto. A concessão de autorização para a sua realização foi publicada no Diário Oficial da União Nº 197, seção 1, página 26 através da Portaria 49 de 13 de outubro de 1999.

O projeto arqueológico objetivando a vistoria da área e constatação da existência de patrimônio arqueológico foi estruturado de forma a ser desenvolvido em duas etapas: na primeira, foram executadas pesquisas de campo e na segunda, trabalhos laboratoriais.

As etapas de campo foram realizadas ininterruptamente no período de 09 de agosto e 09 de novembro de 1999, resultando na localização de 366 pontos contendo indícios arqueológicos, sendo 101 líticos e 265 cerâmicos. Desse total, 338 situavam-se no território paranaense e 28 no paulista.

Ressalta-se, aqui, que a elaboração do cronograma físico objetivou a realização de prospecções em toda a extensão da obra, inclusive em seus caminhos de acesso às torres, o que foi atingido. Tal proposição partiu do princípio de que a melhor amostragem para o diagnóstico do potencial arqueológico da área e, para a avaliação das medidas

mitigatórias cabíveis, seria a vistoria sistemática de todos os pontos suscetíveis de impacto aos bens culturais.

As ocorrências, encontradas em terrenos planos e no flanco ou topo de elevações, distribuídas de forma esparsa ou concentrada, com dimensões e formas variáveis, demonstrando padrões culturais associados à exploração diferencial da paisagem, filiaram-se à tradição pré-ceramista Umbu e às tradições ceramistas Itararé, Casa de Pedra e Tupiguarani.

A constatação desse diversificado patrimônio arqueológico na área impactada resultou na recomendação da execução do resgate do material por meio de salvamento arqueológico, análise e interpretação dos dados recuperados e, a divulgação e publicação dos resultados obtidos.

Com esse objetivo, Proposta de Salvamento Arqueológico foi estruturada e encaminhada a Furnas Centrais Elétricas S.A. em setembro de 2000, para estudos preliminares.

Planejamento

Considerando-se as características do trabalho executado na área impactada pelo empreendimento e, para que este contemplasse todos os espaços registrados e selecionados para estudos mais detalhados, abrangendo integralmente as atividades de campo e, as subseqüentes de laboratório, calculou-se para este Projeto de Salvamento, um período de trabalho compreendido em 5 anos, sendo 4 divididos entre etapas de campo e laboratório e, o último, dedicado apenas às atividades laboratoriais, para elaboração de monografia conclusiva sobre os trabalhos efetuados.

Após a assinatura do Contrato para a execução do Projeto de Salvamento Arqueológico, primeiramente foi encaminhado ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o pedido para a sua autorização.

Atividades e Metodologias

De acordo com o cronograma físico elaborado, para o desenvolvimento das pesquisas de campo foram estimados 12 meses, divididos em três etapas anuais, durante um período de 4 anos. Apesar de, primeiramente, a última etapa de campo ter sido programada para ser desenvolvida no último trimestre do quarto ano do projeto, no decorrer das atividades optou-se pela sua realização durante o segundo semestre do 5º ano. Essa modificação no cronograma ocorreu em função das análises laboratoriais, as quais foram concentradas no 4º ano do projeto e evidenciaram a necessidade de intensificação dos estudos de campo em alguns sítios.

Metodologia de Campo

O sítio arqueológico representa o testemunho da presença humana no passado. Seu conteúdo encerra informações relativas à sua sócio-economia e, seu estudo requer a aplicação de uma metodologia específica, que permita a captação de elementos essenciais para a reconstituição arqueológica.

Os sítios arqueológicos, mesmo quando descaracterizados, conservam potencial informativo considerável, especialmente para a identificação cultural e, o estágio de seu desenvolvimento tecnológico. Dependendo do grau de perturbação, os sítios podem, ainda, fornecer elementos sobre padrões de assentamentos e funerários.

Dessa forma, nos sítios arqueológicos que apresentaram toda a camada de ocupação desestruturada pela ocupação recente foram realizadas, após proceder-se a delimitação da área de ocorrência, coletas superficiais. Naqueles que apresentaram grandes dimensões ou, áreas com adensamento ou concentração de material arqueológico, as coletas foram efetuadas por setores.

Os sítios intactos ou aqueles que conservavam parte de sua área preservada forneceram, além dos dados acima mencionados, outros mais completos sobre a função do espaço e, a possibilidade de cronometragem da sua implantação.

Assim, naqueles que mostraram a camada de ocupação alterada, mas conservaram espaços intactos ou apresentaram apenas perturbações superficiais, foram efetuados cortes-estratigráficos em pontos selecionados. Todas as informações obtidas nesses cortes foram registradas em fichas específicas para documentação e, quando localizadas estruturas, estas foram topografadas.

Em numerosos pontos foram constatadas superposições de ocupações referentes a tradições culturais diversificadas. Como as suas áreas puderam ser definidas durante o levantamento, ao invés de considerá-los como sítios multicomponenciais, as manifestações foram registradas como unidades, constituindo sítios independentes.

Diversos locais apresentaram evidências de ocupação temporária dos grupos para o desenvolvimento de atividades de caça, pesca ou horticultura. Nestes casos eram de pequenas dimensões e com material rarefeito. Outros se caracterizaram como sítios destruídos. Mostraram-se de grandes dimensões, mas com esparsas evidências arqueológicas. Em alguns podia-se perceber, ainda, a tendência do material a formar concentrações. Foram considerados, em ambos os casos, como indícios, caracterizando-se de acordo com seu acervo, em indícios líticos ou cerâmicos.

No espaço estudado, 41 sítios arqueológicos possibilitaram a execução de escavações. Cada local foi quadriculado e numerado para controle da escavação. Para esta, foram utilizados níveis artificiais, cujas espessuras mostraram-se variáveis em função das características da camada arqueológica revelada pelos cortes experimentais. Ao se atingir o piso da ocupação, a técnica de escavação por níveis artificiais foi substituída, passando a escavação a acompanhá-lo, expondo as estruturas e os artefatos a fim de registro e documentação.

As atividades de campo foram desenvolvidas em tempo integral, de forma intensiva, contínua e sistemática e, em todos os sítios estudados manteve-se uma seqüência na cobertura espacial, sendo as operações de campo registradas em fichas padronizadas e ordenadas por números de catálogo.

O estudo executado pelo projeto possibilitou a realização de novas vistorias em toda a extensão da área impactada, inclusive nos pontos assinalados durante o trabalho efetuado em 1999. Permitiu, também, a reavaliação de locais que, primeiramente, tinham sido considerados como destruídos, mas com os estudos mais detalhados, possibilitaram a sua delimitação e classificação como sítios, assim como a localização de novas ocorrências.

As coleções de material resultantes do Projeto, devidamente acondicionadas em sacos de tecido, plástico ou embalagens acolchoadas, foram transportadas para o CEPA/UFPR, Instituição responsável pela execução do Projeto, a fim de serem submetidas a estudos laboratoriais.

Etapas de Campo

Em todas as etapas de trabalho os espaços foram, em geral, alcançados por estradas carroçáveis. No entanto, o abandono destas em muitos municípios e, mesmo a sua ausência em outros, levou a equipe a percorrer longos trechos a pé. No transcorrer dos estudos, ainda, locais situados nos trechos programados para pesquisa em determinada etapa, não apresentaram condições de visualização de superfície por estarem com capoeira alta ou cultivos e, exigiram o retorno da equipe em épocas posteriores.

A primeira etapa de campo foi realizada entre 02 e 31 de outubro de 2001. A equipe, sediada na cidade de Ibaiti, iniciou as atividades a partir da torre 422 prosseguindo até a torre 300, atravessando os municípios de Curiúva, Ventania, Pinhalão e Arapoti. Compreendendo as áreas arqueológicas PR RP e PR WB, foram vistoriados 66 locais com evidências, os quais foram apontados durante os trabalhos de

constatação. As prospecções executadas revelaram, ainda, 5 pontos novos, os quais não tinham sido identificados.³

A segunda etapa foi realizada entre 04 de fevereiro e 05 de março de 2002, sendo abordados os trechos situados entre as torres 299 e 244, localizados nos municípios de São José da Boa Vista, Wenceslau Braz, Arapoti e Curiúva. Abrangeram as áreas arqueológicas PR AN, PR WB e PR SA. Os estudos desenvolvidos resultaram no registro de 14 sítios arqueológicos. Foram anotados, também, 48 pontos com indícios de ocupação temporária ou perturbados.

Na terceira viagem, realizada entre os dias 23 de maio e 21 de junho de 2002, a equipe ficou sediada na cidade de Ortigueira. As abordagens de campo limitaram-se aos espaços situados entre as torres 277 e 225, localizadas nos municípios de Curiúva, Sapopema e Ortigueira, correspondentes à área arqueológica PR SA. Resultaram no registro de 38 locais, correspondentes a 13 sítios arqueológicos e 25 pontos com evidências de ocupação temporária ou perturbados.

Entre os dias 22 de agosto e 20 de setembro de 2002, no início do segundo ano do Projeto, foi efetivada a quarta etapa de campo. Foram abordados os trechos situados entre as torres 224 e 209, localizados no Município de Ortigueira. Resultaram no registro de 25 locais correspondentes a 10 sítios arqueológicos e, 15 pontos com evidências de ocupação temporária ou perturbados.

Foram estudados também, no Município de Curiúva, os indícios localizados entre as torres 255 e 256, os quais não puderam ser trabalhados anteriormente, pois se encontravam com a superfície coberta por vegetação rasteira e resíduos de cultivos, que impediam a sua visualização. Ainda no Município de Curiúva, novas escavações foram realizadas em sítio de Tradição Itararé, situado nas proximidades da torre 250. Todos os pontos trabalhados nessa etapa pertencem à área arqueológica PR SA.

Correspondendo à quinta abordagem na área do projeto estão 16 sítios. Esta etapa foi realizada entre os dias 28 de fevereiro e 29 de março de 2003, sendo estudados os trechos situados entre as torres 208 e 178, localizadas no Município de Ortigueira, na área arqueológica PR SA.

Na sexta etapa de campo foram abordados os trechos situados entre as torres 177 e 135, localizadas no Município de Ortigueira, nas áreas arqueológicas PR SA e PR MR. Os trabalhos resultaram no

³ As quantias de sítios e indícios sofreram modificações posteriores quando, em laboratório, a análise comprovou a existência de intrusões e reocupações.

registro de 37 locais, correspondentes a 11 sítios arqueológicos e, 26 pontos com evidências de ocupação temporária ou muito perturbados.

A sétima etapa foi executada entre os dias 24 de outubro e 22 de novembro de 2003, quando foram estudados os trechos situados entre as torres 134 a 100, localizados no Município de Ortigueira, na área arqueológica PR MR. Das pesquisas realizadas resultaram 6 sítios e 35 locais com vestígios de rápida ocupação ou perturbados.

No decorrer da oitava abordagem de campo, efetuada entre os dias 20 de fevereiro e 20 de março de 2004, foram estudados os espaços localizados entre as torres 99 e 55, situadas nos municípios de Rosário do Ivaí e Grandes Rios e correspondentes à área arqueológica PR MR. Resultaram no registro de 37 locais, representados por 16 sítios arqueológicos e 21 pontos com indícios de ocupação temporária ou de sítios destruídos.

Em continuidade aos trabalhos de campo, a nona viagem foi realizada entre os dias 20 de maio e 18 de junho de 2004. Nesta etapa, inicialmente foram estudados, no Município de Grandes Rios, os indícios registrados durante a constatação como na área da torre 86, os quais não puderam ser trabalhados anteriormente, pois cerrada vegetação rasteira impedia a visualização da superfície do terreno.

Encerradas essas atividades, foram abordados os trechos situados entre as torres 54 e 1, localizados nos municípios de Ivaiporã, Ariranha do Ivaí e Manoel Ribas, correspondentes à área arqueológica PR MR, sendo cadastrados 11 sítios. Quarenta locais com evidências de sítios destruídos ou de passagem de grupos pré-ceramistas e ceramistas foram registrados.

De acordo com o cronograma físico elaborado para as etapas de campo, a décima abordagem ocorreu entre os dias 17 de agosto e 15 de setembro de 2004. Uma vez que os trabalhos ao longo da Linha de Transmissão foram encerrados na etapa de campo anterior, nesta foram abordados espaços pontuais situados nas proximidades das torres 191, 196 e 206, localizadas no Município de Ortigueira, correspondentes à área arqueológica PR SA.

Esses locais, assinalados durante o desenvolvimento dos trabalhos para constatação do patrimônio arqueológico existente na área, não puderam ser estudados no momento em que o trecho foi pesquisado por apresentarem a superfície coberta por mata. Optou-se, então, por estudá-los mais tarde, após o término das abordagens ao longo da LT.

Os trabalhos efetuados resultaram no registro de 4 sítios arqueológicos e de dois pontos com indícios de ocupações temporárias ou de sítios destruídos.

Nesta etapa foi, também, abordado novamente um sítio de Tradição Itararé, com a realização de escavações na estrutura subterrânea registrada em sua área.

A penúltima viagem à área foi efetuada entre os dias 07 de fevereiro e 08 de março de 2005. Nesta etapa foi estudado, primeiramente, o sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas, situado no Município de Arapoti. Neste município, ainda, foram vistoriados os locais onde, em 1999, durante os trabalhos de constatação do patrimônio arqueológico foram encontrados os indícios C-213 e C-214. Encerradas as atividades nestes pontos, a equipe dirigiu-se à cidade de Curiúva, onde em 1999, foram observados dois pontos com indícios de ocupação ceramista de Tradição Tupiguarani, correspondentes aos indícios C-174 e C-175, respectivamente. O último, inclusive, localizado em terreno de reflorestamento da empresa Klabin, apresentava superficialmente, e em pontos distintos, fragmentos de recipientes cerâmicos pertencentes a mesmas peças. Essa característica apontava para a existência de um sítio-habitação, o qual demandaria maiores esforços, além de tempo, para sua delimitação e estudo.

Dos trabalhos efetuados resultaram o registro de 1 sítio arqueológico: PR SA 57: Córrego Jacutinga, uma vez que o sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas já tinha recebido abordagens preliminares durante a execução da 2ª etapa de campo, realizada entre os dias 04 de fevereiro e 05 de março de 2002 e, de quatro pontos com indícios de ocupações temporárias.

A última etapa de campo foi executada entre 12 de janeiro e 10 de fevereiro de 2006.

Foram percorridos trechos próximos da foz do rio Barra Grande até o ribeirão das Antas, no rio Tibagi e, do porto Espanhol até o rio do Tigre, ao longo do rio Ivaí, à procura de evidências que permitissem a localização de duas reduções jesuíticas fundadas em suas proximidades.

Foram, ainda, realizadas escavações no sítio pré-cerâmico PR SA 14: Ribeirão Barra Grande-3, da Tradição Umbu, localizado durante a terceira etapa de campo e, prospeccionados trechos nas proximidades do Bairro do Xaxim, no Município de Curiúva.

As abordagens efetuadas resultaram no registro de 5 sítios arqueológicos e, de 7 locais com indícios de ocupação temporária ou de sítios destruídos.

Atividades de Laboratório

As atividades de laboratório foram executadas de maneira contínua e compreenderam, durante todo o transcorrer do Projeto, a análise e interpretação do material coletado e o levantamento da bibliografia pertinente à área.

Relatórios Técnicos Parciais, relativos às atividades desenvolvidas trimestralmente pelo projeto, foram encaminhados à empresa responsável pelo empreendimento.

No último ano do projeto os estudos se direcionaram quase que exclusivamente aos trabalhos laboratoriais, atendo-se à elaboração do relatório final, do qual deriva a presente monografia.

Neste ano foi realizada a reforma espacial do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, de acordo com o previsto no contrato assinado. As obras, financiadas por Furnas Centrais Elétricas S.A., iniciaram em outubro de 2005, sendo encerradas em fevereiro de 2006. Nesse período, até o mês de janeiro de 2006 as atividades laboratoriais prosseguiram normalmente. Em janeiro de 2006, no entanto, foram interrompidas, pois a intensificação dos trabalhos de engenharia impediram a presença dos pesquisadores no local.

Metodologia de Laboratório

Os trabalhos efetuados pelo Projeto resultaram no registro de 128 sítios arqueológicos e 300 locais relacionados a indícios de ocupação temporária ou sítios destruídos pela ocupação moderna.

O material arqueológico lítico e cerâmico resgatado durante as várias etapas de campo, totalizou 677 coleções, sendo manuseadas 99.086 peças. Após a sua preparação e restauração, o acervo reduziu-se a 89.383 peças. Considerando-se o material ósseo, conchífero, dental e vegetal obtido, o número de peças totalizou 102.051 ou 92.348 depois de preparadas.

Em laboratório as amostras coletadas passaram, primeiramente, por processo de limpeza e marcação, no qual cada peça recebeu o número de catálogo relativo à operação de campo.⁴

Para a análise do material lítico foi observada a natureza da matéria-prima empregada, a tecnologia usada para a sua obtenção ou aprimoramento e a sua função.

Para a análise do material cerâmico, os procedimentos também foram seqüenciais, executando-se primeiramente, a preparação das amostras. Essa operação consistiu no agrupamento de fragmentos de mesma peça na coleção, os quais foram colados. Durante a preparação, as coleções oriundas de escavações foram comparadas entre si objetivando-se, da mesma forma, a reunião de fragmentos de mesmo recipiente.

A preparação impediu a duplicação de peças, o que ocasionaria

⁴ De atividades de laboratório participaram alunos da disciplina Arqueologia do Paraná e os estagiários Daniel Augusto Arpelau Orta e Emerson da Cruz Rocha.

uma tipologia distorcida e, forneceu elementos mais seguros para a reconstrução de formas. Permitiu, também, quando possível, a restauração de peças para fins museológicos.

Preparadas as coleções, os fragmentos passaram por processo de separação de acordo com as modalidades de acabamento da superfície, em simples e decorados. Os decorados foram agrupados de acordo com o tipo de decoração apresentado: vermelho, pintado, corrugado, unglulado, etc.

Classificadas as modalidades de acabamento da superfície, os fragmentos simples foram analisados quanto à sua pasta, sendo considerados a natureza e a granulometria dos antiplásticos, a textura, a cor e a queima, o aspecto da superfície, sua cor e dureza. Para o estabelecimento da dureza da superfície cerâmica foi utilizada a escala de F. Mohs. Nos fragmentos decorados, além da técnica empregada para a obtenção do tipo decorativo e o motivo plástico resultante foram observadas as variedades de pasta diagnosticadas nos tipos simples.

Os fragmentos de bordas, bojos e bases tiveram seus perfis desenhados e, foram usados para a reconstrução gráfica das formas e a classificação morfológica.

Em laboratório foram interpretados, também, os levantamentos topográficos das estruturas arqueológicas evidenciadas, as quais, além de informar sobre a sua extensão e composição possibilitaram, dentro dos parâmetros indicados pelas próprias estruturas, a sua classificação em categorias funcionais: sítio-acampamento, sítio-oficina, sítio-habitação, etc.

As tarefas de laboratório compreenderam, ainda, aquelas ligadas ao ordenamento de fichas de dados de campo, o preenchimento das fichas de cadastro dos sítios arqueológicos, a numeração, identificação e arquivamento de negativos fotográficos e de suas respectivas cópias, a confecção de mapas de localização dos sítios, as suas plantas individuais, as plantas dos espaços escavados, o arrolamento, análise e interpretação da bibliografia ambiental, arqueológica e etno-histórica pertinente à área.

Datações radiométricas foram efetuadas. As amostras de carvão vegetal coletadas e, de sedimentos, foram encaminhadas a laboratórios especializados para esse fim.⁵

Todas as informações obtidas através da análise, interpretação e datação do material arqueológico coletado, associados aos dados etno-históricos e ambientais compõem a presente monografia.

⁵ As datações pelo método C-14 são devidas a Dra. Betty J. Meggers, do Smithsonian Institution.

OS RESULTADOS

Período Pré-ceramista

No Estado do Paraná as pesquisas proporcionaram 19 sítios pré-cerâmicos e 77 pontos contendo indícios de suas atividades periféricas ou de sítios destruídos.⁶

As análises procedidas com o material dos sítios e indícios indicam que os seus acervos foram produzidos por grupos relacionados à Tradição Umbu, embora em alguns deles tenham sido constatados traços diagnósticos pertencentes a outra tradição pré-ceramista.

A Tradição Umbu

Os 19 sítios relacionados a esta tradição foram localizados nas proximidades de cursos fluviais. Encontravam-se entre 2 e 1.572m de distância de rios maiores e, entre 21 e 456m de córregos. Apenas um sítio, correspondente ao PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro, estava mais distante: situava-se 1.105m do rio do Café. Na época de sua ocupação, no entanto, deveria existir córrego nas suas proximidades. Em relação às torres, estavam entre 26 e 848m de distância. Sete ocupavam o flanco de elevações. Um dispunha-se em meia-encosta. Sete situavam-se no topo e, 4 em terraços fluviais. Os pontos estavam entre 3 e 129m acima do nível das águas dos cursos fluviais e, entre 428 e 777m sobre o nível médio do mar.

Na área dos sítios e, nos seus arredores, predominavam pastagens. Restos de mata secundária foram conservados somente em pequena parte intacta do sítio PR MR 13: Limeira-2. O restante dele encontrava-se descaracterizado, assim como o espaço ocupado pelo sítio PR MR 12: Limeira-1, ao qual sobrepunha o seu extremo sudoeste, por obras de engenharia civil resultantes da construção da rodovia PR-082.

O solo, em 10, era de coloração marrom-claro. Em 3, mostrava-se cinza-claro e em 2, cinza-escuro. Em 1 era marrom-escuro e, em outro, marrom-avermelhado. Em dois mesclavam solos de tonalidade cinza-claro e marrom-claro. Apresentava textura argilo-arenosa em 8, argilosa em 4, arenosa em 4 e areno-argilosa em 2. Em 1 era detrítico. Erosão laminar e linear era comum em 15 sítios. Três deles sofriam, também, processo de erosão fluvial.

Restos de mata ciliar foram conservados nas margens dos cursos fluviais e, em pequenos capões junto a encostas íngremes.

⁶ Um sítio e 8 indícios desta tradição resultaram da etapa de constatação no Estado de São Paulo, não sendo, conforme acordo posterior com a entidade patrocinadora, abordados na segunda etapa deste Projeto. Os seus dados, assim como os de outras ocorrências naquele estado, estão descritos no final deste capítulo.

As evidências arqueológicas ocupavam áreas elípticas que variavam de 70,65m² a 13.140,90m². Em dois sítios foi possível a delimitação de espaço com concentração de material, com áreas de 133,45m² e 1.080,16m², respectivamente. Outros dois eram formados por duas áreas onde o material era mais numeroso e, estas apresentaram dimensões de 270,82m², 492,19m², 673,53m² e 725,34m².

Em um sítio foram registradas três concentrações de material arqueológico e, suas áreas eram de 51,81m², 235,50m² e 664,11m².

Diferenciando-se dos demais, o sítio de maior área, registrado como PR MR 16: Nabor-2, caracterizou-se como sítio-oficina e cerimonial. Situava-se em uma crista alongada, junto a afloramentos de arenito silicificado. Em seu espaço, lascas residuais e núcleos com sinais de percussão eram comuns. Junto aos afloramentos, em três pontos distintos situados a leste, porções centrais e oeste, gravações em forma de sulcos resultantes de abrasão e picoteamento produzidos em momentos diferentes, foram constatadas.

Quatro correspondiam a abrigos-sob-rocha: PR WB 4, PR WB 14, PR WB 16 e PR MR 14. O primeiro, com 29,80m de comprimento, 7,10m de largura e 4,50m de altura continha, em seu interior gravações e pinturas. O segundo, com 42m de comprimento, 18m de largura e 3,5m de altura não foi estudado detalhadamente por se encontrar fora da área de abrangência do projeto. O PR WB 16, evidenciou ocupação por dois grupos separados temporalmente. Primeiramente fôra ocupado por grupo pré-ceramista e, em um segundo momento, por grupo de tradição ceramista Itararé. Tinha 48m de comprimento, 14m de largura e 6,90m de altura. O último abrigo apresentou menores dimensões: 9,5m de comprimento, 4,6m de largura e 2m de altura. Excetuando-se o PR WB 14, nos demais foram praticados cortes-estratigráficos, os quais revelaram a presença de enterramentos intrusivos no PR WB 16.

Os sítios apresentavam, além das perturbações causadas por agentes naturais, outras decorrentes das atividades agro-pastoris recentes. Em alguns era possível, ainda, visualizar antigas curvas de nível agrícolas. Treze foram cortados, também, por estradas.

Em todos foram realizados cortes-experimentais, objetivando a localização de espaços intactos que permitissem a abertura de cortes-estratigráficos, o que pôde ser realizado em 6 sítios a céu aberto: PR WB 16, PR WB 17, PR SA 38, PR SA 41, PR SA 53, PR MR 12 e PR MR 14 e em três abrigados: PR WB 4, PR WB 16 e PR MR 14. As escavações efetuadas demonstraram, estratigraficamente, a ocorrência de reocupações, por grupos de mesma tradição, nos sítios PR SA 14 e PR SA 38. No sítio PR WB 16 não foram constatadas interrupções na

camada arqueológica, apenas a intrusão de Tradição Itararé. Em uma parte do sítio PR MR 14 e, no sítio PR MR 13, traços pertencentes a outra tradição pré-ceramista foram detectados. Nos demais foram executadas coletas superficiais e, naqueles que apresentavam áreas com concentrações, coletas setorizadas.

Além do PR WB 16, raros vestígios Itararé foram constatados também nos abrigos PR WB 4 e PR WB 14. Nos sítios PR SA 19, PR SA 30 e PR SA 41, as reocupações Itararé puderam ser delimitadas, representando os indícios PR SA C-31 e PR SA C-55 e o sítio PR SA 40, respectivamente. Na área do sítio PR SA 58 ocorreram reocupações Itararé (PR SA 27) e Tupiguarani (PR SA C-50).

Descrição dos Sítios Arqueológicos

PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro (N^oC 3549 a 3552 e, 3620 a 3625)

UTM: 0595738 - 7348176 (Município de Pinhalão)

Abrigo-sob-rocha arenítico localizado 121m ao norte da torre 388 e, 178m a nordeste da torre 387 (Fig. 2). Situava-se a 1.105m da margem esquerda do rio do Café e, a 1.122m da margem esquerda do ribeirão Anta Brava. Encontrava-se no topo de uma elevação, 115m acima do nível das águas do curso fluvial menor (704m s.n.m.).

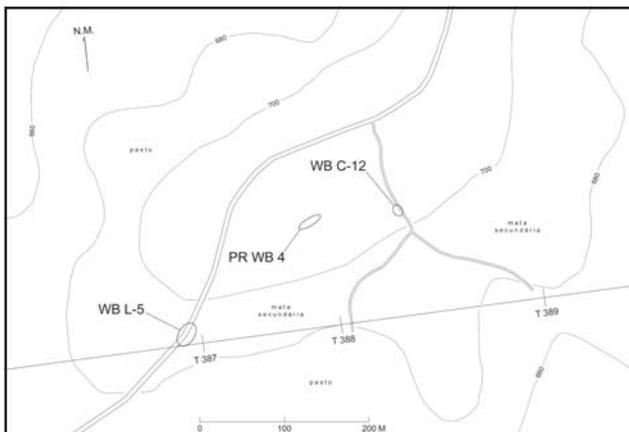


Figura 2: Localização do sítio PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro, dos indícios líticos PR WB L-5 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-12, (ITA).

O abrigo, de formação arenítica, tinha a face voltada para o norte e, originariamente deveria ter seu entorno florestado. Algumas árvores ainda restavam na sua parte frontal. Compreendia uma área

com 29,80m de comprimento, 7,10m de largura e 4,50m de altura máxima (Fig. 3).⁷

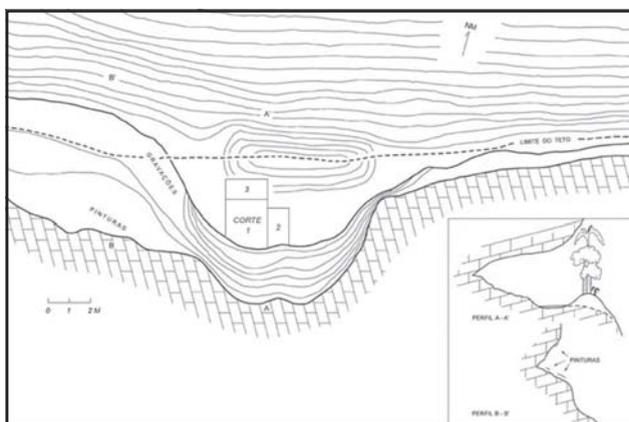


Figura 3: Planta e perfis do sítio PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro.

Em seu interior, gravações e pinturas eram vistas no lado oeste, na parede inferior e, no teto (Foto 5). Estas, quando da constatação do patrimônio arqueológico junto à LT 750kV, em 1999, estavam intactas. Foram vandalizadas, no entanto, e quase destruídas por gravações novas efetuadas com objeto de ponta aguçada, como lâmina de facão, e com fragmentos de rochas no início de 2000, de acordo com a data marcada no local: 20/02/0. As sinalizações da parede inferior eram formadas por gravações picoteadas em sua maioria. Apresentavam perfil em U, com profundidades variando de 3 a 5mm; a largura variava de 8 a 13mm (Fig. 4). As quatro sinalizações do canto inferior esquerdo eram lisas e mostravam sulco longitudinal interno, conferindo-lhes perfil em V. Com exceção do losango com linhas cruzadas internamente, as demais representações eram constituídas por traços oblíquos agrupados em dois pontos. Começavam 85cm acima do chão; o losango estava a 155cm.

As representações do teto encontravam-se muito danificadas pela erosão do suporte. Incluíam pontos alinhados ou agrupados e linhas que tendiam a compor figuras antropomorfas (Fig. 5). Foram executados com pigmento avermelhado. As figurações do canto superior direito incidiam sobre porções não erodidas do suporte e retocavam sulcos gravados. A esquerda, ao lado de pontos alinhados, foi constatado um sulco alongado, como o do painel inferior.

⁷ Nas legendas das figuras estão indicadas, abreviadamente, as filiações das ocorrências: (UMB) – Tradição Umbu, (ITA) – Tradição Itararé, (C-P) – Tradição Casa de Pedra e (TPG) – Tradição Tupiguarani.



Figura 4: Gravações rupestres do sítio PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro impactadas pela sinalização moderna (letras e os golpes assinalados por setas).

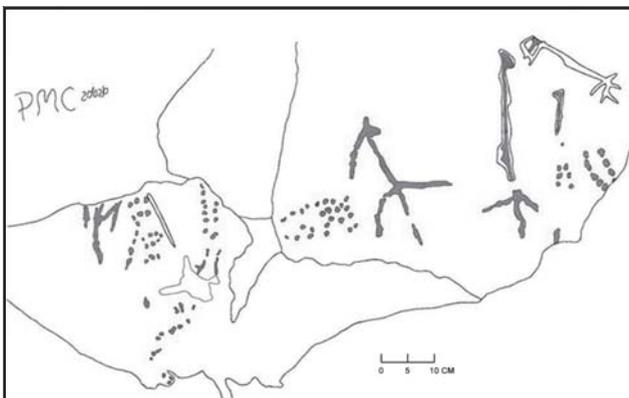


Figura 5: Pinturas e gravações rupestres do sítio PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro, com as sinalizações recentes no canto superior esquerdo.

A insolação atinge os dois painéis e o inferior também sofre com a chuva. É possível, por isso, que estes fossem retocados.

A camada de solo, dentro do abrigo, era delgada. Tornava-se mais espessa em direção à sua porção frontal. Formava, na linha da pingadeira, uma elevação de terra com cerca de 60cm de altura.

Lascas de arenito eram comuns na superfície, em meio a tufo de capim, arbustos e cipós.

Cortes-estratigráficos totalizando 8,40m² foram abertos nas porções centrais do abrigo. O solo, até a base rochosa, era arenoso, friável, de coloração cinza-escuro e repleto de raízes e pequenos blocos de arenito (Foto 4).

A camada de solo mostrava espessuras variáveis. Nos cantos

sul e oeste dos primeiros cortes o solo era delgado, atingindo cerca de 20cm de profundidade. Nas proximidades da parede do abrigo, o embasamento arenítico quase aflorava à superfície. À medida que se afastava da parede, em direção aos cantos leste e norte, tornava-se mais espesso, atingindo 42cm de profundidade no canto nordeste. Nesse ponto, ocorria sobre grandes fragmentos de laje desprendida do teto. Em todo o nível, em meio à terra escura, eram comuns placas de arenito soltas do teto pelo intemperismo.

O material arqueológico, representado principalmente por lascas e microlascas, poucas delas com sinais de uso e raras com retoque, foi registrado a partir de 12cm de profundidade. Era esparsos. Tornava-se mais numeroso na metade leste dos cortes, direcionando-se aos cantos nordeste e norte, onde o solo era mais espesso. Nesses pontos ocorria entre 28 e 32cm de profundidade. Um fragmento de cerâmica Itararé ocorreu na superfície do sítio.

Mancha de terra preta, como de fogão, foi evidenciada junto à parede sul, sobre embasamento rochoso.

Nas proximidades do abrigo, a 169m a sudoeste, foram registrados os indícios líticos PR WB L-5, de Tradição Itararé.

PR WB 8: Ribeirão do Veado-1 (N^oC 3559)

UTM: 0610796 - 7350138 (Município de Arapoti)

Sítio pré-cerâmico localizado 108m a sudoeste da torre 422, a 455m da margem esquerda de pequeno córrego, afluente do Ribeirão do Veado, do qual distava 1.393m de sua margem esquerda (Fig. 6).

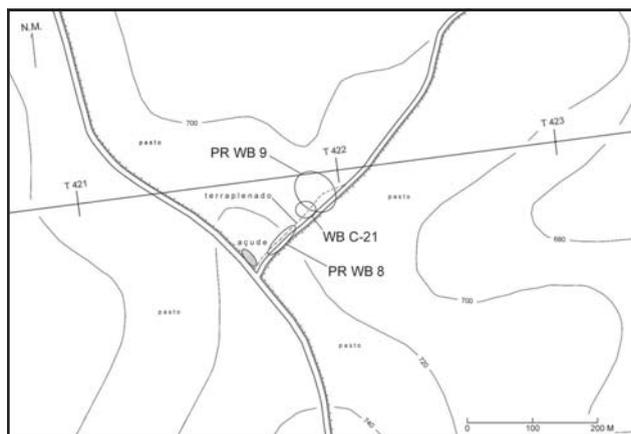


Figura 6: Localização do sítio pré-cerâmico PR WB 8: Ribeirão do Veado -1, do sítio cerâmico PR WB 9: Ribeirão do Veado-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-21 (ITA).

Disponha-se na encosta suave de uma elevação voltada para o córrego, 129m acima do nível das águas do Ribeirão do Veado (721m s.n.m.).

O terreno, com solo areno-argiloso e de coloração marrom-claro, estava com pastagem. Sofria processo erosivo laminar e linear. Rarefeita faixa de mata secundária fôra conservada somente nas margens do córrego.

Este sítio, quando dos trabalhos de constatação do patrimônio arqueológico realizado em 1999, apresentava perturbações ocasionadas pela abertura de uma estrada de acesso à torre e à fazenda. No perfil do barranco formado, eram visíveis as evidências arqueológicas. Dois anos depois, durante a execução do projeto de resgate verificou-se, no entanto, a sua completa desestruturação em consequência de terraplenagem efetuada para construção de um açude situado 24m a oeste. A terra do barranco, com a camada de ocupação residual, foi utilizada para a formação das paredes do açude e, o terreno totalmente nivelado à estrada.

O material arqueológico espalhava-se no espaço terraplanado e, no leito da estrada, em uma área com 60x17m (800,70m²). Antes ocupava uma área com 131x42m (4.319,67m²).

PR WB 10: Rio do Café-4 (N°C 3570)

UTM: 0600848 - 7349663 (Município de Pinhalão)

Sítio pré-cerâmico localizado na estrada de acesso às torres 399 e 400, a 456m da nascente de um córrego, afluente do rio do Café, do qual distava 1.071m de sua margem esquerda (Fig. 7). Estava 878m a noroeste do centro da torre 400 e, 848m a nordeste da torre 399. Disponha-se no topo de uma elevação com as encostas onduladas voltadas para o córrego, 105m acima do nível das águas do rio do Café (670m s.n.m.).

O terreno, de coloração marrom-claro e textura argilosa, estava com pasto. Somente às margens do curso fluvial, conservava-se estreita faixa de mata secundária.

O material arqueológico, que incluiu uma ponta de projétil pedunculada reutilizada como raspador, ocorria em uma área com 124x65m (6.327,10m²). Era mais numeroso no seu extremo norte, formando uma concentração com 43x32m (1.080,16m²).

O local apresentava danos ocasionados, não só pelas atividades agropastoris, como pela abertura da via de acesso às torres, a qual o cortou longitudinalmente no extremo oeste, espalhando as evidências arqueológicas em seu leito. No barranco formado, eram encontradas até 26cm de profundidade, mas perturbadas.

No perfil do barranco foi observada a seguinte estratigrafia:

solo revolvido de coloração marrom-claro e textura argilosa até 36cm de profundidade. Entre 36 e 41cm, era compacto, marrom-claro e argiloso. Para baixo tornava-se marrom, sem mudança na sua textura. Na junção dos dois solos, aos 40cm de profundidade, mostrava-se mesclado.

Diversos cortes-experimentais foram efetuados na área, mas nada evidenciaram em profundidade.

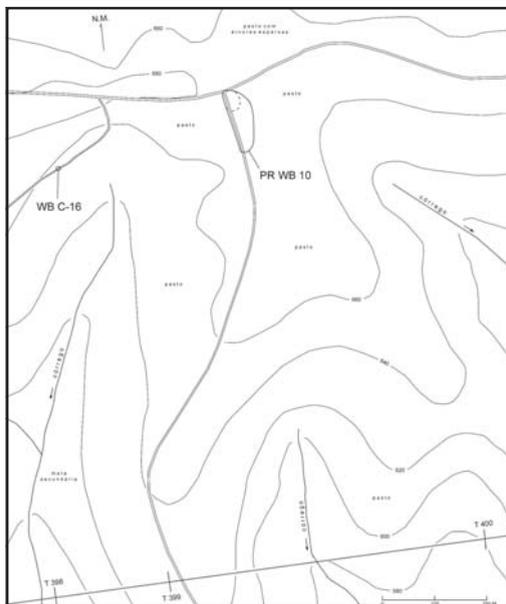


Figura 7: Localização do sítio PR WB 10: Rio do Café-4 e, dos indícios cerâmicos PR WB C-16 (ITA).

PR WB 14: Abrigo-sob-rocha Rio do Café (N^oC 3576)

UTM: 0588174 - 7347336 (Município de Arapoti)

Abrigo-sob-rocha localizado 370m a noroeste do centro da torre 369 e, a 180m da margem direita de um córrego, afluente do rio do Café. Situava-se na encosta de uma elevação voltada para o córrego, 23m acima do nível de suas águas (783m s.n.m.).

O abrigo media 42m de comprimento, 18m de largura e 3,5m de altura. Era formado por rocha argilítica. Sofria infiltração de água e, grande parte de seu interior mostrava-se alagado.

Na sua entrada havia mata secundária e, no interior, mato rarefeito.

O solo, com pequenos seixos e blocos de argilito, apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa.

Material arqueológico foi constatado em uma área com 5x3m

(11,77m²), situada em sua porção frontal. Ocorria na superfície, exposto pela ação da água.

Um fragmento de cerâmica da Tradição Itararé ocorreu na área do sítio.

O abrigo não foi estudado mais detalhadamente por situar-se fora da área a ser trabalhada, estabelecida pelo Projeto.

PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas (N^oC 3626 a 3644 e, 4326 a 4354)

UTM: 0581392 - 7345787 (Município de Arapoti)

Abrigo-sob-rocha arenítico, ocupado pelas tradições Itararé e Umbu, localizado 418m a sudoeste da torre 354 (Fig. 8). Estava 38m da nascente de um córrego, 220m da margem direita de outro, 728m da margem direita do ribeirão das Tunas e, a 1.038m da margem esquerda do Arroio do Vinho.

Situava-se na encosta de suave elevação voltada para o córrego mais próximo, 36m acima do nível das águas do Arroio do Vinho (731m s.n.m.).

O abrigo, em forma de abóbada, tinha a face voltada para leste. Compreendia uma área com 48m de comprimento, 14m de largura e 6,90m de altura máxima. Quando da época de sua ocupação, deveria ter seu entorno florestado. Atualmente, conservavam-se apenas algumas árvores em suas laterais. Na parte frontal e, em seus arredores, o terreno estava com pastagem e plantação recente de pinus.

O solo era marrom-claro, de textura arenosa, coberto por excrementos de gado bovino.

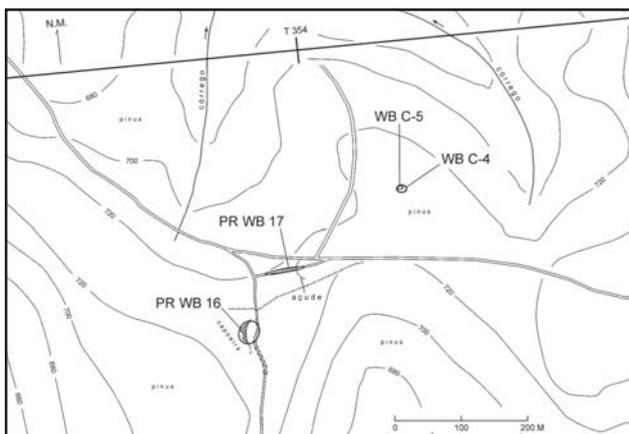


Figura 8: Localização dos sítios PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas e PR WB 17: Ribeirão das Tunas (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-4 (ITA) e PR WB C-5 (TPG). O espaço tracejado compreende a área do abrigo.

As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em seu interior e, nas suas porções frontais, até o leito de uma estrada abandonada a qual, bifurcando de uma via de acesso principal, passava em frente ao abrigo. Dispunha-se em uma área com 36x32m (904,32m²).

A abertura da estrada destruiu o lado leste do sítio. Em seu leito, com 4m de largura, o material arqueológico era encontrado linearmente por 53m.

O terreno, na parte frontal do abrigo, apresentava acentuada declividade e, o material arqueológico registrado na sua área externa corresponde a evidências deslocadas de seu interior durante a sua ocupação e, mesmo depois de seu abandono.

Cortes-estratigráficos foram efetuados nas porções centrais de seu interior. Direcionando-se para seu lado sul, o último corte efetuado atingiu a profundidade de 1,55m. Os cortes apresentaram características diferenciadas e complexa estratigrafia, pois o espaço, marcado por ocupações separadas temporalmente, mostrava alterações ocasionadas pelas atividades desenvolvidas pelos grupos que a ocuparam, as quais implicaram, inclusive, em perturbações em profundidade, representadas por enterramentos (Fig. 9).

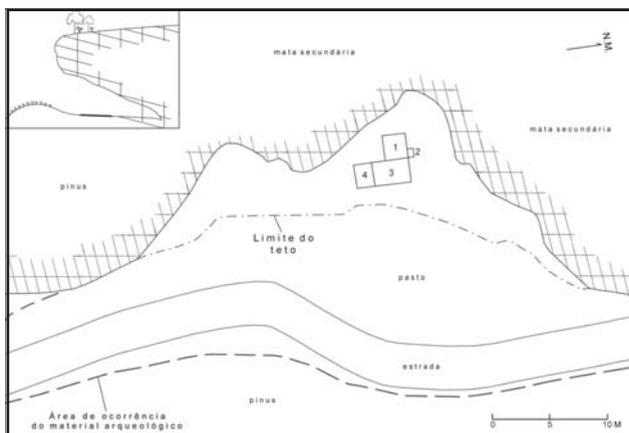


Figura 9: Perfil e planta do sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas, com localização dos cortes-estratigráficos efetuados.

O primeiro corte foi aberto no lado oeste do abrigo, em parte bem protegida. O terreno apresentava leve declividade para o sul e solo arenoso e friável até cerca de 8cm de profundidade. Somente no lado sul era compacto e mostrava coloração cinza-escuro aos 5cm. Esse solo escuro foi registrado até 17cm de profundidade no canto nordeste do corte e, em seu meio ocorriam lascas, ossos fragmentados,

conchas, carvões e fragmentos cerâmicos de Tradição Itararé. Entre 15 e 25cm de profundidade misturavam-se grânulos de hematita ao solo, o qual era compacto de suas porções centrais em direção sudoeste.

Neste nível, inclusive, no centro do corte, o solo estava queimado e com blocos de rocha até 20cm; abaixo era friável e, o material era mais numeroso junto a ele. Entre 25 e 45cm de profundidade, o solo mostrava-se escuro e friável, com cinzas.

Influenciado pela presença de fogão com 60x40cm ladeado por blocos de arenito e folhelhos, o material arqueológico, assim como ossos, eram mais comuns ao seu redor. Aos 45cm de profundidade, o solo cinza-claro composto por cinzas formou três concentrações quase que interligadas: uma situava-se no canto sudeste, uma no centro, direcionando-se à parede oeste e, outra, direcionava-se às porções medianas da parede norte. A oeste o solo era de coloração preta e, ao sul, cinza-escuro, assim como entre as concentrações de cinzas do centro. Ossos foram comuns na parede sul, logo abaixo de um amontoado de pedras; a oeste e, junto às cinzas do centro. Entre 50 e 55cm de profundidade as cinzas situadas ao norte e leste formaram uma placa, tornando-se compactas e duras até 65cm de profundidade. Da mesma forma, o solo escuro tornou-se compacto. Somente a oeste o solo continuou preto. Perturbação foi constatada no canto nordeste do corte, onde o material arqueológico mostrou-se bastante esparso. Entre as concreções de cinzas, no entanto, microlascas e conchas eram comuns. Abaixo das concreções de cinzas e do solo cinza-escuro compactado, aos 70cm de profundidade, o solo tornou-se novamente friável, mantendo a mesma coloração e, as evidências arqueológicas eram muito rarefeitas. Essa característica foi constatada até 85cm de profundidade. Apenas no canto nordeste, onde já se percebera alterações e descontinuidade com presença de blocos de pedra, aos 82cm foi exposto um crânio e ossos articulados da parte superior de um esqueleto. Os ossos da parte inferior estavam ausentes; alguns ossos foram encontrados desarticulados nas proximidades, mas não pertenciam àquele indivíduo (Fig. 10 e Foto 11).⁸

⁸ Os restos do esqueleto foram retirados em bloco. A análise osteológica procedida em laboratório pelo bioquímico Clovis Justino da Silva, indicaram tratar-se de indivíduo do sexo feminino, com idade em torno de 60 anos. Conservava alguns dentes somente na mandíbula: 2 molares com desgaste acentuado em bisel, 2 incisivos e caninos desgastados. Áreas de cicatrização e reabsorção óssea indicavam perda dentária em vida. Osteopatologias foram constatadas no 3º molar esquerdo, com exposição de dentina e cárie, osteoartrite na mandíbula, distúrbio articular temporomandibular indicado por lesão circular no osso occipital e artrose na coluna vertebral. Lesão circular em forma de depressão no parietal esquerdo causada por instrumento contundente indica agressão. A recuperação óssea descarta ser esta a causa mortis.

Apresentava, ainda, restos de tecido mumificado no tórax, tendão mumificado em extremidade óssea, e três ossículos acessórios no crânio.

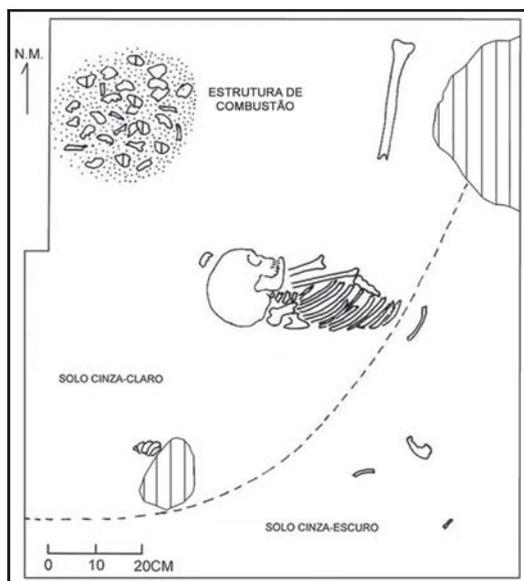


Figura 10: Exposição de enterro e estrutura de combustão, com ossos humanos, no Corte 2 e parte do Corte 1.

Este enterro, provavelmente está relacionado à ocupação Itararé. Entre 85 e 95cm de profundidade, no lado oeste o solo começou a se tornar avermelhado e compacto. No restante do corte, se mostrava cinza tendendo para o claro. O material era raro e esparsos. Abaixo, até 105cm o solo era de coloração marrom, com terra queimada, pequenos fragmentos de arenito e seixos e textura argilo-arenosa. Somente junto ao canto sudoeste, onde foi encontrado um bloco de arenito e, em seus arredores, o solo era de tonalidade marrom e textura arenosa. O material arqueológico, assim como ossos, era esparsos. Tornava-se mais numeroso, entretanto, de 95 a 100cm de profundidade. Entre 105 e 125cm de profundidade, quando atingia a sua base, assentando em blocos de arenito, o solo era areno-argiloso, marrom-escuro e compacto. No canto sudoeste, entre 105 e 115cm, mostrava-se arenoso, friável e marrom-claro. Na base do nível, no lado oeste, próximo aos blocos, havia areia grossa, como de enxurrada. Lascas, artefatos e ossos foram registrados até 120cm, junto ao solo friável. Eram rarefeitos.

O segundo corte, com 0,50m², foi aberto no extremo norte do primeiro, posicionando-se de sua parte central em direção leste. Tal procedimento possibilitou a exposição completa do conjunto funerário constatado no lado norte do Corte 1. Propiciou, também, o registro de um fêmur desarticulado e disposto mais ao norte do esqueleto e, de um

fogão contendo fragmentos de ossos humanos e de animais, muitos deles calcinados, o que poderia indicar prática crematória. O fogão, com 30cm de diâmetro, encontrava-se no canto noroeste do Corte 2, a 25cm de distância do crânio exposto anteriormente (Fig. 10).

A estratigrafia verificada no Corte 2 correspondeu àquela do lado norte do Corte 1.

Na estrutura de combustão, além de carvões, pequenos blocos de rocha e fragmentos calcinados de lamelibrânquios e gastrópodes, foram identificados fragmentos de ossos humanos, também afetados pelo fogo: 17 de ossos longos, 9 de crânio, 1 de maxila, 1 dente, 1 de ulna e 2 de material esponjoso. Não calcinados, estavam: 1 fragmento de costela, 1 de vértebra e 2 de ossos do pé⁹ completavam o conjunto, 3 fragmentos de ossos de animais silvestres, com forte aderência de óxidos, ocorrência freqüente em outros ossos e mesmo em líticos do sítio.

O Corte 3, com 6m², foi executado junto à parede leste do Corte 1 (Figs. 9 e 11). Apresentava solo cinza-amarelado, geralmente até 10cm de profundidade. Este, ao sul, tornava-se compacto e mais escuro, com presença de lascas, blocos (alguns desabados) e carvões aos 12cm de profundidade. A oeste atingiu 15cm, sendo exposto, no canto sudoeste, fogão compacto, com cinzas e conchas calcinadas. Ao seu lado ocorriam lascas e carvões. Entre 15 e 25cm de profundidade, o solo era arenoso, de tonalidade cinza-escuro no lado sul. Ao longo do lado oeste do corte era grande a quantidade de cinzas. Em seu meio eram comuns ossos, placas de tatu, chifre, dentes e conchas. As lascas eram mais freqüentes junto ao solo escuro. Aos 23cm de profundidade formou-se um nível de pequenos blocos desabados.

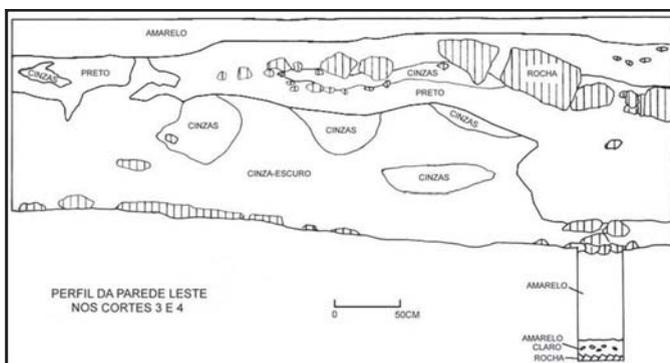


Figura 11. Estratigrafia dos Cortes 3 e 4 no sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas.

⁹ Identificação feita pela bióloga Maria Mercedes Martines Okumura.

Ocorriam principalmente no solo escuro. Blocos maiores eram vistos próximos à parede norte. Poderiam indicar período chuvoso. Evidências de perturbações foram localizadas no canto noroeste do corte, com a presença de pedaços de arame e plásticos. Abaixo, até 62cm de profundidade, o solo continuou apresentando coloração preta e textura friável, principalmente no lado sul. Em direção ao lado norte foi se tornando mais escuro, com intrusões de solo amarelado provocado por raízes. Nesse extremo também ocorreram ossos e indicativos de perturbações representadas por pedaços de pano. A leste, grandes blocos foram expostos. Ossos, conchas e coquinhos foram comuns em meio ao solo preto. As lascas eram esparsas. Aos 62cm de profundidade, o solo, do centro da parede leste em direção à sul, tornava-se marrom-claro, com grande quantidade de cinzas e evidências arqueológicas. Nessa profundidade e, aos 65cm, fragmentos de ossos humanos foram coletados. De 65cm de profundidade até 85cm, partindo das porções centrais da parede leste em direção à sul, o solo, de coloração marrom-claro apresentava grande quantidade de cinzas com concreções. No lado oposto, em direção à parede norte, era cinza-escuro. Fragmentos ósseos humanos ocorreram aos 75cm e 85cm de profundidade, nas proximidades da parede norte do corte. Outras evidências, como fragmentos de ossos de animais e conchas, carvão e coquinhos carbonizados ocorriam esparsamente. Perturbações foram evidenciadas aos 85cm de profundidade, provocadas pelo alargamento de um túnel que levava à toca de um tatu. Neste ponto foram encontrados pedaços de arame, provavelmente pertencentes a uma armadilha. Entre 85cm e 95cm de profundidade o solo, com grande quantidade de cinzas e concreções, ocorria da parede leste em direção à parede sul do corte. No restante, era de tonalidade preta. Ambos eram de textura arenosa. O material arqueológico era mais freqüente junto ao solo cinza. Ossos humanos fragmentados foram registrados no centro da parede oeste do corte aos 88cm e 90cm de profundidade. Aos 95cm de profundidade, blocos de arenito amontoados foram constatados nas proximidades da parede leste e, no canto noroeste, uma laje, também de arenito, com 90x80cm de diâmetro. De 95cm a 115cm de profundidade, o solo com cinzas e concreções direcionava-se das porções centrais do corte em direção ao canto sudeste. Nele eram comuns pontos de carvão, ossos de animais, conchas, lascas e microlascas. Ao norte, apresentava coloração preta, com esparsos fragmentos de ossos e conchas e, com blocos de arenito resultantes de desabamento do teto do abrigo. Fragmentos ósseos humanos continuaram ocorrendo a 1m de profundidade. Encontravam-se no centro da parede norte do corte e, nas proximidades de seu canto nordeste, respectivamente. Aos 115cm

de profundidade, mudança na coloração do solo foi observada: tornava-se de tonalidade cinza-escuro e textura argilo-arenosa no canto sudoeste e, junto à parede leste. Nesse ponto continuava arenoso. Essas características do solo continuaram se manifestando até 125cm de profundidade, restando porções do solo com cinzas somente no centro da parede sul e, nas porções centrais da parede oeste, onde foi registrado em forma de bolsão. O material arqueológico era mais freqüente, também, em direção à parede sul, assim como ossos de animais, conchas e carvão. Entre 125cm e 145cm de profundidade o grande bloco de arenito, encontrado aos 95cm na parede norte do corte, estendia-se em direção às suas porções centrais. Solo de coloração preta, argiloso e compacto ocorria do canto sudoeste direcionando-se ao centro do corte e junto à parede oeste. Aos 135cm de profundidade tornava-se arenoso, de coloração cinza-amarelado e com grande quantidade de blocos de arenito. À leste, era cinza-escuro e mais friável, com pequenos pontos de cinza. Pequenos ossos de animais e placas de tatu foram numerosos até 135cm de profundidade. Abaixo, até 145cm, eram esparsos, assim como lascas e microlascas. Nessa profundidade, o solo dava lugar a embasamento rochoso.

No Corte 4, realizado ao sul do 3, foram abertos 3m² (Figs. 9 e 11). Como nos anteriores, até 5 ou 6cm, o solo era arenoso fino. Abaixo se tornava areno-argiloso, compacto, de coloração cinza-amarelado. Aos 15cm observou-se ocorrência de camada de areia mais grossa separando outras, delgadas, de areia fina. Essa intrusão foi constante até 25cm de profundidade. Entre 15 e 45cm de profundidade predominou, no corte, solo areno-argiloso friável e de coloração preta. Somente junto à parede oeste era amarelado e compacto, misturando-se com cinzas aos 25cm. À leste, havia blocos desabados grandes e pequenos. Até 45cm de profundidade, lascas e microlascas ocorreram esparsamente. Apenas no espaço das cinzas havia grande quantidade de ossos, placas de tatu e conchas. Ao seu lado, fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé também foram registrados. Aos 45cm o solo preto limitou-se à metade leste e canto sudoeste do corte. O restante mostrava tonalidade marrom-claro. Blocos resultantes do desabamento do teto continuaram ocorrendo no lado leste. Abaixo deles, o solo continuou preto até 65cm de profundidade. Entre 55 e 65cm, nos demais lados do corte, predominava solo marrom-claro com cinzas e ossos. Aos 65cm de profundidade, o solo preto do lado leste foi se tornando marrom-claro à medida que o nível era aprofundado, conservando-se escuro até 75cm de profundidade somente junto à parede leste e em pequena porção da sul. O solo, marrom-claro e com cinzas, mostrava-se mais compacto entre 65cm e 75cm. Continha ossos, conchas e coquinhos,

alguns com aderência. Lascas foram mais comuns no solo escuro e, na transição com o marrom-claro. Abaixo, entre 75 e 85cm, o solo preto continuou aparecendo da metade da parede leste do corte até a metade da sul. Era friável, com blocos desabados e lascas sem aderência. No restante do nível, era de tonalidade cinza, com muita cinza, conchas calcinadas, coquinhos, ossos e lascas. Todos apresentavam aderências. Dente humano e um furador de osso também foram encontrados. No canto noroeste do corte caracterizou-se um fogão com pedras, contornado por cinza compacta. Perturbação provocada por árvore foi constatada no canto sudoeste. Seu tronco ainda estava presente. Aos 95cm de profundidade, o solo preto junto às paredes sul e leste deu lugar a solo cinza, rico em cinzas, igualando-se ao restante do corte. O solo preto pode ter sido resultante da decomposição de antiga árvore. No canto sudoeste, a perturbação constatada anteriormente prosseguia. Os blocos desabados, nesta profundidade, eram poucos e pequenos. Poucas também eram as lascas. Foram mais numerosas microlascas e conchas, principalmente lamelibrânquios e ossos de animais no canto oeste. Entre 95 e 125cm de profundidade, solo preto e arenoso, com pouca cinza, foi observado apenas no canto sudeste do corte. No canto nordeste e, em parte da parede norte, a concentração de cinzas intensificou-se, formando concreção. Ocorreu até 123cm de profundidade. Pontas de flechas, ossos e conchas foram mais numerosas na metade leste até 105cm. Entre 105 e 115cm de profundidade, no canto sudoeste do corte o solo era mais preto, com pouca cinza e muitos ossos quebrados. Conchas bivalves e alguns *Strophocheilus* também apareceram dispersos pelo nível. Abaixo, até 125cm, o material arqueológico tornou-se mais esparsos. Era representado por algumas lascas e microlascas (mais numerosas), assim como ossos, conchas e raros coquinhos carbonizados. Aos 123cm de profundidade, junto à parede oeste, começou a ser exposto embasamento rochoso. Entre 125 e 135cm de profundidade, do canto nordeste em direção às porções centrais da parede norte, ainda havia concreção e cinzas. Deste ponto para o canto noroeste, o solo tornou-se argiloso e compacto. O mesmo sucedeu na parede oeste, até o aparecimento da base arenítica. Blocos de arenito salientes também foram encontrados no lado oeste, assim como um seixo e um bloco de basalto trazidos para o local pelo grupo que o ocupou. No canto sudeste, perturbado por raízes, o solo era preto e friável. Raspadores ocorreram sob a concreção de cinzas, corantes também foram registrados no centro e no canto noroeste do corte. No nível seguinte, compreendido entre 135 e 145cm, no canto noroeste, sob as concreções, o solo mostrava-se argiloso, compacto e de coloração preta. Neste ponto, aos 140cm

de profundidade surgiu um solo argiloso, vermelho e duro. Correspondia à base de um fogão. Prosseguindo pela parede leste, o solo era preto e arenoso até 140cm, tornando-se depois argiloso e duro. Aos 145cm ocorreram blocos de arenito preenchidos por solo preto e compacto. Artefatos e lascas foram mais comuns no lado leste. No centro, ocorreram ossos, conchas e placas de tatu. Pontos de carvão eram notados na raspagem do solo queimado. Correspondiam, principalmente, a coquinhos. Prosseguindo mais um nível, este entre 145 e 155cm de profundidade, o solo, na metade norte continuou preto e duro até 150cm. Foi, depois, substituído por areia cinza, solta, que se tornou amarela e friável na sua base. Na metade sul havia muitos blocos desabados e, outros em desagregação. Entre eles, o solo era argiloso, preto e duro. Mostrava-se, a seguir, cinza e amarelo. Ao lado dos blocos desabados havia outros, trazidos pelos ocupantes do abrigo. Um deles foi utilizado como quebrador de coquinho. Lascas ocorriam no solo preto e duro. Algumas foram registradas no limite com o solo cinza. Removidos os blocos centrais, um corte experimental foi aberto por mais 73cm de profundidade. Evidenciou a presença de areia amarela solta, a qual se tornava, abaixo, úmida e de coloração amarelo-claro, com seixos. Aos 73cm ocorria rocha arenosa em decomposição correspondente ao embasamento.

Este sítio forneceu o maior volume de pontas de projéteis no Projeto. As pedunculadas ocorreram em todos os níveis escavados, sendo mais numerosas após um metro de profundidade. Das quatro pontas foliáceas registradas, duas estavam entre 95 e 115cm e, as outras, aos 25cm e 60cm. Pontas elaboradas em ossos longos fendidos longitudinalmente, foram encontradas a partir dos 25cm, predominando entre 75 e 95cm de profundidade. Apresentavam-se, na maioria, quebradas.

Uma cavadeira com 175cm de comprimento, 60cm de largura e 44cm de espessura (Foto 19,d), foi encontrada no último nível do Corte 1 (115-125cm). Foi elaborada sobre bloco de basalto conservando, das porções medianas para o talão, córtex em desagregação. O retoque, por percussão direta, foi praticado na extremidade distal (gume), principalmente em uma face. Lascamentos menores foram feitos ao longo de um bordo lateral e também priorizando uma das faces. O gume é quase em ponta e está parcialmente esmagado. Alisamento existe junto ao gume, especialmente na face que sofreu lascamentos (Foto 19,d).

Quatro lascas com a face externa alisada, que poderiam corresponder a partes do corpo de lâminas de machado, foram recuperadas no Corte 1 (75-85cm), no Corte 3 (115-125cm e 125-135cm)

e no Corte 4 (125-135cm). Três são de arenito silicificado e uma de basalto.

Fragmentos de hematita, muitos deles com sinais de raspagem foram detectados em todos os níveis.

A 75m a sudeste do abrigo foi registrado o sítio PR WB 17: Ribeirão das Tunas.

PR WB 17: Ribeirão das Tunas (NºC 3645)

UTM: 0581392 - 7345787 (Município de Arapoti)

Sítio pré-cerâmico localizado 334m a sudoeste da torre 334 (Fig. 8). Encontrava-se a 185m da margem direita de um córrego, afluente do Arroio do Vinho, do qual distava 1.019m da sua margem esquerda e, a 826m da margem direita do ribeirão das Tunas. Situava-se na encosta de suave elevação voltada para o córrego, 27m acima do nível das águas do Arroio do Vinho (722m s.n.m.).

O local e, os arredores, estavam cobertos por pastagem. Ladeando o córrego havia capoeira.

O solo era de textura arenosa e coloração cinza-escuro. Sofria processos erosivos lineares e laminares.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área elíptica com 59x4m (185,26m²). Eram mais numerosas no leito de uma estrada, atualmente abandonada, que o cortou no sentido nordeste-sudoeste, destruindo-o em boa parte. Da camada de ocupação restavam apenas pequenas porções residuais nas margens da estrada. A largura do sítio provavelmente era maior mas, por situar-se fora da área estabelecida para estudo pelo projeto, o local não foi estudado detalhadamente.

No barranco formado pela estrada foi possível observar a estratigrafia do terreno e, a posição da camada arqueológica: da superfície até 18cm de profundidade, o solo era cinza-escuro, arenoso. Abaixo, até 90cm, tornava-se marrom-claro, mantendo a mesma textura arenosa. Entre 90cm e 100cm, quando atingia embasamento de arenito, apresentava camada de seixos relacionada a paleopavimento. A camada arqueológica, com lascas e pequenos pontos de carvão, situava-se entre 80 e 90cm de profundidade e, acompanhava a declividade do terreno.

O sítio sofrera, também, perturbações no lado leste, ocasionadas pela construção de um açude.

A sudoeste do sítio foi registrado o sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas, da mesma tradição. Estava a 75m de distância.

PR SA 14: Ribeirão Barra Grande-3 (N^oC 3728 a 3730 e, 4575 a 4580)

UTM: 0530521 - 7344605 (Município de Sapopema)

Sítio pré-cerâmico localizado 45m a noroeste da torre 242. Encontrava-se a 2m da margem direita do ribeirão Barra Grande e, a 39m da margem esquerda de pequeno córrego, seu afluente (Fig. 12). Situava-se 3m acima do nível das águas do ribeirão (526m s.n.m.).

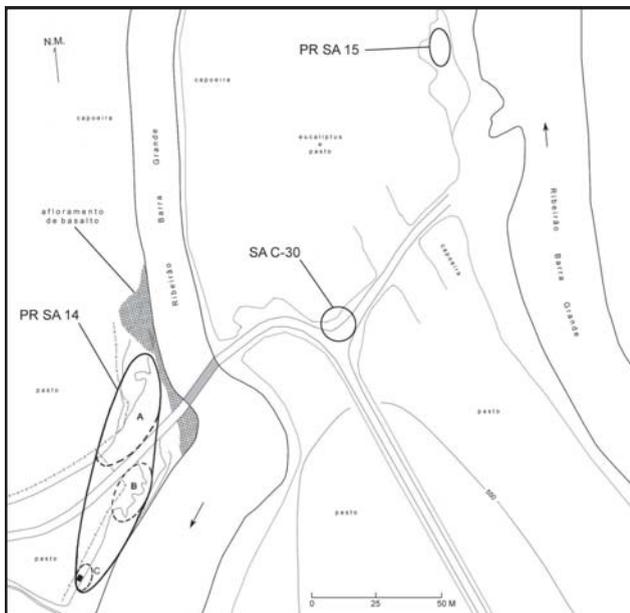


Figura 12: Localização dos sítios pré-cerâmicos PR SA 14: Ribeirão Barra Grande-3 e PR SA 15: Ribeirão Barra Grande-4 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-30 (ITA). Os espaços tracejados no sítio PR SA 14 indicam áreas de coletas setorizadas e, o quadrado escuro, local de corte-estratigráfico.

O local sofria intenso processo de erosão fluvial, com inundações periódicas. Mostrava o solo erodido laminar e linearmente, com sulcos e valas voltados para o curso fluvial. Ao norte e oeste, acompanhando as margens do ribeirão, embasamento basáltico estava exposto. Nas suas proximidades o terreno, lavado por enxurradas e inundações, expunha camada de cascalho relativa a terraço fluvial. Em espaços mais afastados, próximos aos barrancos ainda não erodidos, viam-se camadas de areia depositadas pelo rio. Os arredores, nas partes altas, estavam com pastagem (Foto 1).

O solo, nas porções erodidas, era argiloso, de coloração cinza-claro mesclado com marrom-claro e bastante compacto. Nos perfis dos

barrancos, sob estreita camada marrom-escuro, mostrava-se marrom e argilo-arenoso até 1m de profundidade. Abaixo se tornava argiloso, mesclando com solo cinza. No lado sul do sítio, menos atingido pela erosão fluvial, o solo apresentava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa até 1m de profundidade. Mostrava-se depois, até 2m de profundidade, argiloso e com pontos de solo cinza. Abaixo, até 2,40m era cinza-claro, mantendo a mesma textura.

O sítio, em quase toda a sua totalidade destruído pela erosão fluvial, ocupava uma área com 66x21m (1.088,01m²). Fôra cortado, também, nas porções centrais, no sentido leste-oeste, por uma estrada secundária de acesso a uma fazenda.

Coletas setorizadas foram efetuadas. A coleta "A" foi realizada das suas porções centrais, a partir da estrada, em direção ao lado norte, por uma área com 47x18m (664,11m²). As evidências eram encontradas nos sulcos e valas e, nas proximidades da estrada, mostrando-se mais freqüentes nos lados sul e leste. A coleta "B" limitou-se a uma área com 25x12m (235,50m²) situada no lado leste do sítio, na margem oposta da estrada. Correspondendo às partes mais baixas do terreno próximas ao curso fluvial, mostrava-se completamente descaracterizada e, as evidências eram encontradas inclusive dentro do ribeirão. A coleta "C" foi executada no lado sul do sítio, 21m ao sul da coleta "B", no espaço menos perturbado do sítio. As evidências arqueológicas espalhavam-se nas margens do ribeirão por uma área com 11x6m (51,81m²).

Corte-estratigráfico com 4,00m² foi executado nas porções centrais da concentração C, junto à linha do barranco do rio, onde se conservava pequeno espaço ainda intacto do sítio. A superfície estava coberta por pastagem. O solo, até 32cm de profundidade era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com pequenos pontos de basalto intemperizado. Abaixo, até 50cm, tornava-se de tonalidade cinza-escuro, arenoso, com esparsos pontos de carvão. Entre 50 e 135cm de profundidade o solo modificava novamente a coloração, passando a marrom-claro, arenoso e friável. Abaixo, até 160cm, o marrom-claro mesclava com solo amarelo, argilo-arenoso e compacto. Dessa profundidade até 205cm, voltava a mostrar coloração marrom-claro, mantendo a mesma textura da camada anterior (Foto 2).

Aos 205cm de profundidade o solo, correspondente à camada de ocupação, passava a cinza-escuro com textura argilo-arenosa. Atingiu 220cm de profundidade, quando mesclava com solo marrom-claro, formando uma faixa com 3cm de espessura. De 223cm até 247cm, novamente mostrava coloração cinza-escuro. Aos 247cm tornava a mesclar com solo marrom-claro e apresentava textura mais arenosa. O solo mesclado ocorreu até 254cm de profundidade. A seguir, formava

nova camada de solo cinza-escuro, atingindo 280cm de profundidade. Abaixo mostrava tonalidade marrom-claro-amarelado, textura argilo-arenosa e compacta. Somente no canto oeste do corte apresentava coloração marrom-claro da superfície até a base.

O material arqueológico, assim como pontos de carvão, foram registrados junto às camadas de solo cinza-escuro, iniciando aos 205cm de profundidade. Desaparecia junto ao solo mesclado, ocorrendo de forma rarefeita somente no contato entre os dois solos. Coquinhos carbonizados foram constatados aos 235cm, associados a blocos de basalto e fragmentos de carvão e, entre 268 e 273cm de profundidade. Neste caso formavam bolsão.

A inexistência de material em meio ao solo mesclado, assim como a sua textura mais arenosa poderiam indicar o abandono periódico do espaço e, a sua reocupação posterior.

Na base da quadra, corte-experimental com mais 70cm de profundidade foi realizado. Executado em suas porções centrais, evidenciou a continuidade do solo marrom-claro amarelado, compacto e argilo-arenoso. Mostrou-se estéril de evidências arqueológicas.

Embora as três concentrações tenham sido reunidas no mesmo sítio, existem elementos diferenciadores nas duas primeiras em relação à terceira. Nesta concentração C, a única que ofereceu condições para escavação, o material arqueológico recuperado compara-se ao dos demais sítios Umbu do Projeto. Não foram encontradas nessa parte, entretanto, pontas de projéteis entre as 984 peças do acervo.

Nas coletas procedidas nas concentrações A e B ocorreram pontas de projéteis diferentes das daquela tradição. Apresentam aletas longas e curvas, sem pedúnculo em dois casos e com curto pedúnculo reto em outro; a maior mede 52x37x5mm. Outras pontas estão quebradas, faltando a extremidade proximal. Outras, ainda, estão em fase de elaboração; suas dimensões variam de 52x43x11 a 114x54x15mm. Um fragmento de grande ponta foliácea, conserva a extremidade proximal e porções medianas do corpo; mede 95x71x10mm. Com exceção de uma ponta, elaborada sobre arenito silicificado, as demais são de sílex preto e cinza claro.

Quatro cavadeiras também foram registradas nas concentrações A e B. Confeccionadas em blocos de arenito silicificado, quartzo, basalto e andesito, três delas mostrando sinais de encabamento. Medem entre 192x65x50mm e 138x65x35mm. As últimas apresentam-se alteradas pelo intemperismo.

Na concentração A, ainda, foi coletado um raspador elíptico de arenito silicificado, que se aproxima de uma lesma; mede 90x28x15mm.

Relacionado à mesma tradição foi registrado o sítio PR SA 15: Ribeirão Barra Grande-4. Encontrava-se 168m a nordeste.

PR SA 15: Ribeirão Barra Grande-4 (N°C 3731)

UTM: 0530633 - 7344727 (Município de Curiúva)

Sítio pré-cerâmico localizado 493m ao norte da torre 242 e, a 8m da margem esquerda do Ribeirão Barra Grande (Fig. 12). Situava-se em terraço fluvial, 4m acima do nível das águas do ribeirão (527m s.n.m.).

O local mostrava-se erodido. Sofrendo inundações periódicas, apresentava o solo das margens lavado, com sulcos e valas. Nas partes altas estava com pasto e eucaliptos. A oeste, em meio aos eucaliptos, via-se uma depressão linear com 1,80m de largura que cortava o terreno no sentido norte-sul, relacionado a paleovárzea.

O solo, nas margens do ribeirão, no espaço erodido, era argiloso, de coloração marrom-claro mesclado com cinza, compacto. Nas valas, sobre o solo argiloso, via-se sedimentação de solo arenoso, de tonalidade cinza-claro. Nos barrancos o solo era argilo-arenoso, de cor marrom até 1,50m de profundidade. Abaixo, mesclava com solo marrom-claro até 1,80m, quando tornava-se marrom-claro uniforme, argiloso e compacto.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 14x8m (87,92m²), dispendo o eixo maior em sentido paralelo ao curso fluvial. O material espalhava-se pela margem do ribeirão, exposto pela erosão. Na época de ocupação sua área, provavelmente, era maior. Pela sua localização, sujeita a freqüentes inundações, foi completamente desestruturado. Em 1999, quando foi realizado o trabalho de constatação do patrimônio arqueológico, era possível observar a camada de ocupação em perfis dos barrancos. Naquela época, apesar de sofrer processo erosivo, ainda conservava espaço residual. No momento das pesquisas, este se encontrava completamente destruído.

Na área deste sítio não ocorreram pontas de projéteis, mas foi encontrada uma folha bifacial.

Diversos cortes-experimentais foram realizados nas partes intactas do terreno, nas proximidades da área de ocorrência, mas nada revelaram em profundidade.

A sudoeste, a 168m de distância, encontrava-se o sítio PR SA 14: Ribeirão Barra Grande-3, filiado à mesma tradição.

PR SA 19: Fazenda Bonanza-3 (N°C 3736)

UTM: 0526599 - 7342310 (Município de Ortigueira)

Sítio pré-cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, na área de instalação da torre 231. Encontrava-se no topo de suave elevação, a 270m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Mococa e, a 1.572m da margem direita do rio Tibagi (Fig. 13). Situava-se 49m acima do nível das águas do córrego (614m s.n.m.).

O terreno e as proximidades estavam cobertos por pastagens. Estreitas faixas de mata secundária foram preservadas apenas nas margens do córrego.

O solo era de coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa. Apresentava processos erosivos laminares e lineares.

O local mostrava-se bastante danificado. Além das perturbações causadas pela implantação do pasto e de um açude foi descaracterizado, também, pelas obras de instalação da torre e, pela abertura de uma estrada, a qual o cortava no sentido norte-sul, expondo as evidências arqueológicas em seu leito.

O material arqueológico ocorria em uma área com 72x48m (2.712,96m²). Era esparsos e superficial.

Em suas porções centrais encontravam-se os indícios cerâmicos PR SA C-31, de Tradição Itararé.

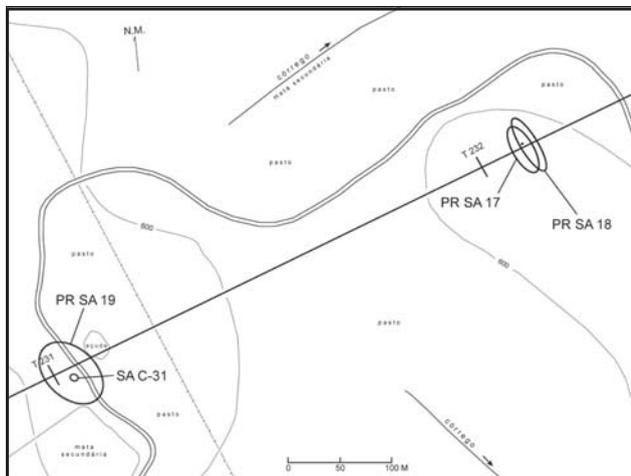


Figura 13: Localização do sítio pré-cerâmico PR SA 19: Fazenda Bonanza-3; dos sítios cerâmicos PR SA 17: Fazenda Bonanza-1 (ITA) e PR SA 18: Fazenda Bonanza-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-31 (ITA).

PR SA 30: Córrego Marrequinha-3 (N^oC 3797) UTM: 5193289 - 7337379 (Município de Ortigueira)

Sítio pré-cerâmico localizado 95m a leste da torre 214. Distava 45m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Marrecas e, 868m da margem esquerda do córrego Marrequinha (Fig. 14). Ocupava o topo alongado de uma elevação, 8m acima do nível das águas do córrego (743m s.n.m.).

O terreno e os arredores estavam com pastagem. De acordo com informações, era arado há mais de 15 anos. Margeando o córrego

e, em vales próximos, conservavam-se faixas rarefeitas de mata secundária.

O solo, de textura argilo-arenosa, apresentava coloração marrom-claro, com muitos blocos de basalto, arenito friável e siltito.

As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em uma área com 128x35m (3.516,80m²), dispendo seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego. Entre elas, um fragmento de ponta de projétil pedunculada.

O sítio era cortado, no sentido NE-SO, por uma estrada vicinal, da qual bifurcava o acesso à torre, em sentido leste-oeste. O material arqueológico era numeroso no leito das estradas.

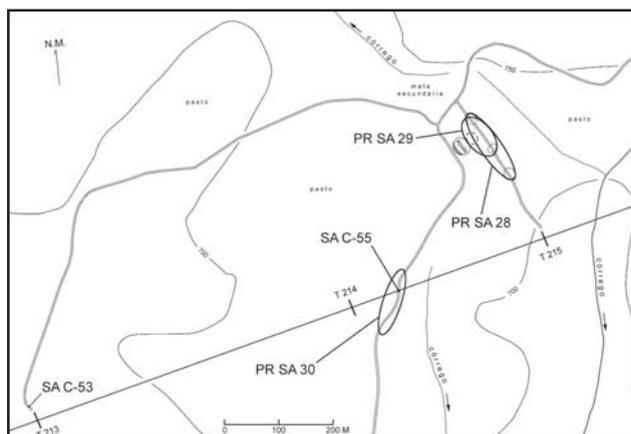


Figura 14: Localização do sítio pré-cerâmico PR SA 30: Córrego Marrequinha-3; dos sítios cerâmicos PR SA 28: Córrego Marrequinha-1 (ITA) e PR SA 29: Córrego Marrequinha-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-53 (TPG) e PR SA C-55 (ITA). Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de material arqueológico.

Além das perturbações provocadas pela abertura dos acessos, aquelas resultantes das atividades agropecuárias também causaram danos à camada de ocupação.

Cortes-experimentais efetuados revelaram esparsas evidências líticas aos 20cm de profundidade, em meio a solo marrom-claro, argilo-arenoso.

O ponto era sobreposto pelos indícios cerâmicos PR SA C-55, de Tradição Itararé.

**PR SA 38: Ribeirão Piquira (N^oC 3832 a 3836 e 3845 a 3848)
UTM: 0509456 - 7334078 (Município de Ortigueira)**

Sítio pré-cerâmico localizado 73m a sudeste da torre 193, 220m

da margem direita do ribeirão Piquira e, 176m da margem direita de um córrego, seu afluente (Fig. 15). Situava-se na encosta de suave elevação voltada para o ribeirão, 44m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (777m s.n.m.).

No terreno e em suas proximidades havia pasto com arbustos esparsos. Fôra arado para implantação da pastagem. A oeste, no topo da elevação, via-se trecho com capoeira e, nas margens do ribeirão, rarefeita faixa de mata secundária.

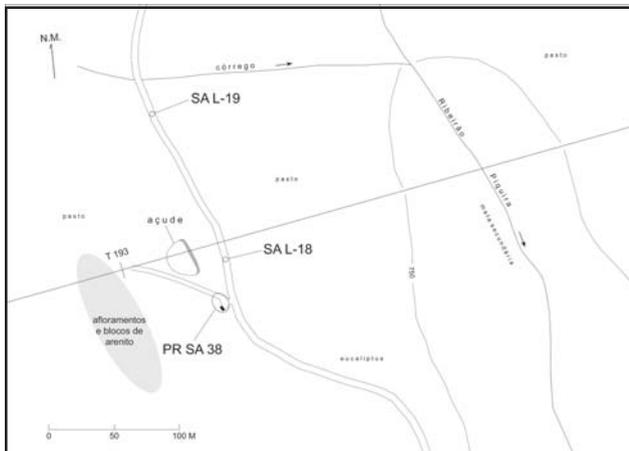


Figura 15: Localização do sítio pré-cerâmico PR SA 38: Ribeirão Piquira e, dos indícios líticos PR SA L-18 (UMB) e PR SA L-19 (UMB). O espaço escuro indica área onde foram efetuados cortes-estratigráficos.

O solo, no local de ocorrência de material arqueológico, mostrava-se cinza-claro e argiloso. Nos arredores era argiloso, mas de tonalidade marrom-avermelhado, com afloramentos de arenito e basalto a oeste.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com 16x12m (150,72m²). Eram encontradas no leito da estrada de acesso à torre, a qual cortava longitudinalmente os lados norte e nordeste do sítio, e nos barrancos por ela formados, que mostravam acentuado processo erosivo. Diversos cortes-experimentais foram efetuados para sua delimitação. Evidenciaram que, apesar das perturbações constatadas, pequena parte do sítio mostrava-se intacta e permitiu a abertura de dois cortes-estratigráficos com 4m² cada um.

Os cortes foram abertos no lado sudeste do sítio, em área coberta por pasto. O solo mostrava-se argiloso, marrom-escuro e muito compacto até 6cm de profundidade. Abaixo, até 25cm, era marrom-

claro, com textura argilosa e compacta. Nessa profundidade tornava-se marrom-avermelhado, mantendo a mesma textura das camadas anteriores. Aos 60cm de profundidade, grânulos de argilito intemperizados eram comuns (Foto 3).

As evidências arqueológicas foram registradas esparsamente até a base da camada, aos 60cm de profundidade. Mostravam-se, no entanto, mais numerosas, na porção central da área escavada. Nesse trecho, blocos de basalto foram evidenciados aos 30cm de profundidade, como que delimitando o espaço ocupado. Nele, o material arqueológico tendia a ser mais freqüente aos 25cm de profundidade, no contato entre os solos marrom-claro e marrom-avermelhado e, entre 50 e 52cm, como se formassem pisos distintos, representativos de ocupações diferenciadas. Nas laterais, ocorria raramente.

Bolsão de terra argilosa cinza foi registrado aos 45cm de profundidade. Era circular, com 50cm de diâmetro e aprofundou até 60cm. Era estéril de evidências arqueológicas.

Três fragmentos de pontas de projéteis foliáceas foram coletadas na superfície do sítio. Outros fragmentos de pontas ocorreram nas escavações, uma foliácea entre 15 e 30cm de profundidade e uma com pedúnculo convexo entre 45 e 60cm. Todas são de silexito. As porções restantes apontam para artefatos de grandes dimensões.

Indícios relacionados à mesma tradição foram registrados 24m a nordeste e 144m ao norte do sítio. Correspondem aos indícios líticos PR SA L-18 e PR SA L-19, respectivamente.

**PR SA 41: Ribeirão do Burro-2 (N^oC 3841, 3842 e 4378)
UTM: 0507082 - 7333266 (Município de Ortigueira)**

Sítio pré-cerâmico localizado 63m ao sul da torre 189 e, a 387m da margem esquerda do ribeirão do Burro (Fig. 16). Dispunha-se no flanco de suave elevação voltada para o curso fluvial, 23m acima do nível de suas águas (755m s.n.m.).

O local e as cercanias mostravam-se cobertos por pastagens. Margeando o ribeirão e, nos arredores da torre, foram preservadas faixas rarefeitas de mata secundária.

O solo mostrava coloração cinza-claro e textura argilo-arenosa, com grande quantidade de argilito intemperizado.

O material arqueológico ocorria em uma área com 43x12m (405,06m²). O sítio fôra cortado, no sentido sudeste-noroeste, pela via de acesso à torre e, as evidências se dispunham em seu leito e em suas laterais.

Diversos cortes-experimentais foram executados para a delimitação da ocorrência. Resultaram na localização de uma área com

13x11m (112,25m²) situada nas porções centrais do sítio, com maior frequência de material. Nela, corte-estratigráfico com 4m² foi realizado.

O corte, efetuado 73m ao sul da torre, estava com pasto na superfície e, apresentou a seguinte estratigrafia: solo cinza-escuro, argilo-arenoso até 7cm de profundidade. Abaixo, até 15cm, mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilo-arenosa. Na base do nível, aos 15cm, apresentava grânulos de argilito intemperizado.

As evidências arqueológicas foram registradas aos 7cm de profundidade, no contato dos solos. Eram esparsas. Mostravam-se mais numerosas das porções centrais do corte em direção ao seu canto noroeste. Nesse espaço formava-se um bolsão que atingiu 22cm de profundidade.

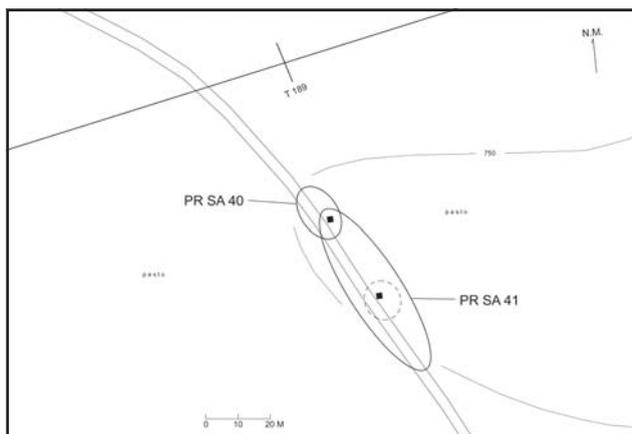


Figura 16: Localização do sítio pré-cerâmico PR SA 41: Ribeirão do Burro-2 e do sítio cerâmico PR SA 40: Ribeirão do Burro-1 (ITA). Os quadrados escuros indicam áreas onde foram efetuados cortes-estratigráficos. A elipse tracejada no sítio PR SA 41 assinala área com concentração de material arqueológico.

Depressões provocadas por raízes foram comuns. Nelas o material era rarefeito.

Cinco pontas de projéteis pedunculadas de sílexito foram encontradas superficialmente e outras quatro, também pedunculadas e de sílexito, entre 10 e 20cm de profundidade.

O sítio era sobreposto, em seu extremo noroeste, pelo PR SA 40: Ribeirão do Burro-1, de Tradição Itararé.

PR SA 53: Ribeirão Faxineiro (N^oC 4284 a 4288)

UTM: 0514567 - 7335837 (Município de Ortigueira)

Sítio pré-cerâmico localizado 26m a nordeste da torre 206 e, a

43m da margem esquerda de pequeno córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Faxineiro, do qual distava 109m (Fig. 17). Situava-se no topo de uma elevação com declividade acentuada para oeste, em direção ao ribeirão, 15m acima do nível das águas do curso fluvial menor (752m s.n.m.).

O terreno apresentava perturbações em consequência da abertura do acesso à torre e, também, pela sua implantação. Nesses pontos encontrava-se terraplenado e com gramíneas. Nos arredores conservava-se com mata secundária em recomposição, a qual era vista inclusive margeando os cursos fluviais.

O solo, no local, era de coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa. Na área do sítio, no entanto, superficialmente mostrava-se marrom-avermelhado e argiloso. Esse espaço servira como depósito de solo utilizado para o enterramento das sapatas.

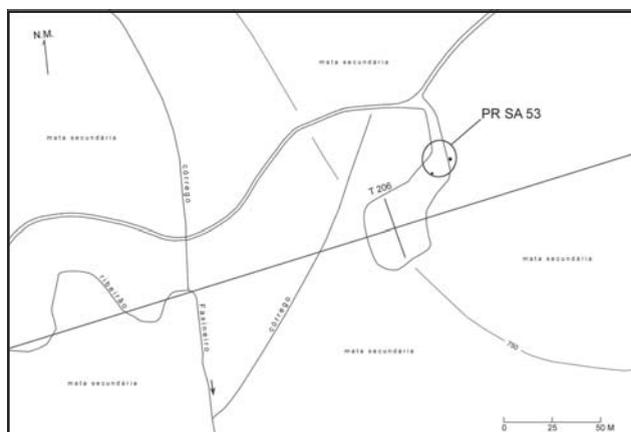


Figura 17: Localização do sítio pré-ceramista PR SA 53: Ribeirão Faxineiro. Os pontos escuros no sítio indicam a posição da quadra e raspagem efetuadas.

O acesso aberto cortou as porções centrais do sítio em sentido leste-oeste, expondo as evidências arqueológicas em seu leito e nas suas laterais. O material ocorria em uma área com 19x18m (268,47m²), dispendo o eixo maior em sentido oblíquo ao córrego.

Para a sua delimitação vários cortes-experimentais foram realizados, evidenciando a desestruturação da camada de ocupação nos lados sul, sudoeste e nordeste do sítio. Dela restavam somente pequenas porções nos lados noroeste e sudoeste.

Na área do sítio, primeiramente foi efetuada uma raspagem com 1,16m² em seu extremo sudoeste, no leito da estrada, para constatação do grau de perturbação na camada ocupacional.

Na estratigrafia foi observada ocorrência da camada de solo marrom-avermelhado e argiloso, que fôra depositado, até 15cm de profundidade. Abaixo, o solo avermelhado mesclava com marrom-claro de textura argilo-arenosa até 20cm. Este se tornava gradativamente de coloração marrom-claro uniforme. Aos 26cm de profundidade, em meio a solo compacto e marrom-claro, foi constatada a base da camada de ocupação, sendo registradas esparsas evidências arqueológicas. O material ocorria sobre uma linha de argilito intemperizado que acompanhava a declividade do terreno, entre 26 e 33cm de profundidade.

O corte, efetuado 73m ao sul da torre, estava com pasto na superfície e, apresentou a seguinte estratigrafia: solo cinza-escuro, argilo-arenoso até 7cm de profundidade. Abaixo, até 15cm, mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilo-arenosa. Na base do nível, aos 15cm, apresentava grânulos de argilito intemperizado. As evidências arqueológicas foram registradas aos 7cm de profundidade, no contato dos solos. Eram esparsas. Mostravam-se mais numerosas dos 15 aos 30cm, das porções centrais do corte em direção ao seu canto noroeste. Nesse ponto formava-se um bolsão que atingiu 45cm de profundidade.

Uma ponta de projétil foliácea foi recolhida na superfície do sítio e um fragmento de ponta pedunculada no Corte 1, entre 30 e 45cm de profundidade. Ambas foram elaboradas em silexito.

Depressões provocadas por raízes foram comuns. Nelas o material era rarefeito.

PR SA 58: Ribeirão Mococa-2 (NºC 4375)

UTM: 0521069 - 7338001 (Município de Ortigueira)

Sítio pré-cerâmico localizado na área de instalação da torre 218, 121m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 18). Situava-se no topo de uma elevação, 60m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (772m s.n.m.).

O terreno, alongado e plano, estava com pasto. Apresentava encostas íngremes ao norte, sul e oeste. Nos arredores predominavam pastagens. Somente às margens da nascente do ribeirão Mococa permanecia faixa com capoeira alta.

O solo era detrítico, de coloração cinza-escuro, com grande quantidade de argilito.

O local, completamente alterado em conseqüência das obras para instalação da torre, fôra terraplenado no lado sul e cortado, no extremo norte, pela estrada de acesso. Conservava na superfície grande quantidade de blocos de argilito, retirados quando da abertura dos buracos para a colocação das sapatas da torre.

O material arqueológico, incluindo uma folha bifacial, ocorria esparsamente em uma área com 51x29m (1.161,02m²). Era mais numeroso no leito da estrada.

Sobreposto ao sítio, no seu extremo sul, nas proximidades da torre, foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-50, de Tradição Tupiguarani e, em suas porções centrais, o sítio PR SA 27: Ribeirão Mococa-1, de Tradição Itararé.

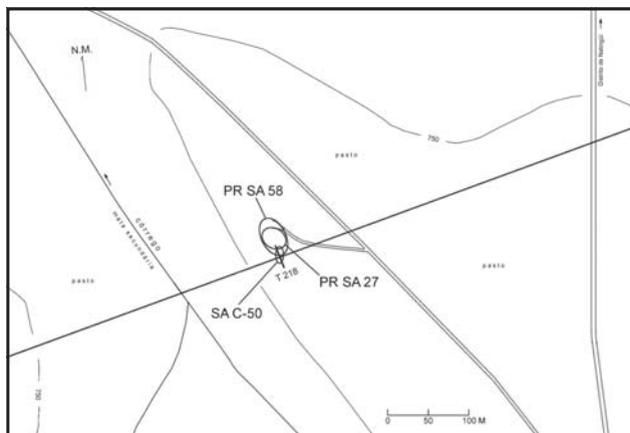


Figura 18: Localização do sítio pré-cerâmico PR SA 58: Ribeirão Mococa-2, do sítio cerâmico PR SA 27: Ribeirão Mococa-1 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-50 (TPG).

**PR MR 8: Córrego do Rancho Alegre (N^oC 4113)
UTM: 481072 - 7324881 (Município de Ortigueira)**

Sítio pré-cerâmico localizado 627m a sudeste da torre 130 (Fig. 19). Situava-se em terraço fluvial, estendendo-se pela encosta de suave elevação. Era cortado, em suas porções centrais, por um córrego e, contornado nos seus lados leste e sudeste por outro, menor. Este desaguava na margem esquerda do curso fluvial maior. Em relação ao nível médio do mar encontrava-se a 452m.

O local mostrava-se bastante descaracterizado. Sofria intenso processo erosivo ocasionado por enchentes periódicas. Fôra perturbado, também, por três estradas secundárias: uma situava-se no lado leste do sítio, cortando-o no sentido nordeste-sudoeste e, dava acesso às torres 133 e 132; outra, erodida, encontrava-se no seu lado noroeste. A terceira fôra aberta paralelamente à segunda, provavelmente após o seu abandono causado pela erosão e, permitia o acesso à torre 130. Ambas cortavam o sítio no sentido noroeste-sudeste.

Nos barrancos por elas formados eram visíveis, nas proximidades dos córregos, a deposição da terra retirada para a abertura das estradas

e, também, a ocasionada pelas enchentes. O solo, nesse espaço, era argiloso e de coloração marrom-escuro. Na encosta da elevação apresentava tonalidade marrom-claro e textura argilo-arenosa.

Superficialmente, nas partes mais elevadas do terreno, situadas ao norte e oeste, havia pasto em meio à capoeira. Ao sul e a leste, áreas com reflorestamento de pinnus. Somente nas margens dos cursos fluviais permanecia estreita e rarefeita faixa de mata ciliar.

O material arqueológico ocorria esparsos e superficialmente em uma área com 68x23m (1.227,74m²). Era mais numeroso no leito da estrada de acesso à torre 130, em uma área com 17x10m (133,45m²), situada nas proximidades do curso fluvial maior.

Apenas coletas superficiais foram efetuadas no sítio, pois os diversos cortes-experimentais realizados na área, nada evidenciaram em profundidade.

Relacionados à mesma tradição, foram localizados, a 1.005m a leste os indícios líticos PR MR L-2, a 568m e 710m a nordeste os indícios líticos PR MR L-3 e PR MR L-4, respectivamente e, a 1.057m a noroeste os indícios líticos PR MR L-5.

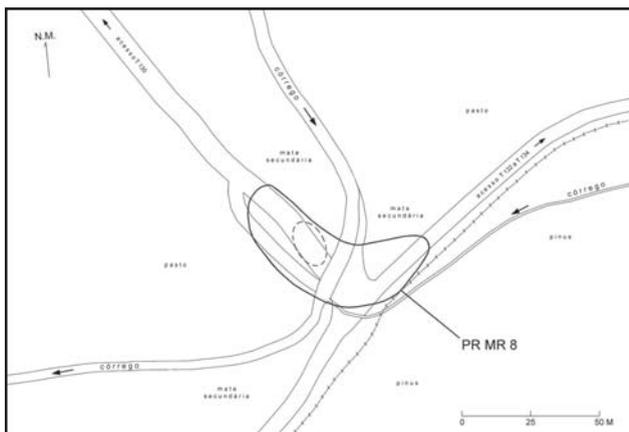


Figura 19: Localização do sítio pré-cerâmico PR MR 8: Córrego do Rancho Alegre. A elipse tracejada indica área com concentração de material arqueológico.

**PR MR 12: Rio Limeira-1 (N^oC 4121 a 4125 e, 4639 e 4640)
UTM: 470059 - 7322227 (Município de Rosário do Ivaí)**

Sítio pré-cerâmico localizado 130m a leste da torre 106 e, a 335m a oeste da torre 107. Ocupava a encosta de suave elevação ladeada por dois cursos fluviais (Fig. 20). Encontrava-se a 22m da margem esquerda do rio Limeira e, a 21m da margem direita de um córrego, situando-se 6m acima do nível das águas do rio (429m s.n.m.).

O local sofreu descaracterizações decorrentes de obras de terraplenagem para construção da rodovia PR-082, de ligação entre as cidades de Rosário do Ivaí e Grandes Rios. Fôra utilizado como área de depósito e movimentação de máquinas quando da construção da rodovia e, também, de uma ponte sobre o rio Limeira e, de uma galeria para dar fluxo ao córrego. A rodovia cortou o sítio no sentido leste-oeste. Sofreu, igualmente, perturbações decorrentes da abertura de uma estrada secundária, a qual o atravessou em sentido nordeste-sudoeste. No lado sudeste, a estrada fôra aberta em função das obras de engenharia civil para construção da rodovia. No lado noroeste, dava acesso à torre 105.

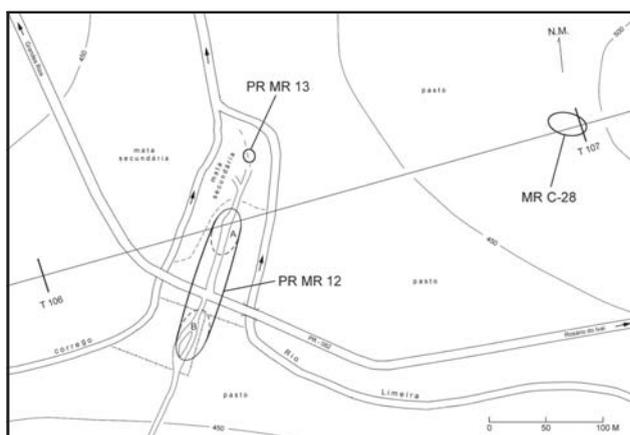


Figura 20: Localização dos sítios pré-cerâmicos PR MR 12: Rio Limeira-1 e PR MR 13: Rio Limeira-2 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-28 (ITA). As elipses tracejadas nos sítios indicam áreas com concentração de material arqueológico e, o ponto escuro no sítio PR MR 13, área de corte-estratigráfico.

No leito da estrada situada a sudoeste, o solo mostrava-se lixiviado, expondo embasamento de argilito. A terra, retirada por tratores para nivelamento do espaço e, depositada em suas laterais, estava com pasto e capoeira. Nas proximidades da rodovia, o solo encontrava-se coberto por pedras britadas. A nordeste, na margem oposta da rodovia, a qual sofrera, igualmente, perturbações ocasionadas pela sua construção, havia pasto e, paralelamente à estrada de acesso às torres, via-se o recorte de outra, mais antiga e completamente erodida, também com exposição do embasamento argilítico.

Nos arredores predominavam pastagens. Acompanhando as margens dos cursos fluviais, faixa de mata secundária foi preservada.

O solo mostrava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa, com blocos de basalto e argilito na superfície.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 196x28m (4.308,08m²).

Apesar das perturbações sofridas, foi possível a delimitação de três áreas com concentração superficial de material arqueológico. A concentração A foi registrada no lado nordeste do sítio. Medida 43x25m (843,88m²). A concentração B situava-se 51m a sudoeste da A. Suas dimensões eram de 44x21m (725,34m²).

A concentração C foi localizada 20m a nordeste da A, medindo 33x20cm (518,10m²).

Na área da concentração C, menos perturbada que as outras e que em parte ainda era coberta por mata secundária, foi praticado um corte-estratigráfico com 4m².

O solo era de coloração marrom-escuro e textura areno-argilosa até 35cm de profundidade. Tornava-se, depois, marrom. Entre 50 e 100cm de profundidade mostrava-se arenoso, friável, e de coloração marrom-claro. Nesta profundidade apresentava-se argiloso, compacto, e de tonalidade avermelhada.

O material arqueológico ocorreu de 35 a 45cm de profundidade, entre raízes e radículas. Tornando-se esparso a partir de 45cm de profundidade, interrompia aos 50cm. Para baixo, começando aos 70cm, foi constatada outra ocupação, registrada como sítio PR MR 13 (Fig. 21).

Indícios de ocupação Umbu foram registrados 821m a oeste. Correspondem ao PR MR L-17.

PR MR 13: Rio Limeira-2 (N^oC 4126 a 4128)

UTM: 470079 - 7322307 (Município de Rosário do Ivaí)

Sítio pré-cerâmico localizado 200m a nordeste da torre 106 e a 288m a oeste da torre 107. Situava-se a 16m da margem esquerda do rio Limeira e, a 24m da margem direita de um córrego (Fig. 20). Ocupava um terraço fluvial situado nas proximidades da confluência dos dois cursos fluviais, 5m acima do nível das águas do rio (428m s.n.m.).

O local encontrava-se com mata secundária em recomposição de suas porções centrais em direção ao seu lado norte. Ao sul mostrava-se descaracterizado em consequência da abertura de estrada secundária e das obras para construção de ponte sobre o rio Limeira e da rodovia PR-082.

Este sítio foi localizado durante a escavação praticada na concentração C do sítio PR MR 12. Situava-se abaixo da camada de ocupação daquele, após camada estéril. Sua área, com 10x9m (70,65m²), foi determinada aproximadamente através de cortes-experimentais.

No corte executado no sítio PR MR 12, o solo era de textura areno-argilosa e coloração marrom-escuro de 0 a 35cm de profundidade;

mantinha a mesma textura, mas adquiria coloração marrom de 35 a 50cm; tornava-se, depois, arenoso e friável, de coloração marrom-claro, de 50 a 100cm, já ocupado pelas novas evidências. A partir dos 100cm de profundidade, o solo apresentava-se argiloso, compacto, e de coloração avermelhada.

A camada arqueológica referente ao sítio PR MR 13 foi constatada aos 70cm de profundidade no lado norte da quadra, prosseguindo até 85cm. Entre 80 e 83cm de profundidade as evidências eram mais numerosas, formando piso. A camada apresentava desnível acentuado do norte para o sul. Neste extremo, a camada começava aos 83cm de profundidade e cessava aos 100cm. Este desnível, relacionado à paleopaisagem, era maior que o observado na camada superior (Fig 21).

Corte-experimental foi realizado a partir da base da quadra e mostrou-se estéril; o solo continuou com as mesmas características observadas aos 100cm.

No nível situado entre 80 e 90cm de profundidade ocorreu uma cavadeira elaborada sobre bloco de arenito silicificado. Afeiçãoada por meio de lascamentos de percussão direta apresenta também lascamentos escamados nos bordos laterais e gume, que é em ponta. Das porções medianas em direção ao talão estreito e reto, as arestas dos lascamentos estão esmagadas, inferindo encabamento. A secção do corpo é losangular. Mede 254x66x49mm.

Procedem do mesmo nível uma ponta de projétil foliácea de arenito silicificado, medindo 82x37x9mm, e um fragmento de ponta de projétil pedunculada, também de arenito silicificado.

Relacionados à Tradição Umbu foram localizados os indícios PR MR L-17 a 836m a oeste.

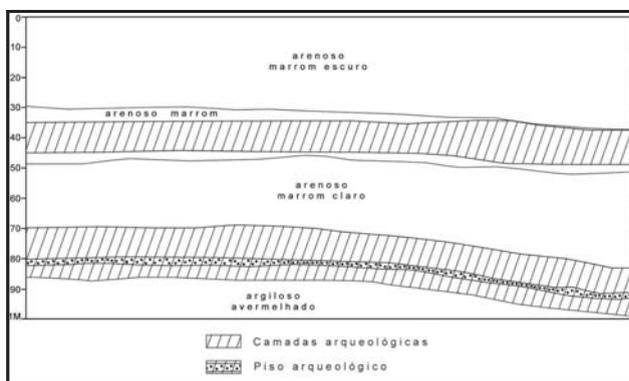


Figura 21: Perfil da parede oeste do corte-estratigráfico efetuado nos sítios PR MR 12: Rio Limeira-1 e PR MR 13: Rio Limeira-2.

PR MR 14: Abrigo-sob-rocha Córrego da Maçã (N^oC 4163 a 4165)

UTM: 0454555 - 7316838 (Município de Grandes Rios)

Sítio pré-cerâmico localizado 319m ao norte da torre 69 (Fig. 22). Situava-se a 177m da margem esquerda de pequeno córrego, afluente da margem esquerda do córrego da Maçã, do qual distava 258m e, a 44m acima do nível das águas do curso fluvial menor (617m s.n.m.).

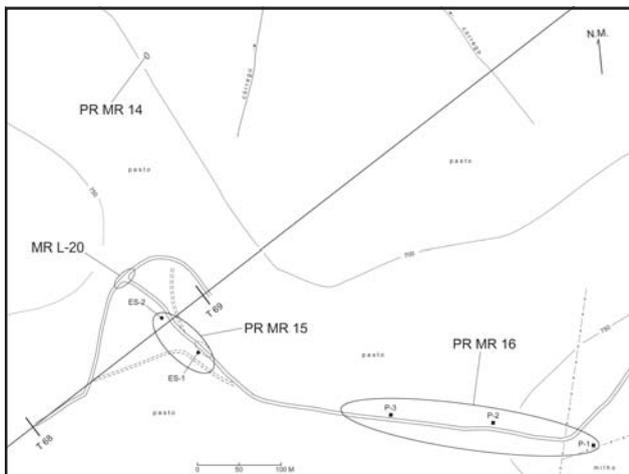


Figura 22: Localização dos sítios pré-cerâmicos PR MR 14: Abrigo-sob-rocha Córrego da Maçã e PR MR 16: Nabor-2 (UMB); do sítio cerâmico PR MR 15: Nabor-1 e, dos indícios pré-cerâmicos PR MR L-20 (UMB). Os pontos escuros no sítio PR MR 15 indicam a posição das estruturas subterrâneas e, no sítio PR MR 16, os locais com gravações.

O abrigo arenítico, voltado para leste, localizava-se na meia-encosta de uma elevação coberta por pasto e com árvores esparsas. Deveria ter tido seu entorno florestado, mas restos de mata secundária eram vistos somente margeando o córrego. Encontrava-se em uma formação linear de arenito friável que acompanhava o flanco da elevação por aproximadamente 1km. O seu entorno era formado por colúvio de basalto.

Compreendia uma área com 9,5m de comprimento, 4,6m de largura e 2m de altura máxima. Apresentava, na parede e no teto, estratigrafia horizontal e oblíqua em desagregação, sem pinturas ou gravações. Externamente tendia a formar um terraço com cerca de 4m de largura, o qual coincidia com a linha da pingadeira. Para o interior, o solo apresentava desníveis, chegando a acumular água das chuvas (Fig. 23).

O material arqueológico ocorria na superfície, em meio a solo marrom-escuro, argilo-arenoso e sofreu intenso pisoteio de gado.

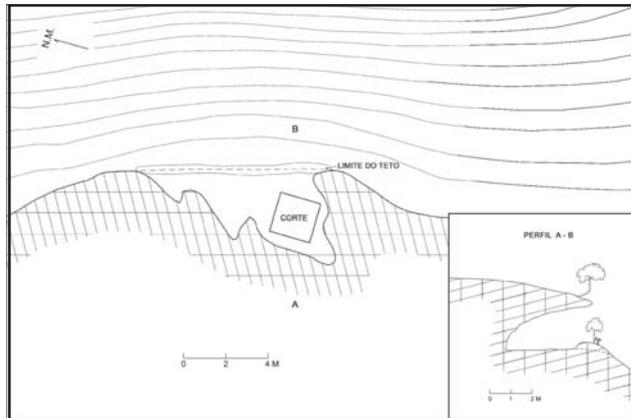


Figura 23: Planta e perfil do sítio PR MR 14: Abrigo-sob-rocha Córrego da Maçã.

Corte-estratigráfico com 4m² foi aberto no lado sul do abrigo, quase encostando nas paredes lateral e do fundo. O solo era compacto, argilo-arenoso, de coloração marrom-escuro. Estava perturbado pelo pisoteio do gado até 13cm de profundidade. Entre 12 e 13cm de profundidade, era interrompido por delgada camada de areia friável amarela. Abaixo, até 25cm, tornava a apresentar as mesmas características anteriores. Somente no canto nordeste do corte, a camada de areia mostrou-se mais espessa, apresentando 5cm de espessura: iniciava aos 15cm de profundidade e ocorria até 20cm. Entre 15 e 25cm, em meio ao solo argiloso, marrom-escuro, eram comuns pequenos blocos de arenito desprendidos do teto e, outros, em forma de grânulos pretos, semelhantes a carvão, mas que resultaram do basalto decomposto. O material arqueológico foi registrado desde a superfície até 20cm de profundidade. Era numeroso e composto por muitos artefatos e lascas com sinais de uso, indicando grande atividade no local, apesar de pequeno. Todos apresentavam arestas atenuadas e superfície patinada em consequência do contato com a água. As evidências foram menos freqüentes no canto nordeste.

Na base da quadra, aos 25cm de profundidade, corte-experimental foi praticado. A 106cm de profundidade (contados a partir da base do corte) ocorreu bloco de arenito oriundo do teto do abrigo. Este assentava em embasamento arenítico constatado a 116cm. O solo mostrava-se de coloração marrom-escuro e argiloso, mas com maior quantidade de areia.

O sítio proporcionou três pontas de projéteis pedunculadas, uma na superfície e outras aos 15cm de profundidade. Nesta profundidade também, ocorreu uma ponta de projétil foliácea.

Pertencentes à mesma tradição foram localizados 254m a sudoeste os indícios cerâmicos PR MR L-20 e, 480m a sudeste, o sítio PR MR 16: Nabor-2.

PR MR 16: Nabor-2 (N^oC 4179)

UTM: 0454964 - 7316366 (Município de Grandes Rios)

Sítio oficina e cerimonial localizado 212m a sudeste da torre 69 e, a 401m da margem direita de uma nascente formadora do córrego da Maçã (Fig. 22). Ocupava a crista alongada de uma elevação, divisora de águas, 99m acima do nível das águas do córrego (748m s.n.m.).

O local e os arredores estavam com pasto e árvores esparsas. Junto às margens do curso fluvial conservava-se estreita faixa de mata secundária.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado, textura argilo-arenosa e compacta, com afloramentos de arenito.

Ocupando uma área com 310x54m (13.140,90m²), era cortado em suas porções centrais, no sentido leste-oeste, pela estrada de acesso às torres 68 e 69. O sítio, composto por lascas residuais dispersas, apresentava nos afloramentos de arenito silicificado, em três pontos distintos, gravações em forma de sulcos resultantes de abrasão e picoteamento. Um dispunha-se no lado leste da área; outro em suas porções centrais e, o terceiro no lado oeste. Em todos foram realizados decalques das gravações.

No ponto 1 (Fig. 24) os sulcos incidiam na face inclinada de um bloco isolado que media 1,60m de comprimento, 1,00m de largura e 0,60m de altura. Tendiam a formar linhas paralelas agrupadas vertical e obliquamente. Apresentavam sulco em U, geralmente picoteados; alguns do canto nordeste eram alisados. Com largura que atingia até 25mm e profundidade até 7mm, todas as sinalizações estavam intemperizadas. Sulcos estreitos e curtos em V, ocorreram ao norte e ao sul do painel e foram causados por lâmina metálica. Neles a intemperização era imperceptível.

No ponto 2 havia vários blocos, alguns fixos outros soltos. Três deles, quase em seqüência, mostravam sulcos; em um, incidiam na face inclinada e, nos outros, no topo. Na metade leste do primeiro predominavam sulcos paralelos alisados, mas com vestígios de picoteamento (Fig. 25-A e Foto 6). Sobre e ao lado de alguns destes e, principalmente no lado oeste, havia depressões circulares e elípticas. As menores apresentavam-se intemperizadas, como nos sulcos em U; as elípticas estavam pouco afetadas. Três destas obliteravam parcialmente as circulares.

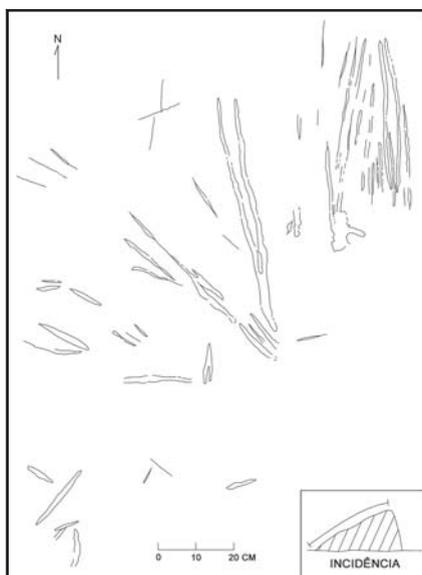


Figura 24: Sulcos registrados em bloco de arenito isolado no ponto 1 do sítio PR MR 16: Nabor-2.

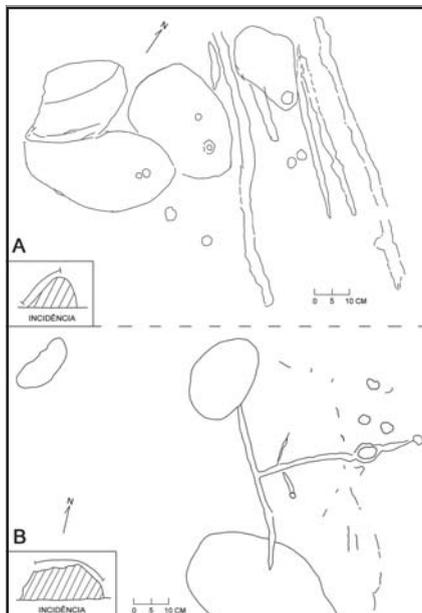


Figura 25: Sulcos e depressões registrados em blocos de arenito no ponto 2 do sítio PR MR 16: Nabor-2.

No bloco dois, com 1,10m de comprimento e 0,50m de largura, os sulcos paralelos predominavam e tinham as mesmas características das anteriores. Um, apenas, o mais extenso, apresentava perfil em V; media 40cm de comprimento e 2cm de largura.

No extremo oeste do painel, já atingindo a lateral do bloco, evidenciavam-se duas depressões rasas, uma circular e outra elíptica.

No último bloco da seqüência, interrompida por um lateral que nada continha, ocorreram sulcos alongados e depressões circulares e elípticas (Fig. 25-B). Os primeiros dispunham-se das porções medianas do painel para leste. Os mais extensos interligavam-se em T incluindo, o mais longo, uma depressão circular. Sulcos menores, inclusive alguns com perfil em V, dispunham-se aos lados das anteriores, assim como depressões circulares pequenas. Depressões elípticas maiores estavam nos extremos norte, sul e oeste, na beira do bloco. Este media 1,00m de comprimento e 0,70m de largura.

O bloco do ponto 3 encontrava-se isolado e podia ser movimentado. Media 0,50x0,30x0,35m. Nele somente um sulco alongado foi constatado.

Um bloco com dimensões comparáveis ao último descrito, que fora anotado durante a etapa de constatação, não foi encontrado. Situava-se entre os pontos 2 e 3 e

continha sulcos paralelos em vertical em duas facetas laterais; as de uma faceta eram cortadas por um sulco horizontal. No seu lugar havia um buraco resultante de escavação clandestina.

Relacionados à Tradição Umbu foram localizados a noroeste os indícios cerâmicos PR MR L-20 e o sítio PR MR 14: Abrigo-sob-rocha Córrego da Maçã. Situavam-se a 296m e 480m, respectivamente. Sítio pertencente à Tradição Itararé encontrava-se a 160m de distância.

Material Lítico

Nas coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios foram obtidas 38.725 evidências líticas, sendo registradas as seguintes matérias-primas: sílexito (47,267%), arenito silicificado (39,646%), quartzo (4,421%), basalto (2,975%), quartzito (2,226%), arenito friável (1,952%), argilito (1,252%), riolito (0,080%), hematita (0,052%), filito (0,041%), fonolito (0,034%), andesito (0,023%), limonita (0,008%), granito (0,008%), diabásio (0,005%), gnaiss (0,005%), silte silicificado (0,003%) e concreção de ferro (0,003%).

As lascas simples com crosta, simples em forma de cunha e preparadas representam, respectivamente, 1,795%, 6,668% e 14,820% do acervo. As microlascas e lâminas correspondem a 52,666% e 0,811%; os nódulos a 0,294%, os núcleos esgotados a 0,204%, as pedras gretadas a 1,167% e os fragmentos atípicos a 7,899%.

Três mil e setenta e quatro lascas apresentaram sinais de utilização (7,938%) e inferem: 99 facas, 2.369 raspadores laterais, 456 raspadores de extremidade, 100 raspadores com escotadura, 6 goivas, 4 alisadores, 1 percutor e 39 instrumentos fragmentados.

Oitocentos e setenta lascas receberam trabalhos de retoques (2,247%) e, estão representadas por 14 facas, 366 raspadores laterais, 83 raspadores de extremidade, 10 raspadores com escotadura (Foto 22,b), 8 raspadores plano-convexos, 66 raspadores de ponta, 17 raspadores de ponta curva, 9 raspadores de bico, 5 raspadores de ponta biselada, 1 raspador elíptico, 2 raspadores angulares, 5 raspadores carenados, 2 raspadores triangulares, 4 raspadores perpendiculares, 2 raspadores denticulados, 1 raspador circular, 35 raspadores unciformes (Foto 21,b), 1 furador e, 37 pontas de projétil foliáceas e pedunculadas (Fotos 20 e 21,a). Vinte e cinco peças estavam em fase de elaboração e, 173 estão fragmentadas. Um artefato apresentou sinais de reutilização e corresponde a 1 raspador de extremidade.

Entre as microlascas, 717 (1,852%) mostraram sinais de utilização como: 33 facas, 573 raspadores laterais, 94 raspadores de extremidade, 14 raspadores com escotadura, e 3 instrumentos fragmentados. Trabalhos de retoque foram executados em 189

(0,488%), correspondentes a: 93 raspadores laterais, 24 raspadores de extremidade, 1 raspador com escotadura, 15 raspadores de ponta, 1 raspador de ponta biselado, 1 raspador perpendicular, 16 raspadores unciformes, 1 raspador triangular, 10 pontas de projétil e 27 fragmentos de artefatos.

Cento e setenta e oito lâminas mostraram evidências de uso (0,460%). Estão representadas por 9 facas, 132 raspadores laterais, 17 raspadores de extremidade, 6 goivas, e 14 fragmentos de instrumentos. Cento e doze (0,289%) receberam trabalhos de retoque que definiram 1 faca, 33 raspadores laterais, 3 raspadores com escotadura, 2 raspadores convexos, 26 raspadores de ponta, 14 raspadores de ponta curva, 2 raspadores de ponta em bisel, 1 possível lesma, 1 bisel, 1 furador e 1 ponta de projétil. Cinco artefatos estavam em fase de elaboração e, 22 mostram-se fragmentados.

Cento e trinta e seis núcleos foram utilizados (0,359%) e correspondem a: 15 raspadores laterais, 15 raspadores de extremidade, 4 raspadores com escotadura, 5 talhadores, 13 quebradores de coquinhos, 2 abrasadores planos, 3 abrasadores côncavos, 16 corantes, 23 percutores, 1 alisador, 3 adornos, 5 trituradores e 6 bigornas. Duas peças estavam sendo elaboradas e, 21 estão quebradas.

Somente 21 peças (0,052%) receberam retoque e estão representadas por 2 raspadores laterais, 4 raspadores de extremidade, 3 raspadores de ponta, 2 raspadores carenados, 1 raspador convexo, 1 raspador plano-convexo, 1 raspador de bico, 6 cavadeiras (Foto 19,a-d) e 1 fragmento de artefato.

Excetuando-se os fragmentos atípicos e as pedras gretadas da coleção, as variedades de lascas somam 90,034% e, as de núcleos 0,901%. A soma dos artefatos elaborados sobre lascas também é maior que os confeccionados sobre núcleos: 5.140 e 156, respectivamente.

Para a elaboração dos artefatos, a técnica de lascamento inicial empregada foi a percussão direta. Em algumas o plano de percussão foi preparado.

Oxidação e pontos com impregnações são comuns na coleção. Alguns mostram oxidação intensa, assemelhando-se a pátina, a qual é menos freqüente.

O acabamento das peças foi executado, preferencialmente, através de pequenos lascamentos escamados e escamados progressivos. Em muitas, foram utilizadas as duas técnicas, resultando em um refinamento na conclusão do artefato. Poucas, especialmente as pontas de projéteis, mostraram lascamentos escamados e escamados progressivos associados a outros, paralelos. Apenas um artefato, correspondente a uma lâmina de machado ou cavadeira, definida

através de lascamentos de percussão direta mostra o alisamento em uma pequena porção de uma face do gume. Apresenta intensa oxidação.

Sinais de uso associados foram mais frequentes junto às lascas utilizadas.

Material Ósseo, Dental, Conchífero e Vegetal

Nos cortes-estratigráficos efetuados no sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas foram coletadas 2.965 evidências ósseas, dentais, conchíferas e vegetais. A maioria representa restos alimentares; alguns ossos foram utilizados posteriormente para a elaboração de artefatos.

Mil oitocentos e dois ossos (60,78%) correspondem a mamíferos terrestres de pequeno, médio e grande porte, peixes, anfíbios e pássaros da fauna atual. Estão representados por 670 ossos partidos, 18 mandíbulas, 55 crânios, 183 ossos longos, 153 epífises, 295 placas de tatu, 103 diáfises, 26 chifres, 23 vértebras, 22 falanges, 50 omoplatas, 24 carapaças de tartaruga, 52 costelas, 42 bacias, 8 unhas, 6 calcâneos, 25 clavículas, 9 astragalos, 6 ferrões de bagre, 1 placa de peixe e 14 dentes. A maioria está fragmentada e calcinada. Os ossos longos comumente estão quebrados em ambas as extremidades e as mandíbulas raramente conservam os dentes.

Dezessete fragmentos de ossos longos demonstram sinais de trabalho humano (0,57%). Em cinco foram observados trabalhos intencionais para a elaboração de peças. Doze correspondem a fragmentos de pontas de projétil (Foto 18).

Cento e trinta e três ossos são humanos, representando restos de enterramentos intrusivos. Alguns estão calcinados e, muitos, fragmentados. Correspondem a 26 epífises, 11 crânios, 5 rádios, 18 costelas, 4 falanges, 12 tíbias, 5 bacias, 2 vértebras, 16 ossos da face, 1 artelho, 1 esterno, 4 ulnas, 19 ossos longos, 2 maxilares, 4 ossos diversos e 3 dentes.

Foram coletadas 930 conchas inteiras ou fragmentadas (31,37%) referentes à fauna aquática e terrestre, representada por 803 lamelibrânquios e 127 gastrópodes. Muitas se mostram calcinadas.

Oitenta e três restos vegetais (2,80%) também foram obtidos. Correspondem a 16 fragmentos de madeira parcialmente carbonizada, 65 coquinhos jerivá, 1 semente não identificada e 1 grão de milho (todos carbonizados).

Os Índícios Arqueológicos

Setenta e sete pontos com indícios de sítios destruídos ou de ocupação esporádica de grupos pré-ceramistas foram registrados nos espaços trabalhados. Encontravam-se entre 6 e 919m de distância das

torres, sendo mais comuns entre 82 e 320m. Dez estavam no seu espaço de instalação e, somente 1 foi localizado mais distante, a 1.520m.

Em relação aos cursos fluviais, dispunham-se entre 7 e 1.231m das margens de córregos e, entre 5 e 1.094m de rios. Comumente, no entanto, estavam entre 52 e 320m dos cursos fluviais menores e, entre 192 e 591m dos maiores. Em relação ao nível médio do mar situavam-se entre 398 e 853m de altitude ocorrendo, com mais densidade, entre 427 e 786m.

Trinta e sete encontravam-se no flanco de elevações. Dezoito ocupavam o topo e, 14, terreno plano. Seis dispunham-se em pequenos platôs alongados, 1 na crista e, outro, no topo estendendo-se pela encosta. Comumente os locais mostravam-se cobertos por pastagens. Restos de mata ciliar eram vistos somente margeando os cursos fluviais.

Todos apresentavam perturbações antrópicas decorrentes de atividades agropastoris e urbanas modernas e, também, ocasionadas por agentes naturais, principalmente erosivas provocando sulcos e valas, assim como a intensa lixiviação do solo. Vinte e dois mostravam descaracterizações provocadas pela abertura de estradas de acesso a fazendas e às torres.

Trinta e cinco dispunham-se em solo marrom-avermelhado, 18 em solo de coloração marrom-claro, 11 em solo cinza-claro, 7 em solo cinza-escuro e 2 em solo marrom. Três apresentavam solo mesclado: marrom-avermelhado com cinza-claro, marrom-claro com cinza-claro e marrom-avermelhado com marrom-claro. O solo, em relação à textura, mostrava-se argilo-arenoso em 33 pontos, arenoso em 15, areno-argiloso em outros 15, argiloso em 8, siltoso em 3, siltico-arenoso em 1, siltico-argiloso em 1 e, detrítico em 1.

As evidências arqueológicas espalhavam-se por áreas variáveis entre 7,06m² e 2.550,46m². Geralmente de formato elíptico ocupavam, mais comumente, espaços entre 18,84m² e 235,50m². Seis pontos se caracterizaram pela presença de somente uma evidência lítica (As características dos indícios estão resumidamente expostos na Tabela 1).

O material era encontrado superficialmente, de forma esparsa.

Cortes-experimentais foram executados em todos os locais e em seus arredores, objetivando-se a localização de sítios. Mostraram-se, no entanto, infrutíferos.

Quatorze locais, pelas dimensões do espaço ocupado e/ou a presença mais numerosa de evidências inferem a permanência no local por tempo mais prolongado e, um número maior de pessoas, reportando-os a constituírem sítios-habitação. Os intensos trabalhos agrícolas nas áreas, entretanto, desestruturaram a camada de ocupação.

Alguns dos indícios registrados sugerem acampamentos para o desenvolvimento de atividades fora do espaço das aldeias como caça, pesca, coleta e exploração de matéria-prima para elaboração de artefatos.

Em 11 locais com indícios pré-cerâmicos observou-se a sobreposição de ocupações ceramistas. Nove misturavam-se a evidências cerâmicas de grupos da Tradição Tupiguarani. Compreendem os indícios PR RP L-3 com o PR RP C-10, PR RP L-9 com o sítio PR RP 11, PR SA L-4 com o PR SA C-6, PR SA L-6 com o PR SA C-24, PR SA L-9 com o PR SA C-33, PR SA L-17 com o PR SA C-60, PR SA L-21 com o sítio PR SA 55, PR SA L-22 com o PR SA C-32 e o PR MR L-8 com o PR MR C-17. Dois pontos, representados pelos indícios PR RP L-11 e PR MR L-11 evidenciaram reocupação por grupos da Tradição Itararé, compreendida pelos indícios cerâmicos PR RP C-9 e pelo sítio PR MR 39, respectivamente.

Material Lítico

Novocentas e quarenta e duas evidências líticas foram coletadas superficialmente nos locais rotulados como indícios, sendo constatadas as seguintes matérias-primas: sílexito (52,76%), arenito silicificado (40,66%), basalto (1,80%), meláfiro (1,59%), quartzito (1,59%), quartzo (1,17%), riolito (0,21%), arenito friável (0,11%) e gnaíse (0,11%).

Estão representadas por lascas e núcleos. As primeiras totalizam 80,57% da coleção, os núcleos 16,57% e, os fragmentos atípicos e pedras gretadas 2,87%.

Entre as lascas, foram registradas lascas simples com crosta (5,52%), lascas simples em forma de cunha (10,19%), lascas preparadas (12,95%), microlascas (26,75%) e lâminas (0,96%).

As lascas utilizadas (146) representam 15,50% da amostragem e correspondem a 10 facas, 77 raspadores laterais, 28 raspadores de extremidade, 6 raspadores com escotadura, 8 goivas, 3 talhadores, 1 alisador, 3 furadores e um instrumento fragmentado.

As lascas retocadas (45) somam 4,78% e estão representadas por: 10 raspadores laterais, 3 raspadores de extremidade, 4 raspadores de ponta, 1 raspador arqueado, 1 raspador elíptico, 3 raspadores carenados, 7 raspadores convexos, 2 raspadores unciformes e 2 pontas de projéteis. Seis artefatos estão fragmentados, e seis não chegaram a ser concluídos.

Dezesseis microlascas apresentam sinais de uso (1,70%) e inferem: 2 facas, 8 raspadores laterais e 6 raspadores de extremidade. Em 2 (0,21%) foram executados retoques, definindo 1 raspador lateral e 1 raspador de ponta.

Sete lâminas foram utilizadas (0,74%) e estão representadas por 2 facas, 4 raspadores laterais e 1 furador. Retoques foram efetuados em 12, que correspondem a: 1 raspador lateral, 1 raspador de extremidade, 7 raspadores de ponta, 1 artefato em elaboração e 2 fragmentos de artefatos.

Os núcleos esgotados correspondem a 9,13% da amostragem. Os núcleos utilizados a 5,63% e os retocados a 1,91%. Os primeiros estão representados por 51 peças representadas por: 6 raspadores laterais, 25 raspadores de extremidade, 1 raspador com escotadura, 7 talhadores, 1 abrasador côncavo, 5 percutores, 1 alisador, 4 trituradores e 1 fragmento de instrumento. Os retocados correspondem a 22 artefatos: 2 raspadores laterais, 2 raspadores de extremidade, 1 raspador carenado, 1 raspador perpendicular, 4 picões (Foto 19,e), 2 cavadeiras e 10 artefatos fragmentados.

Os picões ocorreram junto aos indícios PR MR L-12 (N°C 4139) PR MR L-34 (N°C 4249) e PR MR L-37 (N°C 4252) um picão e, uma cavadeira, aos indícios PR MR L-20 (N°C 4248) e, uma cavadeira, aos indícios PR MR L-17 (N°C 4144).

Para o lascamento inicial a técnica empregada foi a percussão direta. Em algumas se observou, inclusive, que o plano de percussão fôra preparado. Para o retoque das peças elaboradas sobre lascas e lâminas foram utilizados lascamentos escamados e escamados progressivos.

Oxidação e impregnação são comuns. A pátina ocorre com menor freqüência.

Uso associado é mais numeroso junto aos artefatos com evidências de utilização. Nos retocados é menos comum.

Período Ceramista

Nos espaços trabalhados pelo Projeto foram detectados 332 sítios e indícios de permanência temporária relacionados a grupos ceramistas; alguns pontos registrados como indícios representam sítios-habitação destruídos pela ocupação moderna. A análise dos sítios e dos traços recolhidos permitiu o seu agrupamento em três tradições arqueológicas: Itararé, Casa de Pedra e Tupiguarani, além de indícios referentes à ocupação histórica recente.

A mais representada nos espaços pesquisados foi a Tradição Itararé, com 62 sítios registrados. A esta tradição pertencem, ainda, 114 indícios; alguns ocorreram nos espaços ocupados por sítios do grupo pré-cerâmico e, outros, sobrepostos por camadas ocupacionais de grupos da Tradição Tupiguarani.

Um sítio e sete indícios correspondem a grupos da Tradição Casa de Pedra.

Quarenta e seis sítios e cem indícios estão relacionados à Tradição Tupiguarani. Entre os últimos, é grande o número de sítios-habitação descaracterizados pelas intensivas práticas agropecuárias. Superposição a ocupações de tradição pré-ceramista e Itararé também foram comuns.

Dois locais ainda, registrados como indícios, foram constatados e representam momentos da ocupação histórica recente da região.

A Tradição Itararé

Relacionados à Tradição Itararé foram registrados 62 sítios arqueológicos. Nove encontravam-se nos espaços de instalação das torres. Os demais estavam entre 12m e 792m de distância. Cinco foram constatados em áreas mais distantes, variando entre 1.108m e 2.040m. Foram estudados, no entanto, por situarem-se em estradas de acesso.

Em relação a cursos fluviais, distavam entre 77 e 1.141m de rios maiores. Situavam-se, entretanto, nas proximidades de córregos ou ribeirões, a distâncias variáveis entre 28 e 870m. Comumente estavam entre 125 e 497m, dispendo-se entre 6 e 156m acima do nível das águas dos córregos e, entre 431 e 966m acima do nível do mar.

Ocupando áreas utilizadas para cultivos e pastagens, 41 sítios estavam em terreno argilo-arenoso. Entre eles, 31 mostravam coloração marrom-avermelhado, 1 cinza, 1 marrom, 5 marrom-escuro, 1 cinza-escuro, 1 cinza-claro e em 1 mesclava marrom-escuro e marrom-avermelhado. Oito encontravam-se em solo argiloso, de tonalidade marrom-avermelhado em 6, cinza-claro em 1 e marrom-claro em outro. Em 6 o solo era de textura areno-argilosa, de coloração cinza-escuro em 3, marrom-claro em 1, marrom-avermelhado em 1, e cinza-claro em 1. Quatro situavam-se em solos arenosos. Eram de tonalidade cinza-escuro em 3 e marrom-avermelhado em 1. Um estava em solo argilítico cinza-claro e outro em solo detrítico cinza-escuro. Em um sítio o solo se mostrava parte argilo-arenoso e parte areno-argiloso, de colorações marrom-avermelhado e cinza-claro respectivamente.

Além das perturbações erosivas, outras, de origem antrópica, também foram constatadas nos sítios. Causadas pela ocupação moderna, estavam representadas, principalmente, pela implantação de atividades agropastoris. Trinta e um foram cortados pela abertura de estradas, muitas delas de acesso às torres e, 11, sofreram descaracterizações resultantes também de terraplenagens para instalação das torres.

Em todos os sítios foram realizadas coletas superficiais e, em alguns, também raspagens. Naqueles de maiores dimensões onde não foi possível detalhamento maior devido, principalmente, à degradação

ambiental, as tendências de concentração que algumas apresentavam, entretanto, orientaram a prática de coletas setorizadas.

Cortes-estratigráficos e trincheiras foram executados em 12 sítios que apresentaram pequenos espaços intactos: PR WB 1, PR SA 8, PR SA 17, PR SA 28, PR SA 32, PR SA 33, PR SA 40, PR MR 3, PR MR 6, PR MR 11, PR MR 18 e PR MR 39. No sítio PR SA 8, com 113,10m², foi possível a exposição de uma área com 36,88m² e, a sua topografia. Nos cortes executados foi comum a ocorrência de peças fragmentadas fazendo amontoados. Nesses casos formavam bolsões e poderiam indicar espaços de armazenamento de alimentos e líquidos.

Nos espaços de implantação dos sítios PR SA 34 e PR MR 15, estruturas subterrâneas foram registradas. Nelas, escavações amplas foram praticadas.

Sobreposições de ocupações verificaram-se em 34 sítios. Em 30 houve somente reocupação por grupos ceramistas da Tradição Tupiguarani. Reocupações correspondentes a dois grupos ceramistas de tradições culturais diferentes foram registradas somente no sítio PR SA 2: correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-11 e PR SA C-12. O primeiro está relacionado à Tradição Casa de Pedra e, o segundo à Tradição Tupiguarani. Os sítios PR MR 33 e PR MR 39 assentavam em espaços anteriormente ocupados por grupos pré-ceramistas, representados pelos indícios líticos PR MR L-33 e PR MR L-11, respectivamente. No espaço ocupado pelo sítio PR SA 27 foi constatada uma ocupação anterior correspondente ao sítio pré-ceramista PR SA 58 e, outra, posterior, representada pelos indícios cerâmicos PR SA C-50, de Tradição Tupiguarani.

Nos cortes-estratigráficos efetuados nos sítios com sobreposições das ocupações Itararé e Tupiguarani era comum, nos primeiros centímetros, a mistura do material das duas tradições.

Descrição dos Sítios Arqueológicos

PR SE 10: Rio Itararé - 1 (N°C 3689)

UTM: 0644230 - 7355703 (Município de São José da Boa Vista)

Sítio cerâmico localizado 792m a nordeste da torre 508 e, a 844m a noroeste da torre 509 (Fig. 26). Estava a 326m da margem direita de um córrego, afluente do rio Itararé, do qual distava 949m de sua margem esquerda. Situava-se no topo de uma elevação, 51m acima do nível das águas do curso fluvial menor e, 68m das do rio (546m s.n.m.).

O local e, os arredores, foram arados e estavam cobertos por pastagem. Às margens do córrego havia capoeira.

O solo mostrava-se arenoso e de coloração cinza-escuro.

O material arqueológico ocorria esparsos e superficialmente em uma área com 36x30m (847,80m²).

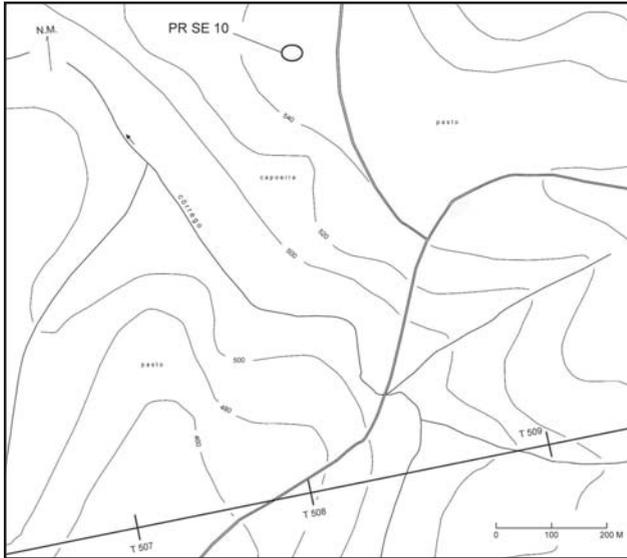


Figura 26: Localização do sítio cerâmico PR SE 10: Rio Itararé-1.

PR RP 10: Rio Alecrim-1 (N^oC 3540)

UTM: 0561907 - 7344449 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 27m ao norte da torre 312 (Fig. 27). Encontrava-se a 775m da margem esquerda do rio Alecrim e, a 645m da nascente de pequeno córrego, seu afluente. Dispunha-se no topo e na encosta suave de uma elevação voltada para as nascentes do curso fluvial maior, 156m acima do nível das águas do córrego (871m s.n.m.).

O local era explorado agricolamente. Estava arado, mas conservava restos de antiga plantação de milho e pastagem. Nos arredores, ao norte e nordeste, havia cultivo de café associado a feijão; a leste e oeste, pasto. Nas nascentes do córrego, em meio a pasto, permaneciam alguns eucaliptos.

O solo, com esparsos blocos de basalto pela superfície, mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa.

As evidências arqueológicas eram esparsas e superficiais. Ocorriam em uma área com 101x97m (7.690,65m²).

Apesar de descaracterizada pelas atividades agrícolas e pela abertura de uma estrada, a qual cortava o sítio no lado leste, o material se mostrava mais numeroso, tendendo a formar concentração, em uma

área com 52x44m (1.796,08m²) situada no espaço central da ocorrência.

Cortes experimentais efetuados nada evidenciaram em profundidade, sendo realizada somente coleta superficial.

Um fragmento de ponta de projétil foliácea intrusiva foi recolhido no local. Elaborada sobre lasca de silexito com lascamentos escamados e escamados progressivos, a peça apresenta intensa pátina inclusive na parte fraturada.

O extremo leste do sítio sobrepunha-se aos indícios cerâmicos PR RP C-2, de Tradição Tupiguarani.

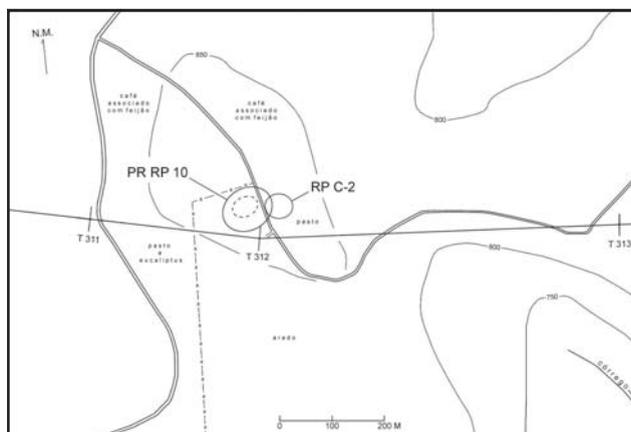


Figura 27: Localização do sítio cerâmico PR RP 10: Rio Alecrim-1 e, dos indícios cerâmicos PR RP C-2 (TPG). Na área do sítio, o espaço tracejado indica área com concentração de material arqueológico.

PR RP 13: Rio Alecrim-2 (N^oC 3568)

UTM: 0565224 - 7344345 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 130m ao sul da torre 318 e, 184m a sudoeste da torre 319 (Fig. 28). Encontrava-se a 256m da margem direita do rio Alecrim e, a 296m da margem esquerda de um córrego, seu afluente. Ocupava a encosta de suave elevação voltada para o curso fluvial maior, 45m acima do nível de suas águas (740m s.n.m.).

No local havia plantação de milho associada com feijão. Nos arredores, o terreno estava arado conservando-se, a oeste e ao norte, espaços com pasto e capoeira. Margeando os cursos fluviais, via-se faixa de mata secundária rarefeita.

O solo apresentava coloração marrom-claro e textura argilosa.

O material arqueológico dispunha-se em uma área com 52x51m (2.081,82m²). Era esparso e superficial. De suas porções centrais em direção ao canto leste, misturava-se aos indícios cerâmicos PR RP C-3, de Tradição Tupiguarani.

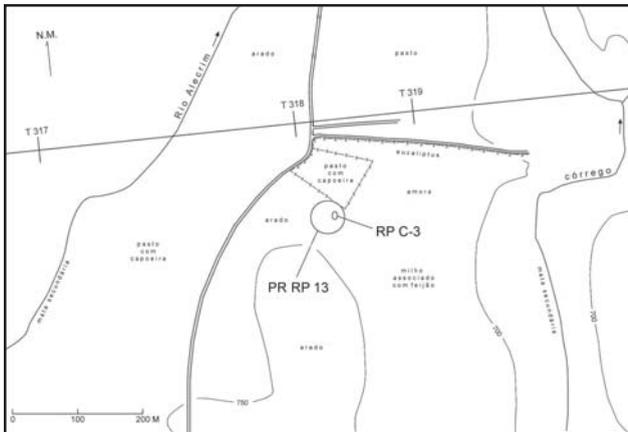


Figura 28: Localização do sítio cerâmico PR RP 13: Rio Alecrim-1 e, dos indícios cerâmicos PR RP C-3 (TPG).

**PR WB 1: Rio Laranjinha (N^oC 3545 e 3546)
UTM: 0580278 - 7346061 (Município de Arapoti)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 44m a leste da torre 351. Encontrava-se a 238m da margem esquerda do rio Laranjinha e, a 300m da margem esquerda do Arroio do Vinho (Fig. 29). Disponha-se na encosta de uma elevação com declividade suave voltada para o rio, 71m acima do nível de suas águas (706m s.n.m.).

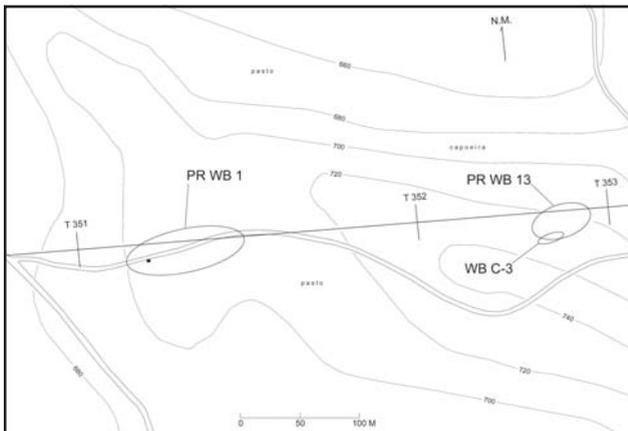


Figura 29: Localização dos sítios cerâmicos PR WB 1: Rio Laranjinha e PR WB 13: Arroio do Vinho (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-3 (ITA).

No local e, nos arredores, havia pasto e árvores esparsas.

Acompanhando as margens do rio, conservava-se estreita faixa de mata secundária.

O solo mostrava coloração cinza-escuro e textura arenosa.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 99x46m (3.574,89m²).

O sítio fôra cortado longitudinalmente, no sentido leste-oeste, por uma estrada, a qual dava acesso às torres. Apresentava, também, perturbações ocasionadas pelas práticas agrícolas.

Apesar dos danos verificados na camada de ocupação, pequeno espaço mostrava-se intacto, permitindo a abertura de corte-estratigráfico com 6m². Esse foi executado no centro-oeste do sítio, ao lado da estrada e sob a Linha de Transmissão.

O terreno, em declive para o rio, estava coberto por gramíneas e poucos arbustos. O solo era arenoso, cinza-escuro, com carvões e coquinhos carbonizados até 14cm de profundidade. Abaixo, até 17cm, mesclava-se com solo arenoso marrom-claro, quando passava a marrom-claro uniforme. As evidências arqueológicas foram registradas a partir de 17cm de profundidade, formando piso aos 20cm. Eram comuns até 22cm, sendo mais numerosas no lado leste.

Em vários pontos do corte, peças fragmentadas fazendo amontoados foram registradas. Neles, os fragmentos cerâmicos ocorriam até 25, 30 e 35cm de profundidade, formando bolsões, e poderiam indicar áreas de armazenagem de alimentos e líquidos.

Vários cortes-experimentais foram efetuados para a delimitação do sítio. Evidenciaram rarefação de material em direção às suas extremidades e, solo amarelado com concreções e seixos, aos 65cm de profundidade.

A leste, a 247m, se encontrava os indícios cerâmicos PR WB C-3, da Tradição Itararé.

PR WB 3: Rio do Café-1 (N^oC 3548)

UTM: 0588484 - 7347211 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado 222m a nordeste da torre 369, 268m a noroeste da torre 370 e, a 430m da margem direita do córrego Água Caratua (Fig. 30). Ocupava o topo de uma elevação com encosta íngreme voltada para o curso fluvial, 54m acima do nível das águas do córrego (809m s.n.m.).

O terreno era utilizado para agricultura, sendo cultivados café, milho e feijão. Curvas de nível agrícolas eram vistas nos espaços com plantações, para contenção do processo erosivo. Nos arredores havia pastagens e, junto às margens do rio, mata secundária.

O solo apresentava coloração cinza-escuro, textura areno-argilosa

e, grande quantidade de cascalhos de argilito na superfície.

O material arqueológico ocorria em uma área com 147x35m (4.038,82m²). Era mais numeroso, formando concentrações, nos cantos leste e noroeste do sítio. A primeira, denominada A, media 61x32m (1.532,32m²) e, a segunda (B), 50x19m (745,75m²).

O sítio fôra cortado, no sentido longitudinal, pela estrada de acesso às torres. As evidências arqueológicas espalhavam-se em seu leito, principalmente no canto leste, onde se situava a concentração A. A sudoeste, a 261m, estavam os indícios cerâmicos PR WB C-9, também de Tradição Itararé.

Sobrepostos ao sítio foram registrados, no seu extremo noroeste, junto à concentração B, os indícios cerâmicos PR WB C-8, de Tradição Tupiguarani.

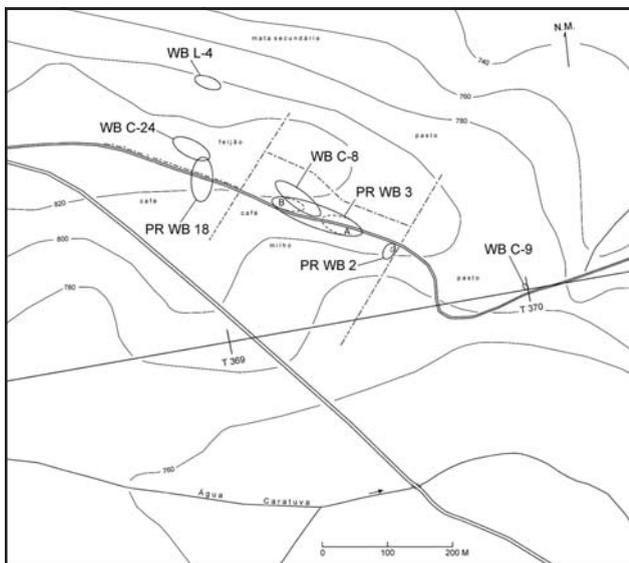


Figura 30: Localização dos sítios cerâmicos PR WB 2: Água Caratuva-1 (TPG), PR WB 3: Rio do Café-1 e PR WB 18: Água Caratuva-3 (ITA); dos indícios líticos PR WB L-4 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-8 (TPG), PR WB C-9 (ITA) e PR WB C-24 (TPG).

PR WB 5: Rio do Café-2 (N^oC 3553)

UTM: 0590263 - 7346692 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado 581m a sudeste da torre 373 e, 600m a sudoeste da torre 374 (Fig. 31). Estava a 538m da margem direita do rio do Café e, a 716m da margem direita do córrego Água Caratuva. Ocupava o topo de uma elevação, 78m acima do nível das águas do curso fluvial maior (773m s.n.m.).

O terreno, explorado agricolamente, estava com plantação de milho. Nos arredores predominava pastagem. Estreita faixa de mata secundária fôra preservada às margens dos cursos fluviais e, a sudeste, nas proximidades de uma estrada.

O solo, de textura areno-argilosa, mostrava coloração marrom-claro.

As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em uma área com 47x34m (1.254,43m²). Eram mais freqüentes nas suas porções centrais, em uma área com 23x15m (270,82m²).

O sítio, além das perturbações decorrentes das atividades agrícolas, foi cortado em seu canto oeste pela via de acesso à torre.

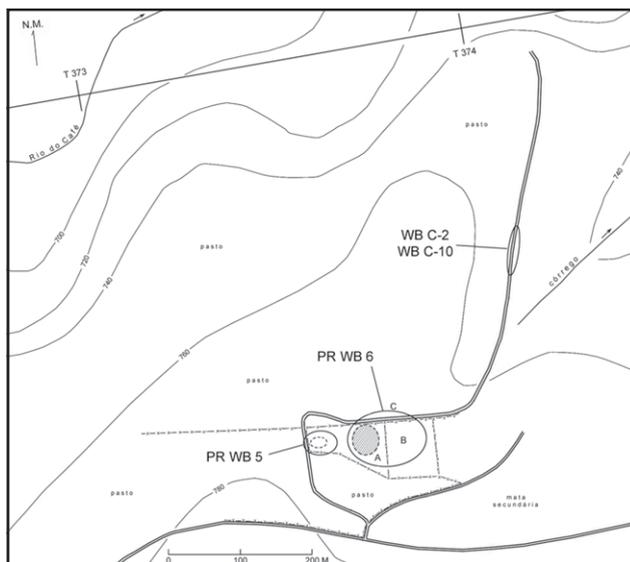


Figura 31: Localização dos sítios cerâmicos PR WB 5: Rio do Café-2 e PR WB 6: Rio do Café-3 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR WB C-2 (TPG) e PR WB C-10 (ITA). Os espaços tracejados assinalam áreas de concentração de material arqueológico. No sítio PR WB 6, os espaços alfabeticados indicam áreas de coletas setorizadas.

PR WB 11: Água Caratuva-2 (N^oC 3571) UTM: 0587073 - 7347390 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado 622m ao norte da torre 366 e, 782m a noroeste da torre 367 (Fig. 32). Encontrava-se a 1.141m da margem esquerda do rio do Café e, a 176m da margem esquerda do córrego Água Caratuva. Dispunha-se no topo de uma elevação voltada para o curso fluvial menor, 34m acima do nível de suas águas (864m s.n.m.).

O local situado 138m a leste da estrada para o Distrito de Caratuva, estava com pastagem. Somente acompanhando as margens do córrego, conservava-se rarefeita faixa de mata secundária.

O material arqueológico ocorria em meio a solo marrom-avermelhado, areno-argiloso, em uma área com 89x40m (2.794,60m²).

O local fôra cortado, no sentido oeste-sudeste, pela estrada de acesso às torres e, as evidências espalhavam-se em seu leito.

Cortes-experimentais efetuados na área nada evidenciaram e, somente coletas superficiais foram executadas.

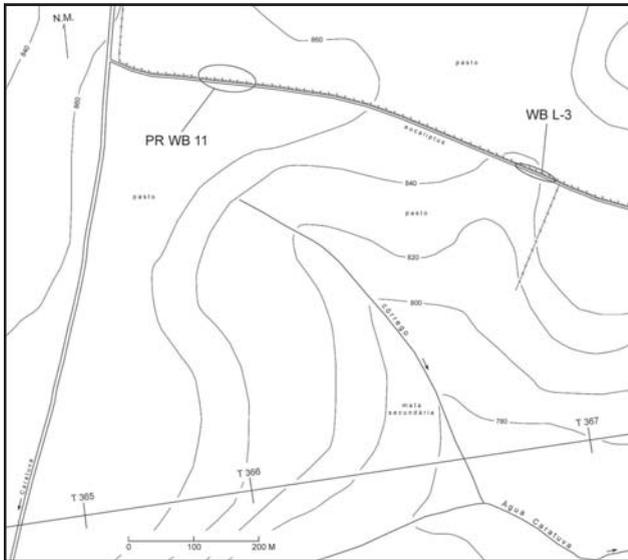


Figura 32: Localização do sítio cerâmico PR WB 11: Água Caratuvu -2 e, dos indícios líticos PR WB L-3 (UMB).

**PR WB 12: Rio do Café-5 (N^oC 3572)
UTM: 0597115 - 7348008 (Município de Pinhalão)**

Sítio cerâmico localizado 135m a sudeste da torre 391 e, a 239m a sudoeste da torre 392 (Fig. 33). Situava-se a 365m da margem esquerda de um córrego, afluente do rio do Café, do qual distava 730m de sua margem esquerda e, a 44m da estrada de acesso para as torres 385 a 391. Ocupava o topo de uma elevação, 48m acima do nível das águas do córrego (663m s.n.m.).

O terreno fôra arado e estava com pasto. Estreita faixa de mata secundária era vista somente nas margens dos cursos fluviais.

O solo apresentava coloração cinza-escuro e textura arenosa.

O material arqueológico espalhava-se por uma área elíptica com 212x38m (6.323,96m²). Era mais numeroso nos cantos leste e oeste do sítio, formando concentrações. Essas mediam 94x19m (1.402,01m²) e 61x30m (1.436,55 m²), respectivamente.

No local foram realizadas coletas superficiais setorizadas.

O sítio não foi estudado mais detalhadamente por situar-se fora da área estabelecida para ser atendida pelo Projeto.

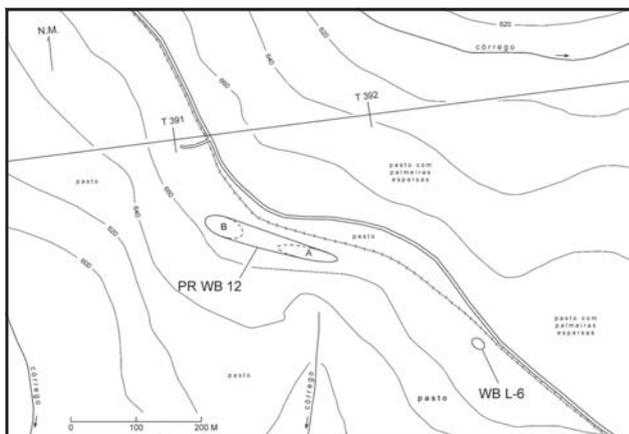


Figura 33: Localização do sítio cerâmico PR WB 12: Rio do Café-5 e, dos indícios Líticos PR WB L-6 (UMB). Os espaços tracejados no sítio assinalam áreas com concentração de material arqueológico.

PR WB 18: Água Caratuva-3 (N°C 4372)

UTM: 0588224 - 7347193 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado a 222m ao norte da torre 369 (Fig. 30). Situava-se no topo de uma elevação divisora de águas e com encosta íngreme, a 460m da margem esquerda do córrego Caratuva e, a 550m da margem direita do rio do Café (824m s.n.m.).

No local predominava cultivo de soja. Nos arredores viam-se plantações de café, eucaliptos, e faixa com capoeira. Restos de mata secundária foram conservados somente nas margens do rio.

O solo mostrava coloração cinza-escuro e textura arenosa-argilosa, com grande quantidade de pequenos blocos de argillito.

O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 68x32m (1.708,16m²), cortada em suas porções centrais pela estrada de acesso às torres 370 a 372. Era sobreposto, no lado norte, pelos indícios cerâmicos PR WB C-24, de Tradição Tupiguarani.

O ponto estava 95m a noroeste do sítio PR WB 3: Rio do Café-1, também de Tradição Itararé.

PR SA 2: Bairro do Felisberto (N°C 3647a 3649)

UTM: 0539908 - 7342612 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado no espaço de instalação da torre 262, a 337m da margem esquerda de um córrego e, a 346m da margem

direita de outro (Fig. 34). Estava a 1.708m da margem direita do córrego Água Morna e, a 2.383m da margem direita do ribeirão Água Grande. Ocupava o topo de uma elevação, divisora de águas, 44m acima do nível das águas do curso fluvial mais próximo (673m s.n.m.).

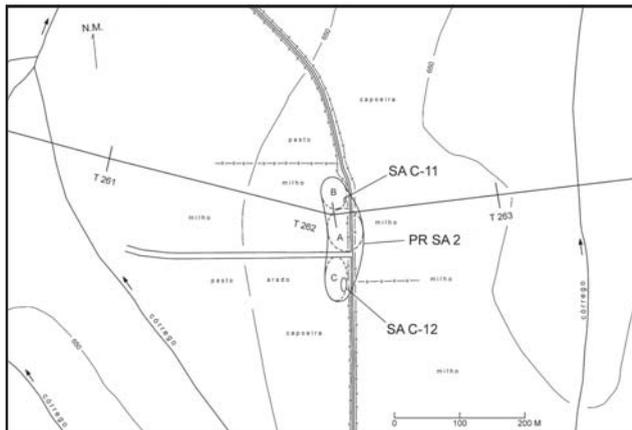


Figura 34: Localização do sítio cerâmico PR SA 2: Bairro do Felisberto e, dos indícios cerâmicos PR SA C-11(C-P) e PR SA C-12 (TPG). Os espaços tracejados e alfabetados indicam áreas com concentração de material arqueológico.

No terreno era cultivado milho. Nos arredores havia pastagem e bolsões com capoeira, a qual acompanhava, também, as margens dos córregos.

O solo, de coloração cinza-escuro e textura argilo-arenosa mesclava, no lado sul, com solo de tonalidade marrom-claro. Na superfície eram comuns blocos de basalto.

Além de perturbações ocasionadas pelas atividades agrícolas, o sítio apresentava danos ocasionados pelas obras de instalação da torre e, ainda, pela abertura de duas estradas. Uma o cortava longitudinalmente no sentido norte-sul. A outra, bifurcando da anterior, situava-se quase em suas porções centrais, atingindo-o no sentido leste-oeste.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área elíptica com 193x55m (8.332,77m²). O material ocorria superficialmente, mas tendia a formar concentrações em três pontos distintos. A concentração "A" foi localizada nas porções centrais do sítio e media 67x55m (2.892,72m²); a "B" situava-se no extremo noroeste da "A" e media 51x39m (1.561,36m²). A concentração "C", com 68x35m (1.868,30m²), estava a sudoeste da "A".

Apenas coletas superficiais setORIZADAS puderam ser efetuadas, pois a camada de ocupação fôra totalmente descaracterizada.

Indícios de reocupação do espaço por grupos das tradições ceramistas Casa de Pedra e Tupiguarani foram anotados em dois pontos do sítio: o primeiro, registrado como PR SA C-11, situava-se no lado sudeste da concentração “B”; o segundo encontrava-se no lado leste da concentração “C” e, foi registrado como PR SA C-12.

Restos de ocupação recente foram observados no espaço da concentração B. Estavam representados por pedaços de plástico, vidros e telhas francesas.

**PR SA 4: Córrego do Felisberto-2 (N^oC 3651)
UTM: 0536384 - 7343531 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado no leito da estrada de acesso à torre 255 e, na sua área de instalação (Fig. 35). Encontrava-se a 353m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande e, a 1.540m da margem direita do córrego Felisberto. Dispunha-se no topo de uma elevação, 112m acima do nível das águas do segundo curso fluvial (727m s.n.m.).

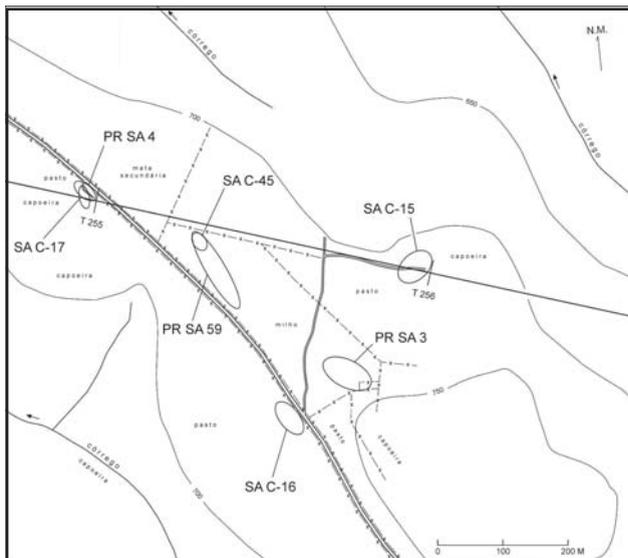


Figura 35: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 3: Córrego do Felisberto-1 (TPG), PR SA 4: Córrego do Felisberto-2 e PR SA 59: Córrego do Felisberto-3 (ITA), dos indícios cerâmicos PR SA C-15 (TPG), PR SA C-16 (ITA), PR SA C-17(TPG) e PR SA C-45 (TPG).

O terreno, com solo argilo-arenoso de tonalidade marrom-avermelhado estava com pasto. Nos arredores havia capoeira. Blocos de basalto eram comuns na superfície, mostrando-se mais numerosos a oeste e sul da área.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 40x20m (628m²). O local fôra cortado pela estrada de acesso à torre nos sentido norte-sudeste e, o material arqueológico foi exposto em seu leito. Eram esparsas e superficiais.

Cortes-experimentais foram efetuados na área. Evidenciaram a completa desestruturação da camada de ocupação.

O sítio estava sobreposto, no lado sul, pelos indícios cerâmicos PR SA C-17, de Tradição Tupiguarani. Indícios cerâmicos da Tradição Itararé, registrados como PR SA C-16, foram constatados 422m a sudeste do sítio.

**PR SA 6: Sítio Camargo-2 (N^oC 3653)
UTM: 0535908 - 7343912 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado ao lado de uma estrada vicinal, da qual derivava a via de acesso à torre 253 (Fig. 36). Situava-se 348m a noroeste da torre 254 e, 480m a nordeste da torre 253. Em relação a cursos fluviais, estava a 483m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande e, a 2.058m da margem direita do córrego Felisberto. Ocupava o topo de uma elevação, 62m acima do nível do primeiro curso fluvial (704m s.n.m.).

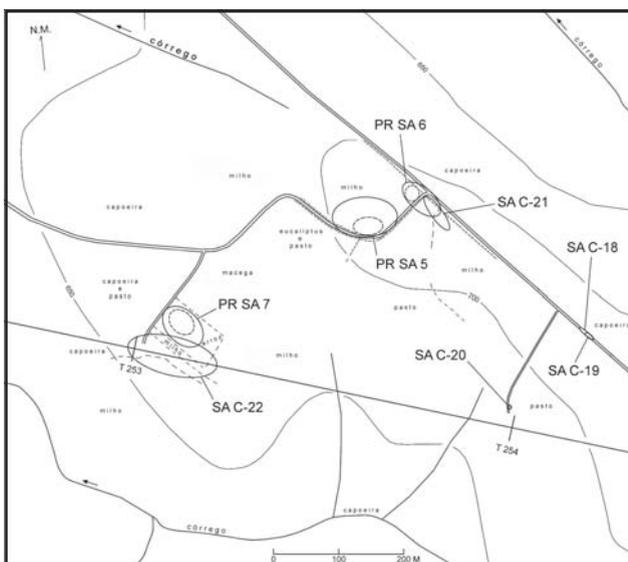


Figura 36: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 5: Sítio Camargo-1 (TPG), PR SA 6: Sítio Camargo-2 e PR SA 7: Sítio Camargo-3 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SAC-18 (ITA), PR SAC-19 (TPG), PR SAC-20 (TPG), PR SA C-21(TPG) e PR SA C-22 (ITA). As elipses tracejadas nos espaços dos sítios indicam áreas com concentração de material arqueológico.

No local, anteriormente utilizado como pastagem, havia milho com gramíneas. Nos arredores pasto, capoeira e milho.

O solo, argilo-arenoso, era de coloração marrom-escuro. Ao norte e oeste tornava-se marrom-avermelhado, com fragmentos de silte.

O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente em uma área com 71x35m (1.950,72m²). Era mais numeroso, tendendo a formar concentração, em uma área com 24x21m (395,64m²) situada no seu lado oeste.

O sítio foi descaracterizado pelas atividades agrícolas mecanizadas e, pela abertura de estradas. Uma delas, de maior tráfego, atingiu o extremo leste da área de ocorrência. A outra, bifurcando dessa, cortou as suas porções centrais no sentido leste-oeste.

Reocupação do espaço por grupo da Tradição Tupiguarani foi constatado no seu extremo sudeste. Está representado pelos indícios cerâmicos PR SA C-21.

Indícios cerâmicos da Tradição Itararé, registrados como PR SA C-18 e PR SA C-22, foram localizados 280m a sudeste e, 408m a sudoeste do sítio, respectivamente.

PR SA 8: Água da Cangaia (N^oC 3655 a 3658 e 3776 a 378 UTM: 0534206 - 7344012 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 34m a leste da torre 250, ao lado de sua estrada de acesso (Fig. 37).

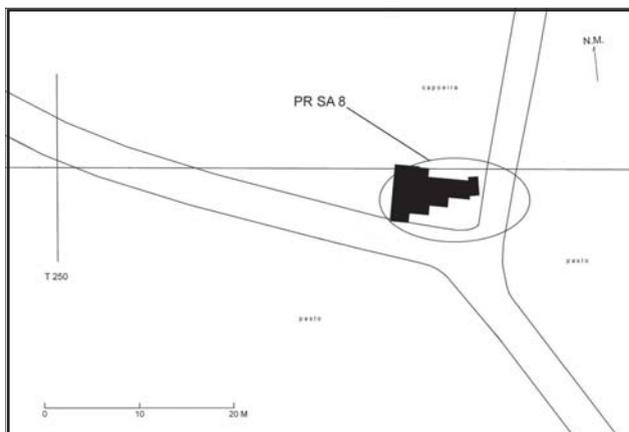


Figura 37: Localização do sítio cerâmico PR SA 8: Água da Cangaia, com indicação do espaço escavado, em preto.

Encontrava-se a 531m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande, do qual distava 2.062m de sua

margem esquerda e, a 490m da margem esquerda do córrego Água da Cangaia. Ocupava o topo de uma elevação em forma de crista alongada e divisora de águas, com as encostas suaves voltadas para os cursos fluviais. Disponha-se 56m acima do nível das águas do segundo córrego (625m s.n.m.).

O terreno estava com pasto. Apenas nas margens do curso fluvial mais próximo fôra preservada faixa de mata secundária.

O solo apresentava textura argilo-arenosa e coloração marrom-avermelhado. Era compacto e mostrava grande quantidade de blocos de basalto na superfície.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 16x9m (113,10m²).

De acordo com informações fornecidas pelo proprietário, o local não fôra arado. Mostrava perturbações ocasionadas pela abertura de uma estrada, hoje abandonada, que o cortava no sentido sudeste-nordeste. Em seu leito, as evidências arqueológicas eram numerosas.

Diversos cortes-experimentais foram executados para a delimitação da área do sítio. Evidenciaram pontos com maior concentração de material arqueológico e, a presença de solo marrom-escuro em espaços intactos, permitindo a abertura de cortes-estratigráficos (Foto 10).

Foram abertas 11 quadras, geralmente com 4m² cada uma. Algumas tiveram dimensões diferentes para atender necessidades que surgiram durante os trabalhos, totalizando 36,88m² de área exposta. A disposição das quadras resultou da tendência de dispersão dos traços arqueológicos.

Todas estavam com a superfície coberta por pasto e apresentaram a mesma estratigrafia: solo marrom-escuro, argilo-arenoso, até 15cm de profundidade. Abaixo se tornava marrom-avermelhado, argiloso. Nas proximidades da estrada, o solo escuro ocorria até 5 ou 8cm de profundidade, tornando-se então avermelhado e argiloso. Carvões e fragmentos de madeira crestada, provenientes de queima recente para limpeza do terreno, eram comuns até 7cm de profundidade.

O material arqueológico ocorria com mais freqüência entre 8 e 15cm de profundidade. Nas porções centrais da área escavada foram registrados a partir de 4cm de profundidade. Formava piso aos 15cm, sobre alinhamento de basalto. Em aprofundamentos constatados nas proximidades de grandes blocos de basalto, os quais não chegaram a formar estruturas, atingiram 20cm de profundidade. Esses blocos, de dimensões variadas, foram comuns em todo espaço exposto. Mostravam-se mais numerosos, no entanto, da parte central da área

em direção ao lado noroeste. Em pontos isolados dos cortes, quase sempre em meio a blocos de basalto, peças fragmentadas formando amontoados foram registradas (Fig. 38).

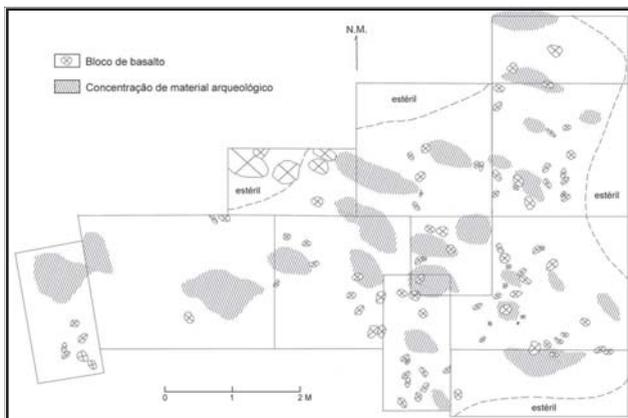


Figura 38: Topografia dos espaços escavados no sítio PR SA 8: Água da Cangaia.

**PR SA 10: Bairro Xaxim-1 (N°C 4568)
UTM: 0534774 - 7342507 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado a 71m da margem esquerda de um córrego, afluente do córrego Felisberto, a 1.420m a sudoeste da torre 253 e, a 1.480m ao sul da torre 251 (Fig. 39).

Situava-se no topo de uma elevação com encostas suaves, 13m acima do nível das águas do córrego (667m s.n.m.).

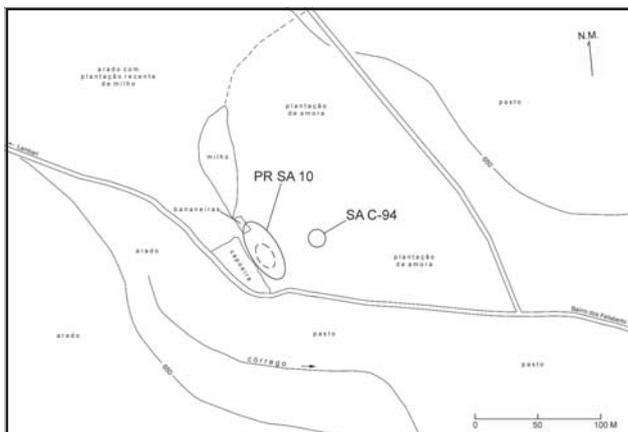


Figura 39: Localização do sítio cerâmico PR SA 10: Bairro Xaxim-1 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-94 (TPG). A área tracejada indica concentração de material arqueológico.

No local, ao norte, sul e leste, havia plantação de amora; a oeste e sudoeste, faixa com capoeira.

O solo apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com pequenos blocos de basalto na superfície. Em meio à capoeira, permaneciam grandes blocos da mesma rocha.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 51x22m (880,77m²). Tendiam a ser mais freqüentes, formando concentração, nas porções centrais, em uma área com 20x11m (172,70m²).

Cortes-experimentais foram efetuados no espaço com capoeira e, também, na concentração, mas mostraram-se estéreis em profundidade. Neles o solo marrom-avermelhado, argilo-arenoso foi constatado até 15cm de profundidade. Abaixo mantinha a mesma coloração, porém tornava-se argiloso e compacto.

**PR SA 12: Córrego do Mato Bom-1 (N^oC 3715 a 3718)
UTM: 0546636 - 7343727 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, na área de instalação da torre 276, 185m a oeste da torre 277 (Figs. 40 e 88). Ocupava a encosta e o topo de uma elevação suave, a 310m da margem esquerda de um córrego, afluente do córrego Mato Bom e, a 315m da nascente de outro, afluente do córrego do Couro. Encontrava-se 50m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (672m s.n.m).

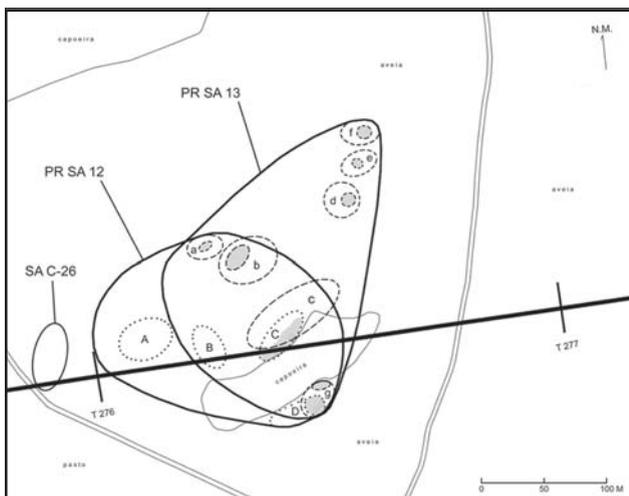


Figura 40: Planta dos sítios cerâmicos PR SA 12: Córrego do Mato Bom-1 e PR SA 13: Córrego do Mato Bom-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-26 (TPG). Os espaços hachurados indicam manchas de terra marrom-escura.

O terreno estava arado, com recente plantação de aveia. Superficialmente e, até 10cm de profundidade, viam-se resíduos de antigos cultivos de soja e milho. Nós de pinheiros também eram comuns. Nos arredores havia extensas plantações de aveia; a noroeste, faixa de mata secundária; ao sul e sudoeste, estrada de acesso a fazendas e reflorestamentos da Inpacel e, a sudeste espaços com reflorestamento de pinus.

O local apresentava perturbações no extremo oeste, decorrentes da instalação da torre 276. Conservava, nos lados sul e leste, faixa de capoeira com 158x35m (4.341,05m²), na qual foram depositados troncos e galhos retirados quando da limpeza da área para plantio.

O solo era argilo-arenoso, de coloração marrom-avermelhado, com grânulos de basalto e argilito.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 200x140m (21.980m²). Mostravam-se muito fragmentadas e dispersas em consequência das atividades agrícolas.

Apesar das perturbações constatadas, 4 concentrações realçadas por manchas de terra escura puderam ser delimitadas. A concentração "A" situava-se no lado oeste do sítio, 20m a leste de seu extremo. Media 43x31m (1.046,40m²); a "B" foi registrada 16m a leste da "A" e media 35x20m (549,50m²); a concentração "C" encontrava-se 25m a leste da "B" e era limitada, no lado sul, pelo espaço com capoeira. Media 49x35m (1.346,27m²). Apresentava, das suas porções centrais em direção sul, adensamento de material arqueológico em solo marrom-escuro tendendo para o preto, em uma área com 49x19m (730,83m²). A concentração "D" media 46x16 (577,76m²). Situava-se no lado sudeste do sítio e do trecho com capoeira, 40m ao sul da concentração "C". Conservava, no lado leste, mancha de terra marrom-escuro tendendo para o preto com 16x15m (188,40m²). Nela, as evidências eram mais numerosas, formando adensamento.

Inúmeros cortes-experimentais foram executados na área do sítio, principalmente nos espaços das concentrações. Nas duas primeiras (A e B), evidenciaram total desestruturação da camada arqueológica. O solo, de coloração marrom-escuro, argilo-arenoso, com restos de cultivos de soja e milho, raízes, radículas e nós de pinheiros queimados, ocorria até 15cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom-claro, argiloso e compacto. Raras evidências ocorreram até 10cm de profundidade, em meio ao solo revolvido. Nos adensamentos das concentrações "C" e "D", o solo escuro atingia 25cm de profundidade, quando mesclava com solo marrom-claro, argiloso e compacto. Apresentava-se friável até cerca de 20cm de profundidade.

Abaixo, até 25cm mostrava-se mais compacto, correspondendo à base da camada de ocupação. O material arqueológico era mais freqüente até 18cm de profundidade, junto ao solo remexido. Entre 20 e 25cm, era esparsa.

O sítio era sobreposto, nas porções centrais e lado leste, pelo sítio PR SA 13: Córrego Mato Bom-2, de Tradição Tupiguarani.

Indícios da Tradição Itararé foram registrados 393m a nordeste. Correspondem ao PR SA C-25.

**PR SA 16: Bairro Xaxim-2 (N^oC 4569 a 4574)
UTM: 0532552 - 7343108 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado a 140m da margem esquerda de um córrego, afluente do rio Barra Grande, a 1.340m ao sul da torre 246 e, a 1.514m a sudeste da torre 245 (Fig. 41). Disponha-se no topo de uma elevação, com encostas suaves voltadas para o córrego, 56m acima do nível de suas águas (671m s.n.m.).

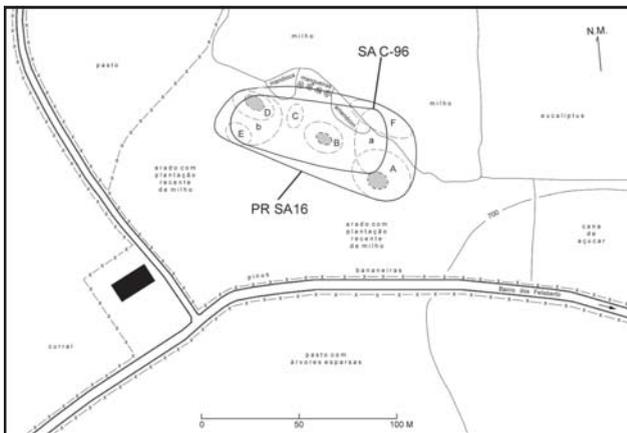


Figura 41: Localização do sítio cerâmico PR SA 16: Bairro Xaxim-2 e dos indícios cerâmicos PR SA C-96 (TPG). Os espaços tracejados na área do sítio e dos indícios indicam concentrações de material arqueológico e, os hachurados no sítio, áreas com adensamento de evidências.

O local e arredores estavam com cultivos diversos. Acompanhando as margens do curso fluvial menor havia capoeira.

O solo, de textura argilo-arenosa, mostrava coloração marrom-escuro das porções centrais do sítio em direção ao seu extremo norte. Em direção sul era marrom-avermelhado, com grande quantidade de argilite na superfície.

O material arqueológico ocorria em uma área com 105x46m

(3.791,55m²). O sítio era composto por 6 áreas com concentrações de evidências. A concentração denominada A foi localizada no extremo sul do sítio, 11m a sudeste da concentração B e, 14m ao sul da F. Media 31x24m (584,04m²) e apresentava espaço com adensamento com 11x7m (60,45m²) em suas porções centrais. A concentração B, com 20x15m (235,50m²) encontrava-se na parte central do sítio, 11m a noroeste da A e, 5m a sudeste da C. Com solo de coloração marrom-escuro, conservava espaço com adensamento em seu centro com 9x5m (35,33m²). A concentração C situava-se no centro norte do sítio, 5m a noroeste da B e a 7m a leste da D. Apresentando solo de coloração marrom-escuro, ocupava uma área com 12x8m (75,36m²). A concentração D media 22x13m (224,51m²). Dispunha-se no lado noroeste do sítio, 7m a oeste da superfície C e 4m a nordeste da E. Mostrava solo de tonalidade marrom-escuro e textura argilo-arenosa e, adensamento de material do centro em direção ao extremo norte, em uma área com 11x6m (51,81m²). A concentração E, com área de 13x10m (102,05m²) encontrava-se no extremo oeste do sítio, 4m a sudoeste da D. Finalmente, a concentração F, com 34x13m (346,97m²) foi localizada no extremo nordeste do sítio, 14m ao norte da A e 16m a nordeste da B. Apresentava do centro em direção oeste, solo marrom-escuro e, na direção oposta, marrom-avermelhado.

Cortes-experimentais foram realizados nas áreas de adensamento das concentrações A, B e D e, também na concentração F. Evidenciaram a presença de solo marrom escuro até 12cm de profundidade. Abaixo ocorria uma faixa de solo preto, com carvão e pedregulhos de argilito. Aos 15cm o solo tornava-se marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Evidências foram registradas somente nas proximidades da superfície. Na área da concentração F o solo marrom-escuro foi registrado até 10cm de profundidade, quando atingia uma linha de argilito. Tornava-se a seguir, marrom-avermelhado, argiloso e compacto.

Sobrepondo a ocupação Itararé foram registradas evidências da Tradição Tupiguarani correspondentes aos indícios cerâmicos PR SA C-96.

**PR SA 17: Fazenda Bonanza-1 (N^oC 3733 e 3734)
UTM: 0527027 - 7342506 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 32m a nordeste da torre 232, 46m ao sul da estrada de acesso às torres 232 a 235 (Fig. 13). Ocupava o topo alongado e a encosta de uma elevação, 184m da margem esquerda de um córrego, 45m acima do nível de suas águas (632m s.n.m.).

O local e os arredores estavam com pasto. Às margens do córrego

e, em pequenos vales, conservavam-se faixas de mata secundária.

Na superfície do terreno, tanto na encosta como no topo da elevação, eram comuns depressões elípticas ou circulares ladeadas por amontoados de terra resultantes da destoca da área.

O solo, argilo-arenoso, de coloração marrom-avermelhado, mostrava-se revolvido e sofria processo de erosão laminar.

O material arqueológico dispunha-se em uma área com 50x20m (785m²), orientando seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego. Era encontrado superficialmente, nas trilhas de gado e, até 15cm de profundidade.

Cortes-experimentais evidenciaram, no topo da elevação, que a base da ocupação permanecia intacta, possibilitando a abertura de corte-estratigráfico. Nesses cortes, o solo apresentava coloração preta e textura friável, intercalado com solo mesclado preto e marrom-avermelhado, com grânulos e blocos de basalto e diabásio. Esses ocorriam desde a superfície até 20cm de profundidade. Nesse espaço as evidências arqueológicas misturavam-se ao material relacionado ao sítio PR SA 18: Fazenda Bonanza-2, de Tradição Tupiguarani, o qual se sobrepunha à ocupação Itararé.

Na encosta leste, os cortes-experimentais mostraram total revolvimento da camada arqueológica. No corte executado, com 3m², o solo era argilo-arenoso, marrom-escuro da superfície até 15cm de profundidade. Abaixo, até 20cm, misturava-se com blocos e grânulos de basalto e diabásio. Aos 20cm, o solo escuro mesclava com outro, de coloração marrom-avermelhado e textura mais argilosa. O material arqueológico ocorria em meio ao solo escuro. Os fragmentos cerâmicos registrados na superfície eram de pequenas dimensões. Mostravam-se maiores à medida que se aproximavam da camada de basalto, formando alinhamento. Raros foram localizados em meio ao basalto. Depressões de raízes foram comuns. Nelas a terra era friável, com raras evidências arqueológicas.

PR SA 20: Arroio Belo-1 (N^oC 3737 a 3743 e 3799)

UTM: 0523960 - 7340320 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 100m a nordeste da torre 225. Situava-se na encosta de uma elevação, a 628m da margem esquerda do Arroio Belo, afluente da margem direita do ribeirão Mococa, do qual distava 2.045m (Fig. 42). Encontrava-se 84m acima do nível das águas do curso fluvial menor (800m s.n.m.).

O local, assim como os arredores, eram utilizados para agricultura há vários anos. Estavam com plantação de amora. Ao norte via-se pequeno trecho com pasto. Mata secundária, muito rarefeita,

fôra preservada apenas margeando o córrego e, nas encostas mais íngremes.

O solo era de textura argilo-arenosa e coloração marrom-avermelhado, com grânulos esparsos de basalto e diabásio. Sofria processo erosivo laminar. A oeste, cortando a área de ocorrência, o leito de antiga estrada apresentava, também, erosão linear.

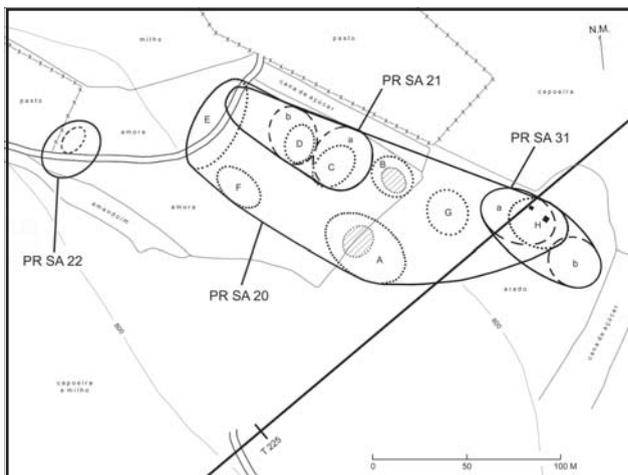


Figura 42: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 20: Arroio Belo-1, PR SA 21: Arroio Belo-2 (TPG), PR SA 22: Arroio Belo-3 (TPG) e PR SA 31: Arroio Belo-5 (TPG). Os espaços tracejados e alfabetados nos sítios indicam áreas com concentração de material arqueológico.

As evidências arqueológicas dispunham-se em uma área elíptica com 155x65m (7.908,87m²). Eram mais numerosas em sete pontos, formando concentrações: a concentração “A” foi registrada no lado sul do sítio. Media 47x30m (1.106,85m²). A “B”, localizada 15m a nordeste da “A”, media 24x19m (357,96m²); a “C”, com 26x17m (346,97m²), situava-se 20m a oeste da “B”; a “D” dispunha-se 5m a noroeste da “C” e media 21x15m (247,28m²). As três ocupavam o lado norte do sítio. A concentração “E”, com 54x23m (974,97m²) encontrava-se no lado oeste do sítio, 27m a oeste da concentração “D”. Era cortada, no sentido nordeste-sudoeste, por antiga estrada. A concentração “F” foi localizada 6m a sudeste da “E”. Media 23x17m (306,94m²). A concentração “G”, com 24x21m (207,24m²), dispunha-se no lado leste do sítio, 13m a leste da concentração “A”. Finalmente, a concentração “H”, registrada 22m a leste da “G”, media 32x24m (602,88m²).

As atividades agrícolas danificaram as estruturas do sítio e alteraram a disposição das peças na sua superfície. Em duas

concentrações, no entanto, foi possível a delimitação de espaços com adensamento de material, inferindo bases de cabanas. O primeiro foi registrado nas porções centrais da concentração “A”, em uma área com 17x15m (200,18m²). Outro foi constatado na concentração “B”, em uma área com 15x11m (129,53m²) situada, também, nas porções centrais.

Cortes-experimentais realizados evidenciaram a total descaracterização da camada de ocupação. Apresentaram solo marrom-avermelhado, com fragmentos cerâmicos esparsos desde a superfície até 15cm de profundidade.

Apenas coletas superficiais setorizadas puderam ser realizadas.

Reocupação do local por grupo Tupiguarani foi constatado na área do sítio, o qual era sobreposto, das porções centrais em direção aos lados norte, nordeste e noroeste, pelo sítio PR SA 21: Arroio Belo-2.

Relacionados à Tradição Itararé foram localizados a 201m a nordeste do sítio os indícios cerâmicos PR SA C-41 e, ao sul, o sítio PR SA 23: Arroio Belo-4.

PR SA 23: Arroio Belo-4 (N^oC 3748 a 3751)

UTM: 0524041 - 7340006 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 172m a sudeste da torre 225, nas proximidades de sua estrada de acesso (Fig. 43). Encontrava-se a 870m da margem esquerda do Arroio Belo e, a 2.163m da margem direita do ribeirão Mococa. Dispunha-se em um platô alongado, 74m acima do nível das águas do arroio (790m s.n.m.).

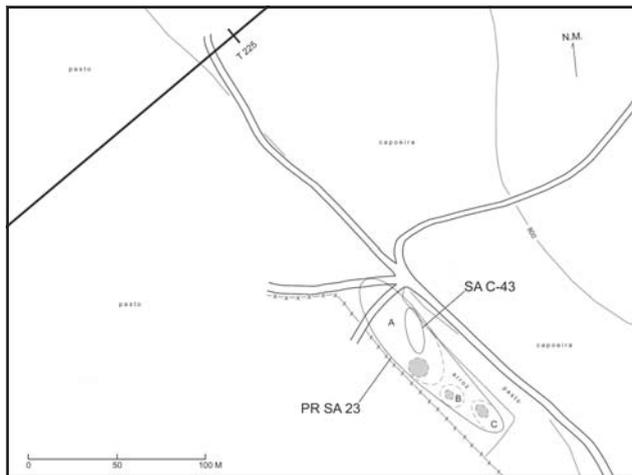


Figura 43: Planta do sítio PR SA 23: Arroio Belo-4 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-43 (TPG). Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de material e, os hachurados, espaços com adensamentos.

No terreno, arado, era cultivado arroz. Nos arredores predominavam pastagens e capoeira. A leste conservava-se pequena reserva de mata secundária.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Apresentava-se erodido laminarmente.

O material arqueológico espalhava-se em uma área elíptica com 114x28m (2.505,72m²). Era superficial.

O sítio, além das perturbações ocasionadas pelas atividades agrícolas, fôra cortado no lado noroeste por duas estradas secundárias, as quais, nesse ponto, bifurcavam de outra que passava a leste da área de ocorrência.

Apesar de descaracterizado, o sítio possibilitou a delimitação de três áreas com maior número de evidências e, também, de espaços com adensamento de material, provavelmente correspondentes às bases de habitações.

A concentração "A", que mostrava maior dispersão de material, ocupava as porções centrais do sítio, direcionando-se ao seu lado noroeste (Fig. 44). Suas dimensões eram de 71x28m (1.560,58m²) e, adensamento com 11m de diâmetro (94,99m²) foi definido no seu lado sul. Pelas suas dimensões e quantidade de material, deveria comportar outros espaços semelhantes, destruídos pela ação do arado e pela abertura das estradas. A concentração "B" foi localizada 4m a sudeste da "A". Media 15x11m (129,53m²) e conservava, nas porções centrais, adensamento com 5m de diâmetro (19,63m²). A concentração "C", com 22x12m (207,24m²), situava-se 5m a sudeste da "B". Adensamento de material foi constatado das suas porções centrais em direção ao lado noroeste, por uma área com 9x5m (35,33m²).

No espaço da concentração "A" foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-43, indicando reocupação do local por grupo da Tradição Tupiguarani.

Pelas condições ruins do sítio, somente coletas superficiais foram efetuadas.

Sítio e indícios cerâmicos pertencentes à mesma tradição foram registrados 219m ao norte e, 439m a nordeste da área de ocupação. Correspondem ao sítio PR SA 20: Arroio Belo-1 e, aos indícios PR SA C-41, respectivamente.

PR SA 26: Sapê-2 (N^oC 3787)

UTM: 0522562 - 7339122 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 2m ao sul da torre 222 e, a 279m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 44). Situava-se no topo de uma elevação, 45m acima do nível das águas do

córrego (751m s.n.m.).

O terreno estava com pastagem. A sudeste havia plantação de cana-de-açúcar. Nas proximidades predominavam pastagens. Somente às margens do córrego fôra preservada estreita faixa de mata secundária.

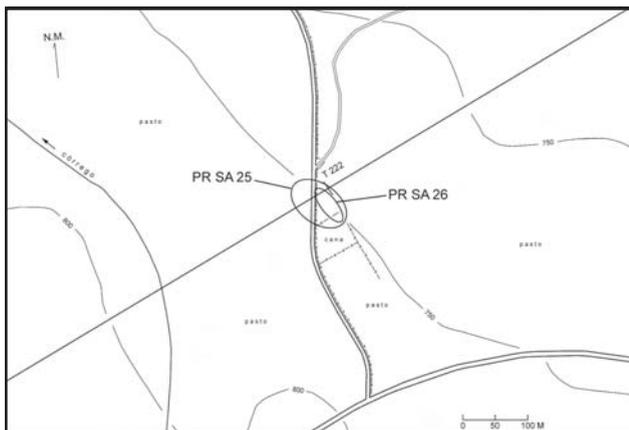


Figura 44: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 25: Sapê -1 (TPG) e PR SA 26: Sapê -2.

O solo era marrom-avermelhado, argilo-arenoso. Junto ao espaço com cultivo de cana-de-açúcar, mostrava coloração marrom-claro.

O local apresentava-se bastante alterado em consequência das atividades agropecuárias desenvolvidas.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 64x24m (1.205,76m²). Eram superficiais e esparsas.

O sítio era sobreposto por ocupação Tupiguarani, correspondente ao sítio PR SA 25: Sapê-1.

PR SA 27: Ribeirão Mococa-1 (N^oC 3788)

UTM: 0521106 - 7338001 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 218, 125m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 18). Situava-se no topo de uma elevação, 60m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (772m s.n.m.).

O terreno, alongado e plano, estava com pasto. Apresentava encostas íngremes ao norte, sul e oeste. Nos arredores predominavam pastagens. Somente às margens da nascente do ribeirão Mococa permanecia faixa com capoeira alta.

O solo era detrítico, de coloração cinza-escuro, com grande quantidade de argilito.

O local, completamente alterado em consequência das obras para instalação da torre, fôra terraplenado no lado sul e cortado, no extremo norte, pela estrada de acesso. Conservava na superfície grande quantidade de blocos de argilito, retirados quando da abertura dos buracos para a colocação das sapatas da torre.

O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área com 30x24m (565,20m²). Era mais numeroso no leito da estrada.

O sítio sobrepunha-se ao PR SA 58: Ribeirão Mococa-2, de Tradição Umbu. Era sobreposto no seu extremo sul, pelos indícios cerâmicos PR SA C-50, de Tradição Tupiguarani.

PR SA 28: Córrego Marrequinha-1 (N^oC 3789 a 3791 e, 3793 e 3794)

UTM: 0519500 - 7337645 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 135m a noroeste da torre 215, 90m da margem direita da nascente de um córrego, afluente do ribeirão Mococa e, 1.026m da margem esquerda do córrego Marrequinha (Figs. 14 e 45). Ocupava o topo alongado de uma elevação, 41m acima do nível das águas do córrego (785m s.n.m.).

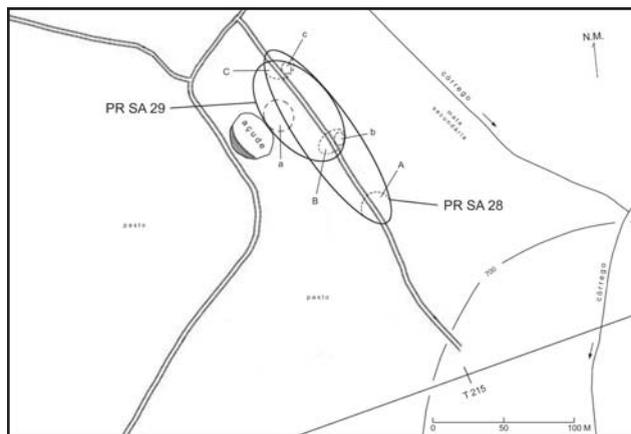


Figura 45: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 28: Córrego Marrequinha-1 e, PR SA 29: Córrego Marrequinha-2 (TPG). Os espaços tracejados e alfabetados indicam áreas com concentração de material arqueológico.

O local, arado há aproximadamente 20 anos, estava com pasto e arbustos esparsos. Nos arredores predominava pastagem. Apenas margeando o curso fluvial, conservava-se estreita faixa de mata secundária. A noroeste havia um pequeno capão de mata.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, era de textura argilo-arenosa, com blocos de basalto na superfície e, em profundidade.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 150x40m (4.710m²), cortada em suas porções centrais, no sentido norte-sul, pela estrada de acesso à torre. Quando foi constatado em 1999, as evidências eram encontradas em seu leito. No presente trabalho foram raras.

Apesar das perturbações sofridas foi possível, ainda, a delimitação de três áreas com concentração de material, indicativas de bases de habitações. A concentração "A" foi registrada no extremo sul do sítio e media 23x20m (361,10m²). A "B", com 20x12m (188,40m²), encontrava-se na parte central do sítio, 20m ao norte da "A" e a 52m ao sul da "C". Esta se situava no extremo norte do sítio e media 23x19m (343,05m²).

Coleta superficial, raspagem e cortes-estratigráficos foram praticados no sítio.

A raspagem foi executada no lado sul da concentração "B", em uma área com 2m². No local, situado no leito da estrada, eram visíveis fragmentos cerâmicos. Sobreposto pelo sítio PR SA 29: Córrego Marrequina-2, de Tradição Tupiguarani, o material das duas tradições era encontrado superficialmente, misturado pela ação dos tratores. Abaixo desses fragmentos superficiais foi constatado bolsão com terra marrom, argilo-arenosa e friável. Nele, somente evidências da tradição Itararé foram registradas. Ocorreram até 20cm de profundidade.

A raspagem, iniciada no leito da estrada, mostrou a continuidade do material a leste, em trecho com pasto e menos perturbado. Nele o solo era marrom, argilo-arenoso, da superfície até 15 ou 18cm de profundidade, tornando-se depois avermelhado, com blocos de basalto. Da superfície até 10cm de profundidade, o material Itararé era esparso e misturava-se ao de Tradição Tupiguarani. Abaixo, até 15cm foram observadas somente evidências da Tradição Itararé. Formavam bolsões e limitavam-se ao embasamento.

Cortes-experimentais efetuados para a delimitação do sítio e das concentrações, revelaram a presença de solo escuro em pequenos espaços das concentrações "A" e "C". A constatação desses pontos possibilitou a realização de cortes, os quais apresentaram estratigrafias diferenciadas.

Na primeira concentração (A), foi aberto corte com 4m². Nele o solo mostrava coloração marrom-escuro tendendo para preto, e textura areno-argilosa, até 15cm de profundidade. Nesse ponto, era limitado por alinhamento de pequenos blocos de basalto. Abaixo dele, tornava-se marrom, argiloso e compacto.

O material ocorria junto ao solo escuro entre 5 e 12cm de profundidade, quando formava piso.

No lado leste da concentração “C” foram abertos dois cortes. Um, com 4,50m² foi praticado na parte mais elevada do terreno e, outro, com 4m², em área plana situada 7m ao sul. No corte com maiores dimensões, o solo de textura argilo-arenosa, era marrom-escuro tendendo para o preto até 13cm de profundidade. Abaixo, até 18cm, era marrom-escuro e limitado por alinhamento de basalto. Tornava-se, a seguir, avermelhado e argiloso. No corte menor o solo argilo-arenoso mostrava tonalidade marrom-escuro até 7cm de profundidade, quando passava a marrom-avermelhado, argiloso.

Sobreposta, também, por ocupação Tupiguarani, em ambos os cortes foram registradas, entre 3 e 10cm de profundidade, evidências relativas a essa ocupação misturadas às de Tradição Itararé.

Nos dois cortes observou-se que, abaixo dos 10cm, a camada de ocupação Itararé permanecia intacta. O material era numeroso e formava piso aos 15cm de profundidade no corte menor e, aos 18cm no corte maior, sobre a linha de basalto.

Indícios da Tradição Itararé foram encontrados 300m a sudoeste do sítio. Correspondem ao PR SA C-55.

**PR SA 32: Arroio Belo do Boaventura-2 (N^oC 3817 a 3820)
UTM: 0526105 - 7341963 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 2m a oeste da torre 230 e, a 229m da margem direita do Arroio Belo do Boaventura, afluente do ribeirão Mococa, do qual distava 1.634m de sua margem direita (Fig. 46).

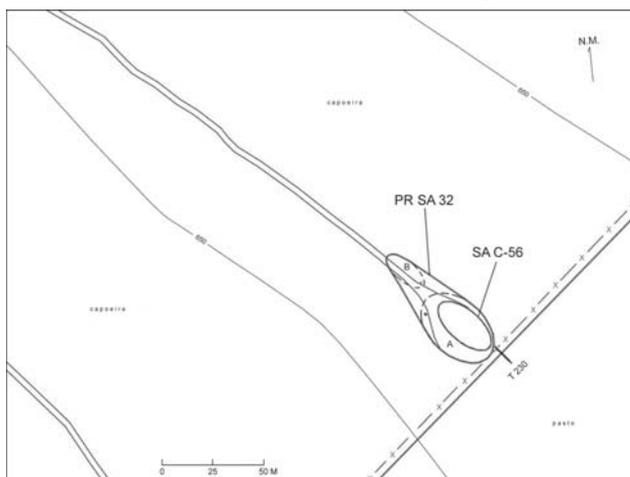


Figura 46: Planta do sítio cerâmico PR SA 32: Arroio Belo do Boaventura-2 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-56 (TPG). Os espaços tracejados e alfabetados no sítio indicam área com concentração de material arqueológico.

Disponha-se no topo alongado de uma elevação, 76m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (673m s.n.m.).

O local e os arredores estavam cobertos por capoeira densa. Apenas junto à torre o terreno mostrava-se mais limpo, com pasto e capoeira rala. Estreita faixa de mata secundária fôra conservada somente nas margens do arroio.

O solo apresentava textura argilo-arenosa e coloração marrom-escuro, com pequenos blocos de basalto e diabásio. Nas proximidades mostrava tonalidade marrom-avermelhado.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 72x27m (1.526,04m²), cortada no sentido leste-oeste, pela estrada de acesso à torre. Na época de sua constatação, o material arqueológico espalhava-se em seu leito. Era numeroso. Quando da execução do Projeto mostrava-se esparso, tanto no leito da estrada como nos barrancos por ela formados.

Diversos cortes-experimentais foram realizados para a sua delimitação. Evidenciaram a presença de dois espaços com concentração de material arqueológico. A concentração "A", com 42x27m (890,19m²), estendia-se das porções centrais do sítio em direção ao seu lado leste. A concentração "B" media 24x9m (169,56m²) e situava-se no lado oeste da ocorrência, 5m a oeste da "A".

Além de coletas superficiais, corte-estratigráfico e trincheira foram executados no sítio.

Na concentração "A" foi aberto, ao lado do acesso e junto à clareira da torre, corte com 1m². O terreno era plano e estava coberto, parte por capoeira densa e, parte por arbustos. O solo mostrava coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa, com blocos pequenos de basalto até 13cm de profundidade. Abaixo tornava-se marrom-avermelhado, argiloso, com blocos. O material arqueológico ocorria esparsamente entre 5 e 10 cm de profundidade, mostrando-se mais numeroso aos 13cm. Tornava-se, depois, menos freqüente, sendo raros aos 20cm.

No lado leste da concentração "B", trincheira com 2x0,70m foi aberta perpendicularmente ao acesso, ao lado do qual havia terra acumulada com cerca de 30cm de altura. O terreno, coberto por capoeira alta, mostrava declividade não muito acentuada em direção à encosta. O solo era argilo-arenoso, marrom-escuro, até 12cm de profundidade. Tornava-se abaixo mais argiloso compacto e avermelhado. Pequenos blocos de basalto eram comuns desde a superfície até 15cm de profundidade.

As evidências arqueológicas foram registradas esparsamente em meio à terra amontoada na lateral do acesso e, até 10cm de

profundidade no terreno intacto. Mostraram-se mais numerosas aos 12cm, tendendo a formar piso.

Nas proximidades da torre, sobreposta à concentração “A”, indícios de ocupação Tupiguarani foram registrados. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-56.

**PR SA 33: Arroio Belo do Boaventura-3 (N^oC 3821 a 3825)
UTM: 0525892 - 7342133 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 253m a noroeste da torre 230. Encontrava-se a 268m da margem direita do Arroio Belo do Boaventura, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 47). Ocupava o topo alongado de uma elevação, 68m acima do nível das águas do curso fluvial menor (665m s.n.m.).

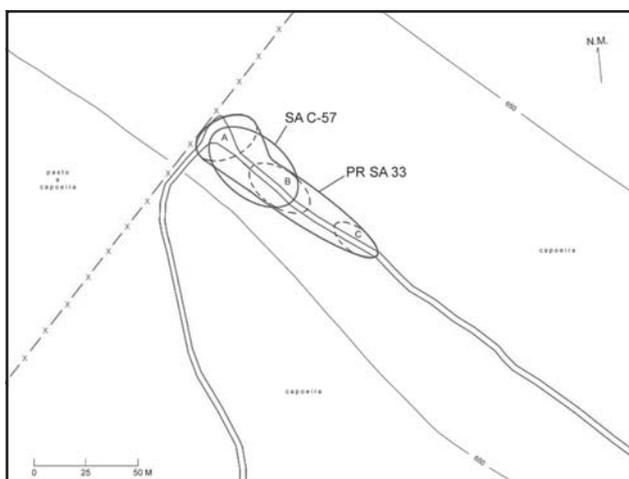


Figura 47: Planta do sítio cerâmico PR SA 33: Arroio Belo do Boaventura-3 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-57 (TPG). Os espaços tracejados e alfabetados indicam áreas com concentração de material arqueológico.

O terreno, coberto por capoeira, conservava grande quantidade de galhos e folhas secas na superfície. Nas proximidades predominavam pastagens com arbustos. Viam-se, também, alguns trechos com capoeira. Estreita e rarefeita faixa de mata secundária fôra preservada somente acompanhando as margens do arroio.

O solo era marrom-escuro, argilo-arenoso, com pequenos blocos de basalto. Apresentava essas características até 8 ou 12cm de profundidade, tornando-se depois marrom-avermelhado, argiloso e compacto.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com

115x32m (2.888,80m²). O sítio, além das perturbações causadas pelas atividades decorrentes da ocupação moderna representadas pela agricultura e, pela pecuária, fôra cortado no sentido noroeste-sudeste, pela estrada de acesso à torre e, o material espalhava-se pelo seu leito.

Para sua delimitação, diversos cortes-experimentais foram executados. Evidenciaram três áreas onde o material mostrava-se mais numeroso, formando concentrações. A concentração "A" foi localizada no lado norte do sítio e media 32x20m (502,40m²). A concentração "B" situava-se nas porções centrais do sítio, 10m ao sul da "A" e 16m ao norte da "C". Suas dimensões eram de 34x18m (480,42m²). A concentração "C", com 26x11m (224,51m²), encontrava-se no canto sudeste do sítio.

Apesar das descaracterizações observadas na camada de ocupação, trincheiras com 2x1m e 2x0,70m foram abertas nas concentrações "A" e "B", respectivamente.

Na primeira concentração ("A"), foi executada ao lado do acesso para a torre, em terreno plano, com leve declividade para leste. A superfície estava com capoeira rala. O solo mostrava coloração marrom-escuro, textura argilo-arenosa, com raros blocos de basalto até 8cm de profundidade. Abaixo, entre 8 e 12cm apresentava a mesma textura mas tornava-se avermelhado passando, a seguir, a marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Material arqueológico foi mais freqüente aos 15cm de profundidade. Ocorreu em um ponto único situado nas porções centrais da trincheira.

Na concentração "B", a trincheira foi efetuada a leste do acesso para a torre. O terreno estava com capoeira densa e mostrava suave declividade. O solo, de textura argilo-arenosa e friável, era de tonalidade marrom-escuro até 12cm de profundidade, com poucos e pequenos blocos de basalto. Dos 12 aos 15cm, tornava-se mais argiloso, compacto e marrom-avermelhado. Para baixo era bastante argiloso e compacto, mostrando tonalidade avermelhada. As evidências arqueológicas foram registradas a partir de 12cm de profundidade, sendo mais numerosas entre 14 e 16cm, tendendo a formar piso.

Reocupação do espaço por grupo de Tradição Tupiguarani foi constatado das porções centrais do sítio em direção ao seu lado norte. No extremo leste da trincheira "B", inclusive, fragmentos cerâmicos dessa tradição ocorreram aos 9cm de profundidade. Nesse espaço, corte-experimental foi praticado, evidenciando somente material arqueológico da Tradição Itararé. O ponto corresponde aos indícios cerâmicos PR SA C-57.

**PR SA 34: Arroio Belo-6 (N°C 3826 a 3828 e, 3891 e 4320 a 4322)
UTM: 0524745 - 7340769 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 227, a 241m da margem direita do Arroio Belo (Fig. 48). Encontrava-se em área plana de um topo alongado, 34m acima do nível das águas do arroio (723m s.n.m.).

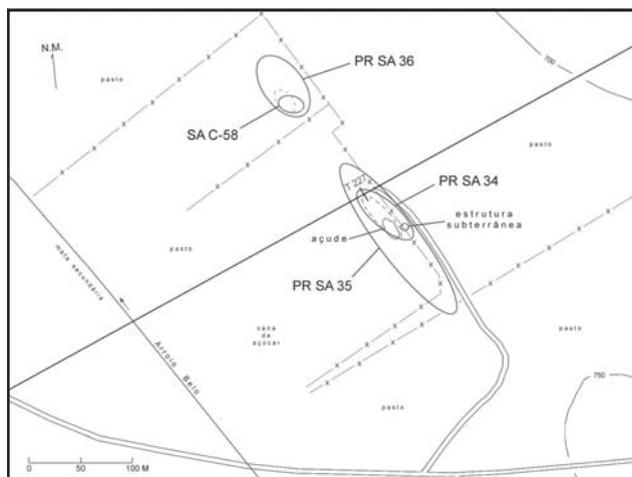


Figura 48: Planta do sítio PR SA 34: Arroio Belo-6, com a localização da estrutura subterrânea, do sítio PR SA 35: Arroio Belo-7 (TPG), do sítio PR SA 36: Arroio Belo-8 (ITA) e dos indícios cerâmicos PR SA C-58 (TPG). O espaço tracejado no sítio PR SA 36 indica área com concentração de material arqueológico.

O local, anteriormente utilizado para práticas agrícolas, estava coberto por pasto, mas conservava, ainda, restos de antigo cultivo de amoras. Nos arredores predominavam pastagens. Mata secundária foi preservada apenas acompanhando as margens do curso fluvial.

O solo, de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, apresentava blocos de basalto na superfície.

Superficialmente o material era esparsos e, o sítio foi delimitado através da abertura de inúmeros cortes-experimentais.

O material arqueológico ocupava uma área elíptica com 70x 23m (1.263,85m²).

No lado sul da área de ocupação, uma depressão foi registrada. Cortes-experimentais efetuados em seu interior revelaram solo escuro e evidências arqueológicas, caracterizando-se uma estrutura habitacional subterrânea.

Perturbado, primeiramente, pelas intensivas práticas agrícolas, o sítio sofreu descaracterizações, também, pela construção de um açude

com 26x11m em seu lado sul e, pelas obras para instalação da torre ao norte. A depressão, da mesma forma, apresentou alterações, pois quando do desmatamento da área, foi utilizada para depósito do entulho retirado. Apesar dos danos constatados foi possível, ainda, a sua exposição.

A estrutura habitacional ocupava o topo da elevação e era assinalada por uma depressão elíptica medindo 9m no sentido norte-sul e 7,60m no leste-oeste. Tinha 1,45m de profundidade, elevando-se suavemente para a borda. Mostrava certa irregularidade na sua parede sul, como se algum obstáculo hoje não existente tivesse impedido o processo erosivo. Estava coberta por gramíneas baixas e arbustos, assim como no seu entorno. Anteriormente à implantação da pastagem o local havia sido arado, razão pela qual não se constatou elevação na sua borda.

A escavação limitou-se à metade leste da estrutura atingindo, no início, 6m ao longo da linha norte-sul e 3,10m desta em direção a leste. Posteriormente, aos 60cm de profundidade, o corte hemisférico foi reduzido para 4,40m no primeiro sentido e 2,60m no segundo (Foto 9). As operações iniciaram com a retirada da grama e do solo aderente e prosseguiram decapando as camadas acumuladas. Da primeira ação resultou a camada 1, constituída por terra humosa, compacta e de cor marrom, que apresentava espessuras variando de 3 a 15cm (Fig. 49).

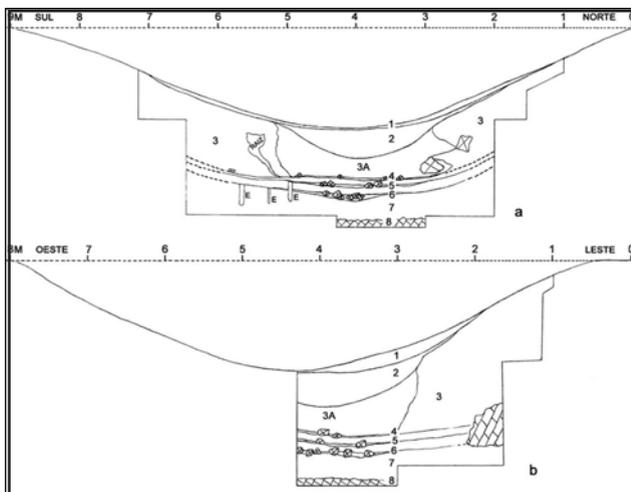


Figura 49: Cortes norte-sul e leste-oeste da estrutura habitacional subterrânea do sítio PR SA 34: Arroio Belo-6. As camadas de ocupação e deposição foram numeradas de acordo com a ordem de retirada dos níveis. No perfil a, a letra E indica posições dos buracos-de-estacas.

As maiores espessuras coincidiram com formigueiros, arbustos e raízes de antigas árvores. Nas porções centrais da camada, quase na sua base, começavam a ocorrer detritos de roças e desmatamentos.

Para baixo, formando a camada 2, havia um bolsão de detritos representados por numerosos e grandes fragmentos de carvão, madeira semicarbonizada e pequenos blocos de rocha, junto ao solo argiloso preto. Aprofundou até 46cm no centro da estrutura.

A camada 3 situava-se sob as anteriores e era formada por terra compacta, marrom-avermelhado. Englobava, na porção central, um bolsão constituído por solo argiloso, carvões menores e blocos de rocha, alguns deles de dimensões médias. Estas também ocorriam no solo avermelhado periférico. Os carvões tornaram-se escassos no fundo do bolsão (3A), embora o solo continuasse escuro. Perturbações causadas por raízes foram constatadas em vários pontos. Esta camada, incluindo o bolsão, aprofundou-se até 75cm na parte central.

Nas três camadas foram registrados fragmentos cerâmicos e lascas de rocha. Relacionavam-se às tradições Itararé e Tupiguarani. Alguns deles dispunham-se linearmente, acompanhando a inclinação dos estratos derivados das paulatinas erosões do terreno periférico. Balizados pelas faixas de areia das enxurradas, esses estratos puderam ser acompanhados na escavação, principalmente no entorno dos depósitos de terra escura. Uma série de cacos Tupiguarani, por exemplo, foi exposta naquelas condições aos 18cm de profundidade. Os indícios mais profundos da mesma tradição, incluindo tembetá de quartzo, situavam-se aos 30cm, ainda na camada 2. Os ligados à Tradição Itararé manifestaram-se desde a superfície da estrutura até as porções medianas da camada 3.

Logo abaixo da última camada caracterizou-se um piso habitacional. Constituía a camada 4 (Figs. 49 e 50) e era formado por uma estrutura de combustão na porção central, onde se concentravam fragmentos cerâmicos, lascas, blocos de rocha, pelotas de terra queimada e carvões. O entorno imediato era assinalado por carvões mais esparsos, pedras e alguns cacos e lascas. Em direção à parede, o solo argiloso tornava-se marrom-avermelhado, mas com pontos de carvão assinalando o piso. Nele havia cacos e lascas, além de pedras e perturbações de raízes. Grandes blocos de basalto intemperizado foram expostos no extremo leste. O piso era plano na porção central, elevando-se gradativamente para os lados. No espaço de combustão e atividade periférica, a camada media 3 e 4cm de espessura, diminuindo para os lados.

Outro piso habitacional foi evidenciado abaixo do anterior, dele separado por uma delgada camada estéril de terra argilosa, de coloração

avermelhada. Esta camada 5 apresentava, das porções centrais para o norte, duas estruturas de combustão; uma delas permaneceu, em grande parte, encerrada no espaço oeste, não escavado. Um deles englobava carvões, terra queimada, blocos de rocha, cerâmica e lascas.

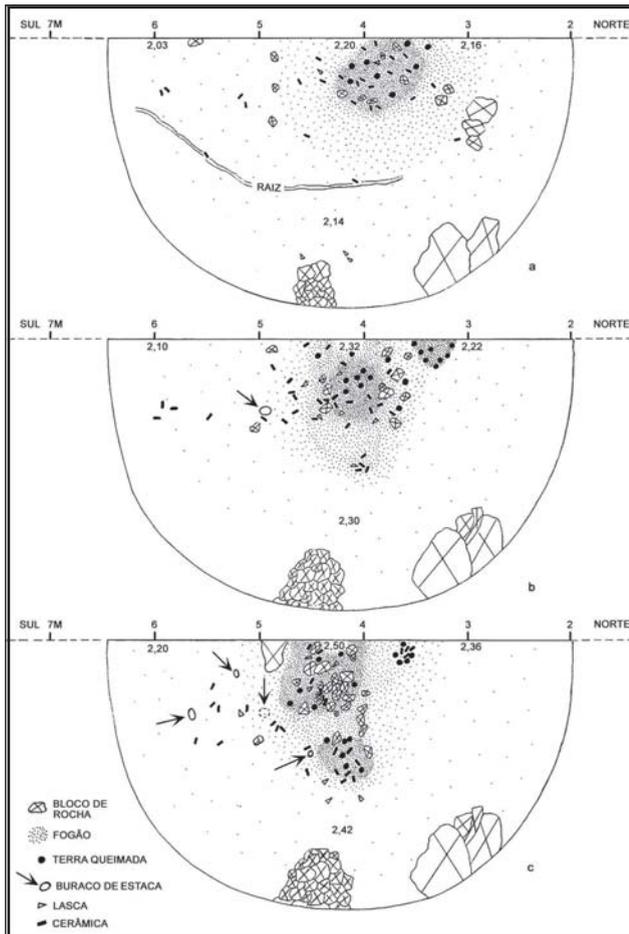


Figura 50: Plantas dos pisos das ocupações constatadas na estrutura subterrânea do sítio PR SA 34: Arroio Belo-6.

Naquele parcialmente exposto, somente havia carvões, terra queimada e blocos de rocha. Material arqueológico foi encontrado também na periferia do primeiro fogão e mais afastado, ao sul, sobre o piso assinalado pelos pontos de carvão. Nesse lado, ainda, ocorreu um buraco-de-estaca, com 9x7cm de diâmetro. Os blocos de rocha

intemperizada constatados anteriormente no extremo leste mantiveram-se nesta camada ocupando espaço maior. O piso era plano no centro, curvando-se um pouco para cima na periferia. Media 5cm de espessura junto aos fogões, adelgaçando-se em direção à parede.

Novo piso habitacional foi registrado sob o anterior e, dele também separado por estreita camada de terra argilosa avermelhada. Mostrava, esta camada 6, uma estrutura de combustão na porção central e, outras, menores, mais para leste e norte. As duas primeiras estavam associadas com maior número de blocos de rocha; o do norte, apenas por carvões esparsos, terra queimada e cacos. Nos pisos anteriores os blocos eram de basalto, ao passo que, na camada 6, predominaram os de riolito, muito alterados pelo calor do fogo. O material arqueológico, representado por cacos e lascas, foi comum junto aos primeiros fogões. Era freqüente, também, para o sul, fora da área de influência dos fogões. Neste espaço foram expostos dois buracos-de-estaca, com 10x8cm e 6x5cm de diâmetro, respectivamente. Outro buraco-de-estaca constatado na camada anterior continuou evidente nesta. Os blocos de basalto intemperizado que já se manifestavam acima, estavam com suas bases assentadas nesta. Na área central a camada tinha 10cm de espessura; tornava-se mais delgada para o lado, elevando-se gradativamente para a periferia. A escavação prosseguiu até o surgimento do embasamento basáltico. Entre a camada 6 e o embasamento rochoso intemperizado a terra era argilosa, úmida e friável. Apresentava pontos de carvão e diminutos fragmentos cerâmicos no espaço situado imediatamente abaixo dos fogões. Sua coloração era marrom-avermelhado.

Tendo como base as linhas mestras niveladas na superfície do terreno, constatou-se que as porções centrais da camada 4, correspondente à ocupação mais recente da estrutura subterrânea, situavam-se entre 2,20m e 2,24m de profundidade; a camada 5, intermediária, entre 2,32m e 2,37m e, a camada 6, a mais antiga, entre 2,50m e 2,60m. As profundidades iniciais referem-se ao surgimento das camadas na parte central da estrutura; as obtidas nos outros pontos dos pisos estão assinaladas nas plantas da Figura 50.

O sítio mostrava-se sobreposto, em sua totalidade, pela ocupação correspondente ao sítio PR SA 35: Arroio Belo-7, de Tradição Tupiguarani.

Relacionado à Tradição Itararé foi localizado, 90m ao norte o sítio PR SA 36: Arroio Belo-8.

PR SA 36: Arroio Belo-8 (N^oC 3830)
UTM: 0524625 - 7340917 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 96m a noroeste da torre 227 e, a 237m da margem direita do Arroio Belo (Fig. 48). Dispunha-se em área plana de um topo alongado, divisor de águas, 33m acima do nível das águas do arroio (722m s.n.m.).

No local havia pasto rarefeito, sendo possível visualizar na superfície, antigas marcas deixadas pelo arado. Nos arredores predominavam pastagens, com restos de cultivo de amora à leste. Estreita faixa de mata secundária foi preservada somente nas margens do curso fluvial.

O solo apresentava tonalidade marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com esparsos blocos de basalto na superfície.

O material arqueológico ocorria em uma área com 69x38m (2.058,27m²), a qual dispunha o eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

O sítio mostrava perturbações decorrentes da ocupação moderna representada por intensivas atividades agrícolas, resultando na descaracterização da camada de ocupação. Mesmo danificado apresentava em seu lado sul, área com 26x14m (285,74m²) onde as evidências eram mais numerosas.

Cortes-experimentais executados nada revelaram em profundidade.

Reocupação do espaço por grupo de Tradição Tupiguarani foi registrada no canto sudoeste do sítio. Está representada pelos indícios cerâmicos PR SA C-58.

Sítio da Tradição Itararé foi localizado 90m ao sul. Corresponde ao PR SA 34: Arroio Belo-6.

**PR SA 40: Ribeirão do Burro-1 (N^oC 3839 e 3840)
UTM: 0507067 - 7333295 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 39m ao sul da torre 189 e, a 374m da margem esquerda do Ribeirão do Burro (Fig. 16). Ocupava a encosta suave de uma elevação voltada para o curso fluvial, 23m acima do nível de suas águas (755m s.n.m.).

O local e os arredores estavam com pasto. Mata secundária fôra preservada a nordeste, nas proximidades da torre e, margeando o ribeirão.

O solo apresentava tonalidade cinza-claro e textura argilo-arenosa, com grande quantidade de argilito intemperizado.

O sítio, além das perturbações decorrentes das atividades pecuárias, fôra cortado no sentido sudeste-noroeste, pela estrada de acesso à torre.

As evidências arqueológicas encontravam-se no leito da estrada

e, em suas laterais, espalhando-se por uma área elíptica com 18x11m (155,43m²). Eram esparsas.

Cortes-experimentais efetuados para a sua delimitação evidenciaram pequeno espaço onde o material mostrava-se mais numeroso. Situava-se no lado sudeste do sítio e media 4m de diâmetro (12,56m²), permitindo a execução de corte-estratigráfico.

O corte, com 4m², foi aberto 44m ao sul da torre. A superfície estava com pasto. O solo mostrava coloração cinza-escuro e textura argilo-arenosa até 5cm de profundidade, atingindo 7cm no seu lado leste. Abaixo se tornava marrom-claro, com a mesma textura, até 12cm nos lados noroeste e sudoeste do corte e, 15cm, nos lados nordeste e sudeste. Nessas profundidades, apresentava grânulos de argilito intemperizados.

O material arqueológico era rarefeito nos primeiros centímetros. Em meio ao solo marrom-claro mostrava-se esparso, tornando-se mais numeroso das porções centrais do corte em direção ao seu lado norte. Em suas porções centrais, inclusive, concentração de blocos de basalto, argilito e arenito foram expostos. Em seu interior o solo, argilo-arenoso, era de coloração cinza-escuro, com pontos de carvão vegetal e, raros fragmentos cerâmicos. Essa estrutura, apesar de atingir 30cm de profundidade, não chegou a caracterizar área de combustão. Afunilando na base, poderia estar relacionada a perturbação causada por raiz de árvore.

O sítio sobrepunha-se, no extremo sudeste, ao PR SA 41: Ribeirão do Burro-2, de Tradição Umbu.

PR SA 43: Bairro Xaxim-3 (N^oC 4581 a 4584)

UTM: 0532106 - 7342683 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado a 497m da margem direita de um córrego, afluente do córrego Felisberto, a 1.663m a sudoeste da torre 246 e, a 1.750m ao sul da torre 245 (Fig. 51).

Ocupava o topo de uma elevação com encostas suaves, 36m acima do nível das águas do córrego (721m s.n.m.).

O local estava arado e com recente plantação de milho. Nos arredores entremeavam-se áreas com cultivo e pasto.

O solo apresentava coloração marrom-escuro mesclado com marrom-avermelhado. Mostrava textura argilo-arenosa e esparsos blocos de basalto na superfície.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 96x53m (3.994,08m²). Apesar de descaracterizado em consequência das atividades agrícolas conservava, ainda, 4 áreas com maior número de evidências, formando concentrações.

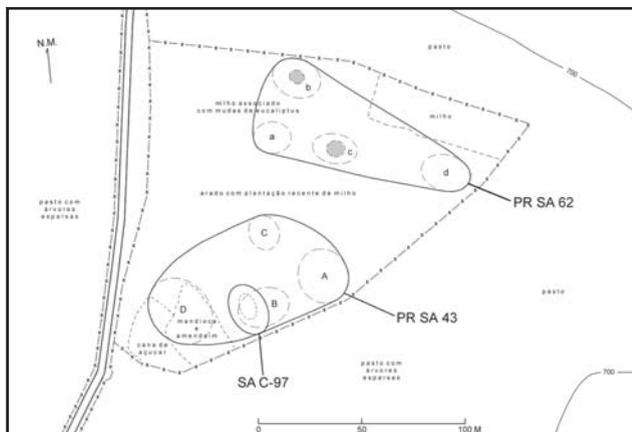


Figura 51: Localização e plantas dos sítios cerâmicos PR SA 43: Bairro Xaxim-3 e PR SA 62: Bairro Xaxim-4 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-97 (TPG). Os espaços tracejados nos sítios indicam áreas com concentração de material arqueológico e, aqueles hachurados no sítio PR SA 62, espaços com adensamento de evidências.

A concentração A media 26x24m (489,84m²) e encontrava-se no extremo leste do sítio, 21m a sudeste da concentração C e 8m a nordeste da B. A concentração B, com 25x18m (353,25m²), situava-se no extremo sul do sítio, 8m a sudoeste da A e, 21m a sudoeste da C. A concentração C foi localizada no extremo norte do sítio, 21m a nordeste da B e 21m a noroeste da A. Media 17x14m (186,83m²). A concentração D estava no extremo oeste do sítio, 19m a oeste da B e 40m a sudoeste da C. Suas dimensões eram de 36x26m (734,76m²).

Cortes-experimentais foram realizados na área do sítio. Mostraram solo mesclado até 15cm de profundidade, tornando-se depois marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Estéril de evidências arqueológicas.

Reocupação do espaço por grupo Tupiguarani foi constatado no extremo sul do sítio, sobre a concentração B. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-97.

PR SA 45: Arroio Belo-9 (N^oC 3857 e 3858)

UTM: 0525498 - 7340042 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado a 1.108m a sudeste da torre 227 e, a 226m da margem direita do Arroio Belo (Figs. 52 e 94). Encontrava-se no topo de uma elevação suave voltada para o arroio, 27m acima do nível de suas águas (765m s.n.m.).

O local, com capoeira alta, estava sendo preparado para plantio, com a realização de destoca e aração. Nos arredores viam-se reflorestamentos

de pinus e, acompanhando as margens do arroio, estreita faixa de mata secundária.

O solo era marrom-avermelhado, argilo-arenoso.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área elíptica com 75x37m (2.178,37m²). Eram superficiais e foram revolvidas pelo arado.

O sítio, no lado leste, mostrava-se descaracterizado pela abertura de duas estradas: a primeira correspondia à via de acesso às torres 227 a 229, que o cortou longitudinalmente, no sentido noroeste-sudoeste. Essa estrada, no entanto, foi abandonada e coberta pela terraplenagem decorrente da abertura de novo acesso ao seu lado, o qual também atingiu a área de ocupação, espalhando o material arqueológico em seu leito.

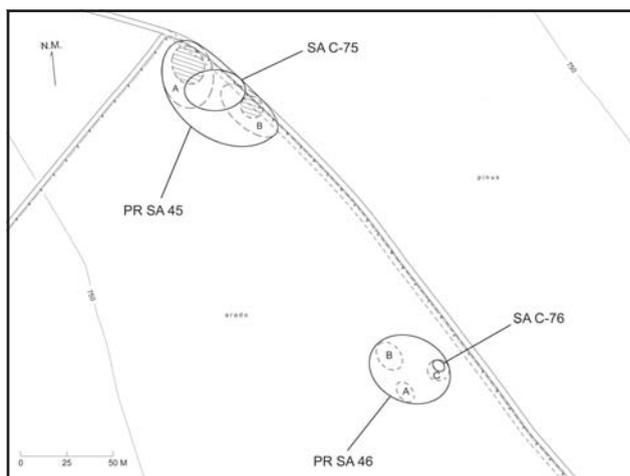


Figura 52: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 45: Arroio Belo-5 e PR SA 46: Arroio Belo-10 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-75 (TPG) e PR SA C-76 (ITA).

Apesar das intensas perturbações ocasionadas ao sítio, com o revolvimento da camada de ocupação, a dispersão das evidências e sua fragmentação, foi possível, ainda, a delimitação de duas áreas onde o solo era escuro e o material mais numeroso, formando concentrações e, também, de espaços com adensamentos, provavelmente correspondentes às bases das habitações.

A concentração “A” ocupava as porções centrais do sítio, direcionando-se ao seu lado norte. Suas dimensões eram de 37x28m (813,26m²). Adensamento foi constatado no seu lado norte. Media 21x18m (296,73m²). A concentração “B”, com 31x29m (705,71m²), foi localizada 6m a sudeste da “A”. Conservava, nas suas porções centrais, adensamento com 12m de diâmetro (113,04m²).

Somente coletas superficiais setorizadas foram realizadas. A perturbação causada pelo gradeamento do solo eram visíveis aos 25cm de profundidade, em meio à terra marrom-avermelhada, constatada abaixo do solo escuro correspondente à camada arqueológica.

Nas porções centrais do sítio foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-75, indicando reocupação do local por grupo da Tradição Tupiguarani.

Ao sul, a 151m e 313m, situavam-se os indícios PR SA C-76 e PR SA C-77, ambos de Tradição Itararé.

**PR SA 50: Ribeirão Barreiro-2 (N^oC 3894)
UTM: 0497661 - 7330279 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 16m a nordeste da torre 169. Ocupava o topo de uma elevação, 202m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Barreiro, do qual distava 564m de sua margem esquerda (Fig. 53). Encontrava-se 29m acima do nível das águas do curso fluvial menor (836m s.n.m.).

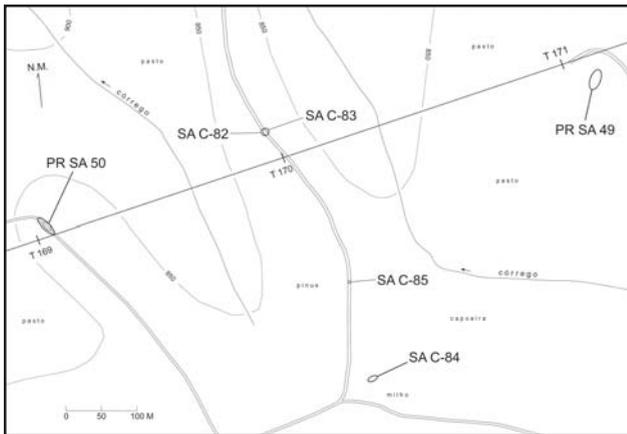


Figura 53: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 49: Ribeirão Barreiro-1 (TPG) e PR SA 50: Ribeirão Barreiro-2 e, dos indícios cerâmicos PR SA C-82 (TPG), PR SA C-83 (ITA), PR SA C-84 (TPG) e PR SA C-85 (TPG).

O local estava com pasto. Quando de sua constatação, em 1999, o terreno era utilizado para plantio de pinus. Troncos e algumas árvores ainda eram encontrados em meio ao pasto. Nas proximidades havia pastagem e, margeando o curso fluvial, estreita faixa de mata secundária.

O solo, de textura argilosa e coloração cinza-claro, era argilítico.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 32x10m (251,20m²).

O sítio mostrava-se descaracterizado em consequência das atividades agrícolas e, também por aquelas decorrentes do reflorestamento de pinus. Sulcos provocados pelo arado e, depressões ocasionadas pela retirada dos troncos dos pinheiros eram visíveis. Sofreu, ainda, danos provocados pelas obras de instalação da torre, com a terraplenagem de suas proximidades e, pela abertura de uma estrada que o cortava em suas porções centrais no sentido noroeste-sudeste, espalhando as evidências em seu leito.

Apesar das perturbações sofridas foi possível observar uma frequência maior de material nas suas porções centrais, em uma área com 15x8m (94,20m²).

Cortes-experimentais realizados evidenciaram a destruição da camada arqueológica em profundidade.

Indícios de ocupação temporária por grupos dessa tradição foram registrados 326m a leste. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-83.

PR SA 51: Rio Caetê-1 (N^oC 3895 a 3897)

UTM: 0496140 - 7329633 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 84m a sudeste da torre 166, a 146m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Barreiro, do qual distava 1.415m de sua margem direita e, a 710m da margem direita do rio Caetê (Figs. 54 e 96). Dispunha-se no topo e, em parte da encosta de uma elevação, 6m acima do nível das águas do córrego (966m s.n.m.).

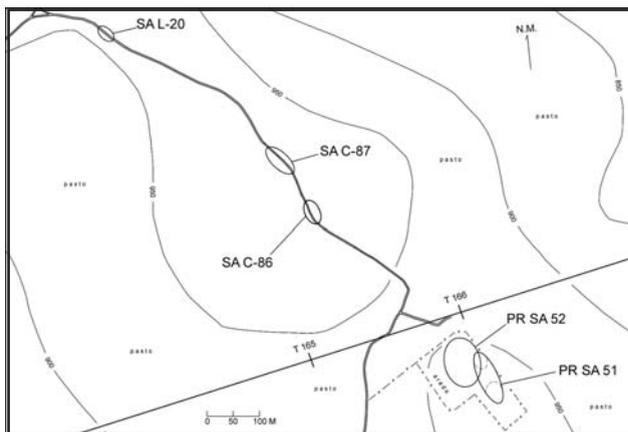


Figura 54: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 51: Rio Caetê-1 e PR SA 52: Rio Caetê-2 (TPG), dos indícios líticos PR SA L-20 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-86 (ITA) e PR SA C-87 (TPG).

O solo, com esparsos blocos de basalto na superfície, mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Sofrendo processo de erosão laminar, curvas de nível agrícolas foram executadas no terreno para a sua contenção.

O material arqueológico dispunha-se superficialmente em uma área com 103x33m (2.668,21m²).

O sítio, apesar de descaracterizado em consequência das intensivas atividades agrícolas conservava, ainda, duas áreas com concentração de evidências. A concentração "A" foi localizada no lado norte do sítio. Medida 33x23m (595,81m²) e, era cortada, no sentido nordeste-sudoeste, por uma curva de nível agrícola. A concentração "B" situava-se 31m ao sul da "A" e medida 41x32m (1.029,92m²). Nas suas porções centrais foi possível a delimitação de pequeno espaço com 15x9m (105,97m²), onde o material era mais numeroso, formando adensamento.

Pelas suas dimensões, o local corresponderia a um sítio-habitação, composto por várias casas, as quais tiveram suas estruturas destruídas pela ocupação moderna.

Somente coletas superficiais setorizadas puderam ser efetuadas.

No seu lado noroeste, o ponto era sobreposto pelo sítio PR SA 52: Rio Caeté-2, de Tradição Tupiguarani.

Evidências de ocupação temporária relacionadas à Tradição Itararé foram localizadas a noroeste. Situavam-se a 391m de distância e, estão representadas pelos indícios cerâmicos PR SA C-86.

PR SA 59: Córrego do Felisberto-3 (N^oC 3804)

UTM: 0536647 - 7343366 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 50m ao sul do eixo da Linha de Transmissão, entre as torres 255 e 256 (Fig. 35). Estava 115m ao norte da entrada para o acesso da torre 256 e, a 577m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande. Dispunha-se na encosta suave de uma elevação (733m s.n.m.).

O terreno estava arado, conservando restos de plantação de milho. Nos arredores, em meio a espaços arados, fora preservado capão de mata secundária.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com blocos esparsos de argilito e basalto.

As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente, em uma área com 137x30m (3.226,35m²).

O sítio mostrava a camada de ocupação descaracterizada em consequência das atividades agrícolas decorrentes da ocupação moderna.

Era sobreposto, no seu lado noroeste, pelos indícios cerâmicos PR SA C-45, de Tradição Tupiguarani.

O local encontrava-se 160m a sudeste do sítio PR SA 4: Córrego do Felisberto-2 e, 158m a noroeste dos indícios cerâmicos PR SA C-16, relacionados à mesma tradição.

**PR SA 60: Arroio Belo do Boaventura-4 (N^oC 3806)
UTM: 0525616 - 7341528 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 71m a leste da torre 229 e, 319m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 55).

Encontrava-se na encosta de elevação suave, nas proximidades de uma estrada vicinal (675m s.n.m.).

O local estava arado, com restos de plantação de milho. Nos arredores havia capoeira. Apenas nas margens do córrego via-se rarefeita faixa de mata secundária.

O solo era marrom-avermelhado, argilo-arenoso, com afloramentos de basalto.

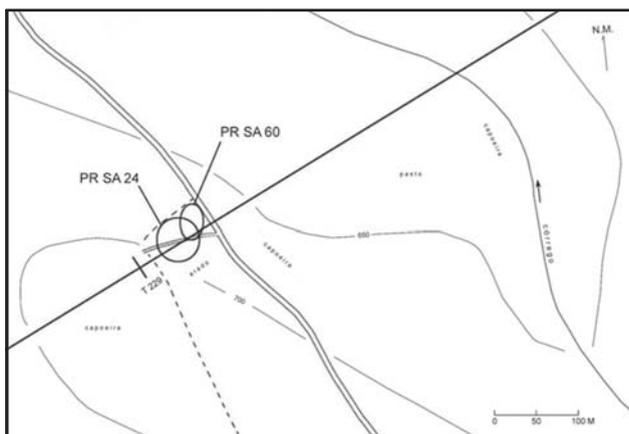


Figura 55: Localização do sítio cerâmico PR SA 24: Arroio Belo do Boaventura-1, de Tradição Tupiguarani e, do sítio PR SA 60: Arroio Belo do Boaventura-2, de Tradição Itararé.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 41x27m (869m²), dispendo o eixo maior em sentido perpendicular ao córrego.

O sítio sofreu perturbações decorrentes das atividades antrópicas. Era cortado inclusive, no extremo sul, pela estrada de acesso à torre, expondo as evidências em seu leito.

O ponto estava sobreposto, no lado noroeste, pelo sítio PR SA 24: Arroio Belo do Boaventura-1, de Tradição Tupiguarani.

PR SA 61: Arroio Belo-12 (N°C 3888)

UTM: 0525774 - 7339708 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 1.486m a sudeste da torre 227 e, a 245m da margem direita do Arroio Belo (Fig. 56 e Mapa 4). Situava-se no topo de uma elevação com encosta suave voltada para o curso fluvial (772m s.n.m.).

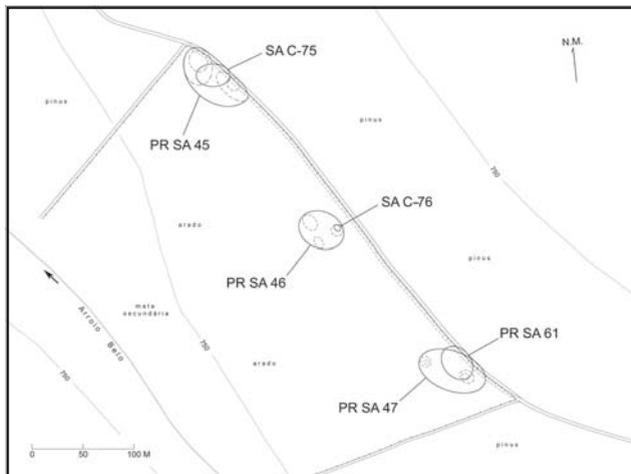


Figura 56: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 45: Arroio Belo-9, PR SA 46: Arroio Belo-10 (TPG) e PR SA 47: Arroio Belo-11(TPG) e PR SA 61: Arroio Belo-12 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-75 (TPG) e PR SA C-76 (ITA). Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de material arqueológico.

O terreno estava sendo preparado para plantio. A capoeira que o cobria fôra retirada e, o solo argilo-arenoso, marrom-avermelhado, arado e gradeado.

Restos de mata secundária eram vistos apenas margeando o arroio.

As evidências arqueológicas ocorriam esparsas e superficialmente em uma área com 36x27m (763,02m²).

O ponto, além das perturbações ocasionadas pelas práticas agrícolas, fôra danificado, no lado leste, pela abertura de duas estradas: uma mais antiga, dava acesso às torres, 227 a 229 e, outra, mais recente, aberta ao lado, permitia o acesso às torres e a fazendas próximas. Era sobreposto, também, pelo sítio PR SA 47: Arroio Belo-11, de Tradição Tupiguarani.

Relacionados à mesma tradição cultural, foram constatados, ao norte, a 155m os indícios cerâmicos PR SA C-76.

**PR MR 2: Ribeirão Sabugueiro-1 (N^oC 3899 e 3900)
UTM: 0486822 - 7327070 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 117m a oeste da torre 144 e, 232m a leste da torre 143. Dispunha-se na encosta suave de uma elevação, a 77m da margem direita de um córrego, 307m da margem direita de outro, este afluente do ribeirão Sabugueiro, do qual se encontrava a 1.428m de sua margem direita (Fig. 57). Situava-se 12m acima do nível das águas do segundo córrego (727m s.n.m.).

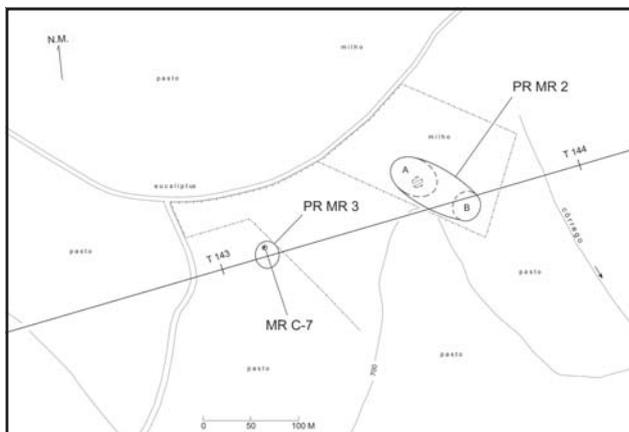


Figura 57: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 2: Ribeirão Sabugueiro-1 e PR MR 3: Ribeirão Sabugueiro-2 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-7 (TPG). As elipses tracejadas e alfabetadas no sítio PR MR 2 indicam áreas com concentração de material arqueológico. O espaço hachurado indica área com adensamento de evidências.

No terreno, arado, era cultivado milho. Nos arredores predominavam pastagens. Às margens do córrego conservavam-se, em meio ao pasto, restos de mata secundária.

O solo, de coloração cinza-claro e formação argilítica, mostrava-se erodido laminarmente.

De acordo com informações do proprietário, o local vem sendo explorado agricolamente há cerca de 50 anos e, quando das primeiras arações, efetuadas com tração animal, eram encontrados, além de mãos de pilão, recipientes cerâmicos completos. No momento das pesquisas os fragmentos cerâmicos eram poucos e de pequenas dimensões, sendo mais representativo o acervo lítico composto por lascas e núcleos.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 104x39m (3.183,96m²). Apesar de descaracterizado, áreas com concentração de evidências puderam ser delimitadas. Em uma delas, foi possível também, perceber tendência a formar adensamento.

A concentração "A", com 52x39m (1.591,98m²), foi localizada no lado noroeste do sítio. Espaço com adensamento de material foi registrado quase em suas porções centrais. Medida 12x11m (103,62m²). A concentração "B" situava-se no lado sudeste do sítio, 23m a leste da concentração "A". Suas dimensões eram de 32x29m (728,48m²).

Inúmeros cortes-experimentais foram efetuados na área, na tentativa de localização de espaço residual intacto da camada de ocupação. Mostraram-se, no entanto, estéreis e, somente coletas superficiais setORIZADAS puderam ser efetuadas.

A oeste, a 159m de distância, situava-se o sítio PR MR 3: Ribeirão Sabugueiro-3, relacionado à mesma tradição cultural.

**PR MR 3: Ribeirão Sabugueiro- 2 (N^oC 3901 e 3902)
UTM: 0486647 - 7326990 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 33m a leste da torre 143, a 290m da margem direita de um córrego e, a 1.368m da margem direita do ribeirão Sabugueiro (Fig. 57). Situava-se no topo de suave elevação, 14m acima do nível das águas do curso fluvial maior (729m s.n.m.).

O terreno e as proximidades estavam com pastagem. Nos arredores mostrava-se entrecortado por espaços com cultivo de milho. Restos de mata secundária foram preservados apenas margeando o córrego.

O solo era de coloração cinza-claro e textura areno-argilosa, com blocos de basalto a oeste.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 29x25m (569,12m²).

O sítio foi bastante danificado em conseqüência da ocupação moderna. Segundo informações de moradores, a entrada da população na área se efetuou na década de 1960, caracterizando-se pela presença de pequenos proprietários. Inicialmente arado com tração animal, na década de 1970 começou a ser trabalhado mecanicamente, o que resultou em maiores perturbações à camada arqueológica. Mais recentemente sofreu danos ocasionados pelas obras de instalação da torre. Sua parte central foi retirada e utilizada para soterramento das sapatas.

Mesmo danificado, cortes-experimentais foram efetuados em suas porções periféricas revelando pequeno espaço situado no seu lado norte, que permitiu a abertura de corte-estratigráfico com 3m².

No corte o solo apresentou tonalidade cinza-claro e textura areno-argilosa até 20cm de profundidade. Abaixo mesclava com blocos de argilito intemperizados e basalto. O material arqueológico foi registrado entre 7 e 15cm de profundidade. Era esparso e não chegou

a formar alinhamento. Raros foram constatados aos 20cm, sobre os blocos de argilito. No seu lado norte, entre 5 e 10cm de profundidade, ocorreram fragmentos de recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani. Correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-7, os quais ocupavam uma área com 5m de diâmetro (19,26m²).

Pertencente à Tradição Itararé, foi localizado 159m à leste o sítio PR MR 2: Ribeirão Sabugueiro-1

PR MR 4: Rancho Alegre-1 (N^oC 3903)

UTM: 0482706 - 7325824 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 135, a 244m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Sabugueiro, do qual distava 2.404m de sua margem direita (Fig. 58). Ocupava o topo e a encosta de uma elevação, 93m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (678m s.n.m.).

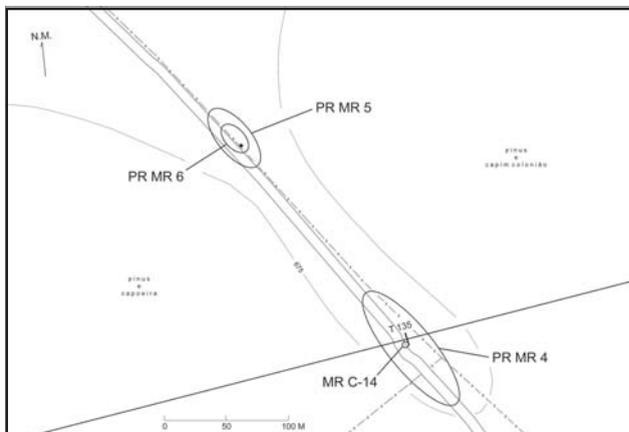


Figura 58: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 4: Rancho Alegre-1, PR MR 5: Rancho Alegre-2 (TPG) e PR MR 6: Rancho Alegre-3 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-14 (TPG).

O local, utilizado agricolamente há vários anos, estava com pastagem. Nos arredores viam-se áreas com pasto e plantações de pinus. Apenas nas margens de córregos foram preservadas rarefeitas faixas de mata secundária.

O solo, do topo da elevação em direção norte, era marrom-avermelhado, argilo-arenoso. Em direção sul, mostrava tonalidade cinza-claro e textura areno-argilosa.

As evidências arqueológicas foram encontradas em uma área com 116x36m (3.278,16m²). Eram superficiais.

O local sofreu danos causados por arações e, pela destoca para retirada de raízes de pinus antigos. Fôra cortado, também, no sentido norte-sul, por uma estrada, a qual dava acesso às áreas com cultivo de pinus e à torre. Quando foi constatado, em 1999, o espaço estava limpo. A estrada que o cortava tinha sido reavivada; o material arqueológico espalhava-se em seu leito e, no espaço de instalação da torre.

Cortes-experimentais realizados nada revelaram em profundidade. Evidenciaram somente o completo revolvimento do solo: nas proximidades da torre, ocasionado pela abertura dos buracos para colocação das sapatas e, pela terraplenagem e, nas laterais da estrada, pelo depósito da terra retirada para abertura de seu leito.

Indícios de ocupação Tupiguarani foram registrados na área de instalação da torre. Correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-14.

Relacionado à Tradição Itararé, foi localizado 150m a noroeste, o sítio PR MR 6: Rancho Alegre-3.

PR MR 6: Rancho Alegre-3 (N^oC 3905 a 3911)

UTM: 0482570 - 7326034 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 206m a noroeste da torre 135, a 331m da margem esquerda de um córrego e, 2.608m da margem direita do ribeirão Sabugueiro (Fig. 58). Situava-se no topo de uma elevação, 75m acima do nível das águas do córrego (677m s.n.m.).

O terreno, assim como as cercanias, eram explorados agricolamente há vários anos. Estavam cobertos por capim colônio e, com reflorestamento de pinus. A leste, em meio aos pinus, havia capoeira. Restos de mata secundária foram preservados somente margeando os cursos fluviais.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Em pequeno trecho situado no extremo norte da área de ocorrência, no entanto, era detrítico e mostrava tonalidade cinza-claro.

O material arqueológico espalhava-se por uma área com 28x16m (351,68m²).

Perturbado pela ocupação recente, representada pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias, o sítio fôra cortado, ainda, em seu lado oeste, pela abertura de uma estrada utilizada primeiramente para dar acesso aos reflorestamentos. Com a implantação da linha de transmissão, a estrada foi reavivada e passou a ser usada para acesso à torre. Em 1999, quando o sítio foi constatado, as evidências arqueológicas espalhavam-se em seu leito. Com o abandono da estrada, a capoeira começou a cobrir a superfície do terreno e, a área de ocupação foi delimitada através da abertura de cortes-experimentais.

Estes revelaram a existência de pequena porção do sítio em que a base da camada arqueológica permanecia intacta. Situava-se no lado leste, entre a margem da estrada e o início do espaço com reflorestamento e, estava recoberto por capim colônio. Nesse espaço, cortes-estratigráficos foram efetuados, expondo uma área com 8,50m². Em todos a estratigrafia constatada foi semelhante: camada de terra marrom, friável, até 6cm de profundidade. Somente no lado sul ocorria até 3cm. Abaixo o solo mostrava-se marrom-avermelhado. Era argilo-arenoso até 16cm de profundidade, quando se tornava argiloso e compacto, sem alterar a tonalidade.

O material arqueológico ocorria desde a superfície. Era esparso. Mostrava-se mais numeroso entre 10 e 12cm de profundidade, formando alinhamento entre 13 e 15cm. Raros foram registrados na base do nível, aos 20cm. Das porções centrais do espaço escavado em direção sudeste, blocos de basalto foram evidenciados, delimitando uma área elíptica com 2,10x1,50m (2,47m²). Nele, o material era mais numeroso. No lado leste desse espaço foi exposto um bloco de maiores dimensões com facetas lisas, ladeado por outros, menores. Ao seu redor eram comuns lascas residuais. Raros fragmentos cerâmicos foram registrados até 25cm de profundidade.

Sobreposto pelo sítio PR MR 5: Rancho Alegre-2, de Tradição Tupiguarani, material dessa tradição foi constatado superficialmente e, até 7cm de profundidade nos cortes-estratigráficos executados.

Pertencente à Tradição Itararé, 150m a sudeste encontrava-se o sítio PR MR 4: Rancho Alegre-1.

PR MR 7: Lajeado Seco (N°C 3912)

UTM: 0484290 - 7328424 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 2.040m ao norte da torre 139 e, 2.100m a nordeste da torre 138. Ocupava o topo de uma elevação suave, 63m da margem esquerda da nascente de um córrego (Fig. 59). Encontrava-se 5m acima do nível de suas águas (751m s.n.m.).

O local situado 108m ao norte da entrada para a Fazenda Cruzeiro e ao lado de uma estrada secundária que ligava os distritos de Vista Alegre e Lajeado Seco, estava sendo preparado para plantio. Fôra arado, mas conservava restos de antigo cultivo de milho. Nos arredores predominavam pastagens, com esparsos capões de mata secundária em encostas íngremes.

O solo, de coloração cinza-escuro e, com pequenos blocos de argilito, apresentava textura areno-argilosa.

O material arqueológico dispunha-se em uma área com 83x42m (2.736,51m²). Era superficial.

Junto ao acervo coletado foi registrada uma lâmina de machado que, discrepando da forma e acabamento das lâminas de machado desta tradição, evidencia o aproveitamento de um bloco de basalto que exigiu pouco esforço para sua confecção. Alguns lascamentos por percussão direta diminuiram o volume do talão. O alisamento limitou-se à regularização do gume, permanecendo o córtex no restante da peça. O artefato mede 135x70x50mm, com 80° no gume (Foto 24,e).

Diversos cortes-experimentais foram efetuados. Neles, o material ocorria de forma esparsa até 7cm de profundidade, em meio ao solo revolvido pelo arado.

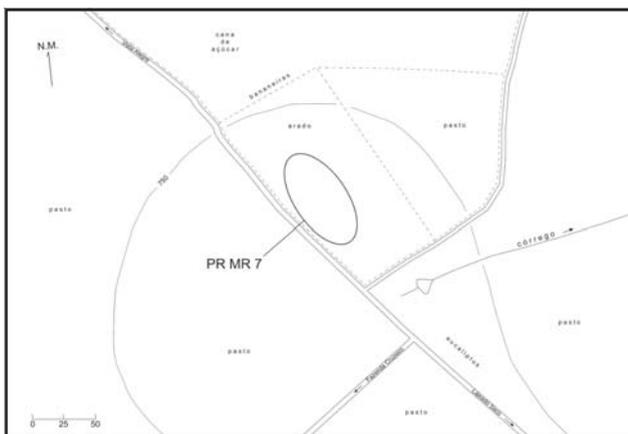


Figura 59: Localização do sítio cerâmico PR MR 7: Lajeado Seco.

PR MR 11: Rio Alonso (NC° 4119 e 4120)

UTM: 0472839 - 7322953 (Município de Rosário do Ivaí)

Sítio cerâmico localizado 370m a sudoeste da torre 114 e, 385m a sudeste da torre 113 (Fig. 60). Dispunha-se no topo de uma elevação, a 77m da margem esquerda do rio Alonso e, a 21m acima do nível de suas águas (431m s.n.m.).

No local e nos arredores havia pasto com árvores e arbustos esparsos. Margeando o rio fôra preservada faixa de mata secundária.

O solo, detrítico, com grânulos de argilito e siltito, era de coloração cinza e textura argilo-arenosa. Sofria processo de erosão laminar.

As evidências arqueológicas dispunham-se em uma área com 16x11m (138,16m²). Eram esparsas.

Sofrendo perturbações ocasionadas pela ocupação moderna representada por atividades primeiramente agrícolas, seguidas depois pela pecuária, o sítio teve a camada de ocupação desestruturada.

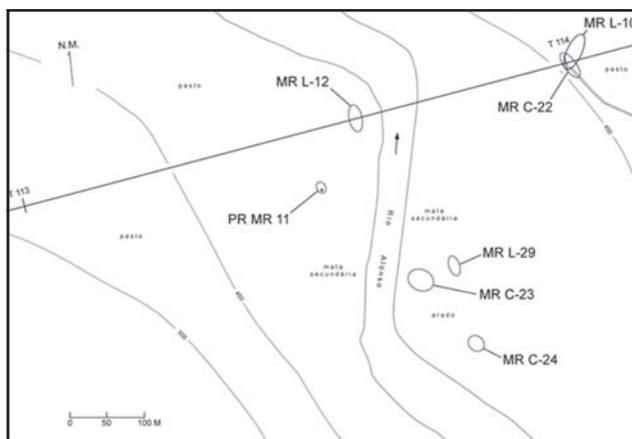


Figura 60: Localização do sítio cerâmico PR MR 11: Rio Alonso; dos indícios líticos PR MR L-10 (ITA), PR MR L-12 (UMB) e PR MR L-29 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-22 (TPG), PR MR C-23 (C-P) e PR MR C-24 ((ITA). O espaço escuro no sítio PR MR 11 indica área onde foi executado corte-estratigráfico.

Nos cortes-experimentais efetuados observou-se que a camada arqueológica fôra revolvida, restando somente sua base, a qual se encontrava entre 12 e 15cm de profundidade, sobre embasamento argilítico. Os cortes evidenciaram, ainda, diminuto espaço situado no lado sul do sítio onde o material arqueológico mostrava-se mais numeroso e, que permitia a abertura de corte-estratigráfico. Foi, então, exposta uma área com 12,25m², que acompanhou a tendência de aparecimento do material. O solo era de coloração cinza e textura argilo-arenosa. Detrítico, apresentava grande quantidade de grânulos de argilito e siltito.

O material arqueológico ocorria entre 5 e 15cm de profundidade. Era mais freqüente entre 5 e 10cm, em meio a raízes e radículas de arbustos e gramíneas. Quando constatado aos 15cm, assentava sobre embasamento argilítico.

Pontos de carvão vegetal foram registrados, mas situando-se nas proximidades da superfície, estavam relacionados a queimadas recentes.

Depressões provocadas por raízes de árvores foram observadas. Nelas, o material ocorria raramente até 18 ou 20cm de profundidade. Abaixo, o solo, apesar de friável e de coloração cinza, era estéril.

Pertencentes à mesma tradição cultural foram registrados a sudeste, a 281m, os indícios cerâmicos PR MR C-24 e, a 605m a noroeste os indícios cerâmicos PR MR C-26.

PR MR 15: Nabor-1 (N^oC 4166 a 4178)

UTM: 0454619 - 7316461 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 67m a sudoeste da torre 69 (Fig. 22). Encontrava-se a 245m de uma nascente formadora de pequeno córrego afluente do córrego da Maçã, do qual distava 478m de sua margem esquerda. Situava-se 89m acima do nível das águas do curso fluvial menor (738m s.n.m.).

Ocupava o topo de uma crista alongada, divisora de águas, com encostas íngremes.

O local estava coberto por pastagens, com árvores esparsas. Restos de mata secundária foram preservados somente acompanhando as margens dos cursos fluviais.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, apresentava textura argilosa e compacta.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 95x41m (3.057,57m²).

O sítio, delimitado através da abertura de cortes-experimentais, fôra cortado no seu lado leste, em sentido norte-sul, por uma estrada que dava acesso às torres. Apresentava perturbações, também, decorrentes de antigas práticas agrícolas desenvolvidas na área. Em seus lados norte, sul e oeste permaneciam, ainda, traçados de antigas estradas.

Constituído por duas estruturas subterrâneas situadas nos quadrantes sudeste (Estrutura 1) e noroeste (Estrutura 2), respectivamente, e distantes entre si 58m, era formado, ainda, por uma área com concentração de material arqueológico. Essa media 25x9m (176,62m²), e situava-se no lado nordeste da Estrutura 1. Neste ponto foram realizadas coletas superficiais.

Escavações amplas foram praticadas na estrutura subterrânea 1, situada a sudeste (Foto 8).

Ao se iniciarem as escavações, a habitação subterrânea apresentava uma depressão com 1m de profundidade na porção central, elevando-se suavemente para os lados. Ao norte e leste a borda tinha um desnível de 22cm em relação às outras partes. A sua abertura era ligeiramente elíptica, medindo 4,60m no sentido norte-sul e 5m no leste-oeste. Não foi constatado ressalto na borda devido às perturbações agrícolas do local, anteriormente à implantação da pastagem e às da estrada aberta no seu lado norte.

Para a remoção do depósito foi empregado o método da decapagem, procurando-se acompanhar as feições da sedimentação. O procedimento adotado permitiu a definição das camadas após a desocupação da habitação e a percepção das que continham evidências

de permanência. Duas das primeiras englobavam micro-estratigrafias relativas ao processo erosivo decorrente do desmatamento e práticas agrícolas mais recentes. O acompanhamento das mais profundas foi dificultado pela extrema umidade do solo.

A terra humosa marrom-escuro removida com uma parte das raízes da grama, constituía a camada 1; media 6cm de espessura no centro, tornando-se mais delgada para a periferia (Fig. 61).

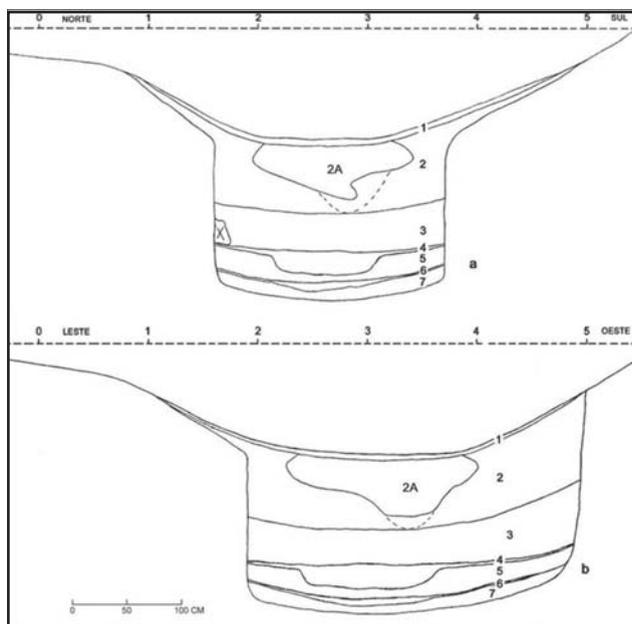


Figura 61: Perfis das paredes norte-sul e leste-oeste do espaço escavado na habitação subterrânea do sítio cerâmico PR MR 15: Nabor-1. Evidências de ocupação foram constatadas nas camadas 4 e 6, respectivamente.

A camada 2, subjacente, inicialmente foi retirada de toda a depressão, mas, a partir de 20cm de profundidade, o espaço da escavação foi restringido às porções centrais da estrutura; o corte continuou circular, porém, com 2,10m de diâmetro. Esta camada aprofundou até 70cm, sendo formada por deposições de terra marrom-avermelhado que, alternadas por estratos de areia de enxurradas, acompanhavam a inclinação do terreno. No centro o solo era argiloso e preto, repleto de fragmentos de carvões relacionados às práticas agrícolas recentes e, pequenos blocos de basalto (símbolo 2A). Os carvões diminuíram de tamanho e quantidade aos 55cm de profundidade; para baixo, até o limite da camada, o solo argiloso continuou preto, com raros e diminutos carvões.

A camada 3 era, também, formada por uma série de faixas de terra argilosa marrom-avermelhado, separadas por delgados estratos de terra arenosa da mesma cor. Nas porções centrais o solo tornou-se muito úmido e pegajoso. Dispunha-se entre 70 e 104cm de profundidade; para os lados, a camada era um pouco mais espessa. Nela ocorreram blocos de basalto maiores.

Fragmentos de cerâmica e lascas de rocha foram detectados nas três camadas superiores. Eram rarefeitos, especialmente na porção inferior da camada 3. Devem ter sido carregados da camada arqueológica externa, juntamente com os sedimentos que formaram os depósitos.

Para baixo caracterizou-se a camada 4, relacionada à ocupação mais recente da habitação. Era mais perceptível nas porções centrais, assinalada por fogão com carvões e pelotas de terra queimada, o solo escuro no entorno, com lascas, fragmentos de cerâmica e porção de pasta para a confecção de recipientes. No quadrante sudeste, sobre o piso, havia concentração de blocos de basalto intemperizado. Ao lado do fogão um pequeno espaço elíptico, preenchido com terra marrom-avermelhado discordante, indicaria perturbação causada por animal (tatu?). A camada era mais escura, espessa e úmida no centro, coincidindo com a área de combustão; media 24cm de espessura. Tornava-se mais delgada para os lados, quando atingia 4 e 2cm de espessura (Fig. 62,a).

A camada 5 era formada por sedimentos argilosos e pastosos de cor marrom-avermelhado que, depois da anterior, atingia a profundidade de 130cm. Não encerrava vestígios arqueológicos.

Na camada 6 configurou-se a ocupação mais antiga da estrutura. Como a mais recente, esta também era escura e mais espessa no espaço de combustão e de atividade periférica imediata, adelgaçando-se para os lados. Naquele ponto media cerca de 8cm de espessura. Somente junto ao fogão havia fragmentos cerâmicos e lascas, além de terra queimada. Blocos de pedra estavam mais afastados, no piso da ocupação (Fig. 62,b). Uma lasca foi constatada no fundo do fogão, aos 140cm de profundidade.

No quadrante sudeste, junto ao limite da escavação, desde as porções medianas da camada 2 até a inferior da 3, foi registrada uma perturbação causada por queima de árvore. Media 40cm de diâmetro e encerrava muitas lascas de arenito silicificado resultantes da combustão.

Cortes-experimentais foram realizados até a profundidade de 250cm, quando se atingiu o embasamento rochoso. O solo constatado nessa camada 7 era friável, menos argiloso e de coloração marrom-avermelhado. Não revelou material arqueológico.

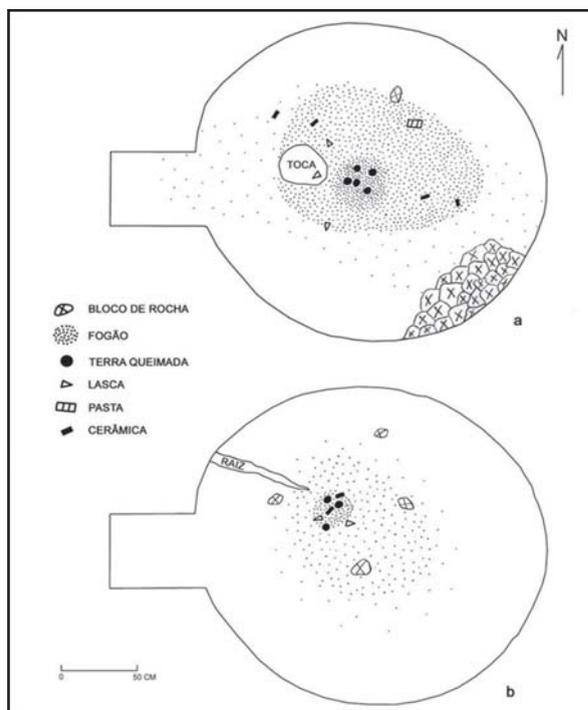


Figura 62: Plantas das ocupações constatadas na habitação subterrânea do sítio cerâmico PR MR 15: Nabor-1. a, planta relacionada à camada 4; b, planta relacionada à camada 6.

Um corte-estratigráfico com 50cm de largura foi efetuado no lado oeste da estrutura. Avançou 60cm em direção à parede oeste, mas não a atingiu. Permitiu, porém, o acompanhamento dos pisos das camadas em aclive suave, sugerindo que a habitação tinha parede inclinada.

Considerando-se a superfície atual do terreno, a camada de ocupação mais recente situava-se entre 2,02m e 2,26m de profundidade e, a mais antiga, entre 2,32m e 2,40m.

Após o encerramento das escavações no interior da estrutura subterrânea foi realizado, na parede oeste, corte com 0,50m de largura que acompanhou a inclinação original da parede da estrutura, expondo-a. Evidenciou somente a presença de solo marrom-avermelhado, argiloso e compacto.

Na estrutura subterrânea 2, com 5,6x5m e 0,70m de profundidade, coberta por pasto e arbustos, corte-experimental foi efetuado nas porções centrais. Revelou a seguinte estratigrafia: da superfície até 3cm de profundidade, solo humoso, de coloração cinza-escuro e

com textura areno-argilosa. Abaixo, até 15cm, mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilosa. Dessa profundidade até 80cm, era marrom-escuro, argilo-arenoso, com esparsos pontos de carvão. Aos 80cm de profundidade se tornava marrom-avermelhado, argiloso, com pedregulhos de basalto intemperizados. Somente uma lasca foi constatada aos 56cm de profundidade.

PR MR 17: Córrego da Maçã (NºC 4180)

UTM: 0455377 - 7317257 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 54m ao norte da torre 71. Situava-se no topo de uma elevação, estendendo-se um pouco pela encosta voltada para pequeno córrego, do qual distava 282m de sua margem esquerda (Fig. 63). Estava a 636m da margem direita do córrego da Maçã. Em relação ao curso fluvial menor, encontrava-se 8m acima de suas águas (753m s.n.m.).

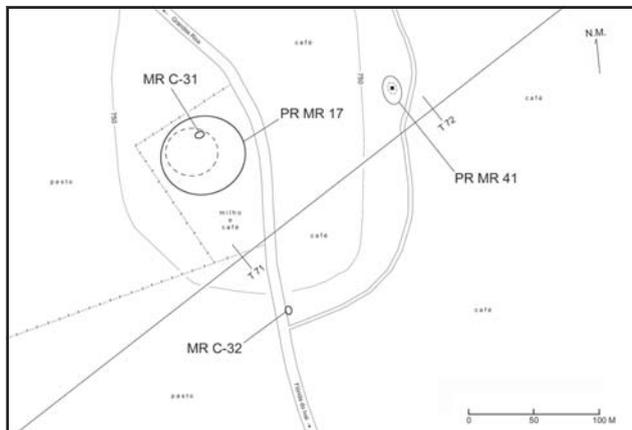


Figura 63: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 17: Córrego da Maçã e PR MR 41: Córrego Feio-4 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-31(TPG) e PR MR C-32 (ITA). O espaço tracejado no sítio PR MR 17 indica área com concentração de material arqueológico e, o ponto escuro no PR MR 41, área de escavação.

No local e a leste, o terreno estava com plantação de café associada a milho. Ao norte, oeste e sul, assim como nas margens do córrego, havia pastagem.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa, com pequenos blocos de basalto na superfície. Ao sul, mostrava tonalidade marrom-claro, com blocos de arenito esparsos.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 66x61m (3.160,41m²). Bastante perturbado em decorrência das atividades agrícolas, desenvolvidas há vários anos, o sítio mostrava a

camada de ocupação desestruturada em profundidade. O material ocorria superficialmente, mas mostrava-se mais numeroso, formando concentração, das suas porções centrais em direção ao extremo noroeste, em uma área com 40x37m (1.161,80m²).

No lado norte da concentração, indícios de reocupação do local por grupo Tupiguarani foi registrado. Correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-31.

PR MR 18: Rio Branco-1 (N^oC 4181 a 4183)

UTM: 0460494 - 7319255 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 60m a sudeste da torre 84, 164m da margem esquerda de um córrego, afluente do rio Branco, do qual distava 464m de sua margem direita (Fig. 64 e Foto 12). Encontrava-se no flanco de uma elevação, 44m acima do nível das águas do curso fluvial menor (635m s.n.m.).

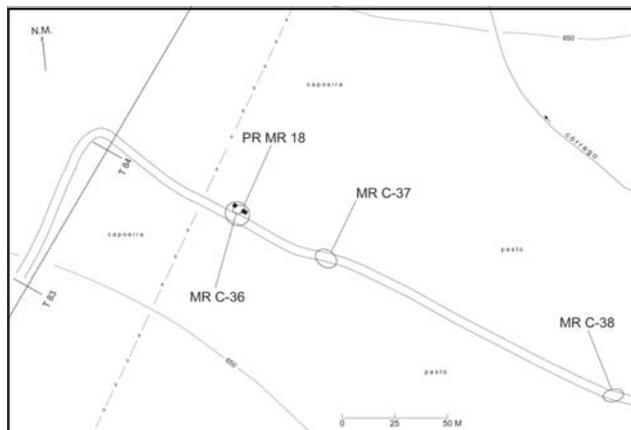


Figura 64: Localização do sítio cerâmico PR MR 18: Rio Branco-1 e, dos indícios cerâmicos PR MR C-36 (TPG), PR MR C-37 (ITA) e PR MR C-38 (ITA). Os pontos escuros no sítio PR MR 18 indicam área onde foram realizados cortes-estratigráficos.

O terreno e, os arredores, até às margens do córrego, estavam com capoeira e árvores esparsas. Restos de mata secundária eram vistos apenas nas margens do rio.

O solo, argiloso e granuloso, apresentava coloração marrom-escuro e grande quantidade de pequenos blocos de basalto na superfície.

O sítio fôra cortado, de suas porções centrais em direção ao extremo sul, em sentido leste-oeste, pela estrada de acesso à torre. As evidências arqueológicas espalhavam-se em seu leito e em suas laterais, ocupando uma área com 12x11m (103,62m²).

Para a sua delimitação, vários cortes-experimentais foram efetuados. Apesar de evidenciarem a desestruturação da camada de ocupação, em dois pontos, situados a nordeste e noroeste, que mostraram maior número de evidências, cortes-estratigráficos com 6m² e 4m², respectivamente, puderam ser efetuados. Em ambos a estratigrafia observada foi semelhante: cobertos por capoeira, raízes e radículas foram comuns até 10cm de profundidade. O solo, até 4cm de profundidade era marrom-escuro, granuloso e argilo-arenoso. Aos 5cm ocorria uma linha formada por cascas de árvores; algumas estavam queimadas. Abaixo, até 10cm, o solo apresentava as mesmas características constatadas nos centímetros iniciais: marrom-escuro, argilo-arenoso, mas acrescido de pequenos blocos de basalto, os quais se tornavam mais numerosos em direção à base do nível. Aos 10cm de profundidade, o solo tornava-se detrítico. O material arqueológico ocorria entre 7 e 10cm de profundidade, sobre os blocos de basalto. Nos dois cortes, em suas porções centrais, fragmentos de mesma peça, formando amontoados, foram registrados.

Nas porções centrais do sítio foram constatados os indícios cerâmicos PR MR C-36, indicando reocupação do local por grupo de Tradição Tupiguarani. Suas evidências ocorreram, inclusive, junto aos cortes-estratigráficos realizados. Nestes casos, situavam-se junto à camada de humus, até 4cm de profundidade.

Indícios de ocupações temporárias de grupos da Tradição Itararé foram localizados na estrada de acesso à torre. Situavam-se 35m e 187m a sudeste e correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-37 e PR MR C-38, respectivamente.

**PR MR 20: Córrego São Sebastião-2 (N^oC 4191 e 4192)
UTM: 0458488 - 7318501(Município de Grandes Rios)**

Sítio cerâmico localizado 22m a nordeste da torre 79 (Fig. 65). Encontrava-se no topo e, em parte da encosta de uma elevação, a 230m da margem esquerda do córrego São Sebastião e, a 52m acima do nível de suas águas (690m s.n.m.).

No local e na periferia era cultivado café, comumente associado com arroz. Junto à torre havia pasto. Capões de mata secundária eram vistos a oeste, na vertente de elevação e, nas margens do curso fluvial.

O solo, com blocos de arenito e basalto na superfície, era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa.

O material arqueológico dispunha-se superficialmente em uma área com 110x45m (3.885,75m²).

O sítio, apesar de descaracterizado em consequência das intensivas atividades agrícolas desenvolvidas há vários anos e, pela

abertura de uma estrada de acesso às plantações, que o cortava no lado oeste, em sentido norte-sudoeste conservava, ainda, duas áreas com concentração de evidências. Nas porções centrais de ambas foi possível, também, a delimitação de espaços com adensamento de material, provavelmente indicativos de bases de habitações.

A concentração "A", que mostrava maior dispersão de material, estendia-se das porções centrais do sítio em direção ao lado sul. Suas dimensões eram de 67x42m (2.208,99m²). O adensamento nela registrado ocupava sua parte central e media 37x13m (377,58m²). A concentração "B" foi localizada 14m ao norte da "A" e, suas dimensões eram de 43x29m (978,89m²). Conservava nas porções centrais, adensamento com 16x12m (150,72m²).

Cortes-experimentais foram efetuados na área, à procura de espaço intacto que permitisse a abertura de cortes-estratigráficos, mas revelaram-se estéreis. Somente coletas superficiais setORIZADAS foram executadas.

Sítios da mesma tradição cultural foram registrados 86m a leste e, 350m ao sul. Correspondem aos sítios PR MR 21: Córrego São Sebastião-3 e PR MR 22: Água da Consulta-1, respectivamente.

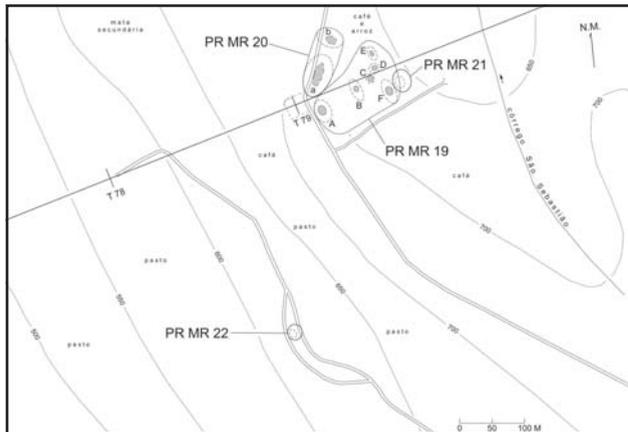


Figura 65: Planta dos sítios cerâmicos PR MR 19: Córrego São Sebastião-1 (TPG), PR MR 20: Córrego São Sebastião-2 (ITA), PR MR 21: Córrego São Sebastião-3 (ITA) e PR MR 22: Córrego São Sebastião-4 (ITA). Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de material arqueológico e, os hachurados, áreas com adensamento de evidências.

**PR MR 21: Córrego São Sebastião-3 (N^oC 4193)
UTM: 0458625 - 7318483 (Município de Grandes Rios)**

Sítio cerâmico localizado 154m a sudeste da torre 79 e, a 127m da margem esquerda do córrego São Sebastião (Fig. 65). Disponha-se

em meia-encosta, 23m acima do nível das águas do curso fluvial (680m s.n.m.).

No local, assim como nos arredores, havia extensa plantação de café. Restos de mata secundária eram vistos apenas margeando o córrego.

O solo, marrom-avermelhado e argiloso, apresentava grande quantidade de blocos de basalto na superfície. Em direção leste, tornava-se detrítico.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 35x28m (769,30m²). Era superficial. Mostrava-se mais numeroso, entretanto, tendendo a formar concentração, em uma área com 18x15m (211,95m²) que se estendia das porções centrais do sítio em direção ao seu lado oeste.

Reocupação do espaço foi registrado pela sobreposição, no seu lado oeste, do sítio PR MR 19: Córrego São Sebastião-1, de Tradição Tupiguarani.

Relacionados à Tradição Itararé foram constatados, nas proximidades, os sítios PR MR 20: Córrego São Sebastião-2 e PR MR 22: Água da Consulta-1. Situavam-se, respectivamente, a 86m a oeste e 389m a sudoeste.

PR MR 22: Água da Consulta-1 (N^oC 4194)

UTM: 0458465 - 7318068 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 359m a sudeste da torre 78 e, a 342m a sudoeste da torre 79. Ocupava pequeno platô situado em encosta íngreme, distando 478m da margem direita do córrego Água da Consulta (Fig. 65). Encontrava-se 137m acima do nível de suas águas (619m s.n.m.).

O terreno, assim como seus arredores, estava com pasto. Somente acompanhando as margens do córrego conservava-se estreita faixa de mata secundária.

O solo mostrava textura arenosa e coloração marrom-avermelhado. Em sua superfície, eram comuns blocos de arenito e basalto de tamanhos diversos.

As evidências arqueológicas, esparsas e superficiais, se dispunham em uma área com 25x23m (451,37m²), orientando o eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

O sítio apresentava descaracterizações provocadas pela abertura de duas estradas secundárias: uma o cortava no extremo leste, no sentido norte-sul e dava acesso à torre. A outra, bifurcando dela, contornava a área de ocorrência e, passando no seu limite oeste formava uma elipse, retornando à estrada principal. A terra retirada para a

abertura do acesso à torre foi, inclusive, depositada sobre o espaço ocupado pelo lado leste do sítio, encobrendo-o. Apesar das perturbações sofridas, foi possível, ainda, a delimitação de uma área com concentração de material arqueológico no lado oeste do sítio, que se mostrava menos alterado. Medida 14x12m (131,88m²).

Cortes-experimentais foram executados na área, mas nada revelaram em profundidade.

Sítios vinculados à mesma tradição cultural foram registrados 390m ao norte e, 389m a nordeste. Estão representados pelos sítios PR MR 20: Córrego São Sebastião-2 e PR MR 21: Córrego São Sebastião-3.

PR MR 23: Água da Consulta-2 (N^oC 4195)

UTM: 0456918 - 7317830 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 165m a nordeste da torre 76. Situava-se a 28m da margem direita de um córrego e, a 334m da margem esquerda de outro, ambos afluentes do córrego Água da Consulta (Fig. 66). Dispunha-se em pequeno platô localizado em meia-encosta, 15m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e, 134m das do segundo (639m s.n.m.).

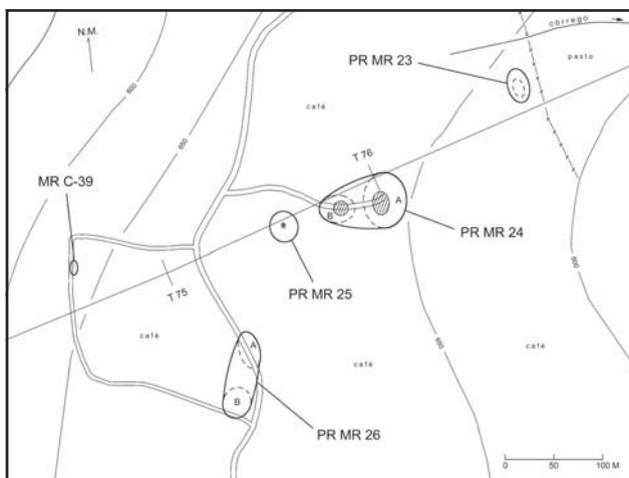


Figura 66: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 23: Água da Consulta-2, PR MR 24: Água da Consulta-3 (ITA), PR MR 25: Córrego Feio-1 (TPG), PR MR 26: Córrego Feio-2 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-39 (ITA).

O terreno, assim como as proximidades, era utilizado para plantio de café. A leste, que apresentava declive acentuado, via-se trecho com pasto e, a sudoeste, faixa com cana-de-açúcar.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, apresentava textura argilosa e blocos de basalto esparsos na superfície.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 36x22m (621,72m²), orientando o eixo maior em sentido perpendicular ao córrego.

Perturbado em consequência das atividades modernas, representadas por intensivas práticas agrícolas, o sítio conservava, ainda, em suas porções centrais, área onde o material arqueológico mostrava-se mais numeroso, formando concentração. Media 19x11m (164,06m²).

Inúmeros cortes-experimentais foram realizados à procura de espaço intacto que permitisse abertura de cortes-estratigráficos, mas nada revelaram em profundidade.

Sítios e indícios vinculados à mesma tradição cultural foram localizados nas proximidades. A sudoeste, a 146m, 364m e 815m de distância estavam os sítios PR MR 24: Água da Consulta-3, PR MR 26: Córrego Feio-2 e, PR MR 28: Córrego da Cobra, respectivamente. A oeste encontravam-se os indícios cerâmicos PR MR C-39 e PR MR C-40 e, o sítio PR MR 27: Córrego Feio-3. Estavam a 477m, 895m e 1.064m, respectivamente.

PR MR 24: Água da Consulta-3 (N^oC 4196 e 4197)

UTM: 0456757 - 7317706 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 76. Encontrava-se a 369m da margem direita do córrego Feio e, a 410m da margem esquerda de outro, afluente do córrego Água da Consulta (Fig. 66). Encontrava-se na encosta de suave elevação, 51m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e 124m das do segundo (659m s.n.m.).

No local e nas proximidades havia cultivo de café associado a arroz e milho. Apenas margeando os córregos viam-se estreitas e rarefeitas faixas de mata secundária.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa, com esparsos blocos de basalto na superfície. Sofria processos erosivos laminares e lineares.

O material arqueológico dispunha-se em uma área elíptica com 92x58m (3.824,52m²), dispoendo o eixo maior em sentido perpendicular aos córregos.

O sítio apresentava descaracterizações em sua camada de ocupação, decorrentes das atividades agrícolas e, pela abertura de uma estrada, que o cortava em sentido leste-oeste. No seu lado norte sofreu alterações, também, causadas pelas obras de engenharia para

instalação da torre. Nesse espaço, a terraplenagem executada expôs a camada arqueológica, revolvendo e dispersando o material.

Apesar das perturbações sofridas, percebia-se que o material arqueológico tendia a ser mais numeroso em espaços limitados. A concentração "A" estendia-se das porções centrais do sítio em direção ao seu lado leste. Medida 58x44m (2.003,32m²). A concentração "B" encontrava-se 11m a oeste da "A". Suas dimensões eram de 37x28m (813,26m²). Em ambas, áreas com adensamento de evidências foram registradas. Situavam-se nas porções centrais das concentrações e, provavelmente, estão relacionadas a bases de antigas habitações. Mediam 24x17m (320,28m²) e 14m de diâmetro (153,86m²), respectivamente.

Cortes-experimentais efetuados mostraram-se estéreis em profundidade. Apenas coletas superficiais setorizadas puderam ser praticadas.

Relacionados à Tradição Itararé foram localizados 146m a nordeste o sítio PR MR 23: Água da Consulta-3, a sudoeste, a 145m e 627m os sítios PR MR 26: Córrego Feio-2 e PR MR 28: Córrego da Cobra. A oeste encontravam-se os indícios cerâmicos PR MR C-39 e PR MR C-40 e, o sítio PR MR 27: Córrego Feio-3. Estavam a 255m, 668m e 840m, respectivamente.

PR MR 26: Córrego Feio-2 (N^oC 4200 e 4201)

UTM: 0456633 - 7317520 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 115m a sudeste da torre 75 e, a 301m da margem direita do córrego Feio (Fig. 66). Ocupava o topo e parte da encosta de suave elevação voltada para o córrego, 16m acima do nível de suas águas (663m s.n.m.).

O terreno e, os arredores, explorados agricolamente há vários anos, estavam com cultivo de café associado a milho. Restos de mata secundária foram conservados apenas margeando o curso fluvial.

O solo, de textura argilo-arenosa e com esparsos blocos de basalto na superfície, mostrava coloração marrom-avermelhado.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área elíptica com 92x31m (1.995,47m²).

As intensivas atividades agrícolas desenvolvidas no local desestruturaram a camada de ocupação, causando a dispersão e fragmentação do material arqueológico. Dois espaços com maior frequência de material arqueológico, entretanto, ainda puderam ser delimitados. A concentração "A", com 38x21m (626,43m²), foi localizada no lado norte do sítio. Era cortada, em suas porções centrais, no sentido noroeste-sudeste, por uma estrada secundária de acesso às plantações

de café e às torres 75 e 76. A concentração “B” situava-se no lado sul do sítio, 25m ao sul da concentração “A”. Media 33x27m (699,43m²) e, mostrava perturbações no extremo sul, causadas pela abertura de uma via de acesso ao cafezal. Essa atravessava a concentração no sentido leste-oeste.

Cortes-experimentais executados na área nada revelaram em profundidade.

Relacionados à mesma tradição cultural foram registrados 181m a noroeste os indícios cerâmicos PR MR C-39, 145m e 364m a nordeste os sítios PR MR 24: Água da Consulta-3 e PR MR 23: Água da Consulta-2. A sudoeste, a 405m de distância situava-se o sítio PR MR 28: Córrego da Cobra e, a oeste, a 527m e 709m, os indícios cerâmicos PR MR C-40 e o sítio PR MR 27: Córrego Feio-3.

PR MR 27: Córrego Feio-3 (N^oC 4202 e 4203)

UTM: 0455868 - 7317404 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 37m ao norte da torre 73, a 67m da margem direita de um córrego, afluente do córrego Feio, do qual distava 406m de sua margem esquerda (Fig. 67 e Foto 7). Situava-se na encosta de uma elevação, 10m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e, 79m das do segundo (680m s.n.m.).

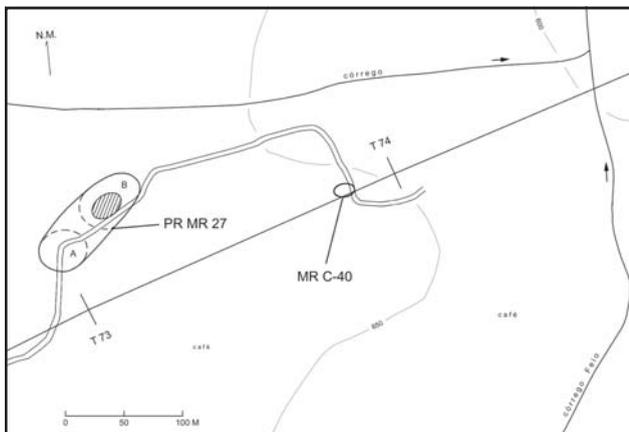


Figura 67: Planta do sítio cerâmico PR MR 27: Córrego Feio-3 e dos indícios cerâmicos PR MR C-40 (ITA). Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de material arqueológico e, o hachurado, espaço com adensamento de evidências.

No local e nos arredores era cultivado café, associado com milho e/ou amendoim. Restos de mata secundária permaneciam apenas acompanhando o córrego Feio; margeando o outro curso fluvial havia estreita faixa com pastagem e árvores esparsas.

O solo, de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, apresentava blocos de basalto e arenito na superfície.

O material arqueológico, esparsos e superficiais, ocupava uma área com 109x41m (3.508,16m²), orientando o eixo maior em sentido oblíquo ao córrego Feio.

O sítio, além das perturbações sofridas em consequência das atividades agrícolas, fôra cortado no sentido leste-oeste por uma estrada secundária que possibilitava acesso às plantações e, também, à torre 74, expondo as evidências arqueológicas em seu leito.

Apesar de ter sofrido desestruturações em sua camada de ocupação, dois espaços com maior frequência de material, formando concentrações, puderam ser delimitados. A concentração "A" situava-se no lado oeste do sítio. Medida 42x35m (1.153,95m²) e mostrava suas porções centrais cortadas pela estrada. A concentração "B" encontrava-se 11m a leste da "A". Com área de 57x41m (1.834,54m²), teve seu lado sul perturbado pela abertura da estrada. Nela foi possível, ainda, caracterizar uma área com adensamento de material em suas porções centrais. Indicativa de base de habitação, medida 28x18m (395,64m²).

Cortes-experimentais realizados na área do sítio mostraram-se estéreis em profundidade e apenas coletas superficiais setorizadas foram executadas.

Sítios e indícios de ocupações temporárias relacionados à Tradição Itararé foram registrados nas proximidades. Quatro encontravam-se a leste, a 167m, 579m, 840m e 1.064m de distância e correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-40 e PR MR C-39 e, aos sítios PR MR 24: Água da Consulta-3 e PR MR 23: Água da Consulta-2, respectivamente. A sudeste situavam-se os sítios PR MR 28: Córrego da Cobra e PR MR 26: Córrego Feio-2. Estavam a 696m e 709m, respectivamente.

PR MR 28: Córrego da Cobra (NC 4204 a 4206)

UTM: 0456508 - 7317018 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 561m a sudeste da torre 74 e 570m a sudoeste da torre 75. Dispunha-se no topo de uma elevação, a 75m da margem esquerda de pequeno curso fluvial, afluente do córrego da Cobra, do qual distava 505m de sua margem esquerda (Fig. 68). Situava-se 10m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e, 37m das do segundo (696m s.n.m.).

O local, explorado agricolamente há vários anos, estava com plantação de café. Nos arredores, viam-se cafezais comumente associados a outras culturas como milho e arroz. Margeando o pequeno córrego havia pasto e, junto ao córrego da Cobra, capoeira.

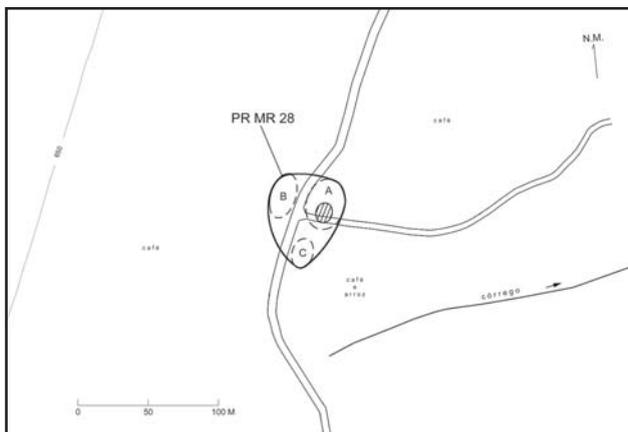


Figura 68: Planta do sítio cerâmico PR MR 28: Córrego da Cobra. Os espaços tracejados indicam áreas com concentração de evidências arqueológicas e, o espaço hachurado, área com adensamento de material.

O solo, de tonalidade marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa mostrava, superficialmente, blocos de basalto e arenito.

O material arqueológico era encontrado em uma área com 67x54m (2.840,13m²) que orientava seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego da Cobra.

Perturbado pelas intensivas práticas agrícolas, o sítio mostrava alterações decorrentes da abertura de duas estradas secundárias: uma o cortava no sentido nordeste-sudoeste e, a outra, bifurcando dela, atingia seu lado leste. Mesmo danificado pela ocupação moderna, o sítio conservava três espaços com concentração de material arqueológico que puderam ser delimitados. A concentração "A", que mostrava perturbação maior, uma vez que fôra cortada no seu lado sul por uma das estradas, estendia-se das porções centrais do sítio em direção ao seu lado nordeste. Media 36x28m (791,28m²). Essa concentração comportava, ainda, área com adensamento de material em seu lado sul, com 14x11m (120,89m²). A concentração "B", com 32x18m (452,16m²) encontrava-se no lado noroeste do sítio, 7m a leste da "A" e 26m ao norte da "C". Finalmente, a concentração "C", situada no lado sul do sítio, 11m a sudoeste da "A" e 26m ao sul da "B", media 21x14m (230,79m²).

No sítio, coletas superficiais setorizadas foram realizadas. Os cortes experimentais efetuados nada evidenciaram em profundidade.

Vinculados à Tradição Itararé, foram registrados 543m ao norte os indícios cerâmicos PR MR C-39. A nordeste, a 405m, 627m e 815m, estavam os sítios PR MR 26: Córrego Feio-2, PR MR 24: Água da Consulta-3 e PR MR 23: Água da Consulta-2. A noroeste situavam-se

os indícios cerâmicos PR MR C-40 e o sítio PR MR 27: Córrego Feio-3. Estavam a 541m e 696m, respectivamente.

**PR MR 29: Córrego São Sebastião- 4 (N^oC 4207)
UTM: 0459010 - 7318688 (Município de Grandes Rios)**

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 80, a 232m da margem esquerda do córrego São Sebastião e, 1.073m da margem esquerda do Rio Branco (Fig. 69). Dispunha-se no topo e, em parte da encosta de uma elevação suave voltada para o córrego, 49m acima do nível de suas águas (687m s.n.m.).

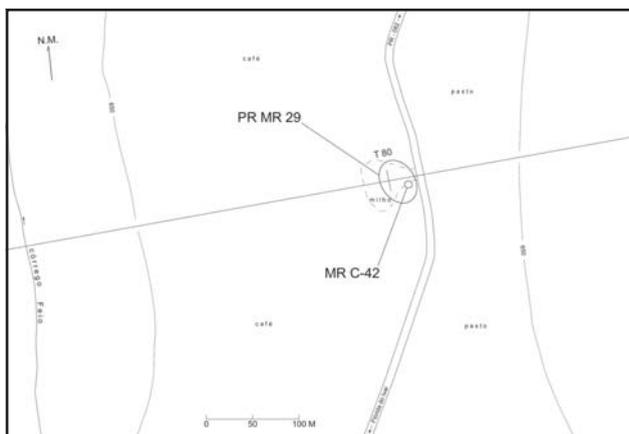


Figura 69: Localização do sítio cerâmico PR MR 29: Córrego São Sebastião-4 e, dos indícios cerâmicos PR MR C-42 (TPG).

O local, explorado agricolamente, estava com plantação de milho no espaço ocupado pela torre. Em sua periferia, ao norte e ao sul, era cultivado café e, à leste, na margem oposta à estrada de acesso ao distrito de Flórida do Ivaí, mostrava-se coberto por pastagens. Restos de mata secundária foram preservados somente nas margens do córrego.

O solo, detrítico, apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Nos arredores eram comuns blocos de basalto na superfície.

O material arqueológico ocupava uma área com 32x23m (577,76m²). Era esparso e superficial.

O sítio sofreu alterações na camada de ocupação em consequência das práticas agrícolas e, também, por aquelas oriundas das obras de engenharia para implantação da torre.

Cortes-experimentais efetuados revelaram a desestruturação da camada arqueológica, mostrando-se estéreis em profundidade.

Reocupação do local por grupo da Tradição Tupiguarani foi constatada no canto sudeste do sítio, com a presença de fragmentos cerâmicos dessa tradição. Correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-42.

**PR MR 30: Fazenda Ribeirão Bonito-1 (N^oC 4229)
UTM: 0461697 - 7319823 (Município de Grandes Rios)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da linha de transmissão, 12m a sudoeste da torre 86 (Fig. 70 e Foto 13). Encontrava-se a 491m da margem direita de um córrego, afluente do rio Branco, ocupando o topo e parte da encosta de uma elevação, 37m acima do nível das águas do curso fluvial menor (724m s.n.m.).

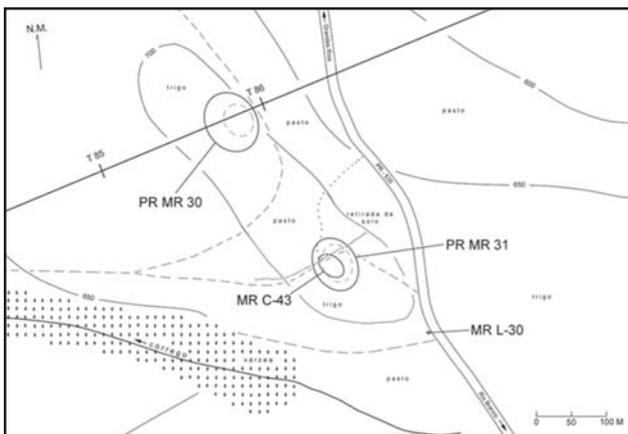


Figura 70: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 30: Fazenda Ribeirão Bonito-1 e PR MR 31: Fazenda Ribeirão Bonito-2 (TPG); dos indícios líticos PR MR L-30 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-43 (ITA). As elipses tracejadas nas áreas dos sítios indicam concentrações de material arqueológico.

O local, situado nas proximidades de uma depressão de antiga lagoa, atualmente coberta por vegetação típica de várzea, fôra arado e estava com plantação de trigo. Nos arredores intercalavam-se áreas cultivadas e com pastagens. Restos de mata secundária permaneciam em pequenos pontos, comumente nas encostas íngremes de elevações próximas.

O solo, de textura areno-argilosa, apresentava coloração marrom-avermelhado. A leste, nos arredores da torre, havia um afloramento de arenito e, pequenos blocos de arenito eram comuns na superfície.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 88x75m (5.181m²). Mostravam-se diminutas, em conseqüência das intensivas práticas agrícolas, as quais desestruturaram a camada de

ocupação. Eram mais numerosas, no entanto, nas partes mais elevadas do terreno, em uma área com 48x40m (1.507,20m²). Nela pôde-se observar que tendiam a ocorrer, em pontos isolados, pequenos amontoados de fragmentos, relacionados às mesmas peças.

Somente coleta superficial foi realizada, pois os cortes experimentais executados nada evidenciaram em profundidade.

Relacionados à mesma tradição cultural foram registrados, 187m a sudeste, os indícios cerâmicos PR MR C-43.

**PR MR 32: Córrego Água do Macaco-1 (N^oC 4231)
UTM: 0448794 - 7311824 (Município de Ivaiporã)**

Sítio cerâmico localizado 87m a sudeste da torre 49 e, a 193m da margem esquerda de pequeno córrego, afluente do córrego Água do Macaco (Fig. 71). Encontrava-se na meia-encosta de uma elevação suave, 82m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (713m s.n.m.).

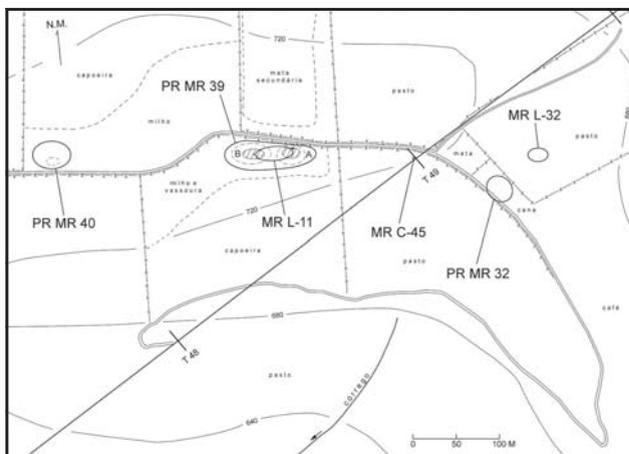


Figura 71: Localização dos sítios cerâmicos PR MR 32: Córrego Água do Macaco-1, PR MR 39: Córrego Água do Macaco-2 (ITA) e PR MR 40: Córrego Água do Macaco-3 (ITA) e, dos indícios líticos PR MR L-11 (UMB) e PR MR L-32 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR MR C-45 (ITA). As elipses tracejadas na área dos sítios indicam concentrações de material arqueológico e, os hachurados no sítio PR MR 39 áreas com adensamento de material.

O terreno, explorado agricolamente, estava com plantação de cana-de-açúcar. O local, caracterizado pela presença de pequenos proprietários conservava, em meio à cana, antigos pés de café, fragmentos de telhas, tijolos e argamassa de demolições recentes. Nos arredores predominavam pastagens. Ao norte e oeste permaneciam rarefeitos capões com mata secundária.

O solo apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa.

O material arqueológico ocorria em uma área com 32x37m (929,44m²), dispendo seu eixo maior em sentido perpendicular ao córrego. Era superficial.

O sítio, descaracterizado pelas atividades antrópicas, era cortado, no seu extremo oeste, por uma estrada vicinal de acesso à residência do proprietário.

Pertencentes à mesma tradição cultural foram registrados, 200m e 482m a noroeste, os sítios PR MR 39 e PR MR 40, respectivamente e, 88m, também a noroeste, os indícios cerâmicos PR MR C-45.

PR MR 33: Formoso (N^oC 4232)

UTM: 0447856 - 7311215 (Município de Ivaiporã)

Sítio cerâmico localizado 29m a noroeste da torre 47. Situava-se no topo de uma elevação, a 300m da margem direita do córrego Água do Macaco e, a 194m da margem de outro, seu afluente (Fig. 72). Disponha-se 29m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (665m s.n.m.).

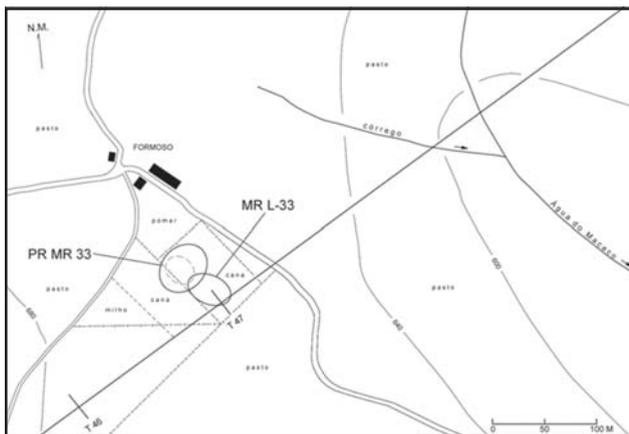


Figura 72: Localização do sítio cerâmico PR MR 33: Formoso e, dos indícios líticos PR MR L-33 (UMB). A elipse tracejada na área do sítio indica concentração de material arqueológico.

O local, explorado agricolamente por pequenos proprietários, encontrava-se com cana-de-açúcar. Misturados à cana eram vistos antigos pés de café, restos de telhas, tijolos e vidros. Nos arredores havia pasto e, à noroeste um pomar e a residência do proprietário.

O solo, de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, apresentava fragmentos de basalto e arenito na superfície.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 51x41m (1.641,43m²). Era superficial, mas tendia a ser mais numeroso nas suas porções centrais, em uma área com 30x24m (565,20m²).

Cortes-experimentais foram executados na área do sítio e, em suas proximidades, mas mostraram-se estéreis.

O sítio sobrepunha o seu lado sul aos indícios líticos PR MR L-33, de Tradição Umbu.

PR MR 34: Córrego Feliz (N^oC 4233 e 4234)

UTM: 0447308 – 7310621 (Município de Ivaiporã)

Sítio cerâmico localizado 56m a sudeste da torre 45 e, a 167m da margem esquerda do córrego Feliz (Fig. 73). Ocupava a meia-encosta de uma elevação, 22m acima do nível das águas do córrego (575m s.n.m.).

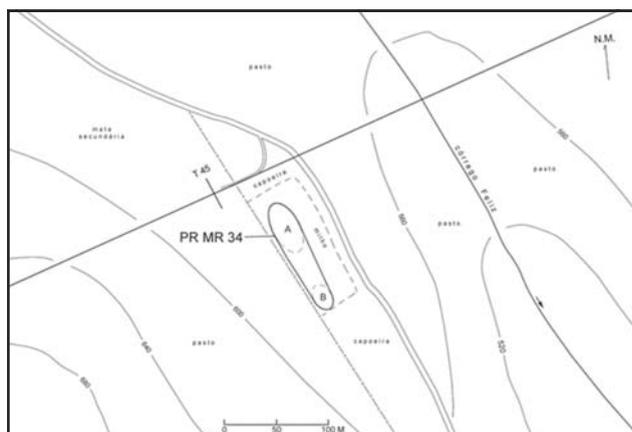


Figura 73: Planta do sítio PR MR 34: Córrego Feliz, de Tradição Itararé. As elipses tracejadas e alfinetadas indicam áreas com concentração de material arqueológico.

O terreno, arado, estava com plantação de milho. Nos arredores havia pasto e, ao norte, capoeira e capão com mata secundária.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com blocos de arenito e basalto na superfície.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com 115x26m (2.347,15m²), orientando seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

Descaracterizado em consequência das intensivas práticas agrícolas desenvolvidas há vários anos, as quais provocaram a dispersão e fragmentação do material arqueológico, dois espaços com concentração de evidências, no entanto, puderam ser delimitados. A concentração "A" foi localizada no lado norte do sítio e media 52x24m

(979,78m²). A concentração “B”, com 25x16m (314m²), situava-se no lado sul, a 37m ao sul da “A”.

No sítio, além de coletas superficiais setorizadas, diversos cortes-experimentais foram efetuados. Evidenciaram a desestruturação da camada de ocupação. O material ocorria até 7cm de profundidade, em meio a terra revolvida. Em apenas um corte, executado nas porções centrais da concentração “B”, foi registrado até 13cm de profundidade. Nesse ponto a área foi exposta, evidenciando a presença de fragmentos de mesma peça formando amontoado.

Na área da concentração “A” foram coletados fragmentos cerâmicos intrusivos pertencentes à Tradição Casa de Pedra. Em ambas as concentrações do sítio a incidência de material lítico ultrapassou a média constatada nos demais da Tradição Itararé ocorrendo, inclusive, na concentração “A”, uma cavadeira de arenito silicificado, retocada por lascamentos escamados, medindo 180x85x65mm.

PR MR 36: Rio Azul-1 (N^oC 4236)

UTM: 0444562 - 7308611 (Município de Ariranha do Ivaí)

Sítio cerâmico localizado 65m a noroeste da torre 37 e, a 480m da margem direita do rio Azul (Fig. 74). Ocupava a encosta de uma elevação suave, 73m acima do nível das águas do curso fluvial (503m s.n.m.).

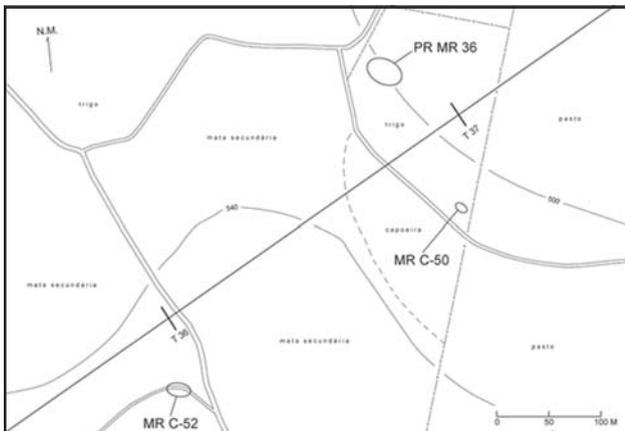


Figura 74: Localização do sítio cerâmico PR MR 36: Rio Azul-1 e, dos indícios cerâmicos PR MR C-50 (ITA) e PR MR C-52 (ITA).

O local estava arado e com cultivo de trigo. Nas proximidades viam-se pastagens e espaços com capoeira. Restos de mata secundária foram preservados somente em pequeno capão situado a leste e, também nas margens do rio.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 35x24m (659,40m²). Era esparsa e superficial.

As consecutivas arações do solo para implantação de cultivos diversos, no decorrer dos anos, descaracterizou a camada de ocupação.

Vinculados à mesma tradição cultural foram registrados, 130m a sudeste, os indícios cerâmicos PR MR C-50 e, 347m a sudoeste, os indícios cerâmicos PR MR C-52.

PR MR 37: Rio Azul-2 (N^oC 4237)

UTM: 0442140 - 7306440 (Município de Ariranha do Ivaí)

Sítio cerâmico localizado 172m a sudoeste da torre 31 e, a 273m da margem direita do rio Azul (Fig. 75). Dispunha-se na meia-encosta de uma elevação voltada para o rio, 47m acima do nível de suas águas (611m s.n.m.).

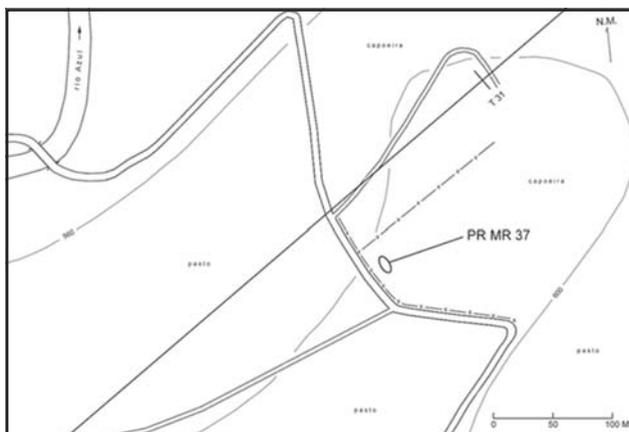


Figura 75: Localização do sítio cerâmico PR MR 37: Rio Azul-2.

O terreno, anteriormente utilizado para cultivos diversos, encontrava-se com vegetação rasteira e pequenos arbustos. Nos arredores predominavam pastagens. Ao norte via-se capoeira e, margeando o curso fluvial, faixa estreita de mata secundária.

O solo, detrítico, era de coloração marrom na área do sítio e, marrom-avermelhado nas proximidades. De textura argilo-arenosa, apresentava blocos de basalto e arenito na superfície. O material arqueológico ocupava uma área com 15x8m (94,20m²). O local, além das perturbações causadas pelas atividades agrícolas, mostrava alterações em consequência da abertura de uma estrada vicinal em

seu lado sul. Esta, apesar de localizar-se na periferia da área do sítio, causou desestruturação na camada de ocupação com o aplanamento, em declividade para a estrada, do barranco por ela formado. Essa operação, associada a intenso processo erosivo linear, resultou no revolvimento e exposição de evidências arqueológicas em pontos isolados do barranco.

Cortes-experimentais foram executados na área do sítio e em seus arredores, mas mostraram-se estéreis em profundidade. O material foi, então, coletado superficialmente e, através de raspagens executadas no barranco, nos pontos de ocorrência de evidências.

PR MR 38: Rio Claro (N^oC 4238)

UTM: 0437403 - 7303267 (Município de Ariranha do Ivaí)

Sítio cerâmico localizado a 423m da torre 17 e a 429m da torre 18. Dispunha-se no topo e em parte da encosta de uma elevação, 191m da margem esquerda de pequeno córrego, afluente do rio Claro, do qual distava 768m de sua margem direita (Fig. 76). Encontrava-se 26m acima do nível das águas do curso fluvial menor (722m s.n.m.).

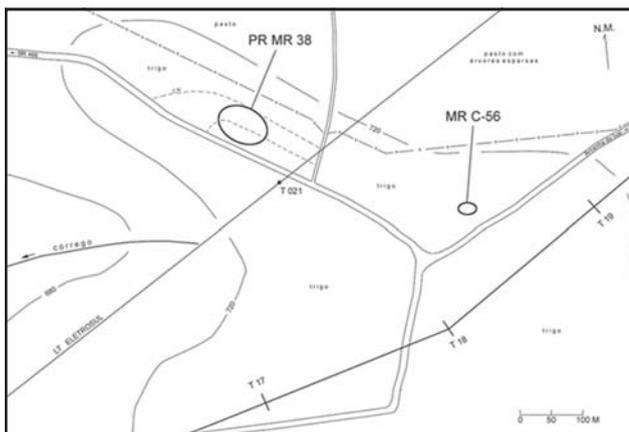


Figura 76: Localização do sítio cerâmico PR MR 38: Rio Claro e, dos indícios cerâmicos PR MR C-56 (TPG).

O local, arado, estava com cultivo de trigo em meio a restos de antigas plantações de soja e milho. Nas proximidades eram comuns áreas com cultura de trigo. Apenas ao norte viam-se espaços com pasto e árvores esparsas. Restos de mata secundária formavam pequenos capões em pontos isolados das cercanias.

O solo, de textura argilo-arenosa, era de coloração marrom-avermelhado.

O material arqueológico, esparso e superficial, ocupava uma área com 84x58m (3.824,52m²).

As consecutivas arações e, a execução de curvas de nível agrícolas para contenção de erosão, as quais cortavam a área do sítio ao norte e sul, em sentido leste-oeste, descaracterizaram a camada arqueológica, fragmentando e dispersando as evidências, tornando-se impossível a delimitação de espaços com concentração de material e/ou adensamento. De acordo com informações de moradores, quando da entrada na área, nas décadas de 1940 e 50, eram encontradas peças completas e grandes fragmentos cerâmicos. Com a introdução de arados mecânicos, no entanto, há cerca de 30 anos, os fragmentos cerâmicos tornaram-se menores e, em alguns locais, nada mais é localizado.

Na área desse sítio ocorreu uma lâmina de machado de basalto com superfície polida e com gargalo picoteado próximo ao talão. De tipologia Tupiguarani, a peça estava fragmentada longitudinalmente e na extremidade distal. No bordo desta fratura existem sinais de utilização como goiva.

**PR MR 39: Córrego Água do Macaco-2 (N^oC 4239 a 4242)
UTM: 0448541 - 7311859 (Município de Ivaiporã)**

Sítio cerâmico localizado 115m a oeste da torre 49 e, a 230m da margem direita de pequeno curso fluvial, afluente do córrego Água do Macaco (Fig. 71). Dispunha-se no topo de uma elevação, 109m acima do nível das águas do primeiro córrego (740m s.n.m.).

O terreno, utilizado para o desenvolvimento de atividades agropecuárias há vários anos, estava com restos de antigas lavouras de milho e vassoura. Nos arredores viam-se espaços com pasto intercalados por outros com capoeira. Somente ao norte permanecia pequeno capão com mata secundária. Margeando-o, fôra aberta uma estrada vicinal de acesso a pequenas propriedades e às torres 48 e 49.

O solo, de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, apresentava grande quantidade de blocos de basalto na superfície. Muitos deles, inclusive, tinham sido removidos e amontoados em pontos distintos para permitir o plantio.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 105x34m (2.802,45m²). Apesar das perturbações ocasionadas pelas intensivas práticas agrícolas, foi possível, ainda, a delimitação de duas áreas com concentração de material e, em suas porções centrais, de adensamentos. A concentração "A" media 33x22m (569,91m²) e situava-se no lado leste do sítio. Apresentava, na parte central, adensamento com 21x13m (214,30m²). A concentração "B" situava-se 9m a oeste da "A". Suas dimensões eram de 46x24m (866,64m²). Comportava, também,

espaço com adensamento de material em suas porções centrais. Este media 25x12m (235,50m²).

Cortes-experimentais realizados na área do sítio evidenciaram, junto à concentração “A”, pequeno espaço com solo marrom em que a base da camada arqueológica permanecia intacta. Situado nas proximidades do limite norte do adensamento, nele, corte-estratigráfico com 6m² foi executado, acompanhando a tendência de aparecimento de material.

No corte o solo apresentou tonalidade marrom e textura argilo-arenosa até 13cm de profundidade, quando se tornava marrom-avermelhado, argiloso e com grande quantidade de pequenos blocos de basalto intemperizados. O material arqueológico ocorria desde a superfície. Era mais numeroso em meio ao solo revolvido, até 13cm de profundidade, formando piso entre 13 e 15cm.

Na concentração “B”, mais alterada pelas práticas agrícolas, somente raspagem pôde ser efetuada. Realizada em uma área com 3m² localizada em suas porções centrais, onde foram constatados inúmeros fragmentos cerâmicos, possivelmente relacionados à mesma peça, apresentava solo de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa até 17cm de profundidade. Abaixo, o solo mantinha a mesma tonalidade, mas tornava-se argiloso, com pequenos blocos de basalto intemperizados. As evidências foram registradas até 13cm de profundidade. Eram mais numerosas até 7cm, tornando-se esparsas para baixo.

Nas concentrações “A” e “B” ocorreram fragmentos cerâmicos intrusivos relativos à Tradição Casa de Pedra.

Misturados ao material cerâmico foram registradas, também, as evidências líticas correspondentes aos indícios líticos PR MR L-11, de Tradição Umbu.

Pertencentes à Tradição Itararé foram localizados, 200m a leste o sítio PR MR 32: Córrego Água do Macaco-1 e, 177m a oeste, o sítio PR MR 40: Córrego Água do Macaco-3. À leste, também, encontravam-se os indícios cerâmicos PR MR C-45. Estavam a 112m de distância.

**PR MR 40: Córrego Água do Macaco-3 (N^oC 4243)
UTM: 0448270 - 7311858 (Município de Ivaiporã)**

Sítio cerâmico localizado 398m a oeste da torre 49 e, a 423m da margem direita de um córrego, afluente do córrego Água do Macaco (Fig. 71). Ocupava o topo e parte da encosta de uma elevação, 122m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (753m s.n.m.).

O local, explorado agricolamente há várias décadas, sofreu consecutivas arações. Estava com restos de antigos cultivos de feijão

e milho. Nos arredores predominavam pastagens entrecortadas por espaços com capoeira. À leste permanecia capão com mata secundária.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, mostrava textura argilo-arenosa, com blocos de basalto e arenito na superfície.

O material arqueológico ocupava uma área com 44x32m (1.105,28m²). Alterado em consequência das práticas agrícolas, apresentava a camada de ocupação revolvida, mas conservava, ainda, no seu lado sul, espaço com 13x8m (81,64m²) onde as evidências eram mais numerosas, formando adensamento.

Cortes-experimentais efetuados nada revelaram em profundidade.

Vinculados à mesma tradição cultural, foram localizados a leste os sítios PR MR 39: Córrego Água do Macaco-2 e PR MR 32: Córrego Água do Macaco-1 e, os indícios cerâmicos PR MR C-45. Estavam a 177m, 482m e 395m, respectivamente.

PR MR 41: Córrego Feio-4 (N^oC 4566 e 4567)

UTM: 0455568 - 7317242 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 21m a noroeste da torre 72, na meia encosta de uma elevação suave (726m s.n.m.) (Fig. 63).

O solo apresentava coloração marrom e textura areno-argilosa. Nos arredores e, junto aos extremos leste e sul, era detrítico, com blocos de basalto expostos na superfície.

No local e nos arredores viam-se extensas plantações de café. Apenas a sudeste permanecia faixa com mata secundária.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 22x14m (241,78m²). Mostrava-se mais numeroso em uma área com 9x6m (42,39m²) disposta das suas porções centrais em direção ao seu lado oeste.

Nesse espaço, corte-estratigráfico com 5m² foi efetuado. Apresentou a seguinte estratigrafia: da superfície até 7cm de profundidade, terra marrom, areno-argilosa, levemente friável. Abaixo, até 15cm ou 18cm, mostrava coloração preta, com pontos de carvão, e grande quantidade de blocos de basalto, mantendo a mesma textura anterior. Na base do nível, aos 15cm, apresentava tonalidade marrom-avermelhado, textura argilosa e compacta e, os blocos de basalto tendiam a alinhar como se formassem piso.

As evidências arqueológicas ocorriam com maior frequência junto ao solo preto, o qual atingiu 18cm de profundidade nas porções centrais do corte. Tornavam-se mais esparsas, no contato com o solo marrom-avermelhado.

Material Cerâmico

As coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios desta tradição resultaram na obtenção de 20.886 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos (o número real de fragmentos manipulados foi 25.454).

Representam, predominantemente, vasilhas de pequenas dimensões confeccionadas pela técnica acordelada e repuxada nos jarros, acordelada nos pratos e tigelas e modelada nas miniaturas de jarros e tigelas. Os jarros apresentam boca circular com diâmetros variando de 6 a 15cm, predominando de 9 a 12cm. Os pratos e tigelas, também com bocas circulares na maioria dos casos, têm diâmetros que variam de 12 a 24cm, predominando de 18 a 20cm; algumas dessas peças, principalmente as tigelas, possuíam bocas elípticas. Jarros restaurados têm alturas que variam de 9 a 23cm e, as tigelas, de 5 a 7cm.

Os lábios das vasilhas mostram-se geralmente arredondados, mas também ocorrem os planos, apontados e biselados. As bordas mais comuns são as reforçadas externamente e expandidas, seguidas pelas reforçadas internamente, diretas, extrovertidas e inclinadas externamente; raras são cambadas e introvertidas.

Em relação às bases, em ordem decrescente de frequência ocorrem as convexas planas, côncavas e cônicas. Os bojos dos recipientes são em meia calota, meia esfera, ovóides e raramente cônicos e esféricos (Fig. 77). Nessa parte dos jarros a espessura das paredes varia de 1,5 a 7mm, predominando de 4 a 6mm; nos pratos e tigelas, as espessuras variam de 3 a 10mm.

Pequenas irregularidades são observadas na curvatura da boca de alguns recipientes e no seu acabamento, assim como na espessura das paredes e na simetria dos perfis.

A dureza das superfícies das vasilhas varia de 2,5 a 3, conforme Mohs.

Caracterizando-se, esta cerâmica, pelo acabamento simples da superfície, para sua classificação foi determinante a variedade e dimensões dos antiplásticos empregados para o tempero da pasta.

Da análise realizada resultaram três tipos de pasta. As duas primeiras, denominadas Simples Grosso e Simples Fino e, correspondentes a 15,905% e 82,946% da amostragem, apresentavam como antiplástico predominante, grânulos de quartzo. A sua distribuição foi determinada pela granulometria: até 1,5mm de diâmetro no Fino e acima de 1,5mm no Grosso. A incidência do antiplástico varia nas diversas coleções, às vezes com raros e esparsos grânulos em umas e, em outras com abundância e boa distribuição.

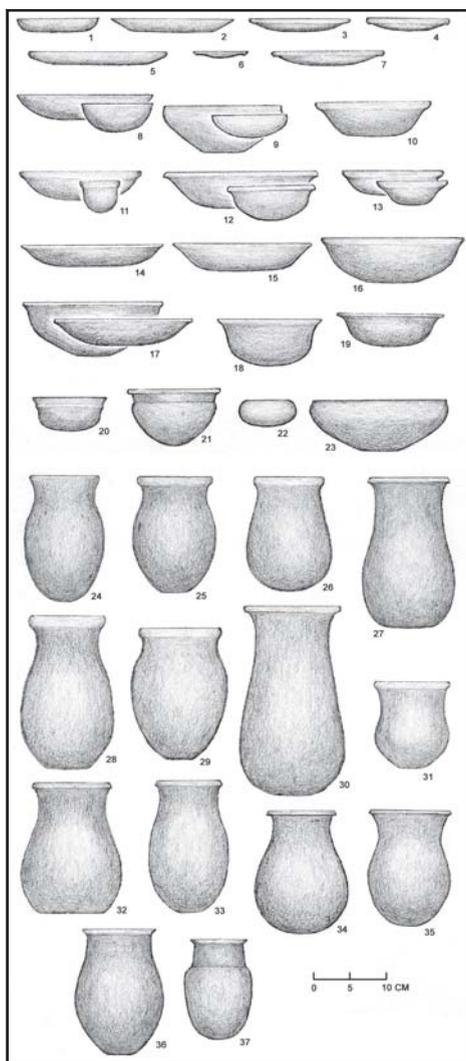


Figura 77: Formas reconstruídas das vasilhas cerâmicas da Tradição Itararé.

Uma variedade de cerâmica simples foi definida pela presença de cacos moídos em sua pasta, juntamente com quartzo. Está representada pelo tipo Simples com Cerâmica, correspondendo a 0,024% da coleção.

Nas amostras bem conservadas, foi possível registrar a ocorrência de outros acabamentos de superfície, como o enegrecimento intencional. A sua incidência chega a ultrapassar 80% nos fragmentos classificados como Simples. Atinge a face interna, externa ou ambas. O enegrecimento cobre toda a superfície, mas pode se restringir às porções superiores da peça, sendo interrompido próximo à base. A película preta contrasta com a coloração cinza-claro ou marrom-claro da superfície que a recebeu. O enegrecimento foi praticado principalmente em jarros, sendo raro em pratos e tigelas. Algumas peças, geralmente pratos e tigelas, mostram ainda resíduos da película de resina, de coloração cinza-claro e rosada. Cobre a face interna

desses recipientes, inclusive a dos poucos jarros que a apresenta. Poucas vezes incidem na face externa.

Igualmente prejudicadas pelo estado precário de conservação estão outras modalidades de acabamento, como Engobo Vermelho, percebido em 105 peças (0,503%), Polido-Estriado em 92 (0,440%), Raspado em 6 (0,029%), Escovado em 2 (0,010%) e Engobo Branco

em 2 (0,010%). Foram anotados, ainda, poucos casos com marcas de unhas e com incisão longitudinal abaixo do lábio.

O Polido-Estriado, e talvez o Raspado e o Escovado, pode estar relacionado ao processo de regularização da superfície uma vez que ocorre em ambas as faces, muitas das quais receberam enegrecimento posterior.

Na face interna de jarros, na porção correspondente ao fundo e início do bojo, é comum a presença de resíduos carbonizados. Os jarros também são os recipientes que mostram sinais externos do seu contato com o fogo para cozer alimentos ou processar bebidas. Nos pratos e tigelas esses vestígios não existem. O Engobo Vermelho incide preferencialmente nos pratos e tigelas e em poucos jarros que também não foram levados ao fogo.

Dois mil seiscentos e oitenta e quatro fragmentos de bordas e outros tantos de bojões e bases possibilitaram a classificação de 36 formas de vasilhas, conforme a morfologia até agora estabelecida para a tradição no Paraná que compreende 37 formas. Outras 8 foram caracterizadas na atual pesquisa, mas devido a baixa frequência, permanecem à parte. Embora algumas formas dispostas na Figura 77 apresentem externamente o mesmo contorno existem, entre elas, diferenças relacionadas à configuração das bordas.

Em ordem decrescente de popularidade nos sítios da área da LT 750kV, ocorreram as seguintes formas: 32 (30,81%), 28 (11,62%), 27 (9,99%), 26 (7,64%), 25 (6,71%), 30 (3,61%), 24 (3,58%), 17 (2,83%), 29 (2,68%), 36 (2,61%), 35 (3,12%), 37 (1,86%), 34 (1,56%), 33 (1,42%), 13 (1,30%), 10 (1,12%), 15 (0,86%), 19 (0,67%), 12 (0,63%), 8 (0,60%), 14 (0,52%), 16 (0,45%), 11 (0,41%), 1 (0,30%), 18 (0,30%), 5 (0,26%), 7 (0,26%), 22 (0,26%), 4 (0,22%), 6 (0,22%), 9 (0,19%), 21 (0,11%), 3 (0,07%), 20 (0,07%), 2 (0,04%) e 23 (0,04%).

Completam o acervo cerâmico 26 modelagens (0,124%). Quinze delas referem-se a restos de pasta queimada, com antiplásticos finos e grossos; de formato irregular, achatados ou globulares, mostram marcas de dedos ou impressões de gravetos. Nove correspondem a fragmentos de recipientes. Entre eles, 8 apresentam pasta fina e um, pasta grossa; cinco deles, com porção de borda, têm diâmetros de boca variando de 3 a 8cm e formas 14 (2), 15, 18, 19 e 23. Dois desses recipientes tiveram as faces enegrecidas.

Um fragmento de placa de formato elíptico, bordo convexo e faces bem alisadas, poderia representar um adorno. Um cilindro fragmentado em uma extremidade poderia ser um apêndice de recipiente, como um cabo; a superfície apresenta-se alisada, assim como a extremidade intacta que é convexa. Um fragmento de recipiente

do sítio PR MR 18 conserva, na porção superior do bojo, parte de um cabo cilíndrico e modelado.

Material Ósseo e Conchífero

Poucos fragmentos de ossos calcinados foram recuperados nos sítios PR SA 8, PR SA 17 e PR MR 18. Referem-se a roedores e cervídeos. Rara, também, foi a ocorrência de conchas. Relacionam-se a gastrópodes terrestres (*strophocheilus*), encontrados nos sítios PR SA 28, PR SA 32, PR SA 34 e PR MR 4. Uma concha de lamelibrânquio estava no sítio PR SA 17.

Material Lítico

Nas coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios desta tradição foram obtidas 6.295 evidências líticas, sendo constatadas as seguintes matérias-primas: arenito silicificado (46,88%), silexito (37,60%), basalto (10,63%), silte silicificado (1,59%), argilito (1,02%), quartzito (0,91%), quartzo (0,44%), arenito friável (0,43%), meláfiro (0,29%), granito (0,08%), andesito (0,05%), limonita (0,05%), diabásio (0,03%) e hematita (0,02%).

As lascas simples com crosta, simples em forma de cunha e preparadas representam 4,10%, 13,90% e 20,92% da coleção respectivamente. As microlascas 28,50% e as lâminas 3,00%. Os nódulos correspondem a 0,06%, os núcleos esgotados a 5,45%, as pedras gretadas a 9,05% e os fragmentos atípicos a 6,24%.

As lascas utilizadas estão representadas por 335 peças (5,64%) e correspondem a 42 facas, 167 raspadores laterais, 92 raspadores de extremidade, 26 raspadores com escotadura, 16 goivas, 4 serras, 5 alisadores, 2 talhadores e 1 fragmento de artefato.

Vinte e duas lascas receberam trabalhos de retoque (0,35%), correspondendo a 2 raspadores laterais, 3 raspadores de extremidade, 1 raspador com escotadura, 5 raspadores de ponta, 3 raspadores convexos, 3 raspadores carenados, 1 raspador perpendicular, 1 raspador circular, 1 raspador unciforme, 2 fragmentos de artefato.

Três microlascas apresentam sinais de utilização (0,05%) como 2 facas e 1 raspador lateral.

Vinte e três lâminas foram utilizadas (0,37%) e, estão representadas por 2 facas, 17 raspadores laterais, 2 raspadores de extremidade, 1 raspador com escotadura, e 1 talhador.

Somente uma lâmina (0,18%) recebeu retoques e corresponde a uma lâmina de machado em miniatura (Foto 25,a).

Entre os núcleos, 86 (1,37%) mostram evidências de utilização. Correspondem a 8 raspadores laterais, 9 raspadores de extremidade,

4 raspadores com escotadura, 3 goivas, 12 talhadores, 2 quebradores de coquinho, 7 abrasadores planos, 1 abrasador côncavo, 1 corante, 21 percutores, 4 bigornas, e 14 instrumentos fragmentados.

Sessenta e dois núcleos receberam retoques (0,98%) e estão relacionados a 3 lâminas de machado (Foto 24,c-e), 1 raspador lateral, 1 raspador convexo, 1 triturador, 1 moedor (Foto 25,b), 4 talhadores, 2 mãos de pilão (Foto 24,a-b), 1 abrasador plano, 2 artefatos em fase de elaboração e 46 fragmentados.

Excetuando-se os fragmentos atípicos e as pedras gretadas, as variedades de lascas somam 76,85% e, as de núcleos 7,86%. Considerando-se somente os artefatos verifica-se a predominância dos elaborados sobre lascas em relação aos confeccionados sobre núcleos: 404 a 148.

Para o lascamento inicial das peças foi utilizada, mais freqüentemente, a percussão direta.

Nos artefatos que receberam trabalhos de retoque ocorrem lascamentos escamados e, picoteamento seguido, neste caso de alisamento ou polimento.

Uso associado de peças foi constatado com maior freqüência junto às lascas.

Os Índícios Líticos e Cerâmicos da Tradição Itararé

Em 114 pontos dos espaços pesquisados pelo Projeto foram encontrados indícios de permanência rápida, ou de sítios destruídos, relacionados a grupos ceramistas da Tradição Itararé. Estão representados por 20 indícios líticos e 94 cerâmicos (Tab. 2). Os indícios líticos agregados a essa tradição apresentam, em seu acervo, material dela característico.

Trinta e três pontos situavam-se no espaço de instalação das torres ou em suas proximidades, até 50m de distância. Os demais se encontravam entre 60 e 1.328m, em relação às torres, sendo mais numerosos até 373m.

Foram registrados entre 37 e 1.500m das margens de cursos fluviais maiores, porém comumente encontravam-se ao lado de córregos, nascentes ou ribeirões, entre 3 e 1.087m de distância. Eram mais comuns entre 113 e 557m. Aqueles situados em distâncias maiores deveriam ter, quando da época de sua ocupação, córregos em seus arredores.

Ocupavam altitudes que variavam de 426 a 1.004m em relação ao nível médio do mar, sendo mais freqüentes entre 530m e 794m.

Quarenta e sete foram detectados na meia-encosta de elevações suaves e, outros quarenta e sete no topo de elevações. Nove incidiam no platô e sete em terreno plano. Três estavam sobre terraço

fluvial e outro se dispunha no topo estendendo-se pela encosta de uma elevação.

Cinqüenta e dois ocorriam junto a solo com textura argilo-arenosa. Vinte e três em solo argiloso, dezenove em solo arenoso e 16 em solo areno-argiloso. Em 3 era siltoso e, em 1 detrítico. Em relação à coloração, 52 foram encontrados em solo marrom-avermelhado, 20 em solo cinza-claro, 10 em solo cinza-escuro, 22 em solo marrom-claro, 5 em solo marrom-escuro e, outros 5, em solo marrom. Três dispunham-se em solo de tonalidades cinza-claro e cinza-escuro; 1 em solo marrom-claro e marrom-avermelhado e, outro, em solo cinza-escuro e marrom-claro. Os indícios ocupavam áreas que variavam entre 7,06m² e 6.292,56m². Eram mais comuns, entretanto aqueles com áreas entre 109,90m² e 1.697,17m².

Trinta e oito pontos que apresentaram áreas maiores indicam ocupação mais prolongada e maior número de pessoas, correspondendo a sítios-habitação destruídos pelas atividades agrícolas modernas. Os de dimensões menores inferem atividades de grupos fora de suas aldeias, ligadas a atividades de caça, pesca, coleta de alimentos e agricultura.

Cinqüenta e cinco mostravam descaracterizações resultantes da abertura de estradas, muitas de acesso às torres e, pela sua própria implantação, associadas a outras decorrentes das práticas agropastoris.

Em todos os pontos e, em seus arredores, cortes-experimentais foram efetuados, mas nada revelaram. Somente junto ao espaço ocupado pelos indícios PR WB C-6 os cortes evidenciaram presença rarefeita de material aos 22cm de profundidade.

Em 35 pontos, as evidências misturavam-se a material cerâmico da Tradição Tupiguarani. Em 1 ocorriam junto a material de grupo pré-ceramista correspondente ao sítio PR SA 30 e, em outro, em meio a evidências de ocupação histórica recente representados pelos indícios cerâmicos PR MR C-29.

Nas áreas dos indícios PR SA C-27 e PR SA C-51 ocorreram, intrusivamente, fragmentos cerâmicos relacionados à Tradição Casa de Pedra.

Material Cerâmico

Nas áreas dos indícios relacionados à Tradição Itararé foram obtidos 1.066 fragmentos cerâmicos (o número real de fragmentos manipulados foi 1.376). De sua classificação e análise resultaram três variedades de pasta: Simples Grosso, Simples Fino e Simples com Cerâmica, que representam, respectivamente, 19,04%, 80,39% e 0,38% da coleção.

Somente 1 exemplar (0,09%) apresentou decoração plástica através da aplicação de engobo vermelho em sua face externa. Outro (0,09%) corresponde a uma modelagem representada por resto de pasta. Superfícies enegrecidas foram constatadas em grande parte dos cacos não erodidos.

Cento e trinta e dois fragmentos de bordas permitiram a identificação de recipientes com formas 32 (29,55%), 28 (15,15%), 25 (6,82%), 27 (6,82%), 36 (6,82%), 24 (6,06%), 30 (5,30%), 26 (4,55%), 35 (4,55%), 37 (4,55%), 29 (2,27%), 10 (0,76%), 13 (0,76%), 14 (0,76%), 15 (0,76%), 20 (0,76%), 22 (0,76%), 23 (0,76%), 31 (0,76%), 33 (0,76%) e 34 (0,76%) (Fig. 77).

As bases constatadas foram A (convexa) representando 54,74% da amostragem, C (planas formando angulação com o bojo) correspondendo a 27,37%, D (cônica) relativas a 11,58% e B (levemente planas) representando 6,32%.

Material Lítico

Nas coletas superficiais efetuadas nos pontos de ocupação temporária desta tradição, foram coletadas 1.160 evidências líticas, sendo identificadas as seguintes matérias-primas: silexito (59,48%), arenito silicificado (29,66%), basalto (4,74%), quartzito (2,50%), meláfiro (1,21%), quartzo (0,78%), silte silicificado (0,43%), gabro (0,26%), arenito friável (0,17%), argilito (0,17%), granito (0,17%), laterita (0,09%), diorito (0,09%), riolito (0,09%), óxido (0,09%) e concreção (0,09%).

As lascas simples com crosta, simples em forma de cunha e preparadas representam 5,78%, 14,66% e 20,60% da coleção respectivamente. As microlascas somam 25,00% e as lâminas 2,07%.

As lascas utilizadas estão representadas por 123 (10,60%) peças correspondentes a: 14 facas, 69 raspadores laterais, 30 raspadores de extremidade, 6 raspadores com escotadura, 2 goivas, 1 alisador, e 1 fragmento de artefato.

Quatro lascas receberam trabalhos de retoque (0,34%) e correspondem a: 3 raspadores laterais e 1 raspador de ponta.

Três microlascas (0,26%) conservam pequenos lascamentos e uso e inferem: 2 raspadores laterais e 1 alisador.

Entre as lâminas, 12 (1,03%) mostram sinais de utilização e 1, trabalhos de retoque (0,09%). As primeiras estão representadas por 1 faca e 11 raspadores laterais e, a segunda, por 1 raspador lateral.

Os núcleos representam 10,51% da amostragem e correspondem a: 2 nódulos (0,17%), 68 núcleos esgotados (5,86%), 37 núcleos utilizados (10,52%) e 17 núcleos retocados (1,47%). Os núcleos utilizados correspondem a: 4 raspadores laterais, 5 raspadores de extremidade, 2 goivas, 2 talhadores, 1 quebrador de coquinho,

1 abrasador plano, 9 percutores, 2 alisadores, 2 trituradores e 9 fragmentos de raspadores. Os retocados inferem: 5 lâminas de machado, 1 raspador convexo, 1 raspador de ponta, 2 mãos de pilões, 1 artefato em fase de elaboração (lâmina de machado) e 8 fragmentos de artefatos (lâminas de machados, mãos de pilões e pilão).

Uma lâmina de machado encontrada junto aos indícios PR SA C-30 pode ser intrusiva, pois tem características tipológicas Tupiguarani. Elaborada sobre núcleo de basalto, a peça sofreu lascamento posterior, perdendo um lado do gume e parte de uma face. A face intacta é convexa, assim como os lados, o talão é reto. Próximo a este há um gargalo. O artefato mede 13x5,50x3,80cm e está fortemente intemperizado (Foto 30,c).

Cinqüenta e seis pedras gretadas (4,83%) e 47 fragmentos atípicos (4,05%) completam o acervo.

Para o lascamento inicial das peças, foi utilizada a percussão direta. Para o retoque, o picoteamento, o alisamento e o lascamento escamado.

A Tradição Casa de Pedra

As evidências desta tradição ceramista foram localizadas na metade oeste da LT 750kV no Paraná, nos espaços influenciados pelos rios Tibagi, Alonso e Ivaí (Fig. 107A). Dispunham-se na faixa dominada pela Floresta Ombrófila Mista. Foi representada pelo sítio PR MR 35 e pelos indícios PR SA C-11, PR MR C-16, PR MR C-23, PR MR C-44, PR MR C-49, PR MR C-54 e PR MR C-57. De forma intrusiva, suas evidências foram encontradas na concentração A do sítio PR MR 34 e nas concentrações A e B do sítio PR MR 39 e também junto aos indícios PR SA C-27 e PR MR C-51, todos pertencentes à Tradição Itararé.

No Estado de São Paulo foram identificados dois locais contendo indícios desta tradição: o SP BA C-3, no vale do rio Itararé e o SP BA C-14, no vale do rio Verde.

Descrição do Sítio Arqueológico

PR MR 35: Córrego água do Escovão (Nº 4235)

UTM: 0446349 - 7309633 (Município de Ariranha do Ivaí)

Sítio cerâmico localizado 309m a sudeste da torre 42 e, a 313m a sudoeste da torre 43. Dispunha-se na baixa-encosta de uma elevação, a 33m da margem esquerda do córrego Água do Escovão e, a 647m da margem direita do rio Azul (Fig. 78). Encontrava-se 4m acima do nível das águas do córrego (432m s.n.m.).

O local, arado, estava com plantação de trigo. Nos arredores viam-se áreas com cultivos e pastagens. Margeando o córrego havia capoeira e restos de mata secundária.

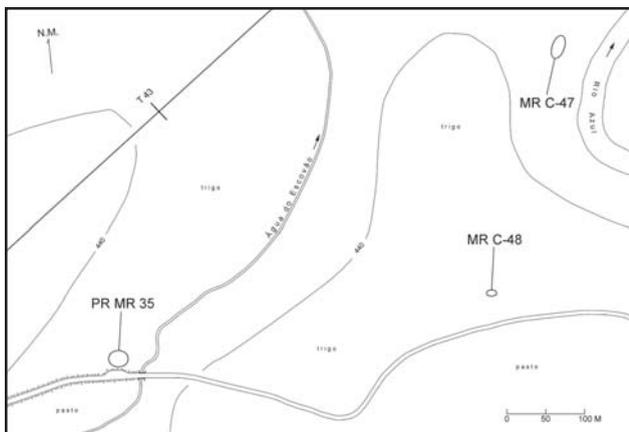


Figura 78: Localização do sítio cerâmico PR MR 35: Córrego Água do Escovão e, dos indícios cerâmicos PR MR C-47 (ITA) e PR MR C-48 (TPG).

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura areno-argilosa.

O material arqueológico, esparsos e superficiais, ocorria em uma área com 25x21m (412,12m²), a qual dispunha seu eixo maior em sentido oblíquo ao córrego.

O sítio mostrava-se desestruturado em consequência das consecutivas arações sofridas. Apresentava seu lado leste, que se direcionava ao córrego, alterado pela abertura de um espaço próximo ao curso fluvial utilizado por tratores para manobras e, o antigo barranco, terraplenado. As evidências, nesses pontos, encontravam-se muito fragmentadas e dispersas. Apesar das perturbações constatadas, cortes experimentais foram realizados no local. Somente em um ponto, situado a leste, quase em seu limite em direção ao córrego, e próximo à capoeira, foram constatados fragmentos cerâmicos relacionados à mesma peça. Formavam amontoados, aprofundando até 13cm.

Descrição dos Indícios Arqueológicos

Os indícios foram encontrados nos municípios de Curiúva, Ortigueira (2), Ivaiporã, Ariranha do Ivaí (2) e Manoel Ribas. Ocupavam o topo de elevações (3), o topo e a alta encosta (2) e a baixa encosta (2), em altitudes que variavam de 437m a 761m s.n.m. Distavam entre 15 e 667m de cursos fluviais. Quatro deles inseriam-se no latossolo marrom-avermelhado argilo-arenoso e três em terrenos areno-argilosos cinza-claro ou escuro.

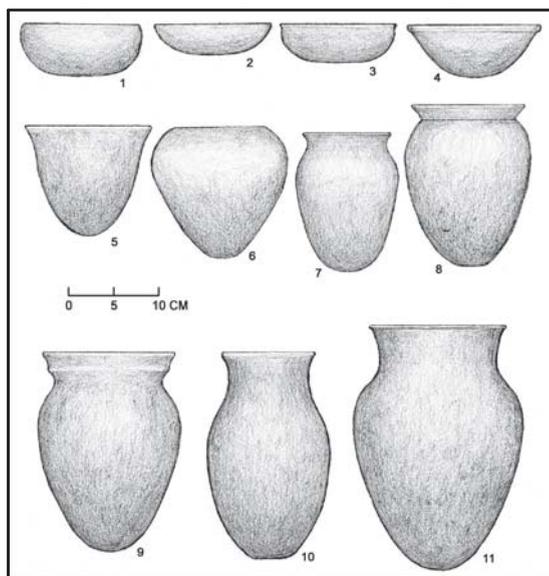
Todos os locais haviam sido impactados por práticas agrícolas

(5) e pastoris (2), que ocasionaram a destruição da estratigrafia e dispersão de material. Os indícios PR MR C-16, com área de 50x20m (785m²), PR MR C-23, com 36x29m (819,54m²), PR MR C-54, com 52x35m² (1.428,70m²) (Fig. 34) e PR MR C-57, com 98x57m (4.385,01m²), poderiam estar relacionadas a sítios-habitação. Sítios-acampamentos seriam representados pelos indícios PR SA C-11, com 11x6m (51,81m²).

Material Cerâmico

Nas áreas do sítio e indícios foram coletados fragmentos referentes a 195 vasilhas cerâmicas com superfície simples. A análise revelou que todos possuíam areia muito fina na pasta, provavelmente integrante natural da argila. Em 39 fragmentos (20%), ocorreram raros grânulos de quartzo e silexito, além de hematita, até 4mm de diâmetro. Em 195 cacos (80%), excluindo-se os grânulos de hematita, não houve adição de antiplásticos. Classificados como Simples com Antiplásticos Grossos os primeiros e Simples com Antiplásticos finos os últimos, nos dois tipos a superfície é bem alisada, apresentando colorações marrom-claro e marrom-avermelhado. Nos menos erodidos, percebia-se película preta; esta incide na face externa, interna ou em ambas. A dureza varia de 2,5 a 3, predominando 2,5.

Confeccionadas pela técnica acordelada, as vasilhas têm lábios arredondados e planos. Predominam as bordas diretas e extrovertidas; as bordas contraídas e expandidas são mais raras. Com perfis em meia-calota, meia-esfera, cônica e ovóide, os recipientes correspondem a



prato (Fig. 79-2), tigelas (1, 3 e 4), jarras (7 e 10) e panelas (5, 6, 8, 9 e 11). Bases cônicas e convexas predominam; raras têm bases planas. A espessura das paredes do bojo varia de 5 a 10mm, sendo mais frequentes de 6 a 8mm.

Figura 79: Formas reconstruídas dos recipientes cerâmicos nos sítio e indícios da Tradição Casa de Pedra.

Material Lítico

O sítio e os indícios proporcionaram 373 peças líticas. São representadas por núcleos originários de seixos-rolados e blocos retirados de afloramentos. Mostram facetas resultantes da retirada de lascas por percussão direta; alguns apresentam sinais de uso e outros de retoque, sendo os artefatos afeiçãoados para determinadas funções por meio de lascamentos escamados. As lascas são as mais numerosas no acervo, mas poucas foram utilizadas ou retocadas pela técnica escamada.

As matérias primas correspondem a: arenito silicificado (89,87%), silexito (9,25%), quartzo (0,44%) e arenito friável (0,44%).

O acervo está representado por 10 núcleos esgotados (4,82%), 14 núcleos utilizados (3,75%), 3 núcleos retocados (0,81%), 33 lascas simples com crosta (8,85%), 82 lascas em forma de cunha (21,98%), 61 lascas preparadas (16,35%), 43 lascas utilizadas (11,53%), 7 lascas retocadas (1,88%), 87 microlascas (23,34%), 6 microlascas utilizadas (1,61%) e 14 lâminas (3,75%).

Um núcleo foi usado como percutor, 1 como alisador, 1 como picão, 1 como goiva, 1 como furador, 5 como raspadores laterais, 3 como raspadores de extremidade e 1 como raspador com escotadura (calibrador). Três núcleos foram retocados como raspadores de ponta.

Três lascas foram usadas como facas, 1 como alisador, 27 como raspadores laterais, 8 como raspadores de extremidade, 2 como raspadores com escotadura e 2 como goivas. Duas lascas foram retocadas como raspadores laterais, 1 como raspador de extremidade, 1 como raspador carenado e 3 como raspadores convexos.

Microlascas foram usadas como raspadores laterais (4) e raspadores de extremidade (2).

O picão ocorreu junto aos indícios PR MR C-57, avaliado como sítio-habitação destruído.

A Tradição Tupiguarani

Os 46 sítios da Tradição Tupiguarani foram localizados nas proximidades de cursos fluviais.

Em relação às torres, 23 sítios se encontravam até 100m de distância, em espaços diretamente afetados pela sua implantação. Os demais situavam-se a distâncias variáveis entre 125m e 897m. Somente dois foram registrados a 1.297m e 1.474m. Foram estudados, pois apesar de localizados fora da área estabelecida pelo Projeto, quando da realização da etapa de campo apresentavam a superfície limpa, uma vez que o terreno, pertencente à reflorestadora estava sendo preparado para receber novo plantio.

Comumente ocupavam a encosta de elevações. Em 13 casos situavam-se no topo e, em 8, dispunham-se no topo e flanco. Dois encontravam-se no platô e 1 em terreno ondulado.

Trinta e um sítios estavam em terreno argilo-arenoso, 7 em solo areno-argiloso. Em 6 era argiloso, em 1 arenoso e em outro, parte argilo-arenoso e parte detrítico. Em todos era comum a ocorrência de blocos de basalto e grânulos de argilito. A coloração predominante da terra era marrom-avermelhado. Em 6 era marrom-claro e, em 4, marrom-escuro. Dois apresentavam tonalidade cinza-escuro e, outros 2, cinza-claro. Um mostrava-se cinza. Quatro mostravam solos de tonalidades diferenciadas: em 1 mostrava-se com parte marrom-escuro e parte marrom-claro; em outro marrom-avermelhado e marrom-escuro. Em um era marrom-avermelhado e cinza-claro e em outro, marrom-avermelhado, cinza e marrom-claro.

Os locais apresentavam perturbações causadas pela erosão e pela ocupação moderna representadas, geralmente, pelo desenvolvimento de atividades agropastoris. Mostravam-se com pastagens ou cultivos diversos. Quinze tiveram, também, suas porções centrais ou laterais cortadas por estradas que expuseram a camada de ocupação.

Coletas superficiais foram efetuadas em todos os sítios; na maioria, foram praticadas por setores. Em 6 que se apresentavam descaracterizados foram efetuadas, também, raspagens.

Cortes estratigráficos foram executados em 12 sítios que apresentavam porções intactas. Neles o material arqueológico ocorria, de modo geral, até 15cm ou 20cm de profundidade. Em alguns pontos a camada de ocupação aprofundava, atingindo 30cm. Depressões relacionadas a estruturas de combustão também foram constatadas, assim como outras, menores, de formatos circulares ou elípticos correspondentes a buraco-de-estaca e raízes.

Reocupações dos espaços foram registrados em 25 sítios. Em 24 sobrepuseram-se a sítios e indícios de Tradição Itararé e, em 1, a indícios de ocupação pré-ceramista. Neste caso correspondem aos indícios líticos PR SA L-21, coletados junto ao material do sítio PR SA 55.

Descrição dos Sítios Arqueológicos

PR AN 29: Rio da Corredeira (N^oC 3677)

UTM: 0622552 - 7351915 (Município de Wenceslau Braz)

Sítio cerâmico localizado 138m ao sul da torre 452, a 2m do acesso para as torres 452 a 456 (Fig. 80). Encontrava-se a 566m da margem direita do rio da Corredeira e, a 1.148m da margem esquerda

do Ribeirão do Pinhal. Dispunha-se na encosta de suave elevação voltada para o primeiro rio, 72m acima do nível de suas águas (755m s.n.m.).

O terreno era utilizado agricolamente. Estava com plantação de milho. Nos arredores havia pasto e, pequena reserva de eucalipto. Margeando o curso fluvial fôra preservada faixa de mata secundária.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, era argiloso.

O material arqueológico, esparsos e superficiais, ocupava uma área com 80x76m (4.772,80m²), sendo mais numerosos nas suas porções centrais.

O extremo sudeste do sítio sobrepunha-se aos indícios cerâmicos PR AN C-1, de Tradição Itararé.

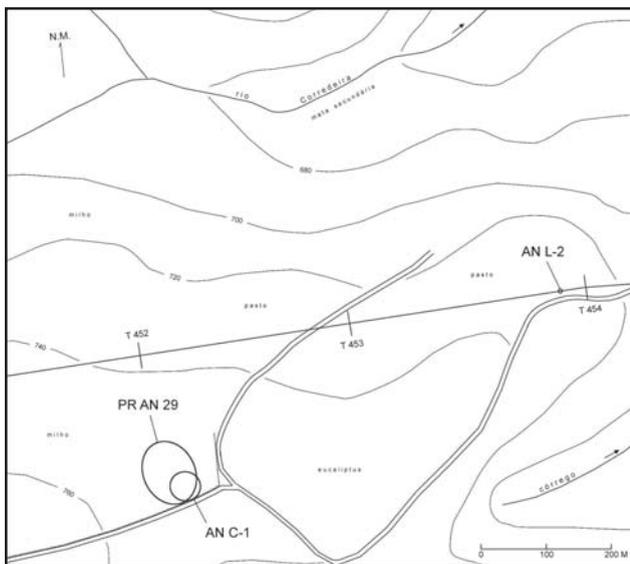


Figura 80: Localização do sítio cerâmico PR AN 29: Rio da Corredeira e, dos indícios líticos PR AN L-2 (ITA) e, dos indícios cerâmicos PR AN C-1 (ITA).

PR RP 9: Ribeirão Erveira (NºC 3539)

UTM: 0559321 - 7344596 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 24m a sudoeste da torre 306 (Fig. 81). Situava-se a 816m da margem esquerda do rio Erveira, a 410m da margem esquerda de um córrego, seu afluente e, a 572m da margem direita de outro córrego, este afluente do rio Tateto, o qual estava a 1.220m de distância. Ocupava o topo de uma elevação com a encosta levemente ondulada voltada para o córrego mais próximo, 123m acima do nível de suas águas (883m s.n.m.).

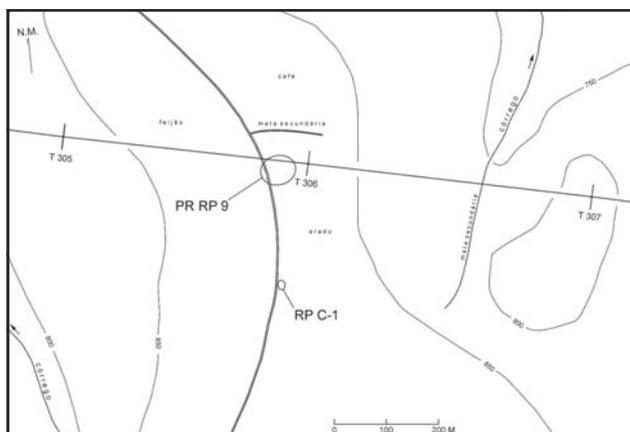


Figura 81: Localização do sítio cerâmico PR RP 9: Ribeirão Erveira e, dos indícios cerâmicos PR RP C-1 (ITA).

Na superfície havia capoeira, com restos de plantação de milho. Nos arredores, ao norte da via de acesso, capoeira e cultivo de café; a oeste, plantação de feijão.

O solo era marrom-avermelhado, argiloso.

O material arqueológico ocorria em uma área com 68x57m (3.042,66m²). Era esparso e superficial.

O sítio fora cortado pela estrada no seu lado oeste. As evidências eram encontradas em seu leito e em suas proximidades.

As atividades agrícolas, associadas à abertura da via de acesso à torre, descaracterizaram a camada de ocupação. Somente coleta superficial pode ser efetuada.

PR RP 11: Bairro Rio do Engano-1 (Nº C 3541 e 3542) UTM: 0568138 - 7344816 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 80m ao sul da torre 324 e, a 138m da margem esquerda de um córrego, afluente do rio Alecrim (Fig. 82). Ocupava a encosta de suave elevação voltada para o córrego, 17m acima do nível de suas águas (785m s.n.m.).

O local estava com pastagem e árvores esparsas. Nos arredores havia pasto e, nas margens do córrego, estreita faixa de mata secundária.

O solo era de coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 126x80m (7.912,80m²).

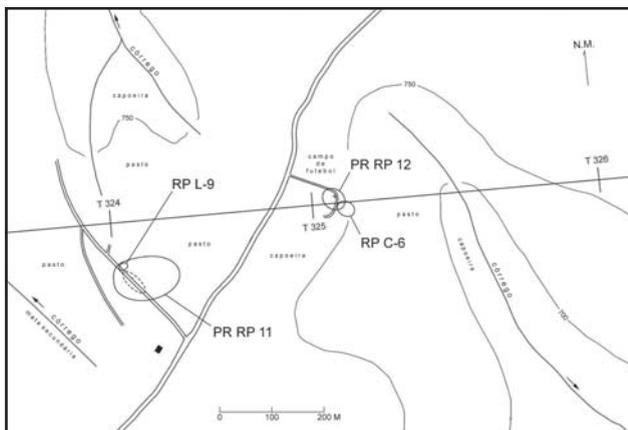


Figura 82: Localização dos sítios cerâmicos PR RP 11: Bairro Rio do Engano-1 e, PR RP 12: Bairro Rio do Engano-2; dos indícios pré-cerâmicos PR RP L-9 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR RP C-6 (ITA). Os espaços tracejados nos sítios assinalam concentrações de material arqueológico.

O sítio mostrava perturbações decorrentes de atividades agrícolas e, pela abertura da via de acesso à torre. Fôra cortado no lado oeste, em sentido noroeste – sudoeste pela estrada, a qual expôs camada de terra escura diagnóstica de base de habitação. O material arqueológico era visto no barranco formado e no seu leito. A mancha de terra preta media 52x17m (693,94m²) e, apesar de danificada longitudinalmente em suas porções centrais, corte-estratigráfico com 4m² pode ser efetuado, 20m ao sul do seu extremo norte.

Superficialmente havia pasto com gramíneas. O solo apresentava, desde a superfície, coloração marrom-escuro tendendo para o preto e, textura argilo-arenosa. Do centro do corte em direção à parede leste, ocorria até 6cm de profundidade. Das porções centrais em direção à parede oeste, atingia 15cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom-claro, mantendo a mesma textura.

O material arqueológico era mais numeroso em meio ao solo marrom-escuro concentrando-se, principalmente, do centro da quadra em direção à parede oeste. Foi registrado desde a superfície até a base do nível. Era mais freqüente, no entanto, entre 13cm e 15cm de profundidade. Das porções centrais do corte em direção à parede leste, as evidências tornavam-se rarefeitas, ocorrendo da superfície até 6cm de profundidade, quando do contato com os dois solos.

Sobrepunha seu lado noroeste aos indícios líticos PR RL L-9, de Tradição Umbu.

A 309m a leste foi registrado o sítio PR RP 12: Bairro do Rio do Engano-2, de Tradição Tupiguarani.

**PR RP 12: Bairro do Rio do Engano-2 (N^oC 3543 e 3544)
UTM: 0568578 - 7344877 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado 37m a leste da torre 325 e, a 235m da margem direita de um córrego, afluente do rio do Engano (Fig. 82). Situava-se no topo de uma elevação com a encosta voltada para o curso fluvial, 59m acima do nível de suas águas (755m s.n.m.).

O terreno, de textura areno-argilosa e coloração marrom-claro, estava com capoeira. A leste e ao sul havia pastagem.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 45x38m (1.342,35m²).

Diversos cortes-experimentais foram realizados na área para sua delimitação, revelando pequena concentração de material arqueológico com 2,5x2m (3,93m²). Nela foram efetuadas raspagens para coleta do material. O solo, de cor marrom, mostrava perturbações causadas por antigas arações, as quais ocasionaram a descaracterização da camada de ocupação. As evidências arqueológicas ocorriam junto à terra marrom, até 9cm de profundidade. Abaixo o solo tornava-se marrom-claro, estéril.

O sítio, além de apresentar danos ocasionados pelas práticas agrícolas, foi cortado em suas porções centrais, no sentido norte-sul, pela via de acesso à torre. O material arqueológico espalhava-se em seu leito, estando as evidências dispersas em toda a largura da estrada, que era de 8m e, por uma extensão de 76m.

No extremo sudeste do sítio, sobrepondo-se em parte à ocupação Tupiguarani, foi registrado o indício cerâmico PR RP C-6, de Tradição Itararé.

A 309m a oeste encontrava-se o sítio PR RP 11, de Tradição Tupiguarani.

**PR RP 14: Rio Alecrim-3 (N^oC 3569)
UTM: 0567722 - 7344686 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado 125m a sudeste da torre 323 e, a 65m da margem esquerda de um córrego, afluente do rio Alecrim, do qual distava 1.494m de sua margem direita (Fig. 83). Disponha-se no topo de uma elevação com a encosta voltada para o curso fluvial menor, 10m acima do nível de suas águas (755m s.n.m.).

O local estava com pastagem. Nos arredores fôra arado. Somente às margens do córrego conservava-se faixa de mata secundária.

O material arqueológico ocorria em uma área com 144x121m (13.677,84m²). Manchas de solo preto com grande quantidade de material eram visíveis na superfície, indicando bases de antigas habitações.

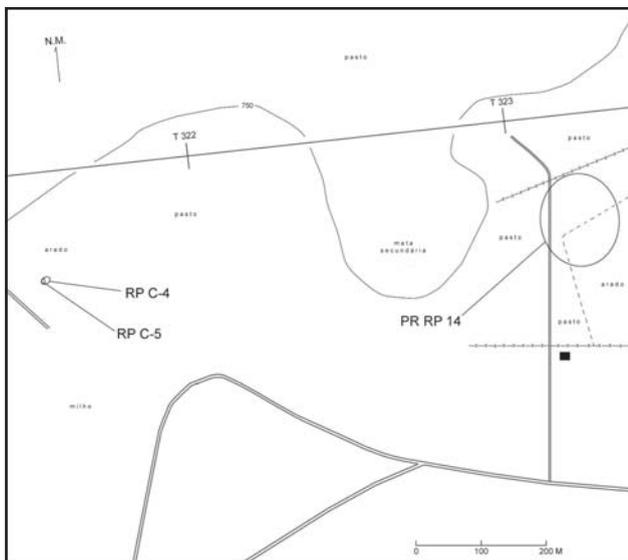


Figura 83: Localização do sítio cerâmico PR RP 14 e, dos indícios cerâmicos PR RP C-4 (TPG) e PR RP C-5 (ITA).

Estudos mais detalhados não foram efetuados, pois o sítio situava-se fora da área a ser trabalhada, estabelecida pelo Projeto.

A oeste do sítio, a 758m, encontravam-se os indícios cerâmicos PR RP C-4, de Tradição Tupiguarani.

PR WB 2: Água Caratuva-1 (Nº 3547)

UTM: 0588578 - 7347135 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado 213m a noroeste da torre 370 e, a 272m a nordeste da torre 369 (Fig. 30). Situava-se a 374m da margem direita do córrego Água Caratuva, ocupando o topo e parte do flanco íngreme de uma elevação voltada para o curso fluvial, 46m acima do nível de suas águas (801m s.n.m.).

O terreno fôra arado e estava com plantação de milho. Nos arredores havia pastagem e cultivo de milho. Margeando o córrego, pequena faixa de mata secundária fora preservada.

O solo era areno-argiloso, marrom-claro, com fragmentos de argilite amarelo. Era delgado na encosta.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 27x16m (339,12m²).

Apesar das perturbações ocasionadas pelas atividades agrícolas, pequena parte do sítio estava intacta e possibilitou a abertura de corte-estratigráfico com 4m². Nesse espaço a superfície estava

coberta por gramíneas e arbustos e, o solo era areno-argiloso, de coloração preta. Das porções centrais do corte em direção ao lado sul, a camada escura tinha entre 10 e 12cm de espessura. Abaixo apresentava concentração de argilito. Do centro para o lado norte, o solo preto aprofundava até 15cm, tornando-se depois, até 25cm, marrom-claro. Para baixo ocorria embasamento de argilito.

O material arqueológico tendia a ser mais numeroso entre 8 e 12cm de profundidade. Nas porções centrais do corte, aprofundamento com 35cm de profundidade e 40cm de diâmetro foi registrado. Relacionado à estrutura de combustão, conservava ainda, grânulos de argilito queimado e esparsos fragmentos cerâmicos na base.

A noroeste, a 112m, situavam-se os indícios cerâmicos PR WB C-8, também de Tradição Tupiguarani.

**PR WB 6: Rio do Café-3 (N^oC 3554 a 3556)
UTM: 0590319 - 7346735 (Município de Arapoti)**

Sítio cerâmico localizado 549m a sudoeste da torre 374 e, 616m a sudeste da torre 373 (Fig. 31). Encontrava-se a 572m da margem direita do rio do Café e, a 778m da margem direita do córrego Água Caratuva. Dispunha-se no topo de suave elevação voltada para o rio do Café, 77m acima do nível das suas águas (772m s.n.m.).

O local estava com plantações de milho e feijão, além de pastagens ao norte e leste. Nos arredores havia pasto. Faixa de mata secundária fora conservada nas proximidades de uma estrada e, acompanhando as margens do rio e do córrego.

O solo era marrom-claro, areno-argiloso.

O sítio mostrava perturbações decorrentes das atividades agrícolas e, também, pela abertura da via de acesso às torres, a qual o cortou no canto norte, no sentido oeste-leste, expondo a camada de ocupação em seu leito.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 110x79m (6.821,65m²). Era mais numeroso no lado oeste do sítio, tendendo a formar concentração em uma área com 43x37m (1.248,93m²). Nesse espaço, o solo era de coloração marrom-escuro, com grande quantidade de carvão vegetal e grânulos de argilito.

Cortes-experimentais efetuados evidenciaram a ocorrência de solo escuro até 22cm de profundidade, mas estéreis de evidências arqueológicas.

Coletas superficiais setorizadas foram executadas no sítio. A coleta A foi realizada das suas porções centrais em direção ao canto oeste, abrangendo a concentração; a coleta B foi efetuada em seu lado leste, por uma área com 60x55m (2.590,50m²). Ambas foram limitadas,

ao norte, pelo corte da estrada. A coleta C foi realizada na margem oposta da estrada, em uma área com 75x15m (883,12m²).

**PR WB 7: Rio das Cinzas-2 (N^oC 3557 e 3558)
UTM: 0604991 - 7349454 (Município de Arapoti)**

Sítio cerâmico localizado 38m a nordeste da torre 408, a 115m da margem direita de um córrego e, a 250m da margem direita do rio das Cinzas (Fig. 84). Ocupava a encosta de suave elevação voltada para o córrego, 35m acima do nível das águas do rio maior (587m s.n.m.).

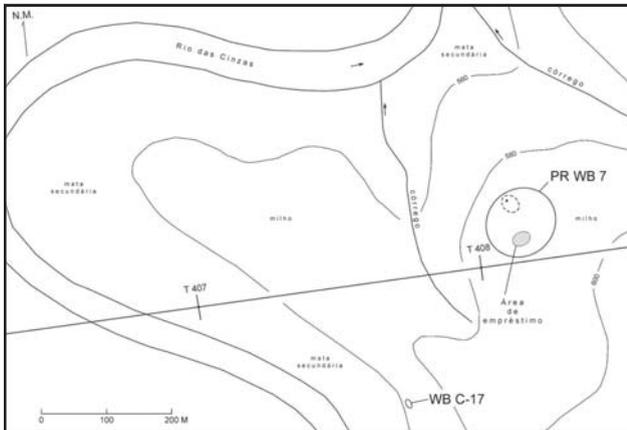


Figura 84: Localização do sítio cerâmico PR WB 7: Rio das Cinzas-2 e, dos indícios cerâmicos PR WB C-17 (ITA). O espaço tracejado indica área de concentração de material arqueológico e, o ponto escuro, mancha de terra preta.

O terreno estava com plantio de milho. Na superfície permaneciam restos de antigo cultivo de trigo. Acompanhando as margens dos cursos fluviais, havia estreita faixa de mata secundária.

O solo apresentava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 111x103m (8.974,90m²). Eram esparsas e superficiais.

Apesar de desestruturado em consequência das intensivas atividades agrícolas, mancha de terra marrom-escuro pôde ser delimitada no canto norte do sítio. Medida 30x22m (518,10m²). Nela o material arqueológico era mais numeroso e, raspagem foi executada em uma área com 9m², onde o solo tendia para o preto. A terra mostrava-se revolvida e, com resíduos de antigas plantações. Era de coloração marrom-escuro tendendo para o preto até 15cm de profundidade. Para baixo, até 18cm, mesclava com terra marrom-claro, tornando-se depois

marrom-claro uniforme. Sua textura era argilo-arenosa. O material arqueológico ocorria em meio ao solo escuro e, esparsamente, no solo mesclado. No contato entre os dois solos, aos 18cm de profundidade, eram comuns fragmentos de carvão resinoso e grandes pedaços de terra queimada. O espaço, possivelmente, correspondia a área de combustão, mas dela restava somente a base.

O sítio sofreu perturbações, ainda, no canto sul, ocasionadas pela retirada de terra para calçamento das sapatas das torres.

**PR WB 9: Ribeirão do Veado-2 (N°C 3560)
UTM: 0610841 - 7350207 (Município de Arapoti)**

Sítio cerâmico localizado 22m a sudoeste da torre 422, a 370m da margem esquerda de um córrego, afluente do Ribeirão do Veado e, a 1.308m da margem esquerda do ribeirão (Fig. 6). Ocupava a encosta de suave elevação voltada para o córrego, 118m acima do nível das águas do curso fluvial maior (710m s.n.m.).

O local estava com pastagem nos cantos norte e noroeste. A leste e nordeste, estava arado. Nos arredores predominava pasto. Restos de mata secundária foram conservados somente nas margens do córrego.

O solo sofria processos erosivos laminares e lineares. Apresentava coloração marrom-escuro de suas porções centrais em direção ao lado leste e, marrom-claro, na direção oposta. Era arenoso-argiloso.

O sítio arqueológico, quando dos trabalhos de resgate, mostrava profundas alterações em relação às constatadas em 1999, quando foi anotado. Naquele momento, os danos limitavam-se à abertura de uma estrada, a qual cortava seu extremo sul. Na segunda etapa dos trabalhos, verificaram-se, além da intensificação das atividades agrícolas, com a utilização de grades do arado com maiores dimensões, as quais provocaram revolvimento da camada de ocupação e, a abertura de sulcos profundos, perturbações causadas pelas obras de instalação da torre e, também, pela terraplenagem do local, com a retirada da terra que formava o barranco da estrada para a construção de um açude.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com 71x55m (3.065,42m²). Eram encontradas no leito da estrada, no espaço terraplenado e, nos sulcos produzidos, tanto pelo arado, como pela erosão. Eram esparsas e superficiais.

No canto sudoeste, o sítio era sobreposto pelos indícios cerâmicos PR WB C-21, de Tradição Itararé.

PR WB 13: Arroio do Vinho (N^oC 3615)

UTM: 0580817 - 7346110 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 15m a oeste da torre 353 (Fig. 29). Situava-se a 303m da margem esquerda do Arroio do Vinho e, a 584m da margem esquerda do rio Laranjinha. Ocupava a encosta de suave elevação, 83m acima do nível das águas do curso fluvial menor (721m s.n.m.).

O terreno e, os arredores, estavam com pasto e árvores esparsas. Ao norte e junto às margens do córrego, conservava-se estreita faixa de mata secundária.

O solo apresentava coloração cinza-escuro e era arenoso.

O material arqueológico ocorria em uma área com 50x27m (1.059,75m²). O local fora utilizado como área de empréstimo para a torre e, mostrava-se quase que completamente destruído. Apenas nas suas porções centrais e extremo oeste, conservavam-se pequenos trechos intactos.

O ponto era sobreposto, no seu extremo sudoeste, pelos indícios cerâmicos PR WB C-3, de Tradição Itararé.

PR WB 15: Ribeirão do Veado-3 (N^oC 3617 a 3619)

UTM: 0614328 - 7350728 (Município de Arapoti)

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 28m ao sul da torre 432 (Fig. 85). Encontrava-se a 21m da margem esquerda de um córrego, afluente do Ribeirão do Veado, do qual distava 1.370m de sua margem direita. Dispunha-se na encosta de uma elevação voltada para o córrego, 35m acima do nível de suas águas (745m s.n.m.).

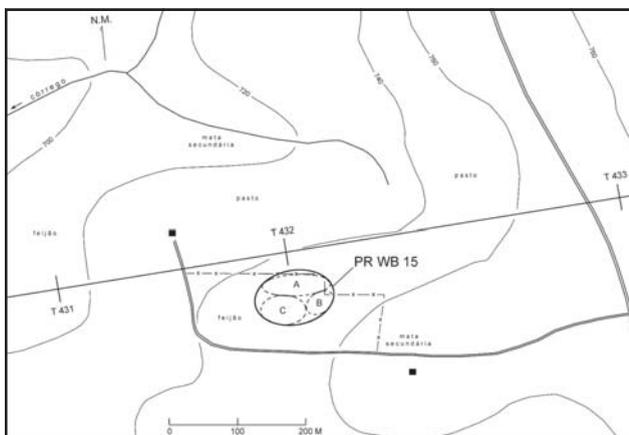


Figura 85: Localização do sítio cerâmico PR WB 15: Ribeirão do Veado-3.

No local era cultivado feijão. Nos arredores havia pastagens e, acompanhando as margens do córrego e, pequeno trecho de uma estrada secundária localizada ao sul do sítio, faixa de mata secundária.

O solo apresentava coloração cinza-escuro, textura areno-argilosa, e grande quantidade de pequenos fragmentos de arenito friável. No lado oeste da área de ocorrência, mostrava tonalidade marrom-avermelhado e, no lado nordeste, sofria processo erosivo linear e laminar.

O material arqueológico dispunha-se em uma área elíptica com 117x81m (7.439,44m²). Apesar das perturbações provocadas pelas atividades agrícolas, mostrava-se mais numeroso em 3 pontos, formando concentrações. A concentração "A" situava-se no lado norte do sítio e media 100x31m (2.433,50m²); a concentração "B", com 40x36m (1.130,40m²), foi registrada a sudeste e, a concentração "C" a sudoeste. Media 66x44m (4.559,28m²).

Nas concentrações, espaços com adensamento de evidências arqueológicas, inferindo bases de cabanas, foram delimitados. Na concentração "A" ocorria das suas porções centrais até a extremidade leste, medindo 50x20m (785m²). Na "B" ocupava o lado nordeste e media 25m de diâmetro (490,62m²). Na concentração "C" media 24x22m (414,48m²) e estava, também, no lado nordeste.

As intensivas práticas agrícolas, desenvolvidas há vários anos, causaram a completa desestruturação da camada de ocupação, possibilitando apenas a realização de coletas superficiais setORIZADAS.

**PR SA 1: Ribeirão Água Grande (N^oC 3646)
UTM: 0543238 - 7343191 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 75m a noroeste da torre 271 e, a 161m a leste da torre 270 (Fig. 86). Encontrava-se a 645m da margem esquerda de um córrego e, a 1.112m da margem esquerda do ribeirão Água Grande. Dispunha-se no topo de uma elevação, 95m acima do nível das águas do curso fluvial maior (772m s.n.m.).

O local, explorado agricolamente, estava com plantação de milho. Nos arredores havia cultivo de milho e pastagem. Ao norte, sul e leste, capoeira.

O solo era de coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa até 15cm de profundidade.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 32x30m (753,60m²). Era esparso e superficial.

Apesar de descaracterizado pelas atividades agrícolas e, pela abertura da estrada de acesso à torre 271, a qual atingiu o extremo sul

da ocorrência, o material mostrava-se mais numeroso no extremo norte do sítio, em uma área com 5x4m (15,70m²). Nesse ponto, raspagem foi efetuada para coleta de evidências.

Cortes-experimentais executados evidenciaram a ocorrência de solo marrom-escuro até 15cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Demonstraram, também, a completa descaracterização da camada de ocupação.

A noroeste do sítio, a 341m, foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-7, da mesma tradição.

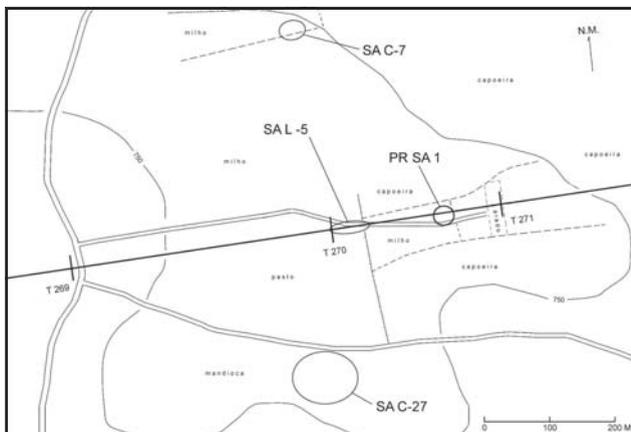


Figura 86: Localização do sítio cerâmico PR SA 1: Ribeirão Água Grande e, dos indícios líticos PR SA L-5 (UMB) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-7 (TPG) e PR SA C-27 (ITA com intrusão C-P).

PR SA 3: Córrego do Felisberto-1 (N^oC 3650) UTM: 0536910 - 7343201 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 180m a sudoeste da torre 256, 68m a nordeste da estrada de acesso para as torres 254 e 255 e, 30m a leste do acesso à torre 256 (Fig. 35).

Situava-se na encosta de suave elevação, a 342m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande e, a 1.590m da margem direita do córrego Felisberto, encontrando-se 126m acima do nível de suas águas (741m s.n.m.).

O terreno, utilizado para agricultura, estava com plantação de milho. Nos arredores, além de cultivos diversos, havia pastagem.

O solo apresentava coloração marrom avermelhado e textura argilo-arenosa. Ao norte da área de ocorrência eram comuns blocos de basalto na superfície.

As evidências arqueológicas espalhavam-se superficialmente, em uma área com 80x42m (2.637,60m²).

A nordeste do sítio, a 146m de distância, foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-15 e, a 442m a noroeste, os indícios cerâmicos PR SA C-17. Ambos relacionados à mesma tradição.

PR SA 5: Sítio Camargo-1 (N°C 3652)

UTM: 0535852 - 7343874 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado na estrada de acesso à torre 253, da qual estava 364m a nordeste (Fig. 36). Distava 368m a noroeste da torre 254. Encontrava-se a 432m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande e, a 2.019m da margem direita do córrego Felisberto. Dispunha-se na encosta de suave elevação voltada para o primeiro curso fluvial, 61m acima do nível de suas águas (703m s.n.m.).

Atividades agrícolas eram desenvolvidas no terreno, que estava com plantação de milho. Anteriormente no local havia pastagem e, a superfície, em meio à plantação, estava tomada por gramíneas. Nos arredores via-se: a leste, capoeira; a oeste, norte e sul, milho e pastagens.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Esparsamente ocorriam blocos de basalto e fragmentos de silte.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 100x62m (4.867m²) cortada, nos cantos leste, sul e oeste, pela via de acesso à torre.

As intensivas práticas agrícolas e, a abertura da estrada ocasionaram perturbações na camada arqueológica. O material ocorria superficialmente e mostrava-se bastante fragmentado. Foi possível, entretanto, a delimitação de uma área com concentração de evidências, onde a terra mostrava tonalidade marrom-escuro e textura argilo-arenosa, friável. Nesse espaço, que media 45x27m (953,77m²) e situava-se no lado sul do sítio, os fragmentos cerâmicos eram mais espessos, de grandes urnas.

Diversos cortes-experimentais foram efetuados na área de ocorrência, mas nada revelaram em profundidade.

A sudoeste do sítio, a 258m, encontrava-se o sítio PR SA 7: Sítio Camargo-3. Indícios cerâmicos da mesma tradição também foram registrados 50m a leste e, a 340m e 332m a sudeste e, correspondem a: PR SA C-21, PR SA C-19 e PR SA C-20, respectivamente.

PR SA 7: Sítio Camargo-3 (N°C 3654)

UTM: 0535620 - 7343742 (Município de Curiúva).

Sítio cerâmico localizado ao lado da estrada de acesso à torre 253, da qual distava 59m a nordeste (Fig. 36). Encontrava-se a 256m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande e,

a 1.878m da margem direita do córrego Felisberto. Disponha-se em uma encosta suave, entre duas nascentes, 18m acima do nível das águas do primeiro córrego (660m s.n.m.).

O terreno, arado manualmente há vários anos, estava com plantação de arroz. Nos arredores predominava pasto e capoeira. Junto às nascentes e ao córrego, via-se rarefeita faixa de mata secundária.

O solo, na área de ocorrência era marrom-escuro, argilo-arenoso e friável. Nas proximidades mostrava a mesma textura, mas com modificação na cor, que passava a marrom-avermelhado. Tornava-se mais compacto e apresentava grânulos de silte na superfície.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 74x49m (2.846,41m²). Era esparso e superficial. Das porções centrais do sítio, em direção ao seu lado norte, tendia a ser mais numeroso, formando concentração em uma área com 44x32m (1.105,28m²).

Apesar de, na área, não ser utilizada lavoura mecanizada, as sucessivas arações manuais desestruturaram a camada de ocupação.

O sítio era sobreposto, no lado sul, pelos indícios cerâmicos PR SA C-22, de Tradição Itararé.

Encontrava-se a 280m a sudoeste do sítio PR SA 5: Sítio Camargo-1, a 394m a sudoeste dos indícios PR SA C-21, a 482m a noroeste dos indícios PR SA C-20 e, a 592m a oeste dos indícios cerâmicos PR SA C-19, todos de Tradição Tupiguarani.

PR SA 9: Ribeirão Barra Grande-1 (N^oC 3659 a 3663)

UTM: 0532069 - 7344361 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 171m a oeste da torre 246, 292m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Barra Grande, do qual distava 916m de sua margem esquerda (Fig. 87). Situava-se na encosta de suave elevação voltada para o córrego, 35m acima do nível de suas águas (640m s.n.m.).

No local, utilizado para atividades agrícolas, havia cultivos de arroz e milho. Em seu meio percebia-se que fôra, anteriormente, coberto por pasto e, seus resíduos eram visíveis. Nos arredores predominavam pastagens. Margeando os cursos fluviais conservava-se rarefeita faixa de mata secundária.

O solo, de tonalidade marrom-avermelhado, era areno-argiloso. Mostrava, na superfície, fragmentos de basalto e silte. No lado sul apresentava-se com a mesma tonalidade, mas com maior incidência de basalto e, com textura argilo-arenosa.

O material arqueológico espalhava-se em uma área elíptica com 178x67m (9.361,91m²). Estava revolvido, pois o terreno era arado há vários anos.

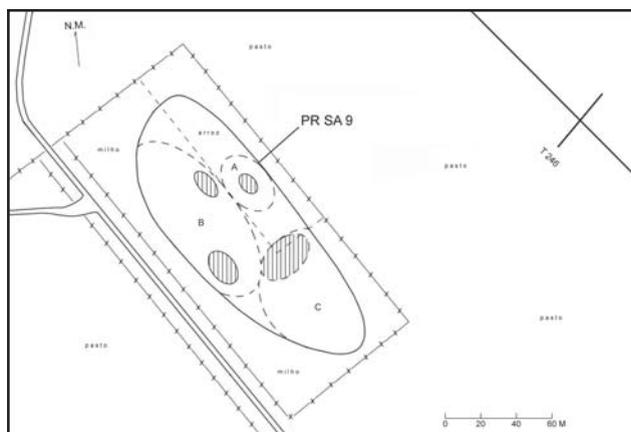


Figura 87: Planta do sítio cerâmico PR SA 9: Ribeirão Água Grande. As elipses tracejadas indicam áreas com concentração de material arqueológico e, as elipses hachuradas, espaços com adensamento e solo escuro.

Apesar das perturbações sofridas percebia-se, ainda, que o material arqueológico tendia a ser mais numeroso em espaços limitados. A concentração “A” situava-se no lado leste do sítio e media 36x23m (649,98m²). Nela, área com adensamento de material, em meio a solo marrom-escuro tendendo para o preto, foi registrada. Media 12x8m (75,36m²). A concentração “B” ocupava o lado oeste do sítio. Suas dimensões eram de 105x43m (3.544,27m²). Adensamentos de material em solo marrom-escuro, indicativos de base de antigas habitações, foram constatadas a leste e ao sul da área: mediam 17x8m (106,76m²) e 21x12m (197,82m²), respectivamente. A concentração “C”, com 76x49m (2.923,34m²), encontrava-se no lado sudeste do sítio. Nela não foi observada alteração na tonalidade do solo, que se mostrava marrom-avermelhado. Apenas tendência de adensamento foi constatada no seu extremo norte, em uma área com 34x19m (507,11m²).

Cortes-experimentais executados demonstraram que, em virtude das intensivas práticas agrícolas, toda a camada de ocupação encontrava-se alterada. Neles, constatou-se a ocorrência de solo marrom-escuro, friável e areno-argiloso, com pontos de carvão, até 17cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom-avermelhado, compacto.

**PR SA 11: Córrego do Couro (N^oC 3714)
UTM: 0547178 - 7343629 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado 187m a sudoeste da torre 278 e, 213m a noroeste da torre 277 (Fig. 88). Dispunha-se na encosta e no topo de suave elevação, 146m da nascente de um córrego, afluente do córrego

do Couro e, 18m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial (739m s.n.m.).

O terreno fôra arado. Estava com plantação de aveia, mas permaneciam resíduos de antiga plantação de soja. Nos arredores, além de cultivo de aveia, viam-se grandes áreas com reflorestamento de pinus e, a oeste, o leito de antiga estrada secundária. Contornando a nascente e, às margens do córrego, conservava-se rarefeita faixa de mata secundária.

O solo, de textura argilo-arenosa, mostrava coloração marrom-escuro. Nas cercanias era marrom-avermelhado.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área elíptica com 94x65m (4.796,35m²).

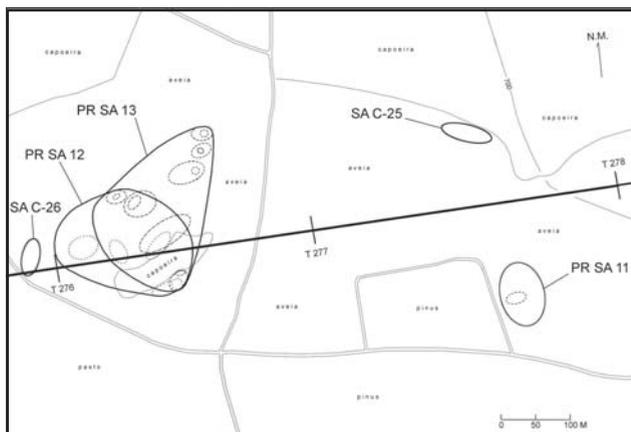


Figura 88: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 11: Córrego do Couro, PR SA 12: Córrego do Mato Bom-1 (ITA) e, PR SA 13: Córrego do Mato Bom-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-25 (ITA) e PR SA C-26 (TPG).

As atividades agrícolas desenvolvidas no local, que vêm se processando há vários anos, ocasionaram a descaracterização da camada de ocupação, a dispersão do material arqueológico e a sua fragmentação. Apesar dos danos verificados foi possível ainda a constatação de adensamento de material nas porções centrais do sítio, em uma área com 29x16m (364,24m²). Situava-se no topo da elevação, direcionando-se ao seu lado oeste.

Cortes-experimentais realizados nada evidenciaram em profundidade.

A oeste do sítio foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-26 e, o sítio PR SA 13: Córrego do Mato Bom-3, ambos da mesma tradição. Encontravam-se a 683m e, 449m de distância, respectivamente.

**PR SA 13: Córrego do Mato Bom-2 (N^oC 3719 a 3727)
UTM: 0546685 - 7343761 (Município de Curiúva)**

Sítio cerâmico localizado no eixo da Linha de Transmissão, 70m a leste da torre 276 e, a 160m a oeste da torre 277 (Figs. 40 e 88). Dispunha-se no topo e na encosta de suave elevação, 381m da margem esquerda de um córrego, afluente do córrego do Couro, 49m acima do nível de suas águas (665m s.n.m.).

No local e, nos arredores, viam-se extensivas plantações de aveia. Ao sul, situava-se uma estrada secundária, a qual possibilitava o acesso a reflorestamentos da Inpacel e, algumas fazendas. Trechos de mata secundária foram preservados em pequenos vales e, acompanhando cursos fluviais.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Conservava restos de antigos cultivos de soja e milho, além de inúmeros nós de pinheiros (muitos carbonizados). No início dos flancos situados ao norte e leste era visível uma linha pouco elevada, como de curva de nível agrícola.

O material arqueológico ocorria em uma área com 235x150m (27.671,25m²), cortada ao sul por trecho com capoeira.

As atividades agrícolas decorrentes da ocupação moderna perturbaram a área do sítio arqueológico, causando a dispersão das evidências e a fragmentação do material cerâmico, mas foi possível, ainda, a delimitação de sete áreas onde estes eram mais numerosos, formando concentrações. Manchas de terra escura também puderam ser registradas.

A concentração "a" situava-se no lado oeste do sítio e media 29x18m (409,77m²). Apresentava, nas porções centrais, mancha de terra marrom-escuro tendendo para o preto com 12x5m (47,10m²). A concentração "b" media 49x35m (1.346,27m²) e foi localizada 3m a leste da "a". Nela, mancha com solo marrom-escuro foi registrada no lado oeste. Suas dimensões eram de 23x14m (252,77m²). A concentração "c", com 85x34m (2.268,65m²) encontrava-se no topo da elevação, 20m a sudeste da "b". Nela não se constatou adensamento. As concentrações "d", "e" e "f", encontravam-se no lado nordeste do sítio. Na concentração "d", situada 45m a nordeste da "c", foi possível observar a dispersão das evidências pela ação do arado. Ocupava uma área com 28x27m (593,46m²) apresentando, no seu lado leste, adensamento realçado por terra preta com 11x9m (77,71m²). A concentração "e" dispunha-se 6m a nordeste da "d". Suas dimensões eram de 30x19m (447,45m²) e, como nas anteriores, conservava mancha de solo escuro com 9x7m (49,45m²) nas porções centrais. A concentração "f" foi localizada 4m ao norte da "e". Media 31x20m (486,70m²) e apresentava, nas porções

centrais, mancha com 11x10m (86,35m²). Finalmente, a concentração “g”, registrada no lado sudeste do sítio, 40m ao sul da concentração “c”, media 32x22m (552,64m²). Situando-se ao sul do espaço coberto por capoeira, tinha seu lado norte a ela limítrofe. Mancha com solo marrom-escuro tendendo para o preto, com adensamento de material, foi constatada no seu lado nordeste. Media 14x7m (76,93m²).

Cortes-experimentais efetuados nas áreas de concentrações e manchas evidenciaram a descaracterização da camada de ocupação nas concentrações “b”, “c”, “d” e “e”. Nelas, o solo marrom-escuro, argilo-arenoso, com raízes, radículas, restos de cultivos de soja e milho, ocorria até 12cm de profundidade, quando mesclava com solo marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Na concentração “f”, o solo escuro era visto até 8cm. O material arqueológico foi encontrado em meio à terra escura, revolvida pelo arado.

Na concentração “g”, os cortes-experimentais executados na periferia do espaço com capoeira revelaram a permanência, sem alteração, da base da camada arqueológica. Neles, o solo escuro, com grande quantidade de carvão foi constatado até 23cm de profundidade. Era friável, com resíduos de cultivos anteriores, até 15cm de profundidade. Abaixo mostrava-se mais compacto, com evidências arqueológicas tendendo a formar alinhamento, como piso, aos 20cm de profundidade. Na base do nível mesclava com solo marrom-avermelhado, argiloso e compacto.

A concentração “a” mostrava-se, também, bastante alterada. Nela, foi efetuada uma raspagem com 6m² na área da mancha constatada. O solo escuro aprofundou, na sua parte central, até 20cm. Em direção à sua periferia, ocorria até 15cm, com muitas raízes e radículas, restos de cultivos de soja e milho e nós de pinheiros (alguns carbonizados). O material arqueológico era numeroso em meio ao solo revolvido. Entre 18 e 20cm era esparso.

O sítio sobrepunha-se, nos lados oeste, sudoeste e sul, ao sítio PR SA 12: Córrego do Mato Bom-1, de Tradição Itararé.

Indícios da Tradição Tupiguarani foram registrados 92m a oeste do sítio. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-26.

PR SA 18: Fazenda Bonanza-2 (N^oC 3735)

UTM: 0527040 - 7342507 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 40m a nordeste da torre 232 e, a 42m ao sul da estrada de acesso às torres 232 a 235 (Fig. 13). Dispunha-se em parte de um topo alongado e, no flanco de uma elevação, 181m da margem esquerda de um córrego, 44m acima do nível de suas águas (631m s.n.m.).

O terreno estava com pastagem. Nos arredores havia pasto e, nas margens do córrego e em pequenos vales, faixas rarefeitas de mata ciliar. Apresentava depressões ladeadas por amontoados de terra em consequência da retirada de raízes das árvores quando se efetuou o desmatamento da área.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Sofria processo de erosão laminar.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 59x17m (787,35m²), dispendo o eixo principal em sentido paralelo ao córrego. As evidências ocorriam em trilhas de gado, principalmente, em um trecho alongado disposto nas porções centrais da encosta em sentido norte-sul, o qual apresentava solo preto.

Através de cortes-experimentais realizados nesse ponto constatou-se a desestruturação da camada arqueológica pela ação do arado. As evidências de ambas as tradições ocorriam simultaneamente, sem caracterização de piso, em meio a solo escuro, com muitos blocos e grânulos de basalto e diabásio até 20cm de profundidade.

O sítio mostrava-se sobreposto, do lado oeste em direção às suas porções centrais, ao sítio PR SA 17: Fazenda Bonanza-1, de Tradição Itararé.

PR SA 21: Arroio Belo-2 (N^oC 3744 e 3745)

UTM: 0523971 - 7340341 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 130m a nordeste da torre 225 e, a 627m da margem esquerda do Arroio Belo, afluente do ribeirão Mococa, do qual distava 2.067m de sua margem direita (Fig. 42). Disponha-se no flanco suave de uma elevação, 82m acima do nível das águas do arroio (798m s.n.m.).

O terreno estava com cultivo de amora das porções centrais da área de ocorrência em direção oeste e, com milho entremeado por vegetação rasteira em seu lado leste. Margeando o córrego e, em pequenos vales com encostas íngremes, conservavam-se faixas rarefeitas de mata secundária.

O solo apresentava textura argilo-arenosa e coloração marrom-avermelhado, com pequenos e esparsos grânulos de basalto e diabásio.

Segundo informações do proprietário, o local era utilizado para práticas agrícolas há cerca de 50 anos e, inicialmente, quando foram praticadas as primeiras arações, eram encontrados recipientes completos.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 85x31m (2.068,48m²). A ação do arado era visível no espaço de ocupação, principalmente no lado oeste do sítio, onde as evidências

mostravam-se muito dispersas e esparsas. Espaços com maior frequência de material, formando concentrações, no entanto, puderam ser delimitados. Apresentavam-se de forma alinhada, formando duas concentrações dispostas nas porções centrais (“b”) e no lado leste do sítio (“a”). Mediam 32x21m (527,52m²) e 35x31m (851,73m²), respectivamente.

Através da abertura de cortes-experimentais constatou-se a desestruturação da camada arqueológica. O solo não apresentou modificação na tonalidade e, as evidências eram encontradas até 15cm de profundidade, em meio à terra revolvida pelo arado e com resíduos de cultivos anteriores.

O sítio sobrepunha-se, em sua totalidade, no lado norte do sítio PR SA 20: Arroio Belo-1, de Tradição Itararé.

A 205m a nordeste, foram registrados os indícios cerâmicos PR SA C-42, a 290m ao sul, os indícios cerâmicos PR SA C-43, a 70m a oeste, o sítio PR SA 22: Arroio Belo-3 e, a 62m a leste, o sítio PR SA 31: Arroio Belo-5, todos relacionados à Tradição Tupiguarani.

PR SA 22: Arroio Belo-3 (N^oC 3747)

UTM: 0523845 - 7340339 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 160m a noroeste da torre 225 e, a 715m da margem esquerda do Arroio Belo, afluente da margem direita do ribeirão Mococa, do qual distava 1.969m (Fig. 42). Situava-se na encosta de suave elevação, 89m acima do nível das águas do curso fluvial menor (805m s.n.m.)

O local, desmatado e arado, estava com plantação de amora. Nos arredores, além de cultivo de amora, havia pastagem ao norte e oeste. Faixas de mata secundária foram conservadas apenas margeando o córrego e, em pequenos vales com flancos íngremes.

O solo, de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, sofria erosão laminar. Cortado pelo leito de uma estrada de acesso às lavouras, atualmente abandonada, mostrava também, início de erosão linear.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com 35x26m (714,35m²). Eram encontradas superficialmente e no leito da estrada, que o atingiu nas suas porções centrais, em sentido leste-oeste. Em maior número, formando adensamento, dispunham-se em uma área com 16x10m (125,60m²), a qual limitava-se, no lado sul, com a margem da estrada, direcionando-se para o lado norte do sítio.

As intensivas práticas agrícolas, desenvolvidas ao longo de quase 50 anos, perturbaram a camada de ocupação, o que ficou evidenciado nos cortes-experimentais efetuados. Em todos o solo

apresentou a mesma textura e coloração observada na superfície. O material arqueológico ocorria de forma dispersa em meio ao solo revolvido.

Relacionados à mesma tradição, foram registrados o sítio PR SA 21: Arroio Belo-2, os indícios cerâmicos PR SA C-42 e PR SA C-43. Situavam-se 70m a leste, 341m a nordeste e, a 354m a noroeste, respectivamente.

PR SA 24: Arroio Belo do Boaventura 1 (N^oC 3784)

UTM: 5256162 - 7341528 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 29m a nordeste da torre 229 e, 337m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 55). Dispunha-se no flanco de elevação suave, 78m acima do nível das águas do córrego (675m s.n.m.).

O local explorado agricolamente por pequeno proprietário, era arado há vários anos e, no momento dos trabalhos, estava sendo preparado para receber novo plantio. Na superfície permaneciam resíduos de antigo cultivo de milho. Nos arredores e nas margens do córrego havia capoeira alta.

O solo, de textura argilo-arenosa, era de coloração marrom-avermelhado.

O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 51x49m (1.961,72m²), dispendo o eixo maior em sentido paralelo ao córrego. A área, bastante perturbada pelas atividades agrícolas, fôra cortada nas porções centrais, em sentido leste-oeste, pela estrada de acesso à torre. Mostrava ainda, no lado oeste, danos causados pelas obras de instalação da torre. Nesse espaço eram comuns blocos de argilito, basalto e diabásio, em meio a terra argilosa e amarelada retirada para a abertura dos buracos para colocação das sapatas da torre.

O lado nordeste do sítio sobrepunha-se ao sítio PR SA 60: Arroio Belo do Boaventura-2, de Tradição Itararé.

PR SA 25: Sapê-1 (N^oC 3786)

UTM: 5225999 - 7339084 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 222, 247m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Mococa (Fig. 44). Ocupava o flanco e o topo de uma elevação, 45m acima do nível das águas do córrego (751m s.n.m.).

O solo, de textura argilo-arenosa, mostrava coloração marrom-avermelhado. Na encosta situada a sudeste, a qual apresentava maior declividade, era de tonalidade marrom-claro.

No local havia pastagem e, cultivo de cana-de-açúcar a sudeste.

Era cortado em suas porções centrais, no sentido norte-sul, por uma estrada secundária. Os arredores estavam com pasto. Acompanhando as margens do córrego, conservava-se rarefeita faixa de mata secundária.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 96x61m (4.596,96m²).

Pelas suas dimensões o ponto corresponderia a um sítio habitação. As perturbações causadas pelas atividades agropecuárias e pela abertura da estrada, entretanto, ocasionaram danos à camada de ocupação. O material arqueológico ocorria superficialmente, no leito da estrada e nos barrancos por ela formados. Em meio ao pasto era muito esparsos. Diversos cortes-experimentais foram efetuados, mas nada evidenciaram em profundidade.

O sítio sobrepunha-se, das porções centrais em direção leste, ao sítio PR SA 26: Sapê-2, de Tradição Itararé.

PR SA 29: Córrego Marrequinha-2 (N^oC 3792, 3795, 3796, 4376 e 4377)

UTM: 5194667 - 7337684 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 201m a noroeste da torre 215. Encontrava-se a 83m da margem direita da nascente de um córrego, afluente do ribeirão Mococa e, a 1.013m da margem esquerda do córrego Marrequinha (Figs. 14 e 45). Dispunha-se no topo e encosta de uma elevação, 32m acima do nível das águas do córrego (784m s.n.m.).

O terreno, utilizado para atividades agropastoris há cerca de 20 anos, mostrava-se perturbado, também, pela construção de um grande açude a oeste e, pela abertura da estrada de acesso à torre, que o cortou nas porções centrais, no sentido norte-sul.

No local e arredores havia pastagem. Mata secundária rarefeita era vista a noroeste e acompanhando as margens do córrego.

O solo, de textura argilo-arenosa, era de coloração marrom-avermelhado, com muitos blocos de basalto na superfície.

As evidências arqueológicas ocupavam uma área com 86x49m (3.307,99m²), a qual orientava o eixo maior em sentido paralelo ao córrego. Quando de sua constatação, as evidências eram encontradas, em grande número, no leito da estrada. Atualmente mostravam-se esparsas.

Apesar dos danos observados no sítio, espaços com concentração de material, identificados como "a", "b" e "c", foram delimitados no seu lado oeste e extremos sul e norte; mediam 23x20m (361,10m²), 12x9 (84,78m²) e 10x7m (54,95m²), respectivamente. As duas últimas poderiam corresponder a adensamentos.

No sítio, além de coletas setorizadas, diversos cortes experimentais foram executados. Evidenciaram solo escuro apenas no lado nordeste, no espaço das concentrações "C" do sítio PR SA 28: Córrego Marrequina-1, de Tradição Itararé, e "c" do sítio PR SA 29, caracterizando a reocupação do local e a sobreposição das ocupações. Nele, corte-estratigráfico com 4,50m² foi executado. O solo mostrava coloração preta da superfície até 13cm de profundidade, tornando-se depois marrom-escuro. Era argilo-arenoso. Aos 15cm de profundidade esparsos blocos de basalto foram registrados.

O material arqueológico foi constatado a partir dos 3cm de profundidade. Era predominantemente Tupiguarani, principalmente nos lados oeste e noroeste do corte. Formava alinhamento, como piso, aos 10cm. Abaixo até 15cm era esparsos e misturava-se a evidências de tradição Itararé, correspondentes ao sítio PR SA 28.

Material relacionado à mesma tradição, correspondente aos indícios cerâmicos PR SA C-53, foram registrados 947m a sudoeste.

**PR SA 31: Arroio Belo-5 (N^oC 3746, 3752, 3785 e 3798)
UTM: 0523971 - 7340341 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 125m a sudoeste da torre 226 e, a 162m a nordeste da torre 225. Situava-se a 622m da margem esquerda do Arroio Belo, afluente do ribeirão Mococa, do qual distava 2.062m de sua margem direita (Fig. 42). Disponha-se no flanco suave de uma elevação, 80m acima do nível das águas do arroio (796m s.n.m.).

O terreno e, os arredores, mostravam a superfície limpa, preparada para novo plantio. Margeando o córrego e, em pequenos vales com encostas íngremes conservavam-se faixas rarefeitas de mata secundária.

O solo, de textura argilo-arenosa e coloração marrom-avermelhado, mostrava pequenos e esparsos grânulos de basalto e diabásio.

O local era utilizado para práticas agrícolas há cerca de 50 anos e, segundo informações do proprietário, quando de seu estabelecimento no local e iniciadas as primeiras arações, eram encontrados recipientes completos.

O material arqueológico ocorria superficialmente, em uma área elíptica com 73x34m (1.948,37m²). Completamente descaracterizado pelas intensivas atividades decorrentes da ocupação recente, foi possível ainda a delimitação de dois espaços com maior número de evidências, formando concentrações. A maior, denominada "a", situava-se no lado oeste do sítio. Media 41x28m (901,18m²). Distante 4,50m a leste dela, encontrava-se a concentração "b". Suas dimensões eram de 28x23m (505,54m²).

No sítio, além de coletas superficiais setorizadas, cortes-estratigráficos foram executados junto à concentração “a”, onde dois espaços com terra marrom-escuro foram registrados. Esses acompanharam a tendência de dispersão do material e, a camada de terra escura.

O primeiro, com 5m², foi aberto no extremo norte da concentração, a 5,50m de seu limite. Nele o solo escuro atingiu 15cm de profundidade nos lados norte, oeste e leste; ao sul ocorreu até 10cm. Abaixo dessas profundidades tornava-se marrom-avermelhado, argiloso e compacto. O segundo corte, com 6m², situava-se 7m a sudeste do primeiro e, a terra marrom-escuro foi registrada até 20cm ao sul, até 15cm ao norte e até 6cm a oeste. A leste, o solo mostrava coloração marrom-avermelhado desde a superfície. Em ambos, as evidências arqueológicas foram constatadas desde a superfície, junto à terra escura, formando piso aos 15cm de profundidade. Raramente foram encontradas até 20cm, em solo vermelho. Aprofundamentos de grandes raízes foram registrados nos dois cortes. No primeiro, em número de 3, a terra escura atingiu 40, 50 e 80cm de profundidade e, no segundo, 25cm. O material, em todos, ocorria até 20cm de profundidade.

Nas concentrações, fora das áreas com solo escuro, cortes-experimentais evidenciaram a desestruturação da camada arqueológica. O solo não apresentou modificação na tonalidade e, as evidências eram encontradas até 15cm de profundidade, em meio à terra revolvida pelo arado e com resíduos de cultivos anteriores.

O sítio sobrepunha-se, das porções centrais em direção ao lado oeste, ao sítio PR SA 20: Arroio Belo-1, de Tradição Itararé.

Pertencentes à mesma tradição foram registrados, 62m e 204m a oeste, os sítios PR SA 21: Arroio Belo-2 e PR SA 22: Arroio Belo-3. Índícios de ocupação esporádica foram constatados 142m a nordeste e 248m a sudoeste. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-42 e PR SA C-43, respectivamente.

PR SA 35: Arroio Belo-7 (N^oC 3829)

UTM: 0524731 - 7340771 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 227 (Fig. 48). Encontrava-se a 230m da margem direita do Arroio Belo, 34m acima do nível de suas águas (723m s.n.m.).

Situava-se em área plana de um topo alongado com a encosta norte bastante íngreme e, a oposta suave e voltada para o curso fluvial.

O terreno, arado, estava coberto com pastagens e com restos de antigo cultivo de amoras. Nas proximidades havia pasto e, margeando o arroio, estreita faixa de mata secundária.

No solo, de textura argilo-arenosa e coloração marrom-avermelhado, eram comuns blocos de basalto.

As evidências arqueológicas, esparsas e superficiais, dispunham-se em uma área com 179x27m (3.793,90m²), que orientava seu eixo maior em sentido paralelo ao curso fluvial.

Intensamente danificado pelas atividades agropecuárias, que vêm se processando há anos, o sítio sofreu perturbações decorrentes da construção de um açude nas suas porções centrais e, pelas atividades resultantes da instalação da torre.

Apesar de descaracterizado foi possível, ainda, a constatação de pequeno espaço com adensamento de material em seu lado norte, situado entre a torre e o açude. Medida 60x16m (753,60m²).

Cortes-experimentais efetuados para sua delimitação evidenciaram a total destruição da camada de ocupação.

O sítio sobrepunha-se, em sua totalidade, ao PR SA 34: Arroio Belo-6, de Tradição Itararé.

Material arqueológico do sítio PR SA 35 foi encontrado no interior da estrutura subterrânea vinculada ao sítio Itararé PR SA 34. Incidiu nas três camadas superficiais resultados do processo sedimentar ocorrido após o seu abandono.

Indícios relacionados à Tradição Tupiguarani foram registrados ao norte, a 65m de distância. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-58.

PR SA 37: Ribeirão Marrecas (NºC 3831)

UTM: 0516608 - 7335680 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 897m a sudeste da torre 209 (Fig. 89). Estava a 909m da margem direita do Ribeirão Marrecas e, a 647m da margem esquerda de um córrego, seu afluente, ocupando a encosta suave de um topo alongado voltado para o ribeirão, 99m acima do nível de suas águas (767m s.n.m.).

O terreno e os arredores estavam com pasto. Ao norte e, acompanhando as margens do curso fluvial, foram preservadas faixas de mata secundária.

O solo, argiloso e compacto, apresentava tonalidade marrom-escuro até 10cm de profundidade, tornando-se abaixo, marrom-avermelhado. A sudeste aflorava dique de diabásio.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 43x14m (472,57m²). Eram esparsas e superficiais, mas tendiam a ser mais numerosas em pequeno espaço com 7x4m (21,98m²) situado no lado leste do sítio.

O local fôra cortado longitudinalmente, no sentido leste-oeste,

por uma estrada vicinal. Atingindo suas porções centrais, a estrada ocasionou a descaracterização da camada arqueológica, espalhando o material em seu leito e, nos barrancos por ela formados.

Diversos cortes-experimentais foram efetuados para delimitação da ocorrência. Evidenciaram total perturbação da camada arqueológica, sendo registradas raras evidências até 10cm de profundidade.

Indício cerâmico da Tradição Itararé foi registrado junto ao material Tupiguarani, indicando a reocupação do local. Corresponde ao indício cerâmico PR SA C-59.

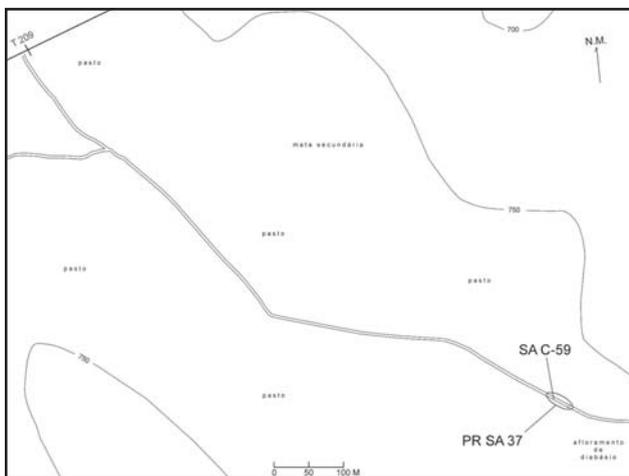


Figura 89: Localização do sítio cerâmico PR SA 37: Ribeirão Marrecas e, dos indícios cerâmicos PR SA C-59 (ITA).

**PR SA 39: Serra da Piquira-1 (N^oC 3837 e 3838)
UTM: 0511918 - 7334985 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 200, a 19m da margem direita de uma nascente e, a 524m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Piquira (Fig. 90). Dispunha-se em um platô alongado situado em meia encosta na Serra da Piquira, 153m acima do nível das águas do córrego (924m s.n.m.).

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área elíptica com 86x51m (3.443,01m²). Ocorriam esparsas e superficialmente, no leito da estrada e, no espaço revolvido da torre.

Quando de sua constatação, em 1999, a 28m ao norte da torre hoje instalada, fragmentos cerâmicos foram registrados em meio à terra marrom-escuro. Atualmente, esse local restringe-se a uma área com 7x6m (32,97m²). Parte dele foi retirado para aterramento das sapatas da torre e, no restante, foi depositada a terra marrom-avermelhado, argilosa, retirada da escavação efetuada para sua implantação.

Diversos cortes-experimentais foram realizados para delimitação do sítio e, da área com solo escuro. Evidenciaram que, na área da mancha, apesar de perturbada pelas obras de terraplenagem, a base da camada de ocupação permanecia intacta. Nesse espaço, corte com 4m² foi executado.

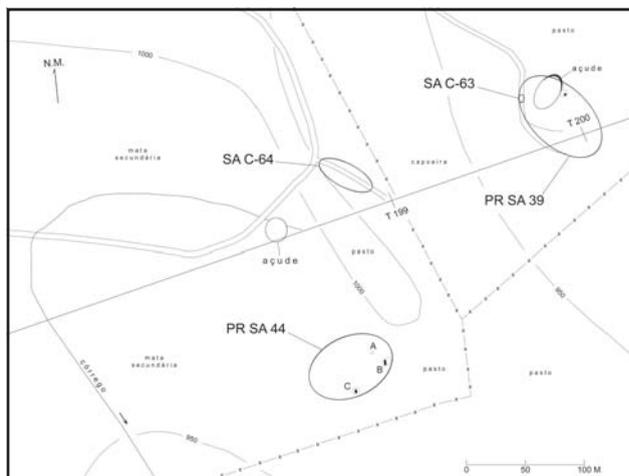


Figura 90: Localização dos sítios cerâmicos PR SA 39: Serra da Piquira-1 e PR SA 44: Serra da Piquira-2 (TPG) e, dos indícios cerâmicos PR SA C-63 (ITA) e PR SA C-64 (TPG). Os espaços tracejados nos sítios indicam áreas com concentração de material arqueológico. Os espaços escuros assinalam áreas onde foram efetuados cortes estratigráficos.

Superficialmente havia pasto e blocos de basalto esparsos. O solo nos primeiros 10cm correspondia à camada depositada pelos tratores durante a terraplenagem do terreno para instalação da torre. Era de coloração marrom-avermelhado, textura argilo-arenosa, com pedregulhos de basalto. Abaixo, mostrava tonalidade marrom-escuro e textura areno-argilosa. Correspondia à superfície original do terreno e apresentava espessuras variáveis entre 4cm nos lados sul e oeste do corte e 8cm nos lados leste e nordeste. Nas suas porções centrais aprofundava até 18cm, formando bolsão. Após a camada escura o solo apresentava-se, novamente, argilo-arenoso e marrom-avermelhado. O material arqueológico ocorria em meio ao solo escuro.

Indícios de ocupação do local por grupo pertencente à Tradição Itararé foram constatados no lado noroeste do sítio, no leito da estrada de acesso à torre. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-63.

Relacionados à Tradição Tupiguarani, foram registrados o sítio PR SA 44: Serra da Piquira-2 e, os indícios cerâmicos PR SA C-64. Situavam-se a 219m a sudoeste e, a 148m a oeste, respectivamente.

PR SA 42: Faxinalzinho (N°C 3843)

UTM: 0505378 - 7332747 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 58m a sudeste da torre 185. Encontrava-se a 273m da margem esquerda de um córrego e, a 401m da margem direita de outro, ambos afluentes do ribeirão do Burro (Fig. 91).

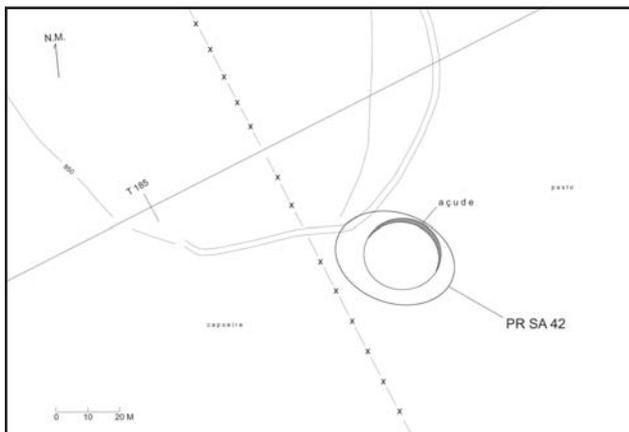


Figura 91: Localização do sítio cerâmico PR SA 42: Faxinalzinho.

Disponha-se no flanco de suave elevação, 86m acima do nível das águas do primeiro córrego e, 103m acima das águas do segundo curso fluvial (849m s.n.m.).

O terreno, assim como os arredores, estavam com pastagens e árvores esparsas. Anteriormente fôra utilizado para agricultura. A oeste via-se trecho com capoeira rala e, margeando o curso fluvial, estreita faixa de mata secundária.

O solo apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com grande quantidade de blocos de basalto.

As evidências arqueológicas, esparsas e superficiais, espalhavam-se em uma área elíptica com 38x29m (865,07m²).

O sítio mostrava-se descaracterizado em conseqüência das atividades agropecuárias. No local foi efetuada escavação para construção de açude, o que resultou no revolvimento da camada de ocupação. Apresentava-se, também, cortado no lado norte, pela estrada de acesso à torre.

Diversos cortes-experimentais foram executados em meio ao pasto para sua delimitação, mas nada evidenciaram em profundidade.

PR SA 44: Serra da Piquira-2 (N°C 3849 a 3856)

UTM: 0511739 - 7334730 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 116m a sudoeste da torre 199 e, a 156m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Piquira (Figs. 90 e 92). Situava-se em terreno levemente ondulado, com encosta íngreme a oeste, 29m acima do nível das águas do córrego (993m s.n.m.).

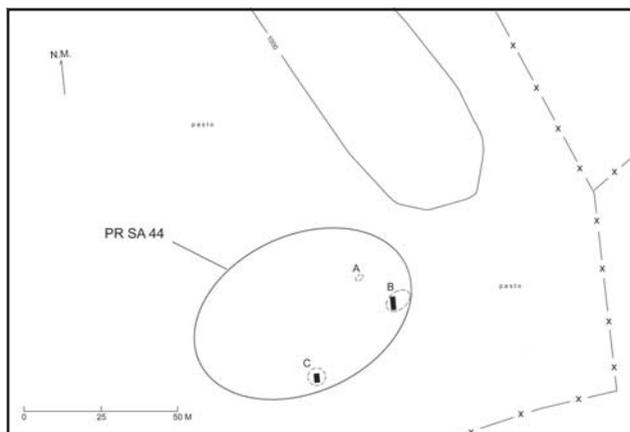


Figura 92: Planta do sítio cerâmico PR SA 44: Serra da Piquira-2. As elipses tracejadas indicam áreas com concentração de material arqueológico e, os espaços escuros, áreas onde foram efetuados cortes-estratigráficos.

O local, coberto por pastagens e com grande quantidade de samambaias, conservava restos de mata secundária apenas margeando o curso fluvial. De acordo com informações do proprietário, intensivas atividades agrícolas, com arações efetuadas com arados manuais, eram desenvolvidas há aproximadamente 30 anos.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com esparsos blocos de basalto na superfície.

O sítio, de difícil visualização da superfície, foi delimitado através da abertura de cortes-experimentais, os quais evidenciaram uma área de ocupação com 74x52m (3.020,68m²) e, três espaços com solo de tonalidade marrom-escuro e adensamento de material arqueológico, diagnósticas de bases de antigas habitações.

Dois adensamentos ("A" e "B") dispunham-se no lado leste do sítio. O adensamento "A" media 3x2m (4,71m²) e, o "B", 9x6m (42,39m²). Este estava 11m a leste do "A". O adensamento "C", com 6m de diâmetro (28,26m²) foi registrada no lado sul do sítio, a 30m a oeste da "B" e, a 32m a sudoeste do "A". Cortes-estratigráficos foram efetuados nos três pontos.

No adensamento "A" foram abertos 4m². Nele, o solo marrom-escuro ocorria até 16cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom e argiloso. O material arqueológico era esparsos nos primeiros centímetros.

Tendia a ser mais numeroso aos 10cm de profundidade, formando piso aos 16cm. Era mais freqüente das porções centrais do corte em direção à parede norte e, muitos correspondiam a fragmentos de urna. Nesse espaço, as evidências atingiram 27cm de profundidade, em meio a um bolsão formado, possivelmente, pelo assentamento da base da peça. Ao seu lado, buraco de estaca com 50cm de profundidade, preenchido com terra friável marrom-escuro e carvão foi evidenciado. Aos 16cm de profundidade, junto ao piso da ocupação, fragmentos ósseos e de espiga de milho carbonizado foram registrados, assim como uma base de terra queimada com 30cm de diâmetro, na parede oeste. Ao seu redor eram comuns pontos de carvão vegetal. Aprofundamento com 32cm de profundidade, provocado pela ação de raiz também foi constatado. Nele, as evidências eram esparsas.

No adensamento “B”, 4m² foram escavados. O solo, excetuando-se os lados sul e sudoeste do corte, que mostravam coloração marrom-claro apresentou, desde a superfície, tonalidade cinza-escuro e textura argilo-arenosa. Era friável. Atingiu 15cm de profundidade. Somente no canto noroeste ocorreu até 20cm. O material arqueológico era esparso e, mais freqüente junto ao solo escuro.

Seis metros quadrados foram abertos no adensamento “C”. O solo era argiloso, friável, e de coloração preta até 10cm de profundidade. Abaixo, até 30cm de profundidade, mostrava coloração marrom-escuro. Somente no lado sul era marrom. O limite entre os dois solos era definido por dois blocos de basalto expostos a 80cm da parede sul. Na base do nível, aos 30cm, o solo tornava-se marrom-avermelhado, com grandes blocos de basalto. O material arqueológico ocorria esparsamente até 10cm de profundidade. Era mais numeroso em meio ao solo escuro, formando piso aos 16cm de profundidade e, tendendo a concentrar das porções centrais do corte em direção à parede oeste. No canto noroeste eram comuns pontos de carvão vegetal e terra queimada. Depressões circulares e elípticas foram observadas em vários pontos do corte. Estavam relacionadas a raízes.

Ocupações ligadas à Tradição Tupiguarani foram registradas a 219m a nordeste e, 121m ao norte do sítio. Correspondem ao sítio PR SA 39: Serra da Piquira-1 e, aos indícios cerâmicos PR SA C-64.

**PR SA 46: Arroio Belo-10 (N^oC 3859 a 3861)
UTM: 0525640 - 7339857 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado a 1.297m a sudeste da torre 227 e, a 215m da margem direita do Arroio Belo (Figs. 52 e 56). Dispunha-se no topo de uma elevação, com encosta suave voltada para o arroio, 27m acima do nível de suas águas (768m s.n.m.).

O terreno estava arado. Fôra destocado e gradeado. Nas proximidades havia reflorestamento de pinus. Rarefeita faixa de mata secundária fôra preservada somente nas margens do curso fluvial.

O solo, de coloração marrom-avermelhado, apresentava textura argilo-arenosa.

O material arqueológico era encontrado em uma área elíptica com 46x36m (1.299,96m²). Era mais numeroso, formando concentrações, em 3 espaços realçados por manchas de solo escuro, com grande quantidade de carvão vegetal e fragmentos de terra queimada.

As concentrações dispunham-se nos lados sudoeste (“A”), noroeste (“B”) e leste (“C”) do sítio. A concentração “A” media 11x10m (86,35m²) e situava-se 12 a sudoeste da “C” e, 7m ao sul da “B”. A concentração “B”, com 15x14m (164,85m²), estava 7m ao norte da “A” e 14m a noroeste da “C”. A concentração “C” foi localizada 12m a nordeste da “A” e 14m a sudeste da “B”. Suas dimensões eram de 12x11m (103,62m²).

As perturbações ocasionadas pelas práticas agrícolas permitiram somente a realização de coletas superficiais setorizadas.

Cortes-experimentais efetuados evidenciaram o total revolvimento do solo, onde os sinais formados pela grade do trator eram visíveis até 25cm de profundidade, abaixo da camada de ocupação, que atingia 20cm.

No lado norte da concentração “C”, indícios de ocupação da Tradição Itararé foram constatados. Estão relacionados aos indícios cerâmicos PR SA C-76.

Sítio e indícios de mesma tradição foram registrados 136m ao sul e, 151m ao norte. Correspondem ao sítio PR SA 47: Arroio Belo-11 e, aos indícios cerâmicos PR SA C-75, respectivamente.

PR SA 47: Arroio Belo-11 (N^oC 3862 e 3863)

UTM: 0525774 - 7339708 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado a 1.474m a sudeste da torre 227 e, a 234m da margem direita do Arroio Belo (Fig. 56). Situava-se no topo de uma elevação, 24m acima do nível das águas do curso fluvial (772m s.n.m.).

O local estava sendo preparado para plantio. Fôra destocado, arado e gradeado. Nas cercanias predominavam reflorestamentos de pinus. Somente nas margens do arroio via-se estreita faixa de mata secundária.

O solo, de tonalidade marrom-avermelhado, apresentava textura argilo-arenosa.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 66x44m (2.279,64m²).

Danificado em consequência das práticas agrícolas, o sítio sofreu, ainda, descaracterizações resultantes da abertura da antiga via de acesso às torres 227 a 229 e, mais recentemente, pela abertura de nova estrada, ao lado da anterior. Ambas cortaram longitudinalmente o lado leste do sítio no sentido noroeste-sudeste, expondo as evidências em seus leitos.

Apesar das perturbações constatadas, duas manchas de solo escuro, com concentração de material puderam ser delimitadas. Nelas foi possível, ainda, a delimitação de espaços com adensamento de evidências. A primeira concentração, denominada "A", situava-se no lado leste do sítio. Medida 14x13m (142,87m²) e conservava espaço com adensamento no seu lado oeste com 7x6m (32,97m²). A concentração "B" foi localizada no lado oeste do sítio, a 30m a noroeste da "A". Suas dimensões eram de 11x10m (86,35m²). Nela, o material mostrava adensamento das porções centrais em direção ao lado leste, em uma área com 5m de diâmetro (19,62m²).

Cortes-experimentais foram executados na área. Mostraram a completa descaracterização da camada de ocupação. Neles, as evidências arqueológicas foram constatadas até 17cm de profundidade, em meio ao solo escuro. Nas áreas de adensamento, ocorriam até 20cm. Abaixo, o solo tornava-se marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Sinais deixados pelas grades dos tratores eram visíveis junto ao solo marrom.

No sítio apenas coletas superficiais setorizadas foram executadas.

Evidências da Tradição Itararé foram registradas nas porções centrais do sítio. Estão relacionadas ao sítio PR SA 61.

Ocupações vinculadas à mesma tradição cultural foram localizadas 136m e 330m ao norte. Correspondem ao sítio PR SA 46: Arroio Belo-10 e, aos indícios cerâmicos PR SA C-75.

PR SA 48: Água das Pedras (N^oC 3892)

UTM: 0500928 - 7331305 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado na área de instalação da torre 176, a 133m da margem direita de um córrego que teve seu curso alterado em consequência da exploração de argila em suas margens. As cavas originadas formaram lagoas (Fig. 93). Encontrava-se a 713m da margem direita do rio das Pedras, 40m acima do nível de suas águas (853m s.n.m.).

Ocupava um topo alongado com a superfície coberta por pastagem e arbustos esparsos. Nos arredores, além de pasto, fôra realizado plantio de eucalipto, os quais alcançavam as margens do córrego e das lagoas, em meio a testemunhos de mata secundária.

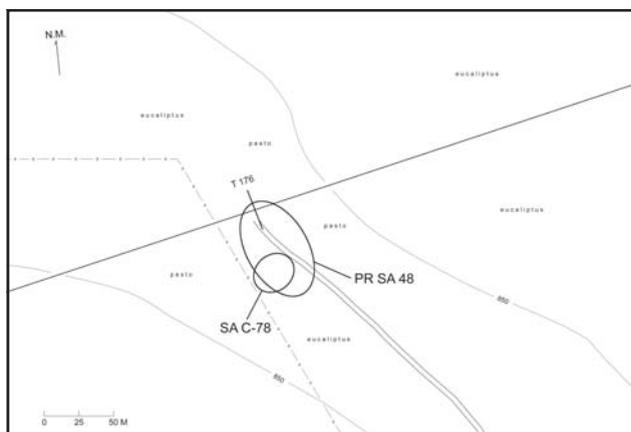


Figura 93: Localização do sítio cerâmico PR SA 48: Água das Pedras e, dos indícios cerâmicos PR SA C-78 (ITA).

O solo, de composição argilítica e textura argilo-arenosa, mostrava coloração cinza-claro até 20cm de profundidade. Abaixo tornava-se marrom-claro.

As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em uma área com 74x44m (2.555,96m²), dispendo o eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

O local mostrava perturbações decorrentes da ocupação recente. Sulcos profundos, com até 30cm de profundidade eram vistos em toda a área, assim como elevações de antigas curvas de nível. Essas práticas resultaram na descaracterização da camada arqueológica. O sítio fôra cortado, também, em suas porções centrais, no sentido noroeste-sudeste, pela estrada de acesso à torre.

Cortes-experimentais foram efetuados em todo o espaço, mas mostraram-se estéreis.

O sítio sobrepenha-se, no lado sudoeste, aos indícios cerâmicos PR SA C-78, de Tradição Itararé.

PR SA 49: Ribeirão Barreiro-1 (N^oC 3893)

UTM: 0498447 - 7330490 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 44m a sudeste da torre 171 e, a 324m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Barreiro (Fig. 53). Situava-se na encosta suave de uma elevação, 25m acima do nível das águas do córrego (870m s.n.m.).

O terreno, arado, estava com pastagem. Nas proximidades havia pasto e, faixas de mata secundária nas margens de cursos fluviais.

Conservavam-se, também, em pequenos capões dispostos nas encostas íngremes de elevações circunvizinhas.

O solo era de coloração cinza-claro, textura argilo-arenosa e composição argilítica. Ao sul, viam-se bolsões de terra marrom-avermelhado.

O material arqueológico dispunha-se superficialmente em uma área com 30x15m (353,25m²), orientando seu eixo maior em sentido perpendicular ao córrego.

O sítio apresentava descaracterizações resultantes de retirada de terra para aterramento das sapatas da torre.

Diversos cortes-experimentais foram realizados na área, mas nada evidenciaram em profundidade.

Dois pontos com indícios relacionados à mesma tradição foram registrados a sudoeste do sítio e, um, a oeste. Encontravam-se a 506m, 434m, e 457m e correspondem aos indícios cerâmicos PR SA C-84, PR SA C-85 e PR SA C-82, respectivamente.

PR SA 52: Rio Caeté-2 (N^oC 3898)

UTM: 0496100 - 7329647 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 42m a sudeste da torre 166, a 78m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Barreiro, do qual se situava a 1.455m de sua margem direita e, a 680m da margem direita do rio Caeté (Figs. 54 e 94). Encontrava-se na encosta de uma elevação, 5m acima do nível das águas do córrego (965m s.n.m.).

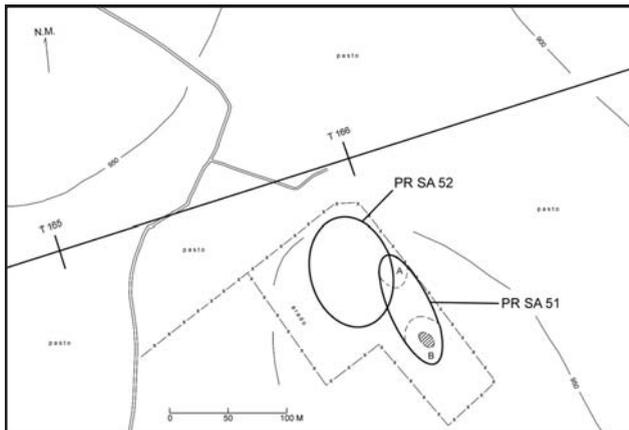


Figura 94: Planta dos sítios cerâmicos PR SA 51: Rio Caeté-1 (ITA) e PR SA 52: Rio Caeté-2 (TPG). No sítio PR SA 51, as elipses tracejadas e alfabetadas indicam áreas de concentração de material arqueológico; a elipse hachurada indica área de adensamento de material.

O local, intensivamente utilizado para atividades agropecuárias há vários anos, estava arado. Nas proximidades viam-se extensas pastagens entrecortadas por faixas estreitas de mata secundária, principalmente em encostas íngremes voltadas para cursos fluviais.

O solo apresentava tonalidade marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com blocos de basalto na superfície.

As evidências arqueológicas, esparsas, superficiais, e bastante fragmentadas, espalhavam-se em uma área com 93x69m (5.037,34m²).

Indicando, pelas suas dimensões, tratar-se de um sítio-habitação mostrava-se, no entanto, completamente descaracterizado. As práticas agrícolas modernas, com o uso de arados mecânicos, associadas à execução de curvas de nível para contenção de erosão, revolveram a camada de ocupação e ocasionaram a dispersão e fragmentação do material.

Reocupação do espaço por grupo de Tradição Itararé foi constatado no seu lado sudeste. Corresponde ao sítio PR SA 51.

Indícios da Tradição Tupiguarani foram registrados 442m a noroeste do sítio. Estão representados pelos indícios cerâmicos PR SA C-87.

PR SA 54: Serra da Piquira-3 (N^oC 4289 e 4290)

UTM: 0510822 - 7334618 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 158m a oeste da torre 197 e a 252m a leste da torre 196 (Fig. 95). Encontrava-se em um platô situado em meia-encosta, a 37m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Piquira e, 9m acima do nível de suas águas (926m s.n.m.).

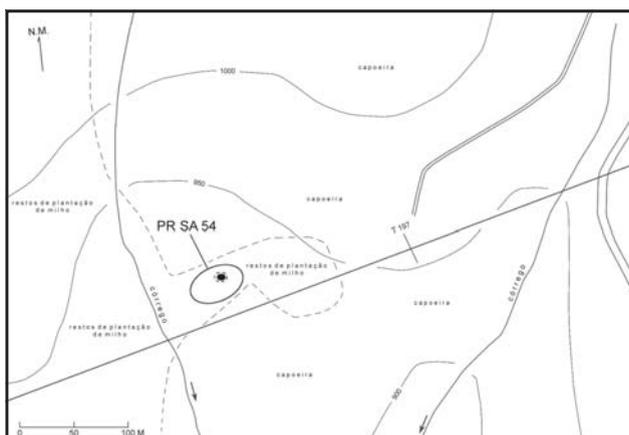


Figura 95: Localização do sítio PR SA 54: Serra da Piquira-3. A elipse tracejada indica área com concentração de material arqueológico e com solo marrom-escuro, onde foi efetuada raspagem.

O local estava com pasto e restos de cultivos de milho e feijão. Nos arredores viam-se espaços com capoeira e antigas plantações de milho. A oeste conservavam-se resíduos de antigos cultivos de milho e, margeando o curso fluvial, capoeira.

O solo apresentava tonalidade marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa, com blocos de basalto na superfície.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área elíptica com 51x31m (1.241,08m²). Eram esparsas.

Coberto por pastagem que impedia a visualização da superfície, o sítio foi delimitado através da abertura de cortes-experimentais. Estes evidenciaram, também, pequeno espaço com solo de coloração marrom-escuro. Situava-se nas porções centrais, direcionando-se ao canto nordeste da área de ocorrência e media 12x9m (84,78m²).

Perturbado em decorrência de intensivas práticas agropecuárias desenvolvidas no terreno há vários anos, o sítio apresentava a camada de ocupação desestruturada. Possibilitou, entretanto, que raspagem acompanhando a tendência de aparecimento de material fosse efetuada no espaço com solo escuro, por uma área com 8x6,5m (40,82m²). Este, com textura argilo-arenosa, foi registrado até 15cm de profundidade nas porções centrais da área escavada, formando um bolsão. Em direção à periferia, tornava-se mais delgado, ocorrendo até 3 ou 5cm. Abaixo passava a marrom-avermelhado, argiloso e com grânulos de terra queimada. Raízes e radículas eram comuns. O material arqueológico foi mais numeroso no bolsão, entre 7 e 15cm de profundidade. Na sua periferia mostrava-se esparso e rarefeito.

**PR SA 55: Água do Piquira-1 (N^oC 4291 a 4306)
UTM: 0508558 - 7333533 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 249m a sudeste da torre 191 e, a 91m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Piquira (Fig. 96 e Foto 14). Dispunha-se em um topo alongado, com encostas suaves voltadas para leste e oeste, 43m acima do nível das águas do curso fluvial menor (818m s.n.m.).

O local, explorado agricolamente, conservava restos de plantações diversas. Nos arredores viam-se, predominantemente, espaços com pastagens entrecortados por outros, pequenos, com cultivos. Às margens do córrego permanecia estreita e rarefeita faixa com mata secundária.

O solo, argiloso, era de coloração marrom-avermelhado.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 218x115m (19.679,95m²), a qual orientava seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

O sítio, perturbado pelas intensivas práticas agrícolas, fôra cortado no lado sul, em sentido leste-oeste, por uma estrada secundária que permitia o acesso às fazendas situadas nos arredores e, às torres 189, 190 e 191.

Cortes-experimentais efetuados para a sua delimitação revelaram dez áreas onde as evidências arqueológicas eram mais numerosas, formando concentrações. Manchas de terra escura, em meio às concentrações, também foram registradas. Entre as concentrações o material ocorria esparsamente.

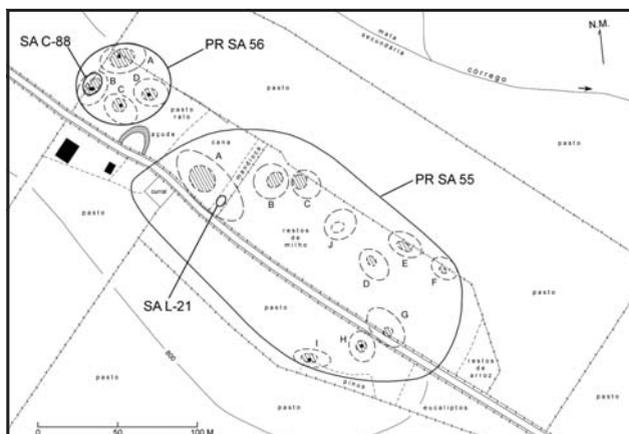


Figura 96: Planta dos sítios PR SA 55: Água do Piquira-1e PR SA 56: Água do Piquira-2 (TPG). As elipses tracejadas e alfabetadas, em ambos os sítios, indicam áreas com concentração de material arqueológico e, os espaços hachurados, áreas com manchas de solo escuro. Os pontos escuros assinalam os espaços onde foram abertos cortes-estratigráficos. Estão apontados, também, os indícios líticos PR SA L-21 (UMB) e os indícios cerâmicos PR SA C-88 (ITA).

A concentração “A” situava-se no lado noroeste do sítio e media 54x26m (1.193m²). Apresentava, nas suas porções centrais, mancha de terra marrom-escuro tendendo para o preto com 18x15m (211,95m²). A concentração “B” media 22m de diâmetro (379,94m²) e foi localizada 16m a leste da “A” e, 3m a oeste da “C”. Nela, adensamento de material em mancha com solo marrom-escuro foi registrada. Estendia-se de sua parte central em direção ao lado leste. Suas dimensões eram de 11x8m (69,08m²). A concentração “C”, com 19x18m (268,47m²) encontrava-se no lado norte do sítio, 3m a leste da “B” e 15m a noroeste da “J” e, conservava mancha de solo escuro no seu lado oeste. Esta media 9x8m (56,52m²). A 15m a sudeste da concentração “C”, encontrava-se a “J”. Suas dimensões eram de 20x17m (266,90m²) e, diferentemente das demais, mostrava somente solo marrom-avermelhado.

Conservava, no entanto, área com adensamento de material com 8x6m (37,68m²) em seu centro. A concentração “D” media 22x15m (259,05m²). Situava-se 13m a sudeste da “J” e 11m a oeste da “E” conservando, em suas porções centrais, mancha com solo de tonalidade marrom-escuro com 7x5m (27,47m²). A concentração “E” dispunha-se no lado leste do sítio, 11m a noroeste da “F” e 11m a nordeste da “D”. Media 22x14m (241,78m²) e apresentava, em sua parte central, mancha de solo escuro, com adensamento de evidências, em uma área com 9x4m (28,26m²). A 11m a sudeste da “E” e a 37m a nordeste da “G”, encontrava-se a concentração “F”. Suas dimensões eram de 17x12m (160,14m²), conservando mancha de solo marrom-escuro tendendo para o preto também em suas porções centrais. Esta media 5x3m (11,77m²). No lado sudeste do sítio foram registradas as concentrações “G” e “H”. A primeira, com uma área com 29x13m (295,94m²) encontrava-se 37m a sudoeste da “F” e, 24m ao sul da “D”. Era cortada pela estrada nos lados sul e sudoeste, mas conservava, ainda, mancha com solo escuro. Esta ocorria nas porções centrais da concentração, em uma área com 6x5m (23,55m²). A concentração “H” dispunha-se 4m a sudoeste da “G” e 13m a leste da “I”. Com dimensões de 19x16m (238,64m²), conservava mancha de solo escuro com 7x6m (32,97m²) em sua parte central. Finalmente, a concentração “I”, localizada no extremo sul do sítio, a 13m a oeste da “H” e 94m ao sul da “A”, media 23x11m (198,60m²). Mancha com solo marrom-escuro tendendo para o preto, com adensamento de material, foi constatada também em suas porções centrais. Media 10x4m (31,40m²).

As atividades agrícolas decorrentes da ocupação moderna causaram a dispersão e fragmentação do material cerâmico. Nas manchas localizadas nas concentrações “A”, “B”, “C”, “D”, “E”, “F” e “G”, assim como na concentração “J”, cortes-experimentais efetuados evidenciaram a descaracterização da camada arqueológica. Nelas, somente raspagens puderam ser realizadas para coleta de material. Através deles, constatou-se que a camada de solo escuro ocorria até 20cm de profundidade na mancha “E”. Nas demais, foi observada até 17 ou 19cm. Abaixo mostrava coloração marrom-avermelhado, textura argilosa e era estéril de evidências. O material era numeroso em meio à terra escura, tornando-se rarefeito no contato entre os dois solos. Na mancha da concentração “B”, a perturbação foi maior. Nela restava somente a base da camada de ocupação entre 15 e 18cm de profundidade.

Espaços intactos, permitindo a abertura de cortes-estratigráficos com 4m², foram registrados somente nas manchas das concentrações “H” e “I”, em espaços cobertos por pastagens.

Os cortes apresentaram solo de coloração marrom-escuro tendendo para o preto, com mesclas de solo avermelhado até 10cm de profundidade, em consequência do seu revolvimento pelo arado. Abaixo, até 20cm na concentração "H" e 40cm na concentração "I", a qual apresentava acentuada declividade para o sul, mostravam tonalidade uniformemente marrom-escuro, com fragmentos de carvão, terra queimada e textura argilosa. Nessas profundidades, limitavam-se com solo marrom-avermelhado, compacto e argiloso.

O material arqueológico ocorria esparsamente desde a superfície, mostrando-se mais freqüente na base da camada, no contato com os dois solos.

Áreas de combustão foram registradas somente no corte aberto na concentração "I". Estavam representadas por duas depressões circulares com 20 e 35cm de diâmetro, situadas ao norte e leste do corte, respectivamente. Estas aprofundaram por mais 10cm abaixo da base da camada arqueológica.

Junto à concentração "A", em seu lado sul, foi observada sobreposição de ocupações, representadas pelos indícios pré-cerâmicos PR SA L-21.

Ocupação da Tradição Tupiguarani foi registrada a noroeste. Corresponde ao sítio PR SA 56: Água do Piquira-2.

PR SA 56: Água do Piquira-2 (N^oC 4307 a 4319)

UTM: 0508447 - 7333626 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 174m a sudeste da torre 191 (Fig. 96 e Foto 14). Encontrava-se no topo de uma elevação alongada, a 74m da margem direita de um córrego, afluente do ribeirão Piquira, 46m acima do nível de suas águas (819m s.n.m.).

O local e os arredores estavam cobertos por pastagens. Ao sul fôra construído um açude e, a sudoeste, a residência do proprietário. Restos de mata secundária eram vistos apenas acompanhando as margens do curso fluvial.

O solo mostrava textura argilosa e era de coloração marrom-avermelhado.

O sítio, com difícil visualização superficial, foi delimitado através da abertura de cortes-experimentais, os quais evidenciaram uma área de ocupação com 59x51m (2.362,06m²) e, de quatro espaços com concentrações de material arqueológico. Em meio às concentrações, quase sempre ocupando suas porções centrais, manchas com solo de coloração marrom-escuro e adensamento de material arqueológico, diagnósticas de bases de antigas habitações, também foram constatadas.

A concentração "A" situava-se no lado norte do sítio, 12m ao norte da "D" e 3m a leste da "B". Suas dimensões eram de 29x18m (409,77m²). Conservava mancha com solo de tonalidade marrom-escuro com 15x11m (129,52m²). A concentração "B" foi localizada no lado oeste do sítio, 3m a noroeste da "A" e, 3m a nordeste da "C". Medindo 23x16m (288,80m²), mostrava mancha com área de 13x9m (91,84m²). No lado sul do sítio encontrava-se a concentração "C". Estava 3m a oeste da "D" e, a 3m a sudeste da "B" e abrangia uma área com dimensões semelhantes à anterior: 23x16m (288,88m²). Como as demais, apresentava mancha com 8m de diâmetro (50,24m²), onde o solo era escuro e, o material mais numeroso. Finalmente, a concentração "D", registrada no lado leste do sítio, 12m ao sul da "A" e 3m a leste da "C", media 23x17m (306,96m²), conservando espaço com solo escuro com 9x7m (49,45m²).

Cortes-estratigráficos foram efetuados em todas as áreas escuras das concentrações.

Na concentração "A" foram abertos 6m², na "B", 7,40m² e, na "D", 4m². Neles foram observadas características estratigráficas semelhantes: solo de coloração marrom-escuro tendendo para o preto com textura argilosa até 17cm de profundidade. Abaixo se tornava marrom-avermelhado, compacto e estéril, mantendo a mesma textura. Apresentando a superfície coberta com pastagem, raízes e radículas foram comuns em todos os cortes, comumente até 10cm de profundidade. O material arqueológico ocorria esparsamente em meio ao solo escuro, formando alinhamento no contato entre os dois solos, aos 17cm de profundidade. Somente na concentração "A" foi registrado até 19cm em seu lado leste.

Na concentração "C" foram escavados 5m². O solo era argiloso, de tonalidade marrom-escuro. Estava solto, com raízes e radículas de gramíneas até 10cm de profundidade. Abaixo mostrava coloração preta, sem alteração na sua textura, atingindo 35cm de profundidade no lado sul, junto a depressões causadas por raízes de árvores. À leste e norte, foi constatado até 30cm. Somente no canto sudoeste limitou-se aos 17cm de profundidade, quando passava a marrom, argiloso e estéril.

No corte, inicialmente com 4m², aos 16cm de profundidade, pequenos blocos de basalto foram expostos no canto nordeste. Formavam uma concentração com 30x20cm de diâmetro. Ao seu redor, fragmentos cerâmicos, lascas, ossos, conchas e carvões foram numerosos. Com a retirada do solo, aos 20cm de profundidade, a concentração de basalto atingiu parte do lado leste do corte, direcionando-se, também, para o lado norte. Para a continuidade da sua exposição, nesse ponto, prolongamento com 1m² foi efetuado.

Restringiu-se às porções medianas da parede norte até metade da parede leste, sendo exposta, então, uma camada de blocos de basalto semelhantes a um calçamento. Sobre ele, o material arqueológico era rarefeito. No prolongamento, à leste e sul, o basalto foi registrado em solo marrom e, os fragmentos cerâmicos eram mais frequentes.

As evidências arqueológicas, em toda a área exposta, foram numerosas em meio ao solo escuro. Formavam alinhamento, como piso, no contato com os dois solos. Espaços de combustão foram constatados no canto noroeste do corte, com a exposição de uma concentração de carvões e terra queimada e, nas proximidades da parede sul, onde foram registradas cinzas junto a fragmentos cerâmicos.

O sítio encontrava-se 26m ao norte do PR SA 55: Água do Piquira-1, de mesma tradição.

Intrusão do espaço também foi observado. Corresponde aos indícios cerâmicos PR SA C-88, de Tradição Itararé.

PR SA 57: Córrego Jacutinga (N^oC 4355 a 4369)

UTM: 0544312 - 7343304 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado 69m a sudeste da torre 273. Encontrava-se a 37m da margem esquerda de antiga nascente, hoje seca devido ao desmatamento e posterior reflorestamento com eucaliptos e, a 286m da margem esquerda de um córrego, afluente do córrego Jacutinga (Fig. 97). Disponha-se na encosta de suave elevação, 71m acima do nível das águas do segundo córrego (734m s.n.m.).

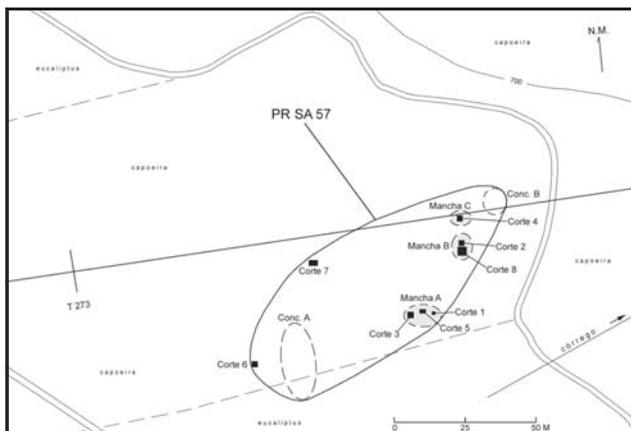


Figura 97: Localização e planta do sítio PR SA 57: Córrego Jacutinga. As elipses tracejadas indicam áreas com concentração de material arqueológico. As elipses tracejadas e hachuradas, espaços com manchas de solo escuro e, os quadrados e retângulos escuros, pontos onde foram executados cortes-estratigráficos.

O terreno, pertencente à reflorestadora Klabin, estava tomado por capoeira alta. Nos arredores viam-se plantações de eucaliptos.

O solo, de textura argilosa, apresentava variações na coloração: era marrom-avermelhado do lado oeste até as porções centrais do sítio e, cinza, desse ponto em direção leste. Nos cantos nordeste e sudeste era marrom-claro.

O sítio, delimitado através da abertura de cortes-experimentais, ocupava uma área com 108x45m (3.815,10m²), dispendo seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego menor e, perpendicular em relação ao maior. Era formado por três manchas de solo escuro e, por duas áreas com concentração de material arqueológico. Entre as manchas e concentrações as evidências ocorriam raramente. As suas delimitações foram executadas, também, com o auxílio de cortes-experimentais.

A mancha A media 13x8m (81,64m²) e foi localizada no lado sul do sítio, 35m a leste da concentração A e 20m a sudoeste da mancha B. Essa, com dimensões de 9x7m (49,45m²), encontrava-se 20m a nordeste da mancha A e 3m ao sul da mancha C. A mancha C situava-se 3m ao norte da mancha B e 6m a sudoeste da concentração B. Media 7x5m (27,47m²). As 2 concentrações, denominadas A e B ocupavam os lados leste e oeste do sítio, respectivamente. A primeira media 27x12m (254,34m²) e, a segunda 9x8m (56,52m²). Nelas o material ocorria superficialmente. Raspagens efetuadas evidenciaram a sua presença até 5cm de profundidade.

No sítio, além de coletas superficiais setorizadas nas concentrações, cortes estratigráficos foram executados nas manchas e, em dois pontos distintos que apresentavam, superficialmente, fragmentos de recipientes. Um, denominado Corte 6, foi executado 8m a oeste da concentração A e, o outro, designado Corte 7, 21m a nordeste da concentração A e 35m a noroeste da mancha A.

Na mancha A foram realizados três cortes em pontos onde, durante a abertura de cortes-experimentais para sua delimitação, o material se mostrou mais numeroso. Todos mostravam a superfície coberta por capoeira e solo cinza-escuro, argiloso e granuloso. No primeiro foram expostos 2m². Nele, o material surgiu aos 8cm de profundidade. Os fragmentos cerâmicos, relacionados à mesma vasilha, espalhavam-se na direção norte-sul. Raros a oeste. Ocorriam entre 8 e 14cm de profundidade. Poucos foram registrados aos 16cm, em meio a solo argiloso e compacto de coloração cinza-claro, pulverulento como de cinza. No segundo corte, com 6,25m², a escavação obedeceu ao nível natural. O material arqueológico, representado por fragmentos cerâmicos relacionados a duas peças quebradas no local, se espalhava no sentido norte-sul, formando amontoados, com alguns fragmentos

dispostos em seu entorno. Nos pontos onde eram mais numerosas, as evidências atingiam o piso, caracterizado por pontos de carvões, aos 16cm de profundidade. Nesses pontos, inclusive, foram observadas concavidades no piso, como se as peças, para sua sustentação, tivessem tido suas bases um pouco enterradas. Em suas laterais, o piso, com menor quantidade de carvão, elevava-se, sendo exposto aos 8cm de profundidade. Verificou-se, também, que a quantidade de carvões era maior sob os montes centrais e, ocorriam esparsamente no solo argiloso e compacto. Fragmentos cerâmicos foram encontrados, também, um pouco abaixo do piso. Alguns deles estavam em uma pequena depressão com paus semi-carbonizados. Esses aprofundamentos podem ter resultado do pisoteio e, mesmo pela ação de galhos, durante o período de ocupação. No terceiro corte efetuado, com 3,75m², da mesma forma que nos cortes anteriores, os fragmentos cerâmicos estavam relacionados a uma ou duas peças alinhadas no sentido norte-sul. Encontravam-se em solo argiloso e granuloso, de coloração cinza-escuro até 16cm de profundidade nas porções centrais do corte, onde se formava pequena depressão e, até 20cm nas proximidades da parede norte, onde outra depressão foi constatada. Tornava-se depois cinza-claro, compacto, formando piso. Nas laterais atingia 8cm.

Na mancha B, dois cortes foram realizados: um, com 4m², em suas porções centrais e, outro, com 6m² no lado sul da mancha, nas proximidades da parede sul do corte anterior. Em ambos, o solo mostrava coloração cinza-escuro, com textura argilosa e granulosa até 8cm de profundidade. Abaixo, até 14cm, se tornava mais claro, mantendo a mesma textura. Nessa profundidade mudava para marrom-claro, compacto, com grande quantidade de pontos de carvões, formando piso. Nos dois cortes seguiu-se a tendência de aparecimento do material arqueológico. No corte com maiores dimensões, os fragmentos correspondiam a uma peça pintada, com suporte de tampa. Eram encontrados desde a superfície, mas tendiam se concentrar aos 14cm de profundidade, sobre o piso. Acompanhavam a declividade do terreno no sentido oeste-leste.

Na mancha C, somente um corte foi realizado em suas porções centrais. Media 4m² e apresentou a seguinte estratigrafia: solo cinza-escuro, argiloso e granuloso até 15cm de profundidade tornando-se, para baixo, de coloração marrom-claro, textura argilosa e compacta. O material arqueológico, correspondente a fragmentos cerâmicos, foi registrado entre 8 e 14cm de profundidade. Era mais freqüente em uma área com 1,20m de diâmetro situada na parte central do corte e, tendo ao seu lado um grande tronco apodrecido, que provocou o aprofundamento de alguns fragmentos até 20cm.

Os cortes isolados foram abertos em função dos registros efetuados em 1999, durante as pesquisas realizadas para constatação do patrimônio arqueológico existente na área da LT. Nesses pontos, fragmentos de recipientes cerâmicos foram assinalados. Foram expostos, na época, em consequência da limpeza do terreno pertencente à área de segurança da LT.

No corte 6, com 4m², o solo apresentava coloração marrom, com textura argilosa e granulosa somente das suas porções centrais em direção à parede sul, no espaço ocupado pelo material arqueológico. Ao norte e em quase todo o lado leste era marrom-avermelhado, argiloso, compacto e estéril, evidenciando que a camada arqueológica fôra retirada pela ação do trator. Para a exposição da vasilha foi observado o nível natural da camada e, a declividade do terreno em sentido sudoeste-nordeste. Os fragmentos eram numerosos da parte central do corte em direção ao canto sudoeste, onde se formava pequena depressão resultante do apodrecimento de raiz (Foto 15). Foram registrados entre 8 e 16cm de profundidade, quando formava piso. Na depressão ocorriam até 25cm. No piso o solo se mostrava avermelhado, argiloso e compacto, com pontos de carvão.

No corte 7 foram expostos 6m². Nele, o solo apresentava coloração marrom-claro, textura argilosa e compacta de suas porções centrais em direção à parede sul. Em direção norte, era de tonalidade marrom-escuro, argiloso e granuloso até 9cm de profundidade. Abaixo se tornava marrom-claro, argiloso. Raízes e grandes pedaços de carvão provenientes de queimadas recentes eram comuns.

O material arqueológico acompanhava a declividade do terreno no sentido sudoeste-nordeste, formando piso junto ao solo marrom-claro, aos 9cm de profundidade. Tendia a se concentrar a partir da parte central do corte em direção ao canto sudoeste. Nesse espaço atingia 15cm de profundidade, formando pequena depressão.

O sítio apresentava diversas perturbações decorrentes das atividades de reflorestamento e, pela movimentação de tratores.

PR SA 62: Bairro Xaxim-3 (NºC 4585 a 4588)

UTM: 0532160 - 7342774 (Município de Curiúva)

Sítio cerâmico localizado a 440m da margem direita de pequeno córrego, afluente do córrego Felisberto, a 1.672m ao sul da torre 245 e a 1.583m a sudoeste da torre 246 (Fig. 51).

Encontrava-se no topo de uma elevação com encosta suave voltada para uma lagoa seca, 35m acima do nível das águas do curso fluvial menor (720m s.n.m.).

No local e arredores havia espaços com cultivos diversos e pasto.

O terreno apresentava solo de coloração marrom avermelhado a oeste, e mesclado com marrom-escuro na direção oposta. Era de textura argilosa.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 111x46m (4.008,21m²). Eram mais numerosas em 4 pontos, onde formavam concentrações.

A concentração “a” encontrava-se no extremo oeste do sítio, 15m a sudoeste da “b” e 11m a oeste da “c”. Medida 18x15m (211,95m²). A concentração “b”, com 24x19m (357,96m²) situava-se no extremo norte do sítio, 15m a nordeste da “a” e 26m a noroeste da “c”. Conservava, em suas porções centrais espaço com adensamento de material, com 8x7m (43,96m²). Nele o solo era marrom-escuro. A concentração “c” foi localizada no extremo sul do sítio. Medida 22x14m (241,78m²) e mostrava, em suas porções centrais, em solo de coloração marrom-escuro, área com adensamento de evidências com 10x8m (62,80m²). A concentração “d”, com 24x17m (320,28m²) estava no lado leste do sítio, 32m a leste da “c”.

Cortes-experimentais foram executados nos espaços com adensamentos. Revelaram solo escuro até 12cm de profundidade, tornando-se depois marrom-avermelhado, argiloso e compacto. Todos se mostraram estéreis.

Ponto com indícios de ocupação relacionada à mesma tradição foi registrado 66m a noroeste do sítio. Corresponde aos indícios cerâmicos PR SA C-97.

PR MR 5: Rancho Alegre-2 (N^oC 3904)

UTM: 0482564 - 7326038 (Município de Ortigueira)

Sítio cerâmico localizado 188m a noroeste da torre 135 e, a 320m da margem esquerda de um córrego, afluente do ribeirão Sabugueiro, do qual distava 2.596m de sua margem direita (Fig. 58). Dispunha-se no topo e encosta de uma elevação, 75m acima do nível das águas do curso fluvial menor (677m s.n.m.).

O local, assim como as proximidades, estavam com plantação de pinus em meio a capim colônia. À leste havia capoeira e, acompanhando as margens do córrego, rarefeita faixa de mata secundária.

O solo apresentava colorações e texturas diferenciadas: das porções centrais da área em direção sul, era marrom-avermelhado, argilo-arenoso. Ao norte, era cinza-claro, detritico.

O material arqueológico, esparso e superficial, ocorria em uma área com 59x27m (1.250,50m²).

As intensivas práticas agrícolas que, segundo o proprietário, eram desenvolvidas há vários anos e, a abertura de uma estrada vicinal,

a qual dava acesso às áreas com reflorestamento e também à torre, causaram danos ao sítio. A estrada cortava o seu lado oeste, em sentido norte-sul.

Para a sua delimitação, foram realizados diversos cortes experimentais. Estes, no entanto, nada evidenciaram em profundidade.

Reocupação do espaço foi constatada, com a localização do sítio PR MR 6: Rancho Alegre-3, de Tradição Itararé, em suas porções centrais.

Relacionados à Tradição Tupiguarani foram registrados, 185m a sudeste, os indícios cerâmicos PR MR C-14.

**PR MR 9: Portão Vermelho (N^oC 4114 e 4115)
UTM: 477916 - 7324509 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 23m a nordeste da torre 124 e, 171m a noroeste da torre 125 (Fig. 98). Encontrava-se no topo de uma elevação, a 73m da margem direita de um córrego e, a 19m acima do nível de suas águas (503m s.n.m.).

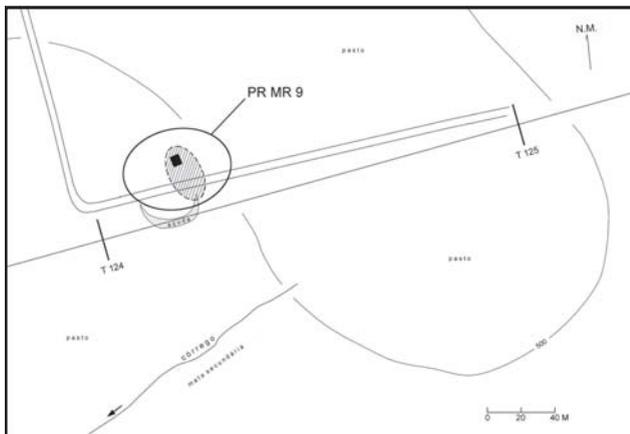


Figura 98: Localização do sítio cerâmico PR MR 9: Portão Vermelho. A elipse tracejada e hachurada indica mancha de solo escuro, com concentração de material arqueológico e, o retângulo preto, área onde foi realizado corte-estratigráfico.

O local, coberto por pastagens, era explorado para agricultura e pecuária há mais de 50 anos. Restos de mata secundária eram vistos somente em pequenos vales circunvizinhos e, nas margens do córrego.

O solo era de coloração cinza, textura argilo-arenosa e composição argilítica.

O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 61x45m (2.154,82m²), dispendo o eixo maior em sentido paralelo ao córrego.

O sítio apresentava-se desestruturado em consequência da ocupação moderna. As intensivas práticas agropecuárias, que implicaram no revolvimento do solo com o uso de arados mecânicos, ocasionaram a destruição da camada de ocupação. No lado sul do sítio as perturbações foram maiores, resultantes da construção de um açude e, pela abertura da estrada de acesso às torres 124 e 125, a qual o cortou no sentido leste-oeste.

Os inúmeros cortes-experimentais efetuados na área evidenciaram, no entanto, nas porções centrais do sítio, a presença de pequeno espaço com 32x19m (477,28m²) onde o solo mostrava coloração cinza-escuro e, o material arqueológico tendia a ser mais numeroso. Nos demais se pôde observar que, da camada arqueológica, restavam somente alguns fragmentos cerâmicos assentados sobre embasamento argilítico. Comumente as evidências ocorriam até 5cm de profundidade, em meio a raízes do pasto. Raras foram encontradas até 7cm.

Apesar de descaracterizado, no lado norte da mancha corte-estratigráfico com 18m² foi executado. Nele constatou-se que, da camada de solo escuro, de textura argilo-arenosa, pouco restava: comumente sua espessura variava entre 5 e 8cm, atingindo maior profundidade em pontos esparsos, quando alcançava 15cm ou, em depressões ocasionadas por raízes, quando atingia 28cm. Abaixo, formava-se uma camada com grânulos de argilito e blocos pequenos de basalto, em meio a solo marrom-claro. O material arqueológico ocorria junto ao solo escuro, até 15cm de profundidade, sendo mais numeroso entre 5 e 10cm.

A noroeste do sítio, a 536m de distância, foram registrados os indícios cerâmicos PR MR C-15, de mesma tradição cultural.

**PR MR 10: Porteira da Serra (N^oC 4116 a 4118)
UTM: 473735 - 7323395 (Município de Ortigueira)**

Sítio cerâmico localizado 94m ao norte da torre 115 (Fig. 99). Ocupava a meia encosta de uma elevação, a 144m da margem direita de um córrego e, a 28m acima do nível de suas águas (477m s.n.m.).

O terreno, explorado agricolamente há vários anos, estava com pasto. Nos arredores predominavam pastagens. Mata secundária muito rarefeita fôra preservada nas margens do córrego e, em pequenos capões situados nas encostas de elevações circunvizinhas.

O solo era de coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa, com grande quantidade de siltito e argilito na superfície. Sofria intenso processo de erosão laminar.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 27x14m (296,73m²), orientando seu eixo maior em sentido paralelo ao córrego. Era esparso.

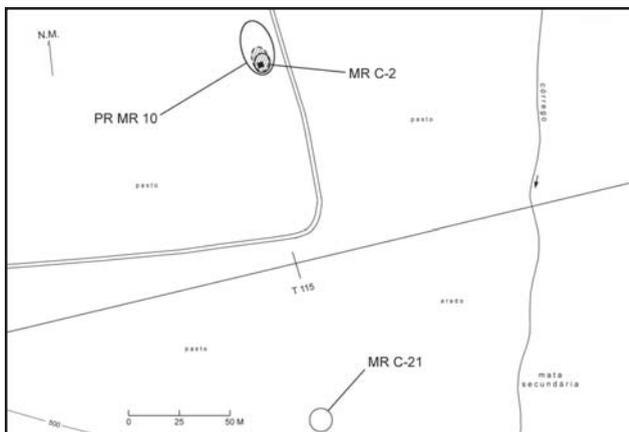


Figura 99: Localização do sítio cerâmico PR MR 10: Porteira da Serra e, dos indícios cerâmicos PR MR C-2 (ITA) e PR MR C-21 (TPG). A elipse tracejada e hachurada no sítio PR MR 10 indica área de solo escuro e, o quadrilátero preto, área onde foi realizado corte-estratigráfico.

Cortes-experimentais efetuados revelaram pequeno espaço com solo de coloração marrom-escuro, onde as evidências arqueológicas tendiam a adensar. Medida 11x8m (69,08m²) e situava-se no lado sul do sítio. Nele, corte-estratigráfico com 6m² foi executado, acompanhando a tendência de dispersão do material. O solo, até 8cm de profundidade, era de coloração marrom, argilo-arenoso, com grande quantidade de fragmentos de siltito e argilito. Abaixo, até 15cm de profundidade, mostrava tonalidade marrom-escuro tendendo para o preto, ainda com grânulos de siltito e argilito e textura argilo-arenosa. Tornava-se depois marrom-claro, com blocos de argilito. As evidências arqueológicas ocorriam esparsamente desde a superfície, tornando-se mais numerosas em meio ao solo escuro, entre 10 e 13cm de profundidade. Aprofundamento provocado por raiz de árvore foi registrado nas porções centrais do corte. O solo escuro, na depressão, atingiu 25cm de profundidade. Era friável e estéril de material arqueológico.

Evidências de ocupação relacionada à mesma tradição cultural foram constatadas 167m ao sul do sítio, a 489m e 689m a leste e, a 526m a oeste, Correspondem aos indícios cerâmicos PR MR C-21, PR MR C-20, PR MR C-19 e PR MR C-22, respectivamente.

Sobreposição de ocupações foi evidenciada com a presença de material de Tradição Itararé correspondente aos indícios cerâmicos PR MR C-2.

**PR MR 19: Córrego São Sebastião-1 (N^oC 4184 a 4190)
UTM: 0458572 - 7318491 (Município de Grandes Rios)**

Sítio cerâmico localizado 20m a sudeste da torre 79 e, a 146m da margem esquerda do córrego São Sebastião (Fig. 65). Dispunha-se no topo e em parte de uma encosta suave voltada para o córrego, 42m acima do nível de suas águas (680m s.n.m.).

No terreno e nos arredores era cultivado café. Restos de mata secundária foram preservados margeando o curso fluvial e, a oeste, no flanco de uma elevação.

O solo apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa. Na superfície eram comuns blocos de basalto e arenito. À leste tornava-se detrítico.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 149x95m (12.031,75m²).

Intensivamente explorado agricolamente, o sítio mostrava a camada de ocupação desestruturada, entretanto 6 áreas com concentração de evidências arqueológicas ainda puderam ser delimitadas. A concentração "A", com 36x25m (706,50m²) foi localizada no lado oeste do sítio. A "B" situava-se 40m a leste da "A" e 14m a oeste da "C". Média 36x11m (310,86m²). A concentração "C" encontrava-se 14m a leste da "B", 6m a sudoeste da "D" e 16m a noroeste da "F". Suas dimensões eram de 14x12m (131,88m²). Ambas ocupavam as porções centrais do sítio. A concentração "D" dispunha-se no lado leste do sítio, 6m a nordeste da "C", 7m a sudoeste da E e, 16m ao norte da "F". Média 16x14m (175,84m²). A concentração "E", com 22x12m (207,24m²) situava-se no lado norte do sítio, 7m a nordeste da "D". A "F" localizava-se no canto sudeste do sítio, 16m a sudeste da "C" e 16m ao sul da "D". Suas dimensões eram de 41x19m (611,51m²).

Em todas as concentrações, espaços com adensamentos, inferindo bases de habitações, foram registrados. Situados nas porções centrais de todas, ocupavam áreas com 15x10m (117,75m²) na concentração "A", 9x7m (49,45m²) na "B", 10x6m (47,10m²) na "C", 9x6m (42,39m²) na "D", 8x4m (25,12m²) na "E" e 13x9m (91,84m²) na concentração "F".

Entre as concentrações o material era esparso.

Diversos cortes-experimentais foram efetuados. Apresentaram solo marrom-avermelhado, com fragmentos cerâmicos esparsos até 10cm de profundidade, em meio à terra revolvida.

Apenas coletas superficiais setORIZADAS puderam ser efetuadas.

O sítio apresentava parte de seu lado leste sobreposto ao lado oeste do sítio PR MR 21: Córrego São Sebastião-3, de Tradição Itararé.

PR MR 25: Córrego Feio-1 (N°C 4198 e 4199)

UTM: 0456674 - 7317700 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 96m a oeste da torre 76 e a 116m a leste da torre 75 (Fig. 66). Encontrava-se no topo de uma elevação, a 323m da margem direita do córrego Feio e, a 52m acima do nível de suas águas (663m s.n.m.).

No terreno e, nas proximidades, havia extensas plantações de café, muitas vezes associadas com milho ou arroz. Restos de mata secundária eram vistos somente nas margens do córrego.

O solo mostrava textura argilo-arenosa e esparsos blocos de basalto na superfície. Era de coloração marrom-avermelhado.

As evidências arqueológicas se dispunham em uma área com 31x29m (705,71m²).

As atividades agrícolas danificaram as estruturas do sítio e alteraram a disposição das peças na sua superfície. A abertura de cortes-experimentais, no entanto, evidenciou a presença, nas porções centrais do sítio, de pequena mancha de solo escuro com 5x4m (15,70m²). Nela, corte com 6m² foi praticado. O solo, até 5cm de profundidade era de coloração marrom-avermelhado, argilo-arenoso. Abaixo, até 15cm, tornava-se marrom-escuro tendendo para o preto, com grande quantidade de carvão vegetal. Nessa profundidade mostrava-se novamente avermelhado e argiloso. O material arqueológico era mais numeroso junto ao solo escuro, concentrando entre 9 e 15cm de profundidade. Na base do nível, no contato com os solos escuro e avermelhado, formava piso.

Na área do sítio, excluindo-se o espaço com solo escuro, o material ocorria esparsa e superficialmente, sendo realizada somente coleta superficial.

PR MR 31: Fazenda Ribeirão Bonito-2 (N°C 4230)

UTM: 0461817 - 7319582 (Município de Grandes Rios)

Sítio cerâmico localizado 213m ao sul da torre 86 e, a 244m da margem direita de um córrego, afluente do rio Branco (Fig. 70 e Foto 13). Disponha-se na encosta de uma elevação voltada para o córrego, 18m acima do nível de suas águas (705m s.n.m.).

O local apresentava o extremo norte coberto por pasto e, cortado por curva de nível agrícola, pois sofria processo erosivo, com presença de sulcos e valas. Ao sul estava arado e com cultivo de trigo. Nos arredores viam-se espaços arados e com cultivos, associados a outros, com pastagens. A sudoeste encontrava-se uma área de várzea, correspondente a depressão de antiga lagoa.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura areno-argilosa. Esparsos blocos de basalto e arenito eram vistos na superfície.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 79x61m (3.782,91m²). Era mais numeroso, formando concentração nas porções centrais, em uma área com 55x42m (1.813,35m²).

O sítio apresentava a camada de ocupação descaracterizada em consequência das atividades agropecuárias, as quais eram desenvolvidas há várias décadas. Mostrava, também, parte do seu lado norte revolvido pela retirada de material para revestimento da estrada de acesso à cidade de Rio Branco do Ivaí. Neste ponto, inclusive, as evidências arqueológicas eram diminutas.

Reocupação do local foi constatada com o registro dos indícios cerâmicos PR MR C-43, de Tradição Itararé, em suas porções centrais.

Material Cerâmico

Nas coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios desta tradição foram obtidos 17.804 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos (o número real de fragmentos foi de 22.173). De sua análise resultaram 29 modalidades de acabamento ou decoração.

Para tempero da pasta dos recipientes foram utilizados areia fina, mica, quartzo, cerâmica triturada e, em alguns casos, hematita. A constatação da presença de grande quantidade de grânulos de quartzo na pasta dos fragmentos foi determinante para a divisão dos tipos simples. De acordo com a sua granulometria foram estabelecidas as variedades Simples com Antiplástico Grosso, com quartzo acima de 1,5mm e Simples com Antiplástico Fino, com quartzo até 1,4mm. Representam, respectivamente, 9.404 (52,903%) e 179 (1,007%) fragmentos da coleção.

Os decorados foram classificados como: 1.286 com Engobo Vermelho (7,234%), 2.166 Pintados (12,185%) (Fig. 100), 654 Corrugado-Ungulado (3,679%), 153 Corrugado-Leve (0,862%), 48 Corrugado-Simples (0,270%), 152 Corrugado-Complicado (0,855%), 34 Corrugado-Espatulado (0,191%), 1.125 Escovados (6,329%), 1.427 Ungulados (8,028%), 744 Ungulados-Tangentes (4,185%), 39 Serrungulados (0,219%), 49 Incisos (0,276%) (Fig. 101,a-m), 26 Entalhados (0,146%), 4 Roletados (0,022%), 47 Ponteados (0,264%), 21 Nodulados (0,118%), 12 Pinçados (0,068%), 77 Digitungulados (0,433%), 1 Canelado (0,005%), 96 Penteados (0,540%), 1 Marcado com Malha (0,005%), 3 Marcados com Cestaria (0,017%), 10 Marcados com Tecido (0,056%) (Fig. 101,n) 1 Negro Polido (0,005%), 14 Pintados Branco sobre Engobo Vermelho (0,079%) e 1 Pintado Preto sobre Engobo Vermelho (0,005%).

Embora 2.166 fragmentos tenham sido classificados como pintados, mais de 60% deles foram erodidos e conservam apenas o engobo branco.

Mesmo naqueles que ainda ostentam pinturas sobre o engobo branco, poucas vezes foi possível o decalque satisfatório dos motivos executados.

Considerando-se toda a coleção deste tipo, verifica-se que em 64,68% dos exemplares a pintura incidiu na face externa, limitando-se às porções superiores dos recipientes, 34,67% na face interna e 0,65% na face interna e porções superiores da face externa.

Pinturas executadas com tinta vermelha são mais comuns (37,90%); as que combinam tintas vermelha e preta ou vermelha e marrom são mais raras (1,57% e 0,05%). Poucas também são as estampadas com tinta preta (0,18%) (Fig. 100).

Predominam retilíneas finas perpendiculares à borda e paralelas entre si, comumente limitadas por faixas horizontais; formam triângulos.

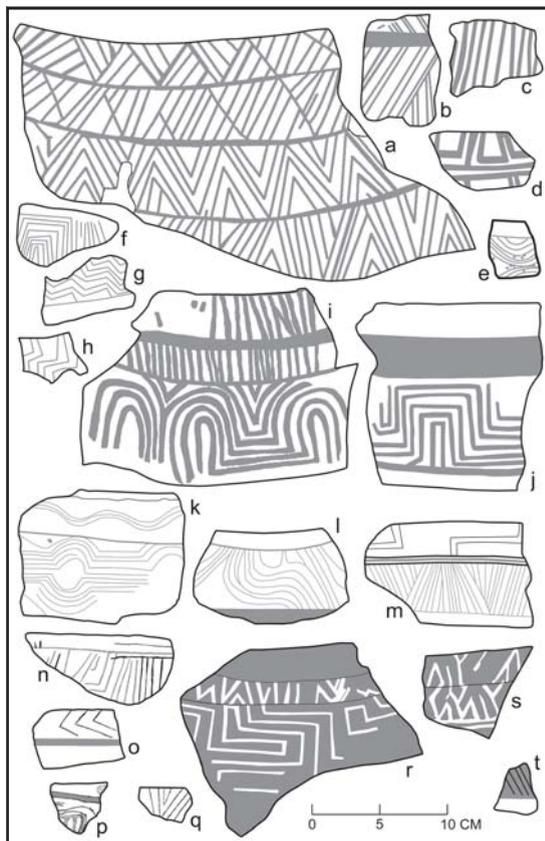


Figura 100. Cerâmica Pintada: a-l, vermelho sobre engobo branco; m-n, vermelho e preto sobre engobo branco; p, vermelho e marrom sobre engobo branco; q, preto sobre vermelho; r-s, branco sobre vermelho; t, preto sobre vermelho.

São comuns também, curvelíneas finas sinuosas ou configurando círculos concêntricos ou ziguezagues. Ocorrem, ainda, gregas executadas com retilíneas largas e retângulos concêntricos.

Quando executadas em vermelho e preto ou marrom, são vistas retilíneas finas paralelas entre si ou curvelíneas em vermelho com pontos esparsos em preto ou marrom entre elas.

Alguns fragmentos que mostram composições ou técnicas diferenciadas de pintura foram separados dos anteriores. Compreendem as feitas com tinta branca sobre engobo vermelho, encontradas no sítio PR SA 21, concentração G, e as executadas com tinta preta sobre engobo vermelho, procedentes do sítio PR SA 55, concentração G. Em todos os casos, as pinturas limitam-se às porções superiores externas das vasilhas.

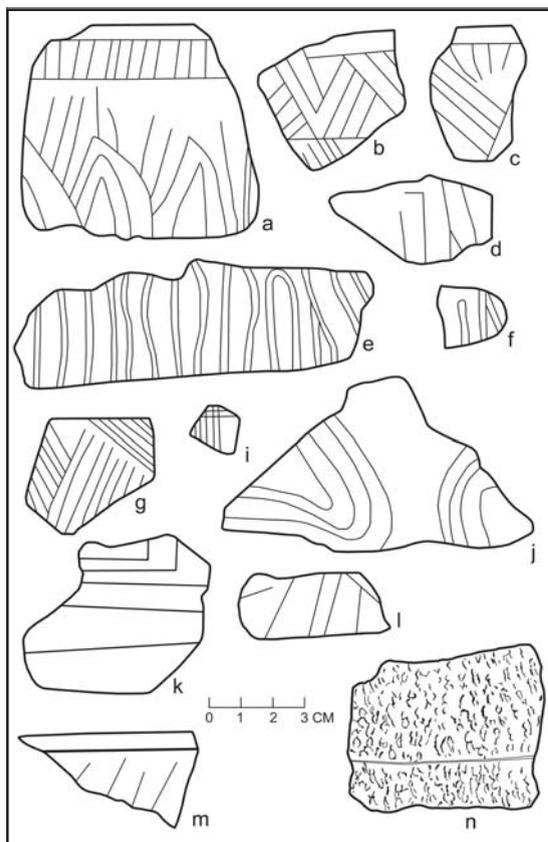


Figura 101: Cerâmicas Incisas, a-m, e marcada com tecido, n, nos sítios da Tradição Tupiguarani.

Outros fragmentos apresentam pinturas realizadas com a ponta do dedo diretamente sobre a face do recipiente. Uma peça do sítio PR SA 56, concentração C, mostra faixa em branco na face externa e outra, do sítio PR SA 62, concentração A, formando pontos esparsos em vermelho na face interna.

As incisões que incidem na face externa ou interna de recipientes, executados com objeto de ponta aguçada reproduzem, em geral, motivos da cerâmica pintada (Fig. 101,a-m)

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 38 formas de vasilhas. Em ordem de frequência decrescente, ocorrem as formas: 14 (17,71%), 1 (11,91%), 17 (7,69%), 26 (6,86%), 1A (6,26%), 16 (5,43%), 8 (4,82%), 25 (4,45%), 2 (3,84%), 37 (3,62%), 36 (3,47%), 22 (3,17%), 4 (2,94%), 24 (2,86%), 29 (2,34%), 37A (1,55%), 21 (1,43%), 6 (0,90%), 7 (0,90%), 15 (0,90%), 18 (0,90%), 35 (0,83%), 36A (0,83%), 30 (0,60%), 32 (0,53%), 34 (0,53%), 23 (0,45%), 20 (0,38%), 31 (0,38%), 33 (0,30%), 17A (0,23%), 19 (0,23%), 9 (0,15%), 12 (0,15%), 27 (0,15%), 28 (0,15%), 10 (0,08%), 34A (0,08%). Uma permanece sem classificação e corresponde a 0,08% da amostragem (Figs. 102 e 103).

Em relação aos diâmetros das bocas, na forma 1, variam de 6 a 42cm, predominando de 10 a 26cm. Na forma 1A variam de 14 até pouco mais de 40cm, predominando de 20 a 28cm. Na forma 2 os diâmetros variam de 8 a 40cm, predominando de 16 a 28cm. Na forma 4, variam de 10 a 38cm. Na forma 6, variam de 16 até pouco mais de 40cm. Na forma 7, variam de 12 a 32cm. Na forma 8, os diâmetros variam de 8 a 42cm, predominando de 20 a 32cm. Na forma 9 são de 12 e 26cm. A forma 10 está representada por uma peça com 22cm de diâmetro. Na forma 12, apresentam 20 e 22cm. Na forma 14 variam de 8 até pouco mais de 40cm, predominando entre 12 e 36cm. Na forma 15 variam entre 12 e 30cm. Na forma 16, variam de 10 até pouco mais de 40cm, predominando de 16 a 28cm. Na forma 17, os diâmetros variam de 8 a 36cm, predominando entre 10 e 28cm. Na forma 17A são de 19, 22 e 24cm. Na forma 18, variam de 14 a 32cm. Na forma 19, são de 14 e 30cm; em uma peça não foi possível obter o diâmetro da boca. Na forma 20 variam de 18 a 34cm. Na forma 21 são variáveis de 14 até pouco mais de 40cm. Na forma 22 variam de 10 a 38cm. Na forma 23 variam de 16 a 34cm. Na forma 24 variam de 8 até pouco mais de 40cm. Na forma 25, variam de 6 a 38cm, predominando de 14 a 28cm. Na forma 26 variam de 8 a 40cm, predominando de 12 a 28cm. Duas peças representam a forma 27 e seus diâmetros são de 14 e 22cm. Na forma 28, os diâmetros são de 20 e 24cm. Na forma 29 os diâmetros das bocas dos recipientes variam de 10 a 40cm. Na forma 30 variam

entre 14 e 30cm. Na forma 31 variam de 8 a 36cm. Na forma 32 os diâmetros variam de 10 a 32cm. Na forma 33 variam de 26 até pouco mais de 40cm. Na forma 34, variam entre 24 até pouco mais de 42cm. Uma peça está representada pela forma 34A e seu diâmetro é de 18cm. A forma 35 apresenta diâmetros de boca variáveis entre 30 até pouco mais de 40cm. Na forma 36 os diâmetros variam de 20 até pouco mais de 42cm. Na forma 36A, variam entre 14 e 18cm. Na forma 37 os diâmetros variam entre 20 e 40cm e, na forma 37A, entre 12 e 18cm. A peça que permanece inclassificada apresenta diâmetro de boca de 24cm.

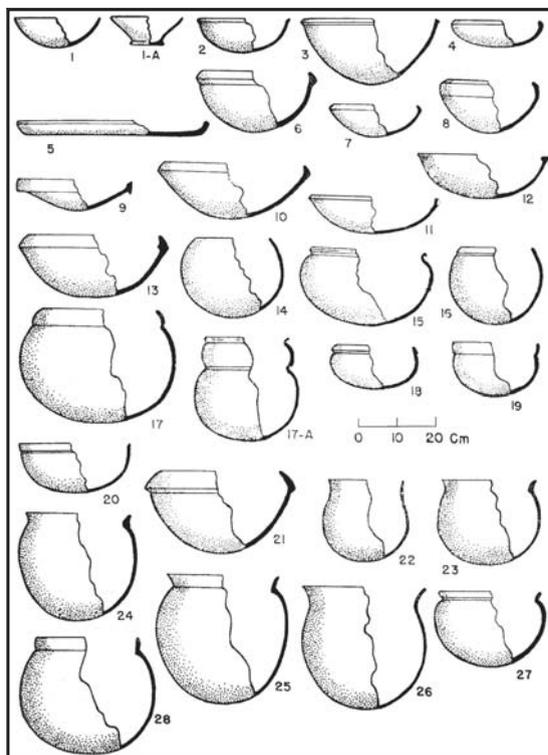


Figura 102: Formas reconstruídas das cerâmicas da Tradição Tupiguarani.

Em ordem decrescente, a freqüência das formas das vasilhas nos tipos cerâmicos é a seguinte: 14, 1, 26, 17, 1A, 8, 25, 4, 2, 16, 22, 24, 29, 36, 7, 6, 18, 21, 37A, 17A, 20, 23, 36A, 15, 27, 28, 32, 34, 35 e 37 no Simples Grosso; 1 e 24 no Simples Fino; 1A, 14, 1, 2, 16, 8, 26, 7, 17, 4, 22, 25, 15, 29, 36, 9, 12, 18, 21 e 24 no Engobo Vermelho; 14, 37, 16, 17, 1, 36, 8, 4, 21, 35, 37A, 1A, 29, 2, 18, 22, 24, 25, 26, 6, 15, 20, 30, 33, 34, 7, 31, 36A, 9, 12, 19 e 23 no Pintado; 14, 26, 17, 24, 25,

1, 8, 22, 2, 23, 4, 6, 7, 16, 29, 30, 36, 37 e 37A no Corrugado-Ungulado; 1, 14, 17 e 23 no Corrugado-Leve; 15, 17 e 37 no Corrugado-Simples; 14, 1, 4, 25, 26, 33 e 36 no Corrugado-Complicado; 26 no Corrugado-Espatulado; 14, 1, 26, 1A, 22, 17, 2, 4, 25, 36, 8, 16, 29, 32, 24, 37, 37A, 6, 15, 18, 19, 21 e 34 no Escovado; 14, 17, 1, 8, 25, 26, 36, 22, 24, 36A, 37, 2, 16, 4, 21, 29, 32, 34, 1A, 7, 17A, 18, 19, 28, 31 e 37A no Ungulado; 17, 14, 26, 25, 16, 36, 29, 30, 8, 22, 15, 36A, 37A, 1, 2, 21, 24, 31, 1A, 27, 35 e 37 no Ungulado-Tangente; 2, 16 e 37 no Serrungulado; 1, 17, 12 e 32 no Inciso; 1, 10, 14, 17 e 24 no Entalhado; 8, 22, 25, 26 e 30 no Ponteadado; 26 no Pinçado; 8, 21 e 36 no Digitungulado; 6, 2, 14, 1A, 24, 29, 34A, 36 e 37A no Penteadado; 16 e 22 no Marcado com Cestaria.

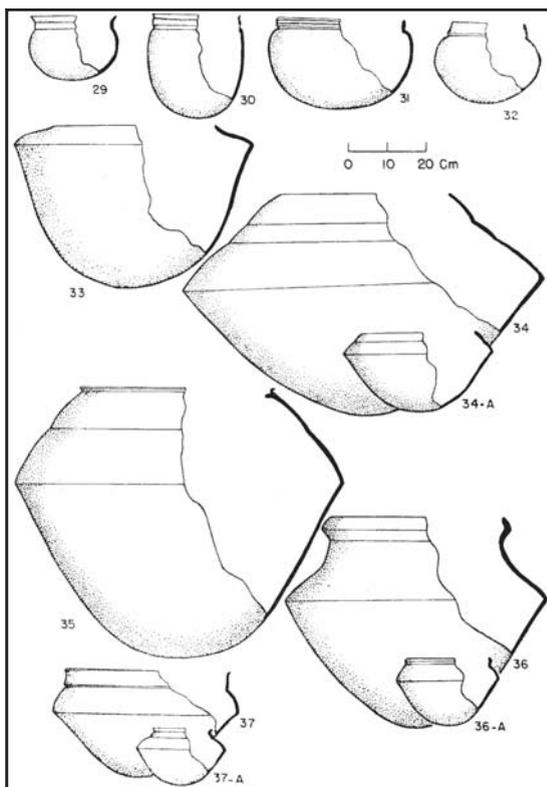


Figura 103: Formas reconstruídas das cerâmicas da Tradição Tupiguarani.

As bases dos recipientes, também em ordem decrescente de freqüência, são convexas (A) representando 83,30% do acervo, levemente planas (C) correspondentes a 7,32%, cônicas (B) representando 5,49%, em pedestal (E), representando 4,12% e planas

com angulação (D), correspondendo a 2,75%.

Completam o acervo cerâmico 42 modelagens (0,24%) e 1 abrasador sulcado (0,01%). Entre as modelagens, cinco correspondem a recipientes. Suas paredes são irregulares, com face externa simples em três e com unguiações em dois. Um deles tem perfurações diametralmente opostas na borda. Apresentam diâmetros que variam de 3 a 8cm e forma 1. Procedem do sítio PR SA 54, da área com adensamento, e do PR SA 56, concentrações B, C e D.

Quatro fragmentos de suportes de painéis procedem da concentração "a" do sítio PR SA 13 e outros dois da concentração A do sítio PR SA 55. Mostram a face externa alisada irregularmente e sugerem formato plano-convexo. Um fragmento de rodela-de-fuso foi encontrado na área da concentração J do sítio PR SA 56. Tem formato circular, com perfuração central e decoração incisa e unguada. Um pedaço de asa ocorreu na área da concentração B do sítio PR SA 55 e um de alça, na concentração A do sítio PR SA 47. Ambos mostram a superfície simples.

Oito cachimbos, quatro dos quais fragmentados, apresentam tipologias diferenciadas. Entre os completos, dois são alongados e um pouco encurvados nas extremidades, com pequenos fornilhos (Foto 27, a-b). Um deles, com 9,50cm de comprimento e 3,00cm de diâmetro máximo, tem secção quadrangular, com incisões finas e cruzadas nas laterais. O fornilho situa-se na face superior e próximo à extremidade. Este mede 1,70cm de diâmetro e 1,50cm de profundidade (PR SA 54). O segundo é cilíndrico, com fornilho na extremidade. O fornilho está danificado na borda, mas mantém início de ressalto. Conserva restos de engobo vermelho na superfície. Mede 7,50cm de comprimento e 2,50cm de diâmetro.

O tubo de aspiração de ambos deveria ficar em contato direto com a boca do usuário, pois o estreito orifício comunicante do fornilho não permite introdução de tubo vegetal.

Como o último, os demais cachimbos completos procedem do sítio PR SA 55, concentração I. Em um deles, o corpo do fornilho é cilíndrico; o tubo de aspiração liga-se às porções medianas daquele, conferindo à peça formato de T (Foto 27, c). O fornilho mede 2,00cm de diâmetro e de profundidade. O comprimento da peça é de 6,00cm e de 4,00cm a altura do fornilho. O acabamento superficial é simples. O outro é constituído apenas pelo corpo do fornilho, que é em forma de carretel ou ampulheta (Foto 27, d). O tubo de aspiração, talvez de taquara, inseria-se na porção mediana do fornilho. Mede 3,50cm de altura e diâmetro; o fornilho mede 2,00cm de diâmetro e, 1,70cm de profundidade. Está decorado por incisões finas que circundam a peça, além do engobo vermelho.

Dois fragmentos estão representados apenas pelos tubos de aspiração, que é cilíndrico em um (PR MR 19 - conc. A) e plano-convexo em outro (PR SA 55 - conc. I); este apresenta orifício largo para fixação de taquara e conserva, ainda, parte do forninho na face convexa. Ambos foram alisados na superfície.

Os demais fragmentos correspondem às porções medianas dos artefatos e parte dos forninhos. Em um deles (PR SA 44 - conc. C), o corpo tem seção elíptica e acabamento superficial simples. Em outro (PR SA 55 - conc. E), o corpo é circular e nele, do forninho em direção à extremidade de aspiração, existem dois apêndices quebrados nas pontas. Poderiam ser as patas de uma representação zoomorfa. A superfície é simples.

Das oito peças, seis apresentam pasta temperada com cerâmica moída e duas com areia fina (PR MR 19 e PR SA 55).

Na área da concentração "a" do sítio PR SA 21 ocorreu um fragmento de castiçal. Dele resta o receptáculo com flange mesial e porção da base côncava. Resquícios de engobo vermelho existem na face externa do receptáculo e na base. O receptáculo tem 1,60cm de diâmetro (Foto 28,b). Outro fragmento de castiçal modelado procede da concentração A do sítio PR SA 55. Estão presentes parte do receptáculo cilíndrico e da base plana. A face externa do receptáculo e a superior da base foram engobados de vermelho. O receptáculo acomodaria velas com 3cm de diâmetro (Foto 28,a). A pasta, em ambos os objetos, foi temperada com cacos moídos.

Uma provável lamparina foi encontrada no espaço da concentração "a" do sítio PR SA 31 (Foto 28,c). É constituída por base plana em pedestal à qual foi fixado o recipiente, também modelado, com forma 1. A base mede 6cm de diâmetro e, o receptáculo, com 3cm de altura, tem 4,30cm de diâmetro. A peça mede 4cm de altura. O interior do receptáculo está enegrecido. A pasta foi temperada com cacos moídos. A superfície é simples.

Um fragmento de modelagem desprendida do suporte mostra parte de uma representação antropo ou zoomorfa (Foto 29,a). Procede da escavação feita na área da concentração C do sítio PR SA 56. Uma depressão circular com 0,60cm de diâmetro e 0,40cm de profundidade é encimada por um filete curvo, como sobancelha. Ao lado, quando a modelagem se adelgaça, existem curtos sulcos alinhados paralelamente, feitos com estilete, dando a impressão de pelagem. A pasta foi temperada com cacos moídos.

Dezessete restos de pasta queimada, geralmente de formato irregular e às vezes apresentando marcas de dedos ou impressões de gravetos, foram encontrados em vários sítios.

Um fragmento de recipiente pintado foi utilizado para calibrar artefatos. Procedente da concentração B do sítio PR WB 15, este abrasador sulcado tem uma canaleta medindo 0,45cm de largura e 0,19cm de profundidade.

Material Lítico

Das coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios desta tradição resultaram 394 evidências líticas, sendo registradas as seguintes matérias-primas: basalto (37,06%), sillexito (19,80%), argilito (17,77%), arenito friável (12,18%), arenito silicificado (3,55%), filito (3,05%), quartzo (1,78%), quartzito (1,02%), hematita (1,02%), gnaiss (1,02%), diabásio (0,76%) e silito silicificado (0,25%).

As lascas simples com crosta, lascas simples em forma de cunha, lascas preparadas e microlascas representam 2,03%, 1,78%, 2,79% e 0,25% da coleção, respectivamente. As pedras gretadas correspondem a 8,88% e os fragmentos atípicos, 70,05% da amostragem.

Vinte e seis núcleos (6,60%) e sete lascas (1,78%) foram utilizados sem receberem retoque. Artefatos foram elaborados com o emprego das técnicas de lascamento escamado, picoteamento, alisamento e polimento sobre dezenove núcleos (4,82%) e três lascas (0,76%).

Uma lâmina de machado intacta procede do sítio PR MR 5 (Foto 30,b). Foi produzida em núcleo de basalto, apresentando superfície polida. Em ambas as faces do gume existem estrias resultantes do processo do seu reavivamento. O talão é reto, os lados convexos e as faces quase planas. O gume é convexo, com 70°, e mostra intensas marcas de uso. Mede 7,50x4,80x2,60cm.

Fragmentos de outras dez lâminas ocorreram nos sítios PR AN 29, PR WB 6 (conc. A), PR WB 9, PR WB 15 (conc. A), PR RP 11, PR SA 9 (conc. C), PR SA 56 (conc. A), PR MR 10 (uma junto ao adensamento e outra no lado sul da área) e PR MR 19. Conservam parte do corpo e extremidade proximal (5), a mesial (1) e a extremidade distal (4). A fratura em cinco peças foi intencional, pois apresentam ponto de percussão. Cinco foram polidas, três alisadas e duas picoteadas e alisadas. Três têm talão reto e duas convexo; o gume de duas é convexo e reto em outras duas, com ângulos variando de 70° a 80°. Teriam, em geral, dimensões maiores que as constatadas na peça intacta. Foram elaboradas em basalto (8) e quartzito (2).

Os sítios PR RP 12, PR SA 21 e PR SA 55 (conc. C) forneceram fragmentos de mãos de pilão. De duas resta a porção mesial; da terceira, a porção mesial e a extremidade proximal. Uma tem secção elíptica, outra trapezoidal e a última triangular. Restos de córtex, conservado em porções não atingidas pelo picoteamento ou alisamento, indicam o

aproveitamento de núcleos colunares de basalto. Seriam muito alongadas, tendo-se em vista os diâmetros que apresentam: entre 5 e 7cm.

Dois núcleos, um de arenito silicificado e outro de arenito friável, possuem depressão circular em uma face produzida por picoteamento, como em pilões (Foto 30,d-e). Em ambos, o fundo da depressão é côncavo. A primeira peça, originária do sítio PR MR 9, foi elaborada sobre um seixo, que foi regularizado por abrasão na face externa. Tem 5cm de diâmetro e 4,20cm de altura. A depressão mede 2,40/2,80cm de diâmetro e 4,20cm de profundidade. A segunda peça, resgatada no sítio PR SA 56 (conc. C), é um bloco regularizado por abrasão apenas na face em que se situa a depressão. Esta mede 5cm de diâmetro e 2,60cm de profundidade e foi realizada por meio de picoteamento.

Dois peças elaboradas sobre pequenos núcleos de quartzo poderiam corresponder a tembetás, embora não se apresentem em forma de T (Foto 29,b). Um deles, o procedente do sítio PR MR 31, de formato retangular, secção elíptica e mais espesso em uma extremidade, foi alisado nas faces, lados e extremos. Mede 0,31cm de comprimento e 0,13cm de largura. O outro foi recuperado no interior de uma estrutura subterrânea do sítio Itararé PR SA 34. A área deste sítio foi reocupada pelos formadores do PR SA 35, de Tradição Tupiguarani. O tembetá estava na camada 3, formada pela sedimentação da estrutura subterrânea após o seu abandono pelos seus construtores. É fusiforme, com alisamento em toda a superfície. Mede 0,27cm de comprimento e 0,12cm de diâmetro máximo.

Esfera de arenito silicificado ocorreu na área do sítio PR WB 15, concentração A. Com 1,80cm de diâmetro, a peça apresenta fina incisão equatorial. Poderia representar uma conta de colar.

Entre os núcleos utilizados, destacam-se os abrasadores sulcados (calibradores). Todos são de arenito friável e foram encontrados nos sítios PR RP 11, PR RP 12, PR SA 24 e PR MR 19. Mostram um ou mais sulcos em uma face em oito e, quatro distribuídos nas faces de outros dois. Os sulcos medem de 0,20 a 1,30cm de largura e de 0,20 a 1,00cm de profundidade.

Quatro núcleos tabulares de arenito friável foram utilizados como abrasadores planos e apresentam as faces desgastadas. Procedem dos sítios PR WB 6 (conc. A) e PR MR 19. Outros três núcleos tabulares, um de arenito friável e dois de quartzito, foram usados como alisadores. Os desgastes ocorrem nos bordos das peças, sendo polidos nos de quartzito. Um deles foi encontrado no sítio PR RP 12 e os outros dois no sítio PR SA 13 (conc. D).

Outros nove núcleos mostram sinais de uso como percutor (1), trituradores (2), talhadores (2), raspador de extremidade (1), goiva (1)

e raspador com escotadura (1) (Foto 30,a). Um pequeno núcleo de hematita, ainda, apresenta sinais de retirada de pigmentos corantes.

Lascas de sílexito e arenito silicificado foram utilizadas como faca (1) e raspadores laterais (6) ou retocadas para funcionarem como raspadores laterais (2) e raspador de ponta (1). Retoques escamados incidem em um lado dos primeiros e nos lados e extremidade distal do último. Estes procedem dos sítios PR SA 55 e PR MR 54.

Os blocos rotulados como pedras gretadas na coleção mostram sinais de seu contato com o fogo, provavelmente dos fogões dos sítios. Muitos daqueles denominados como atípicos, correspondentes a mais de dois terços dos líticos recolhidos nos sítios, integravam o terreno escolhido para ocupação. Outros, entretanto, neles devem ter sido introduzidos para determinados fins, como o de servirem como suportes de painéis.

Material Metálico

Evidências metálicas somente foram constatadas na área do sítio PR SA 55, junto às concentrações H e J. Uma delas assemelha-se ao cabo de uma faca, mas não possui perfurações para fixação da guarnição. A extremidade mais larga e espessa foi dobrada como gancho. A outra é um fragmento de possível lâmina de faca. Ambas são de ferro e estão fortemente oxidadas.

Cinco escórias de fundição ocorreram nos espaços das concentrações H, I e J do mesmo sítio.

Material Ósseo

Apenas no sítio PR SA 56, na área da concentração C, foram recuperados restos faunísticos. Referem-se a uma diáfase de ave, uma vértebra de tatu e duas plaquetas da carapaça do mesmo animal.

Os Índícios da Tradição Tupiguarani

Relacionados à Tradição Tupiguarani foram registrados 100 pontos com poucas evidências. Entre eles, 42 representam sítios-habitação destruídos em consequência, principalmente, do desenvolvimento de intensivas atividades agropastoris modernas. Outras perturbações, provocadas pela abertura de estradas, algumas de acesso às torres e outras a propriedades particulares ou mesmo de ligação entre cidades e, também pelas obras para instalação das torres constatadas em 68 locais (Tab. 3).

Cinquenta pontos foram constatados no eixo da linha de transmissão, até 100m de seu centro. Os demais se encontravam entre 101 e 789m de distância. Três, correspondentes aos indícios PR SA C-75, PR SA C-96 e PR SA C-97 estavam mais distantes, a 1.486m, 1.345m

e 1.689m, respectivamente. Foram estudados, pois situavam-se na estrada de acesso às torres.

Implantados nas proximidades de córregos e ribeirões, distavam deles entre 14 e 876m. Eram mais comuns entre 100 e 452m. Somente o indício PR SA C-49 apresentou maior distância: 1.500m. Na época de seu estabelecimento deveria estar mais próximo de córrego o qual, atualmente, está seco. Em relação a cursos fluviais maiores, estavam entre 30 e 1.075m. Encontravam-se entre 431 e 999m acima do nível médio do mar.

Quarenta e cinco ocupavam a encosta de elevações, 33 o topo, 12 pequenos platôs alongados e 6, terrenos planos de elevações. Dois dispunham-se no topo, estendendo-se pela encosta, 1 foi localizado em terraço fluvial e, outro, em terreno levemente ondulado.

Quarenta e três estavam em solo de coloração marrom-avermelhado, 15 em solo cinza-claro, 11 em solo cinza-escuro, 10 em solo de tonalidade marrom-claro, 8 em solo marrom-escuro e 3 em solo marrom. Quatro mostravam parte do terreno de coloração cinza-claro e, parte cinza-escuro. Em dois, era cinza-claro e marrom-claro; em outros 2, marrom-avermelhado e marrom-escuro. Em 1 era marrom-avermelhado e marrom-claro e, em outro, cinza-claro e marrom-avermelhado.

Em relação à textura dos solos, era argilo-arenosa em 53, areno-argilosa em 20, argiloso em 14, arenosa em 6, siltosa em 4, detrítica em 1 e siltico-arenosa em outro.

Cinco locais se caracterizaram pela presença de apenas um fragmento cerâmico. Em dezessete, o número de exemplares coletados foi inexpressivo e, as áreas de ocorrência pequenas, variando de 1,57 a 28,26m². Nos demais espaços as dimensões variavam de 39,25m² a 2.285,92m². Naqueles com áreas maiores, relacionados a sítios destruídos, variavam entre 214,30m² e 2.285,92m².

Entre os sítios destruídos, em três pontos, correspondentes aos indícios PR WB C-18, PR SA C-96 e PR SA C-97, foi possível perceber a tendência de concentrações de evidências. Junto ao primeiro indício media 197,82m² e o solo mostrava coloração cinza-escuro. No PR SA C-96, duas áreas puderam ser definidas. Situadas nos extremos norte e sul da ocorrência, mediam 401,92m² e 527,52m². Em meio ao PR SA C-97, um espaço com solo escuro ainda era visível. Media 71,43m². Cortes-experimentais foram praticados em todos os espaços registrados e nos seus arredores, mas não revelaram a presença de material arqueológico em profundidade.

Reocupações de espaços foram registradas em 55 pontos. Em 5 sobrepunham-se a ocupações de tradição pré-ceramista e, em 50, a ocupações ceramistas de Tradição Itararé.

Material Cerâmico

Os 1.519 fragmentos cerâmicos coletados junto aos indícios proporcionaram a sua classificação, dentro das variedades de pasta apresentadas em: Simples com Antiplástico Grosso (51,61%) e Simples com Antiplástico Fino (0,53%); representam 784 e 8 fragmentos do acervo, respectivamente.

Como acabamento de superfície, vinte e um tipos de decoração plástica foram registrados, correspondendo a 94 com Engobo Vermelho (6,19%), 160 Pintados (10,53%), 1 Pintado sobre Face (0,07%), 88 Corrugado-Ungulado (5,79%), 4 Corrugado-Leve (0,26%), 15 Corrugado-Complicado (0,99%), 8 Corrugado-Simples (0,53%), 9 Corrugado Simples-Ungulado (0,59%), 1 Corrugado-Entalhado (0,07%), 1 Corrugado-Imbricado (0,07%), 98 Escovados (6,45%), 141 Ungulados (9,28%), 65 Ungulados-Tangentes (4,28%), 3 Serrungulados (0,20%), 10 Incisos (0,66%), 2 Entalhados (0,13%), 8 Digitungulados (0,53%), 3 Ponteados (0,20%), 2 Nodulados (0,13%), 9 Marcados com Tecido (0,59%) e 4 Penteados (0,26%).

Fragmentos de bordas, bojos e bases, possibilitaram a reconstrução de 17 formas de vasilhas que, em ordem decrescente de frequência, correspondem a: 16 (27,12%), 1 (13,56%), 1A (8,47%), 2 (6,78%), 22 (6,78%), 37 (6,78%), 8 (3,39%), 16 (3,39%), 17 (3,39%), 21 (3,39%), 24 (3,39%), 29 (3,34%), 34 (3,39%), 4 (1,69%), 26 (1,69%), 36 (1,69%) e 37A (1,69%).

Somente 18 bases de recipientes foram obtidas. Quatorze são convexas (A), 2 cônicas (B), 1 levemente plana (C) e, outra, plana com angulação (D).

Um fragmento de alça modelada, com superfície simples, foi registrada na área dos indícios PR RP C-3.

Material Lítico

Vinte e oito evidências líticas foram obtidas junto aos indícios relacionados a esta tradição. Correspondem a lascas residuais e núcleos com sinais de uso ou retoque. Pela ordem de frequência, as matérias-primas utilizadas, são: silixito, arenito silicificado, basalto, gnaiss, argilito e andesito.

Dois núcleos de silixito que sofreram lascamentos por percussão direta apresentam vestígios de seu uso como raspador lateral e raspador com escotadura. Ambos procedem dos indícios PR SA C-47.

Os outros quatro núcleos utilizados, de arenito silicificado, conservam suas características de seixos-rolados. Um deles, o do PR SA C-53, mostra depressão circular picoteada em uma face, com 2,20cm de diâmetro e 0,20cm de profundidade. Foi classificado como quebrador de coquinho. Nos demais ocorrem esmagamentos causados por percussão nos

extremos de dois e, somente em um extremo de um. Em dois destes percutores existem, também, picoteamentos superficiais em ambas as faces, indicando a sua função associada como bigornas. Procedem da área do PR WB, junto aos indícios C-18, C-23 e C-24.

Entre os núcleos retocados, são mais freqüentes as lâminas de machado. Uma delas, recolhida na área dos indícios PR RP C-10, está completa, mas intemperizada. É de basalto e conserva, ainda, evidências de alisamento. Tem talão, faces e gume convexos; os lados são quase retos. Mede 11,70cm de comprimento, 5,60cm de largura e 4,60cm de espessura, com ângulo de 80° no gume. Outras duas peças estão fragmentadas. Uma mantém parte do corpo e extremidade distal. É de andesito e procede dos indícios PR SA C-40. Foi bem alisada, quase polida. Tem gume, faces e lados convexos; o gume tem ângulo de 50°. Na parte quebrada houve trabalho de regularização por abrasão, com restauração parcial de novo talão. Mede: 7,30x4,60x2,70cm. A terceira peça apresenta-se como lasca com ponto de percussão, que conserva porções alisadas do corpo e lado. É de basalto e ocorreu junto aos indícios PR MR C-36.

Um fragmento de mão de pilão foi recuperado na área dos indícios PR MR C-59. Dela resta a extremidade distal levemente convexa e pequena parte da porção mesial. Neste ponto, mede 0,50 e 0,45cm de diâmetro. Foi alisada.

O último artefato, uma boleadeira, foi recolhido junto aos indícios PR MR C-1. Foi elaborada sobre núcleo de arenito silicificado por meio de picoteamento e alisamento. Tem formato oval e ostenta, no sentido longitudinal, sulco com 0,30cm de largura e 0,20cm de profundidade. A peça mede 6,10cm de comprimento e 4,50cm de diâmetro máximo, pesando 184gr. (Foto 29,c).

As demais evidências líticas encontradas referem-se a pedras gretadas e atípicas.

Os Indícios Históricos Recentes

Evidências ligadas ao período histórico recente foram encontradas em dois pontos situados no Município de São José da Boa Vista, extremo leste da área pesquisada no Paraná. Não reunindo elementos para o seu registro como sítios, as ocorrências foram anotadas como indícios PR AN C-6 e PR AN C-7.

Dispunham-se na meia encosta de suaves elevações, em altitudes de 555 e 528m s.n.m., próximos a cursos fluviais; o primeiro encontrava-se a 55m da margem esquerda de um córrego afluente do rio da Pescaria e, o segundo, a 16m da margem esquerda do córrego Água do Pinhal, todos tributários da margem esquerda do rio Itararé.

Os indícios PR AN C-6 espalhavam-se superficialmente em uma área com 45x40m (1.413m²), no solo argiloso de coloração marrom-claro revolvido pelas práticas agrícolas. Os indícios PR AN C-7, também esparsos, ocupavam uma área com 47x45m (1.660,28m²). O solo apresentava textura areno-argilosa, de coloração cinza-escuro. Embora revolvido pelas práticas agrícolas, o solo conservava, até 22cm de profundidade, fragmentos de carvão e tijolos.

No PR AN C-6, as evidências compreendem: 16 fragmentos de faiança fina referentes a três xícaras pearlware e uma creamware, duas canecas pearlware, uma tampa creamware, e nove pratos (3 pearlware, 1 pintado à mão, 3 pearlware possivelmente tardios e 3 não identificados); um frag. de caneca yellow ware dipped; um frag. de frasco de vidro azul cobalto.

Junto aos indícios PR AN C-7 foram recolhidos: 7 fragmentos de faiança fina correspondentes a uma alça pintada à mão, cinco pratos pearlware (três possivelmente tardios e 1 apresentando a inscrição "OS" incompleta no fundo, 1 padrão willow azul e whiteware); um frag. de tinteiro de grés; três frag. de garrafas, 1 verde-claro e 2 verde escuros (um deles, produzido em molde Rickett's, tem inscrição "SELBO" na base). Procede desse local, ainda, 1 fragmento de tijolo maciço, com 5,20cm de espessura; apresenta parte de uma depressão de molde na face superior.

Os Sítios e Indícios Localizados no Estado de São Paulo

As abordagens efetuadas em 1999 para constatação da existência de patrimônio arqueológico ao longo do eixo da Linha de Transmissão LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III resultaram na localização de 28 indícios de ocupações pretéritas no Estado de São Paulo. Por ocasião dos trabalhos foram registrados, provisoriamente, como L 92 a L 101 e C 248 a C 265.

O Projeto de Salvamento subsequente executado, no entanto, não contemplou o espaço paulista impactado pela obra, de acordo com cláusula contratual. Apesar de restrito ao Estado do Paraná, o material coletado no Estado de São Paulo passou por processos laboratoriais.

A análise e interpretação do material coletado possibilitou o registro de dois sítios arqueológicos. Vinte e seis pontos permaneceram classificados como indícios. Entre eles 15, pelas dimensões apresentadas, estão relacionados a sítios habitação, mas pela insuficiência de estudos, uma vez que durante a realização dos trabalhos preliminares somente pequena amostra de material foi coletada para diagnóstico cultural, optou-se pela continuidade de sua classificação inicial.

Os primeiros, registrados como SP BA 65 e SP BA 66, foram vinculados à Tradição Umbu e à Tradição ceramista Itararé, respectivamente. Entre os últimos, 8 correspondem à Tradição Umbu, 9 à Tradição Itararé, 7 à Tradição Tupiguarani e 2 à Tradição Casa de Pedra.

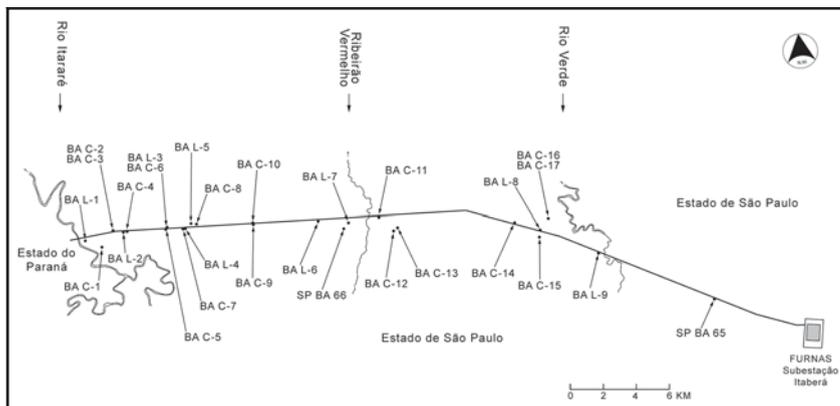


Figura 104. Dispersão dos sítios e indícios arqueológicos na área paulista da LT 750kV.

A Tradição Umbu

Relacionados a esta tradição estão o sítio SP BA 65: Córrego Barreiro, e os indícios líticos SP BA L-2 a SP BA L-9 (Fig. 104). Encontravam-se no topo e encosta de elevações e, entre os últimos, os indícios SP BA L-5, SP BA L-6 e SP BA L-7, correspondem a sítios-habitação descaracterizados pela ocupação moderna. No indício SP BA L-5, inclusive, era possível perceber tendência de adensamento de material no seu extremo sudoeste, em uma área com 43x25m (843,87m²) (Tab. 4).

Descrição do Sítio Arqueológico

SP BA 65: Córrego do Barreiro (N^oC 4596)

UTM: (22K) 0684359 - 7351519 (Município de Itaberá)

Sítio pré-cerâmico localizado 38m ao sul da torre 604 e, a 50m da margem direita de um afluente do córrego Barreiro. Encontrava-se na encosta de suave elevação voltada para o córrego, 12m acima do nível de suas águas (653 m s.n.m.).

O local, coberto por pastagem, conservava ainda elevações de antigas curvas de nível agrícolas. Junto às margens do córrego via-se estreita faixa de mata secundária.

O solo, de coloração cinza-escuro, apresentava textura arenosa.

Na ocasião, o material arqueológico ocorria em uma área com 322x4m (1.011,08m²), dispendo-se ao longo da estrada de acesso para as torres 604 e 605.

O local, perturbado pela abertura da estrada, mostrava-se descaracterizado também em decorrência das atividades agropecuárias modernas.

A análise das 82 evidências líticas coletadas junto ao sítio evidenciou a utilização predominante do silexito (96,34%) como matéria-prima, seguindo-se o quartzito (2,44%) e o arenito silicificado (1,22%). O acervo está representado por 1 lasca simples com crosta (1,22%), 9 lascas simples em forma de cunha (10,97%), 8 lascas preparadas (9,75%), 13 lascas utilizadas (15,86%), 1 lasca retocada (1,22%), 45 microlascas (54,88%), 3 microlascas utilizadas (3,66%) e 2 núcleos esgotados (2,44%).

As lascas utilizadas correspondem a 2 facas, 1 goiva, 7 raspadores laterais e 3 raspadores de extremidade. A lasca retocada infere um raspador de ponta e, as microlascas utilizadas: 1 goiva, 1 raspador lateral e 1 raspador de extremidade.

Cem peças líticas foram recolhidas junto aos oito pontos anotados como indícios. A matéria prima mais comum foi o silexito (54%), seguida pelo quartzito (29%), quartzo (12%) e arenito silicificado (5%). As de silexito apresentam-se intemperizadas.

Além dos fragmentos atípicos (3%) e dos núcleos esgotados (3%), as demais peças resultaram da retirada de porções de núcleos ou blocos, algumas delas utilizadas sem modificação e outras após retoques por lascamentos escamados e escamados progressivos: lasca com crosta (4%), lascas simples em forma de cunha (4%), lascas preparadas (16%), lascas utilizadas (10%), lascas retocadas (3%), microlascas (44%), microlascas utilizadas (4%), lâminas (5%), lâmina utilizada (1%) e lâmina retocada (1%).

Entre as lascas, microlascas e lâminas, figuram aquelas utilizadas como faca (1), raspadores laterais (11), de extremidade (1) e com escotadura (2). As retocadas foram adaptadas para funcionarem como raspadores de ponta (1), convexo (1), denticulado (1) e de bico (1).

A Tradição Itararé

Vinculados a esta tradição foram registrados 1 sítio e 9 pontos com indícios que indicam permanência temporária (SP BA C-11 e SP BA C-15) ou, pelas suas dimensões, caracterizam sítios-habitação perturbados pelas intensas atividades agrícolas desenvolvidas na região (Fig. 104). O primeiro corresponde ao sítio SP BA 66: Córrego da Divisa; os últimos, aos indícios líticos SP BA L-1, situado nas proximidades de um afloramento de argilito e, que pelas características do material, foi associado a essa tradição ceramista, e aos indícios cerâmicos SP BA C-4, SP BA C-8, SP BA C-9, SP BA C-11, SP BA C-12, SP BA C-13, SP BA C-15 e SP BA C-17. Dois situavam-se na encosta de elevações e 7 no topo. Junto aos indícios cerâmicos SP BA C-11, cuja área foi cortada pela estrada de acesso à torre no sentido sudoeste-noroeste, pequena

área com 7x4m (21,98m²) mostrava coloração preta, com grande quantidade de carvão (Tab. 5).

Reocupação do espaço por grupos de Tradição Tupiguarani foram registrados junto aos indícios SP BA C-9 e SP BA C-17. Correspondem aos indícios cerâmicos SP BA C-10 e SP BA C-16, respectivamente.

Descrição do Sítio Arqueológico

SP BA 66: Córrego da Divisa (N^oC 4597)

UTM: (22K) 0661952 - 7355848 (Município de Riversul)

Sítio cerâmico localizado 550m ao sul da torre 550 e, a 360m da nascente de um córrego, afluente do córrego da Divisa. Dispunha-se no topo de uma elevação com a encosta voltada para o curso fluvial, 36m acima do nível de suas águas (662m s.n.m.).

O local, com curvas de nível agrícolas, estava com cultivo de feijão. Ao norte, próximo ao acesso para a torre havia pequena reserva com mata secundária. Margeando o córrego, capoeira e pasto.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 170x110m (14.679,50m²), cortada ao norte, leste e oeste, por curva de nível agrícola.

Somente coleta superficial foi efetuada no sítio. As práticas agrícolas, com uso de arado mecânico, revolveram a camada de ocupação, descaracterizando-a.

As coletas superficiais efetuadas no sítio resultaram na coleta de 285 fragmentos cerâmicos e 17 evidências líticas.

Para a classificação da cerâmica foi determinante a granulometria do antiplástico, constituída basicamente de quartzo. Foram diferenciadas as variedades Simples com Antiplástico Grosso representando 12,28% da amostragem e Simples com Antiplástico Fino, correspondente a 87,72%. Entre os primeiros, 27 apresentavam pasta arenosa e, 8 pasta argilosa. Entre os Finos, 197 mostravam pasta arenosa e, 53 pasta argilosa. As análises evidenciaram, ainda, impregnação de fuligem na face interna de fragmentos de bases. Demonstraram também a ocorrência de 17 recipientes de ambas as faces pretas, como se tivessem recebido uma camada de engobo ou impermeabilizante. Em 3, o engobo foi aplicado somente na face externa e, em 9, na face interna das vasilhas.

Fragmentos de bordas possibilitaram a classificação de 10 formas de recipientes: 5 (20%), 24 (20%), 30 (20%), 36 (20%), 25 (10%) e 32 (10%). Correspondem a pratos e jarros (Fig. 77).

Em relação às bases foram constatadas: bases convexas (A), planas (C) e cônicas (B).

O material lítico, elaborado sobre quartzito (52,94%), arenito silicificado (23,53%), silexito (17,65%) e basalto (5,88%), está representado por: 1 lasca simples em forma de cunha (5,88%), 5 lascas preparadas (29,42%), 2 lascas utilizadas (11,76%), 1 lâmina (5,88%), 5 microlascas (29,42%), 1 núcleo esgotado (5,88%), 1 núcleo utilizado (5,88%) e 1 núcleo retocado (5,88%).

As lascas utilizadas correspondem a 1 faca e 1 raspador com escotadura. O núcleo utilizado infere um percutor e, o núcleo retocado, está representado por um fragmento de lâmina de machado com a face externa alisada.

As lascas resultaram da percussão direta.

Nos pontos com indícios de ocupações dessa tradição foram obtidas 134 evidências cerâmicas, correspondentes às variedades: Simples com Antiplástico Grosso (12,69%) e Simples com Antiplástico Fino (86,57%). Completa o acervo uma modelagem (0,74%). Representada por uma esfera achatada com a superfície em desagregação, corresponde a resto de pasta arenosa, com antiplástico fino. Excetuando-se a modelagem, 100 fragmentos de recipientes apresentavam pasta arenosa e, 33 pasta argilosa. Restos de engobo preto puderam ser observados em ambas as faces de 34 vasilhas, somente na face interna de 12 e na externa de 4. Em relação às formas dos recipientes, foram constatadas as formas das tigelas 15 e 16, com 20 e 18cm de diâmetro na boca, respectivamente e dos jarros 24, 25, 26, 36 e 37, com diâmetros de boca variando de 12 a 16cm (Fig. 77).

Trinta e duas evidências líticas foram coletadas. Obtidas pela percussão direta e, elaboradas sobre quartzito (43,75%), silexito (28,13%), arenito silicificado (18,75%), quartzo (6,25%) e basalto (3,12%), estão representadas por: 3 lascas simples com crosta (9,38%), 5 lascas simples em forma de cunha (15,62%), 10 lascas preparadas (31,25%), 6 lascas utilizadas (18,75%), 2 lâminas (6,25%), 3 microlascas (9,38%), 1 núcleo esgotado (3,12%) e 2 núcleos utilizados (6,25%).

As lascas com sinais de utilização inferem 5 raspadores laterais e 1 raspador com escotadura. Este mostra, também, uso associado como faca. Os núcleos correspondem a 1 raspador lateral e 1 triturador.

A Tradição Casa de Pedra

Esta tradição está representada pelos indícios SP BA C-3 e SB BA C-14 que, pelas suas dimensões, constituíam sítios-habitação. O primeiro situava-se 51m a sudoeste da torre 517 e, o segundo, a 64m a nordeste da torre 574. Encontravam-se no topo e encosta de elevações, a 428 e 15m da margem de córregos, respectivamente (Fig.104).

O indício SP BA C-3 dispunha-se em solo marrom-avermelhado,

argiloso e, as evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 123x43m (4.151,86m²). Estava junto ao material relacionado ao indício cerâmico SP BA C-2, de Tradição Tupiguarani.

O material correspondente ao indício SP BA C-14 estava em meio a solo cinza-escuro, argiloso. Ocorria em uma área com 74x50 m (2.904,50m²).

O acervo dessa tradição é composto por 7 fragmentos de recipientes cerâmicos elaborados com pasta arenosa fina e homogênea e faces bem alisadas. Um deles conserva, na face interna, que é de coloração preta, restos de fuligem. Outro corresponde a um fragmento de base plana (C). O material lítico está representado por uma microlasca de quartzito e um núcleo utilizado como raspador de extremidade elaborado também em quartzito.

A Tradição Tupiguarani

Sete locais foram relacionados a esta tradição. Situados no topo e na encosta de elevações, somente 2 caracterizavam-se como acampamento. Os demais representavam sítios-habitação. No espaço do indício cerâmico SP BA C-5, inclusive, o material arqueológico tendia a formar concentração em uma área com 15x13m (153,07m²) e, junto ao indício SP BA C-10, além de concentrações, constatou-se, 44m a sudeste da torre 537, a presença de mancha de solo escuro com 14x11m (12,89m²).

Três pontos, correspondentes aos indícios SP BA C-2, SP BA C-10 e SP BA C-16, mostraram sobreposição de ocupações representadas pelos indícios SP BA C-3, de Tradição Casa de Pedra e SP BA C-9 e SP BA C-17, de Tradição Itararé (Tab. 6).

O material obtido nas coletas superficiais efetuadas corresponde a 152 fragmentos cerâmicos e 3 artefatos líticos.

As evidências cerâmicas com superfície simples proporcionaram a sua classificação, dentro das variedades de pasta em: 116 Simples com Antiplásticos Grossos (76,32% da amostragem) e 7 com Simples com Antiplásticos Finos (4,60%). Apresentando basicamente quartzo, argilite e hematita na pasta, sua diferenciação baseou-se na granulometria dos antiplásticos.

Vinte e quatro mostravam acabamento plástico de superfície, correspondendo a 19 Pintados (12,50%), 3 Corrugado-Ungulado (1,97%) e 2 com Engobo Vermelho (1,32%). Entre os fragmentos de recipientes Pintados, 14 conservavam somente restos de engobo branco, sendo 7 na face externa e 7 na interna. Quatro mostravam traços de pintura em vermelho sobre engobo branco. A pintura incidia na face externa de 3 e, na interna de 1. Na face externa de 1 vasilha

eram vistos traços em vermelho e preto sobre a engobo branco. Nas demais peças, a decoração ocorria na face externa.

Formas de recipientes puderam ser determinadas apenas junto aos indícios SP BA C-5, no tipo Simples Grosso: a 25 e a 26, com 20 e 16cm de diâmetro na boca (Fig. 102).

Completam o acervo cerâmico, 5 modelagens correspondentes a fragmentos de suportes de painéis com antiplástico grosso.

O material lítico desta tradição está representado por 1 lasca utilizada (33,33%), 1 núcleo utilizado (33,33%) e 1 núcleo retocado (33,33%). A lasca, em silexito, infere um raspador de extremidade, com pequenos lascamentos resultantes da utilização em ambas as extremidades. Os núcleos correspondem a um abrasador plano com metade de uma face e um lado alisados em decorrência do uso e, a um fragmento de gume e parte dos lados de uma lâmina de machado polida.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Desenvolvidas em dois momentos, inicialmente para fins de constatação e diagnóstico e, posteriormente, para execução de salvamento, as pesquisas junto à LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III acumularam dados referentes a 455 ocupações humanas pretéritas.

Abrangendo seis áreas estabelecidas para o cadastro de sítios arqueológicos no Estado do Paraná (SE, AN, WB, RP, SA e MR) e uma no de São Paulo (BA), as ocorrências evidenciadas ao longo do empreendimento implantado por Furnas Centrais Elétricas S.A. proporcionaram 102.051 peças líticas, cerâmicas e ósseas. Desse total recolhido resultaram, após a restauração praticada em laboratório, 92.348 peças para as atividades de análise e interpretação.

As evidências obtidas referem-se a povos caçadores-coletores generalizados, que já ocupavam o espaço da pesquisa há cerca de dez mil anos e, em tempos mais recentes, a horticultores cujos representantes nele ainda estavam presentes no século XIX. Em todos os municípios abrangidos pela linha de transmissão, assentamentos arqueológicos foram encontrados e, a sua quantidade está diretamente relacionada à extensão dos territórios envolvidos com o empreendimento, como os de Ortigueira e Curiúva, no Paraná. Neles foram constatadas mais de 50% das ocorrências.

Entre as 455 ocupações, porém, somente 130 apresentaram condições de registro como sítios utilizando-se, para isso, o sistema binomial; neles, a disposição do material encerrado revelava-se definida possibilitando, em vários casos, o detalhamento de estruturas e a realização de cortes. As demais, contendo evidências desestruturadas

e rarefeitas, foram anotadas como indícios e identificadas com siglas específicas.

Os indícios, assim como a maioria dos sítios, mostravam perturbações de origem antrópica e, muitas vezes, aquelas ocasionadas por agentes naturais, principalmente erosão pluvial ou fluvial. Fragmentos cerâmicos danificados por repetidas práticas agrícolas modernas e, com perda de suas massas devido à exposição às intempéries, foram constatados frequentemente nos locais rotulados como indícios. Cerca de 35% destes poderiam ser sítios-habituação, tendo em vista as características do material e as suas áreas de dispersão; entretanto, as evidências a eles associadas permitiram a filiação às tradições arqueológicas identificadas no espaço da pesquisa.

Degradação ambiental mais acentuada foi constatada em largos trechos de ambas as margens do rio Itararé e no terceiro planalto paranaense, este devido às intensas atividades agrícolas e aqueles em consequência da ocupação moderna iniciada no século XIX, impulsionada pela frente cafeeira. Nas margens do rio Itararé, pesquisas realizadas em meados do século XX proporcionaram, ao contrário da atual abordagem, sítios em bom estado de conservação.

Restringindo-se à faixa de servidão do empreendimento, compreendendo 272km de extensão por cerca de 100m de largura, e às suas vias de acesso, os resultados das pesquisas foram surpreendentes, considerando-se as abordagens realizadas em áreas impactadas por hidrelétricas. A média das ocorrências atingiu 1,67 sítios por quilômetro. Foram comuns pontos reocupados por grupos diferenciados culturalmente. Estes não foram rotulados como multicomponenciais porque as suas áreas de dispersão foram estabelecidas, recebendo cada um registro independente. Alguns, como os sítios PR WB 16 e PR MR 16, representam exceções ao praticado. O primeiro foi parcialmente escavado, revelando intrusão de ceramistas em ocupação pré-ceramista, não sendo possível a delimitação do espaço por aqueles abrangido. O segundo era constituído por uma série de blocos de rocha com sinalizações gravadas provavelmente por pré-ceramistas, associados com depressões elípticas causadas por abrasão durante a confecção de artefatos por ceramistas. Ambos foram considerados como multicomponenciais.

A grande maioria dos sítios e indícios foi constatada a céu aberto. No Segundo Planalto Paranaense, porém, algumas ocupações verificaram-se em abrigos-sob-rocha; nessa região eles são numerosos e podem apresentar, além de evidências arqueológicas no solo, sinalizações pintadas ou gravadas nas paredes e teto.

Dezenove sítios e 77 indícios localizados referem-se a grupos pré-ceramistas constituídos por caçadores-coletores generalizados, quatro daqueles situados em abrigos-sob-rocha (Fig. 105-A). Com exceção de dois sítios cerimoniais (PR WB 4 e PR MR 16), os demais apresentavam características de habitação. Entre os indícios, 19 poderiam corresponder a sítios-habitação com áreas destruídas. Os outros seriam sítios-acampamento ligados a atividades expeditas de caça e coleta irradiadas dos sítios-habitação. Todos foram relacionados à Tradição Umbu. Em certos locais, entretanto, ocorreram traços que são diagnósticos na Tradição Humaitá, como picões e cavadeiras (Foto 19). Algumas vezes, associadas a cavadeiras, estavam pontas de projéteis com aletas curvas e pedúnculo ausente ou levemente esboçado (Foto 20), diferentes das constatadas nos demais sítios (Foto 21,a). Outras, ainda, além de serem geralmente maiores que as da Tradição Umbu da área, apresentam pedúnculos retos ou convexos; na Umbu predominam pedúnculos côncavos.

A associação de artefatos de tipologia Humaitá com pontas de projéteis como as referidas acima tem sido constatada em vários sítios do planalto e litoral do Paraná (CHMYZ, 1975:81). Considerando-se que a Tradição Humaitá é “normalmente desprovida de pontas de projétil de pedra” (PROUS, 1992:156), estabeleceu-se tentativamente a Tradição Bituruna para reunir os sítios que apresentavam tal associação. A incidência daquelas pontas e, também, de pontas foliáceas e triangulares costuma ser variável, com poucos exemplares em alguns locais, como as constatadas nesta pesquisa, ou muitos em outros, como no vale do rio Paraná (Fase Vinitu). O mesmo sucede com relação aos picões e cavadeiras. Aqui os picões ocorreram somente junto a alguns dos rotulados como indícios (PR MR L-12, PR MR L-20, PR MR L-34 e PR MR L-37).

Os sítios PR SA 14 e PR MR 13, que encerravam cavadeiras e pontas foliáceas e com aletas seriam, conforme o critério anterior, atribuídos à Tradição Bituruna. No primeiro, essas evidências incidiam apenas nas concentrações A e B. Na concentração C, os traços correspondiam à Tradição Umbu propriamente dita. No segundo, estavam abaixo da ocupação Umbu (PR MR 12), dela separada por camada estéril.

No abrigo PR WB 16, além da cavadeira com alisamento parcial na extremidade distal, possivelmente resultante do atrito no solo, ocorreram lascas com a face externa alisada; estavam no Corte I, entre 75 e 85cm, e nos Cortes 3 e 4, entre 105 e 135cm. Estas talvez representem fragmentos de lâminas de machado.

Poderiam as cavadeiras e picões ser traços incorporados pela Tradição Umbu, tendo em vista que a Humaitá ocupou os vales dos rios Itararé e Paranapanema (CHMYZ, 1977a), mas, por outro lado,

atribuir àquela tradição todos os sítios que contêm pontas pedunculadas, justificando as diferenças tipológicas como resultantes de variações regionais ou utilização de matérias-primas diversas, parece-nos um procedimento generalista. Para complicar, diversos sítios tidos como Umbu não as possuem. Entre os 19 sítios agrupados por este projeto na Tradição Umbu, pontas de projéteis estavam ausentes em 9. Um deles era cerimonial/oficina multicomponencial (PR MR 16) e outro, por estar fora da área, foi parcialmente abordado (PR WB 14). Somente em dois locais anotados como indícios (PR SA L-4 e PR SA L-9), pontas pedunculadas com aletas foram registradas.

Nos sítios PR WB 4 e PR MR 16 destacaram-se pinturas, gravações e depressões polidas, aquelas atribuídas a pré-ceramistas e estas a ceramistas.

Na Escarpa Devoniana do Paraná, que delimita o primeiro e o segundo planaltos, abrigos rochosos com pinturas monocromadas foram estudadas por Laming e Emperaire (1956), Blasi (1970; 1972), Chmyz (1976b) e Barbosa (2004). Relacionam-se à Tradição Planalto, caracterizada por representações antropo e zoomorfas e por traços e pontos.

Sinalizações gravadas foram reveladas no vale do rio Iguaçu, no segundo e terceiro planaltos, por Chmyz (1968a; 1969a), Parellada (1999) e Langer e Santos (2007). Incidem em abrigos, blocos isolados e lajeados, guardando certa relação com a Tradição Geométrica, que compreende elementos em forma de linhas simples, paralelas, convergentes e cruzadas, além de círculos e depressões circulares. Na Escarpa Devoniana, ainda, Barbosa (2004) assinalou, entre locais com pinturas, lajeado contendo círculos gravados com ponto central, que lembram os registrados por Parellada (1999) no vale do Iguaçu.

Em pequena parte do teto do sítio PR WB 4 havia pinturas e um sulco alongado. Em um ponto menos danificado do painel, verificou-se que duas representações pintadas retocavam porções preservadas de sulcos.

No painel inferior, situado na parede, encontravam-se somente sulcos e um losango gravados por picoteamento e abrasão; alguns daqueles foram produzidos por atrito com objeto agudo. Sendo exposto ao intemperismo, esse painel pode ter perdido o retoque que as gravações conteriam.

Os dois painéis mostravam técnicas diferenciadas de execução: pintura direta no suporte, retoque em gravações e sulco picoteado no superior, e sulcos picoteados/raspados e atritados no inferior. Os primeiros, em parte, poderiam ser associados à Tradição Planalto e, os últimos também em parte, à Tradição Geométrica.

No sítio PR MR 16, as sinalizações encontravam-se no topo ou flanco de blocos rochosos a céu aberto. Compreendiam sulcos alongados produzidos por picoteamento/raspagem, com superfície intemperizada. Alguns suportes apresentavam, além destes, pequenas depressões circulares intemperizadas, depressões elípticas maiores polidas e pouco intemperizadas e sulcos estreitos causados por atrito e não intemperizados.

As sinalizações intemperizadas desse sítio comparam-se às do painel inferior do sítio PR WB 4, embora neste não se tenham verificado as pequenas depressões circulares. Poderiam estas ter algum significado simbólico, pois não resultaram de atividade produtora de objetos. As depressões elípticas, ao contrário, devem ter sido causadas por atrito de artefatos em elaboração, possivelmente do povo Itararé que tinha aldeia nas proximidades. Os sulcos estreitos seriam causados por instrumento metálico da população moderna.

No abrigo PR WB 4 o solo encerrava traços de ocupação Umbu e a ela poderiam ser atribuídas as sinalizações pintadas do painel superior. As gravações intemperizadas do sítio PR MR 16, comparáveis às também existentes naquele sítio, teriam sido executadas por outro povo, talvez o Humaitá, tendo em vista os comentários feitos acima sobre cavadeiras e picões.

Dois sítios foram datados. O abrigo PR WB 16 foi inicialmente datado pelo método de Termoluminescência (TL) no Lacivid/USP, com amostras do Corte I: entre 65 e 75cm de profundidade, obteve-se 3400 ± 300 AP, entre 85 e 95cm; 8993 ± 800 AP, entre 95 e 105cm; 29055 ± 2700 AP entre 105 e 115cm; correspondente ao início da ocupação 13072 ± 1100 AP. Devido a discrepância existente, novas escavações foram realizadas no local e duas amostras do Corte 4 foram datadas pelo método do Carbono-14. A referente ao nível de 65 a 75cm alcançou 7170 ± 60 AP ou 5220 a.C. (BETA-210871) e, ao de 135 a 145cm, 9630 ± 40 AP ou 7680 a.C. (BETA-210872). A última profundidade refere-se ao início da ocupação no espaço do corte. No sítio a céu aberto PR SA 14, a amostra retirada entre 265 e 280cm, relativa ao início da ocupação, foi datada em 9190 ± 60 AP ou 7240 a.C. (BETA-224254).¹⁰

Pensa-se que a ocupação do PR WB 16 não seja contínua por quase 2500 anos, embora, devido às características do solo e às perturbações causadas pelos Itararé, não se tenham constatado intervalos. Estes foram percebidos, porém, nos sítios PR SA 14 e PR SA 38,

¹⁰ Calibradas, essas datações variaram de 8110/8090 AP, 11160/11050 AP a 10520/10230 AP, respectivamente.

nos quais houve intensificação de evidências entre 205/220cm, 223/247cm e 257/280cm de profundidade no primeiro e entre 15/30cm e 45/52cm no segundo. Outros sítios apresentavam uma camada apenas e geralmente mais superficial (PR SA 41 e PR MR 14, até 20cm de profundidade, PR SA 53 até 30cm e PR MR 12 entre 35 e 50cm), sugerindo ocupações mais recentes.

A maioria dos sítios e indícios Umbu encontrava-se no Segundo Planalto, em altitudes variando de 428 a 783m s.n.m.; os situados no extremo oeste da área, incidiam no Terceiro Planalto, entre 718 e 814m s.n.m. Tenderam a se concentrar nas proximidades dos cursos fluviais mais importantes, cujas trajetórias, em direção ao norte, são em sentido perpendicular à linha de transmissão.

Não foram notadas preferências de assentamento em férteis latossolos vermelhos distroféricos do Terceiro Planalto ou nos solos menos férteis do segundo. Não se notou, também, tendências de concentração em relação à atual cobertura vegetal, predominantemente dominada pela Floresta Ombrófila Mista, seguida pela Floresta Estacional Semidecidual, além dos Campos no extremo leste. As florestas integrantes do bioma Mata Atlântica, constituem ecossistemas dos mais ricos em relação à biodiversidade de espécies animais.

Tendo em vista as datações, que situam alguns sítios Umbu no Holoceno inicial, deve-se considerar a existência de cobertura vegetal condizente com o clima seco e frio que perdurou por algum tempo no sul do país após o Pleistoceno final. Sítios com pontas de projéteis e outros artefatos elaborados quase exclusivamente sobre lascas, já haviam sido associados a ambientes dominados por vegetação rarefeita, em função de clima frio e seco, na área da UHE Itaipu, no vale do rio Paraná (CHMYZ-Coord., 1976:98; 1977:147).

A tradição ceramista Itararé foi a mais representada em número de sítios (62) e indícios (114) na área abrangida pela pesquisa. Seus assentamentos, localizados em terrenos planos nas proximidades de cursos fluviais, no topo de elevações ou nas suas encostas, foram mais freqüentes nos espaços dominados pela Floresta Ombrófila Mista (Fig. 105-B). A expressiva quantidade de locais rotulados como indícios é reflexo da degradação ambiental, pois muitos deles inferem sítios que perderam o potencial informativo. Outros indícios, entretanto, correspondem a acampamentos formados em função de atividades de coleta, caça ou agricultura de subsistência, nos quais, dependendo do número de participantes e funções exercidas, as evidências depositaram-se proporcionalmente.

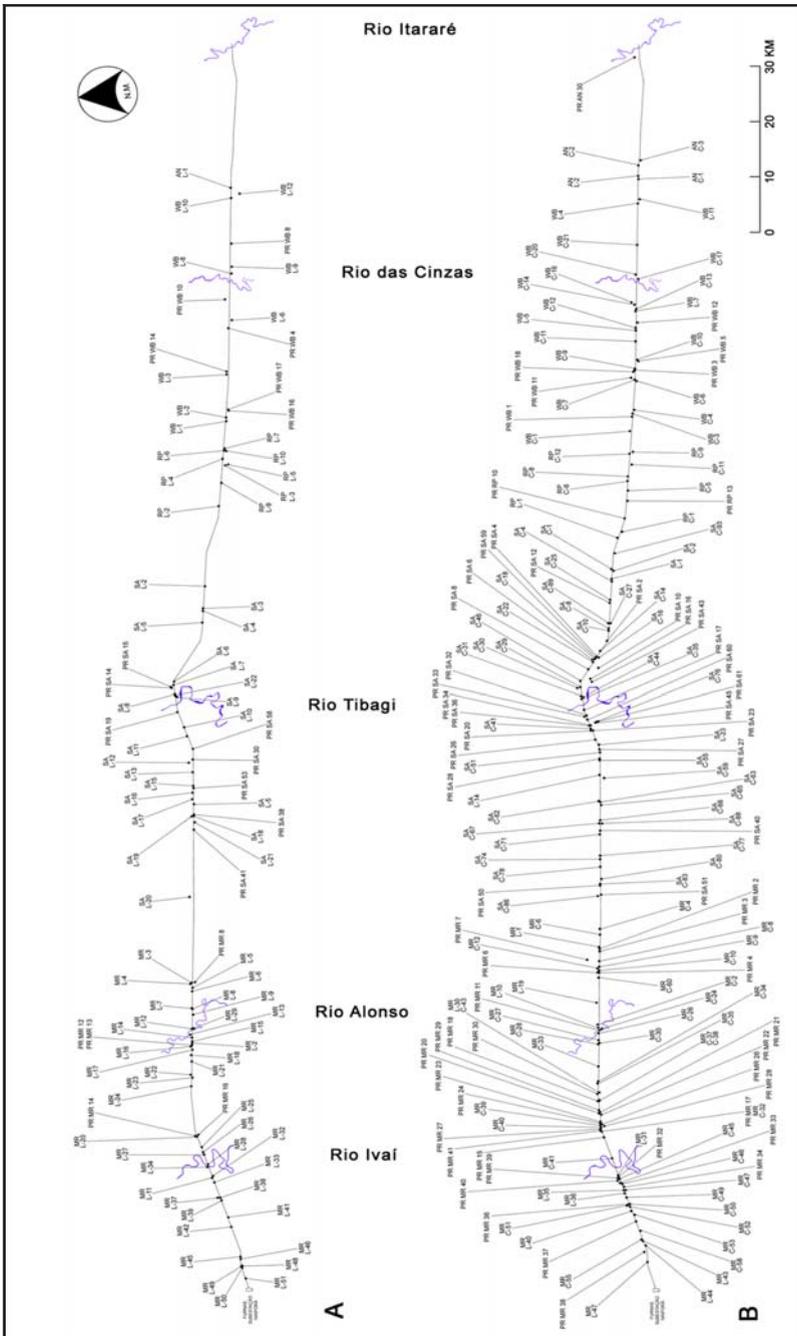


Figura 105. Dispersão de sítios e indícios arqueológicos na área paranaense da LT 750kV: A – Tradição Umbu; B – Tradição Itararé.

Abrigos-sob-rocha ocupados preferencialmente por povos pré-ceramistas, também foram utilizados pelos Itararé como proteção temporária durante suas perambulações e para práticas funerárias, como as registradas no sítio PR WB 16. No sítio a céu aberto PR MR 16, blocos rochosos foram por eles utilizados para produção de artefatos líticos.

Em vários lugares, evidenciando reocupação, o material Itararé sobrepunha-se ao da Tradição Umbu e, por sua vez, era sobreposto pelos das tradições Tupiguarani e Casa de Pedra.

Em que pesem as condições ruinosas da maioria dos sítios Itararé, o que foi registrado possibilita considerações sobre padrões de implantação e organização social. Grande parte deles (41) apresentava uma concentração, com áreas variando de 94m² (15x8m) a 7.690m² (101x97m). Em algumas concentrações foi detectado um espaço com adensamento de material arqueológico, indicando a posição da base da habitação e suas dimensões aproximadas; estas possuíam áreas que variavam de 42m² (9x6m) a 1.796m² (52x44m). Outros sítios (12), com áreas variando entre 1.526m² (72x27m) e 6.323m² (212x38m), continham duas concentrações com áreas oscilando de 169m² (24x9m) a 2.208m² (67x42m); em várias concentrações ocorreram espaços com adensamentos variando de 103m² (12x11m) a 395m² (28x18m). Cinco sítios, com áreas de 2.505m² (114x28m) a 8.332m² (193x55m), possuíam três concentrações; estas mediam entre 129m² (15x11m) e 2.892m² (65x55m). Em algumas delas havia adensamentos com áreas entre 19m² (5x5m) e 120m² (14x11m).

Mais raros foram os sítios constituídos por quatro (2), seis (1) e oito (1) concentrações. Nos primeiros, com áreas de 3.994m² (96x53m) e 21.980m² (200x140m), as concentrações mediam entre 186m² (17x14m) e 1.046m² (41x31m). O sítio com área de 3.971m² (105x46m), tinha seis concentrações medindo entre 75m² (12x8m) e 584m² (31x24m) e adensamentos entre 35m² (9x5m) e 60m² (11x7m). No último, com área de 7.908m² (155x65m), as oito concentrações apresentavam áreas variando entre 207m² (24x11m) e 1.106m² (47x30m) e adensamentos entre 129m² (15x11m) e 200m² (17x15m).

Nos sítios registrados com uma só concentração, os adensamentos foram delimitados nas suas porções centrais ou deslocados para um lado ou extremo. É possível que outros existissem, assim como concentrações, mas acabaram desestruturadas. Vários adensamentos desses sítios, e dos outros com duas ou mais concentrações, estavam realçados por terra preta. É provável, ainda, que as concentrações apresentando dimensões comparáveis às dos adensamentos pelo fato de terem sido menos dispersados, correspondam às bases de habitações, como verificado no sítio PR SA 8.

Naqueles que possuíam duas concentrações, estas ocupavam os extremos da área delimitada, alinhadas em sentido NO-SE (5), L-O (4), N-S (2) e NE-SO (1). Nos sítios que comportavam três concentrações, dispostas nos extremos e no centro da área, o alinhamento verificado foi no sentido NO-SE (4) e N-S (1). Em um dos sítios constituídos por quatro concentrações, duas delas dispunham-se no lado leste, uma no centro e outra no lado oeste; no outro, duas ocupavam o leste e duas o lado oeste. No sítio com seis concentrações, duas situavam-se no leste, duas no oeste e duas no centro. Finalmente, no sítio com oito concentrações, duas encontravam-se no leste, quatro no oeste, duas no centro.

Na maioria dos sítios com três ou mais concentrações, estas estavam dispostas nos sentidos L-O, NO-SE ou NE-SO, inferindo divisão clânica das aldeias, inclusive com casa ou casas cerimoniais nas porções centrais. Nos constituídos por duas concentrações, com exceção de dois, as estruturas estavam dispostas de NO a SE, L a O e NE a SO. Se aceitarmos que cada um desses sítios representa uma ocupação formada por duas ou mais habitações em determinado momento teríamos, como padrão, aqueles mais complexos, reunindo maior número de pessoas em aldeias principais, e os mais simples, com menos moradores, em aldeias menores, talvez subordinadas àquelas, conforme a hipótese levantada por Robrahn (1989:132), para o vale do rio Ribeira. Não se deve excluir a possibilidade, porém, de que o que foi registrado incluía reocupações pelo mesmo grupo, o que daria configuração diferente a sítios. Isto explicaria a disposição discrepante N-S das concentrações em alguns deles.

As dimensões das habitações sugeridas pelos adensamentos de material arqueológico nos sítios guardam certa relação com aquelas mencionadas por Antônio Ruiz entre os Gualacho. Conforme o jesuíta, aqueles habitantes da porção central do Paraná no início do século XVII construíam aldeias formadas por pequenas cabanas circulares (CORTESÃO, 1951:297).

Entre os Xoklêng, índios Jê de Santa Catarina, José de Paula (1924:121) registrou acampamentos constituídos por 2 ou 8 pequenas cabanas alinhadas paralelamente, sendo cada uma delas ocupada por uma família nuclear. As aldeias mais duradouras eram formadas por cabanas maiores e erigidas com esmero. Nelas moravam famílias extensas. Cada família nuclear ocupante dessas estruturas possuía o seu fogão situado no meio da grande cabana.

Na área dos sítios PR SA 34 e PR MR 15, além do material disperso superficialmente, havia estruturas subterrâneas com diâmetros de 9 e 6m, respectivamente. No primeiro, as escavações realizadas na

depressão revelaram uma ocupação mais antiga situada entre 2,50m e 2,60m de profundidade e duas mais recentes, entre 2,32m e 2,37m e 2,20m e 2,24m. No segundo, a ocupação mais antiga da habitação subterrânea encontrava-se entre 2,32m e 2,40m e, a mais recente, entre 2,02 e 2,26m de profundidade. Essas constatações reforçam os comentários feitos acima, com relação às reocupações nos sítios de superfície.

No extremo SE do sítio PR MR 15, ainda, ao lado da estrutura escavada, foi delimitado um adensamento com área de 176m² (25x9m), apontando para a presença de casa na superfície do terreno. É possível que outros existissem nesse sítio, assim como no PR SA 34, tendo em vista a dispersão do material em suas áreas.

A pequena espessura dos depósitos registrados nos sítios sugere permanência pouco prolongada de seus ocupantes. Embora a quantidade de fragmentos cerâmicos tenha sido grande em muitos deles, nas coleções que possibilitaram restaurações verificou-se outra realidade. Na Quadra 3 do sítio PR SA 8, por exemplo, o nível de 5 a 15cm de profundidade proporcionou 293 cacos e 9 líticos. Na análise, 292 daqueles foram classificados como Simples Fino e 1 como Simples Grosso. Após a restauração praticada com os primeiros, obteve-se 2 jarros com a união de 103 e 73 cacos, respectivamente, e partes de outros 6 jarros com a colagem de 110 cacos (Foto 23). Os seis fragmentos restantes pertenciam a outros 6 recipientes. Assim, os 292 cacos recuperados, representavam apenas 14 vasilhas.

A frequência de cerâmica nas camadas de ocupação das estruturas subterrâneas foi baixa, o que poderia indicar o costume de limpeza periódica dos pisos das habitações ou que as poucas pessoas da família nuclear que viviam naqueles espaços somente os utilizassem nos meses frios, em alternância com as cabanas de superfície nos meses quentes.

O material lítico, constituído por lascas, microlascas, lâminas e núcleos, mostra evidências do seu uso em operações de corte, raspagem, alisamento, trituração e percussão, atividades próprias de um grupo caçador-coletor e produtor de alimento. São mais numerosos os núcleos e lascas com sinais de utilização nos bordos ou faces. Outros, entretanto, receberam retoques por meio de lascamentos escamados, picoteamento e alisamento, que formataram a matéria-prima para funções específicas. Entre elas destacam-se, como diagnósticas, as lâminas de machados petalóides, com dimensões variando de 78x47x20mm a 190x80x35mm. Uma lâmina de machado em miniatura procedeu do sítio PR SA 32; mede 64x16x4mm (Foto 25). Mãos de pilões cilíndricas e pilão encontrados em vários dos seus sítios, também ocorrem nos da Tradição Tupiguarani.

As poucas evidências relacionadas à caça e coleta referem-se

a ossos e conchas de animais terrestres (cotia, veado e gastrópode) e aquáticos (lamelibrânquios). Isso se deve às condições desfavoráveis de conservação de material orgânico nos sítios a céu aberto. Sementes carbonizadas de Jerivá foram mais comuns.

O cozimento de substâncias está explicitado nos jarros cerâmicos que, além das marcas externas do seu contato com o fogo, delas apresentam resíduos carbonizados na parte interna. Pratos e tigelas normalmente não ostentam tais vestígios e seriam usados para o consumo e armazenagem de alimentos e líquidos. As refeições disponibilizadas aos comensais deveriam ser parcimoniosas, considerando-se as pequenas dimensões do vasilhame.

Ao se referir aos Gualacho, Antonio Ruiz (p. 297) menciona que eles cultivavam o milho, mas o utilizavam mais para o preparo de cevias para facilitar a captura de animais terrestres e aquáticos, suas principais fontes alimentares ao lado dos pinhões. O milho deveria ser por eles utilizado também, assim como o fruto da palmeira Jerivá, para a produção de bebida fermentada, pois, em diversas passagens, o jesuíta informa sobre o seu consumo cerimonial.

Práticas funerárias vinculadas aos Itararé somente foram encontradas no abrigo PR WB 16, ocupado anteriormente pelos Umbu. Durante as escavações nesse sítio, dentes e fragmentos ósseos humanos ocorreram de forma dispersa nos níveis superiores, juntamente com raras cerâmicas.¹¹ Os vestígios mais consistentes foram encontrados aos 80cm de profundidade, perturbando a camada pré-ceramista. Um deles referia-se a enterro primário, parcialmente mumificado, de indivíduo do sexo feminino, com indícios osteológicos de avançada idade, inclusive com patologias correspondentes, o que pressupõe atenção dispensada pelo grupo a integrante com dificuldade para se locomover e se alimentar. Estava seccionado na altura da bacia. Foi depositado em decúbito dorsal, um pouco virado para o lado esquerdo, no sentido oeste-leste, com a face voltada para o norte. Não havia mobiliário associado. O outro foi registrado na mesma profundidade, 30cm a noroeste do crânio do primeiro. Estava associado a uma estrutura de combustão, nela restando fragmentos ósseos humanos calcinados.

Enterros primários e práticas crematórias associados aos Itararé foram constatados em outros sítios no Paraná. Os primários ocorreram no vale do rio Ribeira, cujo sítio, PR BS 2, foi datado de 1060 AP (890 d.C.) (CHMYZ et alii, 1999). Cremações foram registradas no sítio PR UB 4,

¹¹ Estudos iniciados em um dente 3° molar pelo bioquímico Clovis Justino da Silva, conjuntamente com o Laboratório de Genética Molecular da Polícia Científica do Paraná, resultaram na extração do DNAa íntegro, com a identificação de seis seqüências nucleotídias.

no médio rio Piquiri, com datações de 885 AP (1095 d.C.) e 470 AP (1480 d.C.) (CHMYZ; SAUNER, 1971) e no médio rio Iguazu, no sítio PR MN 4, datado de 595 AP (1355 d.C.). Nestes, os restos de cremação estavam cobertos por aterros circulares.

Aterros encerrando vestígios de cremação já haviam sido percebidos por Telemaco Borba (1908:124), no vale do rio Tibagi. Conhecendo a prática funerária tradicional dos Kaingáng da região no século XIX, o autor atribuía a outro grupo tribal o costume de cremar corpos. O enterro Kaingáng constatado por Manizer (1930:781), no oeste de São Paulo, que corresponde ao dos Kaingáng do Tibagi descrito por Borba, consistia na deposição do corpo em cova forrada com troncos, depois coberta por aterro circular. Nessa mesma região, situada entre os rios Tietê e do Peixe, Sakai (1981:86), Godoy (1947) e Drumond e Philipson (1947) escavaram aterros circulares contendo enterros atribuídos aos Kaingáng do século XIX e princípios do XX.

As informações mais antigas de cremação no Paraná são devidas ao já citado Antonio Ruiz e referem-se aos índios Gualacho, que na primeira metade do século XVII estavam sendo reduzidos pelos jesuítas. Previamente estaleirado para secar, o corpo, a seguir, era incinerado; sobre as cinzas enterradas erigiam uma pequena cabana circular que acomodava uma pessoa sentada. Posteriormente, o local era protegido por aterro. Segundo o missionário, por ocasião da morte de um dignitário ou seu parente, homens e mulheres do grupo eram selecionados para sacrifício “... *para que en la otra vida le acompañen los varones y las hembras le haian chicha...*” (CORTESÃO, 1951:297 e 347). Os Gualacho eram diferenciados culturalmente dos Guarani pelos jesuítas.

Cremação era ainda praticada entre os séculos XIX e XX pelos Xoklég, de Santa Catarina; restringia-se esta a corpos de púberes e adultos de ambos os sexos; as crianças eram enterradas. Os resíduos resultantes da cremação eram depositados em cova circular sobre a qual erigiam pequena cabana (PAULA, 1924:126; HENRY, 1941:185).

Não se sabe que procedimentos seriam adotados com os corpos dos Gualacho escolhidos para sacrifício, pois Antonio Ruiz interferiu nessa parte do ritual funerário. Tendo o jesuíta mencionado que a cremação era reservada aos governantes e a seus parentes, pressupõe-se que os demais índios do grupo seriam enterrados. Na Tradição Itararé, em sítios com datações que antecedem o período histórico, enterros primários de adultos e cremações foram detectados, inclusive as duas formas no mesmo local (PR WB 16). É possível, ainda, que os pequenos aterros alongados encontrados em alguns de seus sítios a céu aberto, às vezes próximos aos circulares de cremação, assinalem enterros primários diferenciados hierarquicamente.

Essa hierarquia poderia estar explícita nos aterros funerários circulares, que também apresentam dimensões diferentes.

Os níveis superiores do abrigo PR WB 16, contendo traços da ocupação Itararé, foram datados de 504 ± 40 AP (1446 d.C.). Outras datações, obtidas pelo método TL no Lacidiv/USP, situam sítios desta tradição entre 1130 AP e 50 AP (entre 82 d.C. e 1446 d.C.), uma extensão temporal correspondente à verificada na maioria das regiões pesquisadas no Paraná, embora deles existam sítios mais antigos e mais recentes no vale do rio Iguaçu.

Outros sítios datados na área da LT 750kV são: PR SA 34, 1130 ± 60 AP (820 ± 60 d.C.); PR SA 6, 837 ± 60 AP (1113 ± 60 d.C.); PR SA 8, 735 ± 50 AP (1215 ± 50 d.C.); PR WB 1, 706 ± 47 AP (1224 ± 47 d.C.); PR WB 5, 654 ± 43 AP (1296 ± 43 d.C.); PR WB 31, 636 ± 43 AP (1314 ± 43 d.C.); PR RP 10, 560 ± 60 AP (1390 ± 60 d.C.) e PR SA 2, 504 ± 40 AP (1446 ± 40 d.C.).

Considerando-se ainda a faixa temporal e, o fato de o espaço ter sido ocupado também pelos Tupiguarani no mesmo período de tempo, a indicação de seu abandono por um deles em determinado momento, criando a oportunidade para a fixação do outro é reforçada pela constatação de vários sítios Itararé sobrepostos por ocupações Tupiguarani. O sítio PR SA 34, por exemplo, dispunha-se nas porções centrais da área abrangida pelo PR SA 35, de Tradição Tupiguarani. A estratigrafia da estrutura subterrânea integrante do primeiro sítio revelou que, acima das suas camadas de ocupação havia, entre os depósitos que se acumularam após o abandono, peças de origem Tupiguarani originárias da instalação da aldeia mais recente.

Não se pode excluir, ainda, em função da alta incidência de sítios e indícios Tupiguarani, a possibilidade de existirem também territórios dominados contemporaneamente pelos dois grupos.

Espaços contíguos relacionados aos Itararé e Tupiguarani foram constatados no vale do rio Iguaçu, no Segundo Planalto paranaense, ensejando processo interativo entre ambos (CHMYZ, 1969b:121; 1977:9).

A documentação produzida pelos jesuítas no Guayrá aponta para a existência de territórios dominados por grupos indígenas heterogêneos. Ao sul da área florestada e ocupada pelos Tupi-Guarani, estendia-se a de campos controlada pelos "Camperos", denominação genérica dada aos *Gualacho*, *Guanhanho*, *Ibirajara*, *Chiqui* e *Cabeludo*. Entre esses índios Jê e os Tupi-Guarani havia conflitos, resultando na escravização de indivíduos, e também aproximações, quando havia interesses comuns, como a oposição aos preadores portugueses.

As datas fornecidas pelos sítios da Tradição Itararé são anteriores ao registro jesuítico do primeiro quartel do século XVII e coincidem com o segundo período de expansão da Floresta de Araucária sugerido por Behling (1997:109), com base em dados polínicos nos Campos Gerais do Paraná. A estabilização do índice de umidade, sem estações secas significativas, teria propiciado durante o Holoceno Tardio uma paisagem caracterizada por mosaico de campos e florestas de Araucária.

Em abordagem anterior, datações obtidas em estruturas subterrâneas Itararé em Mandirituba, no Primeiro Planalto Paranaense, que oscilaram entre 1010 d.C. (940 AP) e 1370 d.C. (580 AP), haviam sido correlacionadas com as informações climáticas e florísticas de Behling (CHMYZ et alii, 2003:99).

Vestígios da Tradição Casa de Pedra¹² foram encontrados na metade oeste da LT 750kV no Paraná e no seu extremo leste, entre os rios Itararé e Verde, em São Paulo. No primeiro estado, estavam representados por um sítio (PR MR 35) e sete indícios (PR SA C-11, PR MR C-16, PR MR C-23, PR MR C-44, PR MR C-49, PR MR C-54 e PR MR C-57), referentes a sítios-habitação ou sítios-acampamento danificados (Fig. 106-A) e no, segundo, por dois indícios (SP BA C-3 e SP BA C-14) (Fig. 104).

Posteriormente, durante análise laboratorial, traços desta tradição foram identificados junto às evidências dos sítios PR MR 34 e PR MR 39 e, dos indícios PR SA C-27 e PR MR C-51, pertencentes à Tradição Itararé.

O sítio ocupava uma área com 412m² (25x21m). Entre os indícios menos perturbados o material era mais numeroso, dispersando-se por áreas que variavam de 18m² (8x3m) a 819m² (36x29m); nos demais, com áreas entre 1.428m² (52x35m) e 4.385m² (98x57m), as evidências eram rarefeitas e muito espalhadas. Todos ocorreram em espaços dominados pela Floresta Ombrófila Mista, situando-se no topo de elevações ou nas suas encostas médias e baixas.

Assentamentos Kaingáng observados no começo do século XX, no vale do rio do Peixe, em São Paulo, compreendiam acampamento e aldeia, ambos nas proximidades de cursos fluviais.

¹²Tradição estabelecida em decorrência de sítios com cerâmica diferente daquela existente nos da Tradição Itararé, assemelhando-se à que, a partir do final do século XVIII, foi registrada ou recolhida em assentamentos Kaingáng (coroados) no Paraná e São Paulo.

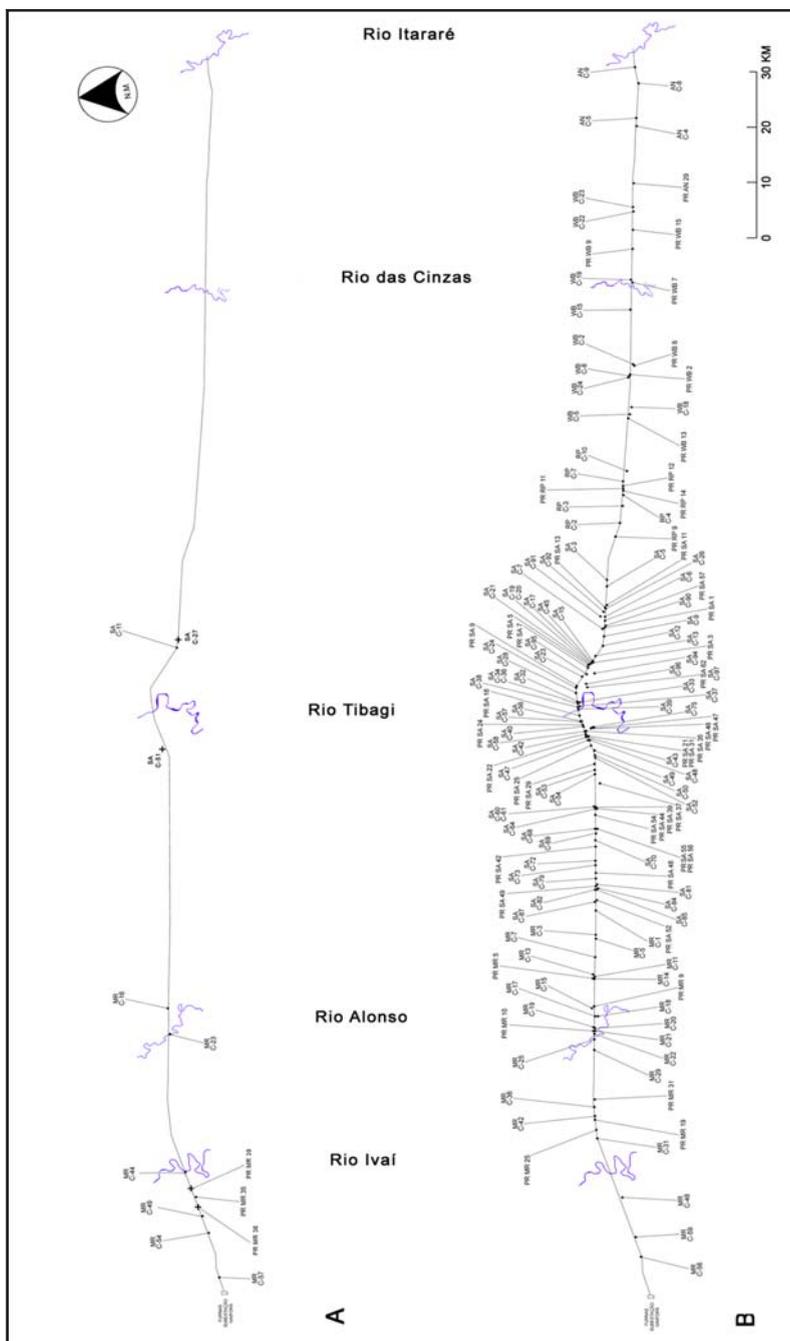


Figura 106. Dispersão de sítios e indicadores arqueológicos na área paranaense da LT 750kV: A – Tradição Casa de Pedra; B – Tradição Tupiguarani. Na parte A, as cruzes assinalam assentamentos Itararé com intrusão Casa de Pedra.

O primeiro era representado por um roçado com cerca de 10m de lado, no qual dispunham-se leitos improvisados e protegidos pela copa de árvores; no chão permaneciam restos de animais terrestres e peixes, de fogueiras e fragmentos de cerâmica e porungos. As aldeias eram formadas por pequenas cabanas, distando de 10 a 100m entre si, interligadas por caminhos; serviam para dez ou mais famílias. Nesse espaço transcorriam as atividades quotidianas, como preparo de alimento, fiação e tecelagem, confecção de cerâmica, etc. (MOURA, 1907:8).

É conveniente mencionar nesta discussão, uma vez que na área da pesquisa ocorreram habitações subterrâneas, a inexistência de qualquer referência, até o momento, de que elas tenham sido utilizadas pelos Kaingáng no Paraná. A iconografia resultante da Conquista dos Campos de Guarapuava no final do século XVIII mostra suas aldeias formadas por quatro ou cinco casas na superfície do terreno, interligadas por caminho.

Apesar de pouco representada quantitativamente, a cerâmica desta tradição mostra detalhes que a diferencia da produzida por outros oleiros na área pesquisada. Embora o acabamento superficial seja parecido com o da cerâmica Itararé, ela apresenta menor variação nas bordas, paredes mais espessas e maior volume nos recipientes. É nas formas das vasilhas, porém, que a diferença fica mais evidente, especialmente as cônicas (Fig. 79).

Sobre o volume da cerâmica produzida pelos Kaingáng, tem-se uma avaliação feita por Luiz de Cemitille. Este frei atuou durante dois anos entre índios Jê e Tupi-Guarani no Aldeamento de São Pedro de Alcântara e, logo depois, entre 1868 e 1881, no de São Jerônimo (FERNANDES, 1955:56). Os dois aldeamentos governamentais situavam-se no vale do rio Tibagi, ao norte da área pesquisada. Na memória que elaborou em 1879, Cemitille menciona as “... *grandes panelas de barro...*”, feitas pelos Kaingáng e usadas para preparação de bebidas a partir do milho e pinhão (TAUNAY, 1888:263). Barbosa (1947:61) referindo-se, em 1913, às panelas confeccionadas pelos Kaingáng do sudoeste de São Paulo, esclarece que elas “... *chegam às vezes, a ter capacidade de perto de 25 litros...*”.

Cerâmica comparável foi identificada em sítios de algumas partes do Paraná, mormente na sua região centro-sul, espaço mais freqüentado pelos índios Kaingáng, conforme relatos etno-históricos do final do século XVIII a princípios do XX. Ela ocorreu na camada superficial do sítio PR MR 1, conhecido como gruta do Wóbeto, no médio rio Ivaí, no abrigo PR PG 2, nas cabeceiras do rio Tibagi e no abrigo PR UV 1, no médio rio Iguaçu. De forma intrusiva foi constatada nas fases Umuarama, Candoi e Açungui, a primeira de Tradição

Tupiguarani, definida no médio rio Ivaí e as últimas de Tradição Itararé, no médio rio Iguaçu (CHMYZ, 1968b:121; 1976b:246; 1981:93).

Na margem do rio Paraná, abaixo das Sete Quedas, o sítio PR FI 145 propiciou a restauração de recipientes cerâmicos simples de formatos cônicos, em meia-calota, meia-esfera e cilíndricos. Foi o único com essas características entre os 237 sítios estudados durante o salvamento na área da UHE Itaipu (CHMYZ-Coord, 1979:94). Essa região era explorada pelos Kaingáng na segunda metade do século XIX, o que motivou o deslocamento de grupos Guarani que lá viviam, em direção a Foz do Iguaçu (BRITO, 1977:61).

O sítio PR UV 1 foi datado de 800±50 AP (1150 d.C.), mas acreditamos que as ocorrências ao longo da LT 750kV sejam mais recentes, tendo em vista a dispersão dos Kaingáng para essa região após a apropriação dos Campos de Guarapuava pelos portugueses.

Escavações feitas entre 1938 e 1946 em túmulos Kaingáng dos municípios paulistas de Lins, Promissão, Guararapes e Parapuã foram relatados por Sakai (1981:86), Godoy (1947:211) e Drumond e Philipson (1947:386). Compreendem enterros múltiplos, de adultos e crianças, conforme Godoy, depositados em covas profundas, protegidas por troncos e cobertos por montículos de terra. Essas estruturas apresentavam as mesmas características da que acolheu o corpo de um Kaingáng em Heitor Legru, hoje Promissão, em 1915, na cerimônia que foi presenciada por Manizer (1930:771).

Os escavados encerravam, além dos enterros primários, objetos metálicos e vítreos subtraídos ou fornecidos pela sociedade envolvente e poucas peças de fatura indígena. Recipientes cerâmicos somente ocorreram no de Guararapes, sendo representados por tigelas em forma de cone truncado, com alturas variando de 8 a 13cm e diâmetros de 10 a 17cm, e painéis de bojo cônico, com alturas entre 15 e 29cm e diâmetros entre 13 e 21cm; todos apresentavam faces enegrecidas. Entre os restos ósseos desse túmulo, Godoy identificou os pertencentes a uma mulher (1947:217), o que talvez explique a presença de cerâmica apenas aí.¹³

Drumond e Philipson mencionam vestígios de aldeias nas proximidades dos aterros de Parapuã; esses vestígios seriam representados por áreas com fragmentos cerâmicos. Junto a um desses locais, os autores recolheram “*vaso de forma cônica, tipicamente Kaingang*” (1947:389).

¹³ Entre os objetos saqueados nos assentamentos Kaingáng do vale do rio do Peixe pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, constam tigelas e painéis cônicos (MOURA, 1907:9).

Baseado nas moedas encontradas, Sakai estima que o túmulo B de Promissão foi erigido em 1900; as medalhas associadas e que eram distribuídas pelo S.P.I., porém, indicam data posterior a 1910.

Sérgio B. da Silva, em sua tese de 2001, divulga tigelas e panelas coletadas entre os Kaingáng em 1947 por Herbert Baldus, no P.I. de Icatu, em São Paulo. As tigelas em forma de meia-esfera, meia-calota e cone truncado e as panelas cônicas apresentadas são comparáveis às da Tradição Casa de Pedra.

Devido à construção da ferrovia entre Ourinhos (SP) e Dr. Camargo (PR), um aterro funerário foi escavado na primeira década do século XX. Estava situado no vale do rio Tibagi, no Município de Ibitiporã, próximo ao aldeamento de São Pedro de Alcântara que, na segunda metade do século XIX, reuniu índios Kaingáng. A planta e o perfil do aterro e enterros estampados por Parellada (2005:111), foram esboçados por um dos responsáveis pela construção da ferrovia, em 1941. Mostram túmulos forrados com toras, irradiados de um aterro central; cada uma das covas continha um esqueleto estendido em decúbito dorsal, acompanhado por objetos, inclusive recipientes. Destes, a autora informa que o Museu Paranaense recebeu três, mas não os divulgou.

No CEPA está depositada uma panela com borda introvertida, que corresponde à forma 6 da Figura 79. Procede da Serra da Laranjinha, situado entre o rio homônimo e o rio Tibagi, próxima a área da pesquisa. Foi coletada entre os Kaingáng na primeira metade do século XX.

Na cartografia jesuítica do século XVII, nos territórios situados do norte de Santa Catarina até a região dos campos do Paraná, estão assinalados os domínios dos *Guananas*, *Gualachos*, *Ibiturunas* e *Chiquis*, estes entre os rios Piquiri e Iguaçu. Para o norte até o rio Paranapanema, nos espaços florestados, figuram nomes de caciques Tupi-Guarani. Nas cartas ânuas, os índios *camperos* são referidos também como *Cavelludos* e *Coronados*, em função de características físicas.

Acompanhando-se a viagem de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca pelo Paraná (1947:119), desde a sua entrada nos Campos de Curitiba em outubro de 1541, o percurso para oeste, com a travessia dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, a deriva para o sul em direção ao rio Iguaçu e a transposição do rio Paraná em fevereiro de 1542, com destino a Assunção, verifica-se que os contatos feitos com numerosos indígenas referem-se aos Tupi-Guarani. A grande comitiva de Alvar foi guiada até o rio Tibagi por índios Carijó do litoral de Santa Catarina e depois por índio procedente de Assunção, este também relacionado à mesma família linguística Tupi-Guarani.

No século seguinte, o influenciado pelos jesuítas, o território atravessado por Cabeza de Vaca, como se disse, estava em grande parte dominado pelos índios Jê. A única referência a “*índios inimigos*”, transmitida pelos Tupi-Guarani ao governador do Paraguai (p. 131) é sobre aqueles existentes no rio Piquiri, na área dos Chiquis da cartografia jesuítica. Esta informação poderia ter motivado o abandono do caminho, dirigindo-se a comitiva até a margem do rio Iguaçu, por um dos ramais do Peabiru.

No vale do rio Piquiri, nas proximidades do ponto de inversão daquela trajetória, um sítio da Tradição Itararé forneceu datas que antecedem e coincidem com a da viagem de Cabeza de Vaca (CHMYZ et alii, 2003:102). Sítios da Tradição Tupiguarani são conhecidos nos arredores do itinerário; deles, apenas o PR CT 54, localizado ao lado do rio Iguaçu, nos Campos de Curitiba, foi datado de 570±70 AP ou 1380 d.C. (B-22.645) e o PR UV 16, situado no médio rio Iguaçu, ao sul dos Campos de Guarapuava, de 500±45 AP ou 1450 d.C. (SI-1.015), aproximam-se da faixa temporal em discussão.

Novas informações sobre ocupação indígena no espaço em pauta surgem durante a invasão portuguesa dos Campos de Guarapuava, entre os séculos XVIII e XIX. Em mapa produzido nas expedições de 1772, aldeias de índios *Xaclan* são assinaladas na margem do rio Jordão, afluente do rio Iguaçu (FRANCO, 1953), em parte coincidindo com a antiga posição dos *Chiquis*. Nas três primeiras décadas do século seguinte, quando os Campos de Guarapuava são efetivamente ocupados pelos portugueses, Francisco das Chagas Lima, o padre encarregado da catequização, produziu valiosos documentos a respeito dos índios lá existentes.

Conforme Lima (PARANÁ, 1900:90), na época da formação da Aldeia de Atalaia, as hordas eram constituídas pelos *Camés* e *Votorões*, que viviam nas vizinhanças dos Campos de Guarapuava, os *Dorins*, que ocupavam os Campos das Laranjeiras, situados mais a oeste e *Xocrems* dispersos entre os rios Iguaçu e Uruguai.¹⁴ Outra horda, representada pelos *Jacfés*, é reunida em 1818. Possuía, ainda, informações da horda dos *Tavens*, moradora do espaço situado entre os rios Paraná, Piquiri e Itatu (Ivaí), que não falavam a língua Guarani. Como Lima, erroneamente, acreditava ser esta a língua das hordas dos Campos de Guarapuava, qual seria a dos *Tavens*?

Em outro documento, veiculado por Arthur M. Franco (1943: 233), Chagas Lima menciona, além dos anteriores, os índios *Tac-taias*,

¹⁴ As três primeiras herdas correspondem a subgrupos ou clãs de organização dual na sociedade Kaingáng.

habitantes das margens do rio *Utatu* (Cantu) e os *Cayeres*. Estes, em 1817, haviam atacado uma aldeia *Votoron* ao sul do rio Iguaçu, matando 30 guerreiros e aprisionado “... *suas mulheres, filhas e filhos menores...*” (p. 243); os sobreviventes refugiaram-se na Atalaia. Os *Tac-taias* eram perturbados pelos *Camés*, que os queriam escravizar e vender aos portugueses (p. 246).

Na segunda metade do século XIX, após a emancipação política da Província do Paraná, aldeamentos indígenas foram criados na margem dos rios Paranapanema e Tibagi. O primeiro reuniu índios Tupi-Guarani e Jê e, o segundo, apenas os últimos. Neles atuaram Telemaco Borba e o frei Luiz de Cemitille (TAUNAY, 1888:258) e a eles se deve, quase simultaneamente, a denominação Caingangue para os índios Jê, anteriormente relatados pelos jesuítas e o p. Chagas Lima.

Em 1868, o sertanista Joaquim Francisco Lopes (PARANÁ, 1900:345) tentou reduzir os *Botocudos* que viviam no Planalto Curitibano, ao sul do rio Iguaçu e, além do rio Negro, em Santa Catarina, freqüentemente mencionados nos relatórios dos presidentes da Província como responsáveis pelas “*Correrías de índios*”. Em um esboço cartográfico que produziu, incluindo trecho da Estrada do Viamão, Lopes assinala estruturas subterrâneas dispostas em círculo, identificando-as como *fojos*. Essas estruturas circulares, guarnecidas de estrepes aguçados e camufladas superficialmente, constituíam defesas em torno de aldeias (p. 357).

É possível que Botocudos, depois conhecidos como Xoklêng, estivessem na área de Foz do Iguaçu em 1888. José Joaquim Firmino, chefe da Comissão de Estradas Estratégicas do Paraná, ao comentar os índios encontrados, destaca um grupo que pelas características físicas e culturais poderia corresponder aos “... *ultimos representantes dos Cabelludos...*” (PARANÁ, 1900:413). Firmino distingue-os dos Coroados e Guaranis, os quais combatiam, mencionando o uso, entre eles, de cabelos longos com franja frontal e de tembetás.

Nesse mesmo espaço, “... *famillas de una particular nacion...*” (CORTESÃO, 1954:207), haviam sido capturadas por índios Guaranis da redução de Santa Maria, fundada pelos jesuítas em 1626, nas proximidades das Cataratas do Iguaçu.

O estudo de vocábulos e de outros aspectos da cultura tradicional dos Coroados (Kaingáng) e dos Botocudos (Cabeludos, Gualachos, Xaclans, Xocréns ou Xoklêng), levou a posicionamentos diferenciados entre os especialistas, como se comentou no terceiro capítulo deste trabalho. Wanda Hanke, que pesquisou os Caingangues do Paraná e os Botocudos de Santa Catarina, considera-os unidos racial e culturalmente (1947:50 e 61). Rosário Farani Mansur Guerios

(1945:321) admite que o “Xocrén é idioma Caingangue”, porém, discordando da opinião de Egon Schaden em 1937, de que a língua falada pelos Xocrén é resultante de mistura de hordas aloglóticas, sugere que houve a substituição de uma língua por outra. Apoia-se no fato de existir solução de continuidade glótica entre os Caingangues do Paraná e do Rio Grande do Sul, havendo maior concordância fonética entre aqueles estados que entre Santa Catarina e os demais (p. 329). Os vencidos seriam os Caingangues e a adoção da sua língua teria sido através das mulheres e crianças capturadas.

A captura de pessoas explicaria, em parte, a presença intrusiva de cerâmica da Tradição Casa de Pedra em sítios da Tradição Itararé e mesmo aos da Tradição Tupiguarani. As diferentes formas de tratamento dispensado aos mortos (cremação entre os Gualachos, Xoklém e na Tradição Itararé e enterro primário entre os Kaingáng e na Tradição Casa de Pedra), mas com proteção semelhante dos túmulos, por meio de aterros em forma de cone truncado ou semicirculares, também poderiam ser entendidas como consequência da interação havida.

O pensamento de Curt Nimuendajú, por outro lado, externado em carta a Eduardo Hoerhan em 1933, é de que os Botocudos e os Caingangues teriam se separado na pré-história de uma tribo proto-kaingáng, constituindo bandos em estado de hostilidade constante (2000:348).

As evidências relacionadas à Tradição Tupiguarani foram constatadas em 146 locais, dos quais 46 puderam ser registrados como sítios; os demais, muito perturbados ou apresentando reduzido número de peças, foram anotados como indícios. Ocorreram em toda a área pesquisada, mas tenderam a se concentrar entre os rios Alonso e Tibagi, no espaço dominado pela Floresta Ombrófila Mista (Fig. 106-B). No Estado de São Paulo, 9 indícios foram constatados entre os rios Itararé e Verde (Fig. 104).

Localizados no topo de elevações ou em suas encostas, os sítios sempre estavam nas proximidades de cursos fluviais. Ocupavam pequenas áreas, representados por uma concentração de material, ou maiores, reunindo duas ou mais concentrações. Nas áreas de várias dessas concentrações foi possível anotar, ainda, espaços com adensamento de material associados com terra preta, indicativas da posição e dimensões aproximadas das bases das habitações. Os depósitos escavados aprofundavam-se até 15cm, raramente atingindo 18 ou 20cm, reunindo maior número de evidências entre 10 e 15cm de profundidade. Essa pequena espessura dos depósitos indica curta duração do assentamento.

Dois sítios sobrepunham-se a ocupações da Tradição Umbu e outros 20 a ocupações da Tradição Itararé. Entre os indícios, a coincidência espacial ocorreu com 7 da Tradição Umbu e 47 da Tradição Itararé.

Seqüências seriadas foram produzidas com coleções cerâmicas dos sítios, delas resultando cinco fases. As coleções de três sítios não puderam ser intercaladas nessas seriações e devem corresponder a fases com áreas de dispersão não abrangidas pelo projeto (Fig. 107).

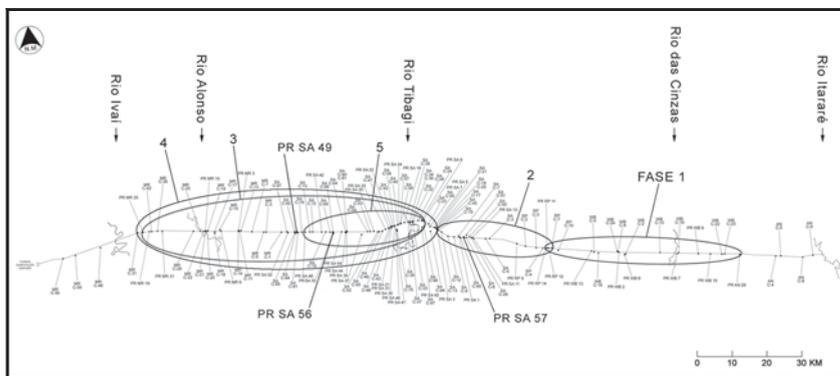


Figura 107. Dispersão das fases e sítios isolados da Tradição Tupiguarani ao longo da LT 750kV no Paraná.

A fase 1, representada pelos sítios PR AN 29, PR WB 2, PR WB 6, PR WB 7, PR WB 9, PR WB 13, PR WB 15, PR RP 11 e PR RP 14, restringiu-se ao extremo leste da LT 750kV no Paraná, por uma extensão de 55km.

Geralmente situados nas encostas de elevações e raramente no seu topo, os sítios dispunham-se em altitudes entre 587 e 801m s.n.m. Predominaram (6) os formados por uma concentração, com áreas variando de 339 (27x16m) a 8.974m² (111x103m); em alguns deles havia um só espaço adensado com áreas de 518 (30x22m) a 693m² (52x17m). Em outros dois havia três concentrações com áreas oscilando entre 414 (24x22m) e 1.248m² (42x37m). O último sítio, com área de 13.677m² (144x121m), possuía várias concentrações não delimitadas porque o local estava fora da abrangência do Projeto. Os depósitos aprofundavam-se até 15cm na maioria, atingindo 18cm em um.

Os tipos cerâmicos predominantes nas coleções são o Simples Grosso e o Pintado, seguidos pelo Simples Fino e Engobo Vermelho; raramente ocorrem os tipos Corrugado Leve, Corrugado Simples, Serrungulado, Lábio Entalhado e Roletado. Entre as evidências líticas destacam-se talhador, triturador, abrasadores planos e sulcados, além de corante (hematita) e lâmina de machado.

A Fase 2, definida entre o extremo oeste da 1 e a leste da 4, por uma extensão de 35km, engloba os sítios PR RP 9, PR RP 12, PR SA 1, PR SA 3, PR SA 11 e PR SA 13. Localizados tanto no topo de elevações como nas suas encostas, em altitudes que variavam de 665 a 883m s.n.m., os sítios eram comumente constituídos por uma só concentração, com áreas entre 753 (32x30m) e 4.796m² (94x65m); vários deles possuíam um adensamento central ou deslocado para o lado, com áreas variando de 15 (5x4m) a 364m² (29x16m). Um sítio, com área de 27.671m² (235x150m) reunia sete concentrações, três delas dispostas verticalmente para o extremo norte; duas para o lado oeste e outras duas para o canto sudeste. Com áreas variando de 409 (29x18m²) a 1.346m² (49x35m), as concentrações encerravam adensamentos com áreas de 47 (12x5m) a 252m² (23x14m). Os depósitos aprofundavam-se até 9 ou 15cm.

Na seqüência seriada o tipo Simples Grosso é predominante; um pouco menos representados estão os tipos Ungulado e Escovado, seguidos por Pintado, Ungulado Tangente, Engobo Vermelho e Simples Fino. Pouco freqüentes são os tipos Corrugado Ungulado, Corrugado Leve, Inciso, Ponteadado, Digitungulado e Marcado com Tecido; os tipos Serrungulado, Lábio Entalhado e Nodulado são raros. Modelagens são representadas por suportes de painéis.

Os líticos compreendem triturador, abrasador plano, alisador, raspador de extremidade, mão de pilão e lâmina de machado.

A Fase 3 estendeu-se por cerca de 85km a oeste da Fase 2. É constituída pelos sítios PR SA 39, PR SA 44, PR SA 46, PR SA 47, PR SA 54, PR SA 55, PR SA 62, PR MR 5, PR MR 9, PR MR 10 e PR MR 31. Nas áreas de outros dois sítios ocorreram espaços ocupados por componentes de fases diferentes: no PR SA 21, formado por duas concentrações, a denominada "a" relaciona-se à Fase 5 e, no PR MR 25, constituído por uma concentração com adensamento, o material recolhido na superfície integra a Fase 4, enquanto o resultante da escavação integra a Fase 3.

A maioria dos sítios era formada por uma só concentração com adensamento; poucos apresentavam até quatro concentrações. Em um havia dez concentrações, também com adensamentos. Os sítios apresentavam áreas variando de 296 (27x14m) a 19.679m² (218x115m), este com o maior número de concentrações. As áreas dos adensamentos variavam de 15 (5x4m) a 477m² (32x19m). Os depósitos aprofundavam-se até 20cm, predominando até 15cm. Os sítios que encerravam duas ou mais concentrações ocupavam o topo de elevações, situando-se estes, e também os de encosta, em altitudes variando de 477 a 993m s.n.m.

Nas coleções o tipo Simples Grosso é o mais representado, mas são também populares os tipos Escovado, Engobo Vermelho e Pintado. Menos populares, em ordem de frequência, são os tipos Ungulado, Ungulado Tangente, Penteado, Corrugado Ungulado, Simples Fino, Inciso e Digitungulado. Raramente ocorrem os tipos Corrugado Complicado, Corrugado Leve, Corrugado Simples, Corrugado Espatulado, Serrungulado, Lábio Entalhado, Ponteado, Nodulado, Pinçado, Marcado com Tecido e Pintado Preto sobre Engobo Vermelho.

As modelagens, compreendendo recipientes, suportes de painéis, castiçais e cachimbos, além de alça e asa, ocorrem em alguns sítios, mas, em especial, no formado por dez concentrações (PR SA 55). Tigelas com base em pedestal, geralmente engobadas de vermelho, são comuns.

Mãos de pilões, pilão e lâminas de machado estão presentes. Escória de fundição e fragmentos de peças de ferro só foram registradas no sítio PR SA 55.

A área de dispersão da fase 4 justapõe-se à ocupada pela Fase 3. Seus sítios estendem-se por 85km, mas tenderam a se concentrar nas proximidades do rio Tibagi. Compõe-na os sítios PR SA 5, PR SA 7, PR SA 18, PR SA 24, PR SA 25, PR SA 29, PR SA 35, PR SA 37, PR SA 42, PR SA 52 e PR MR 19. Das duas concentrações delimitadas no sítio PR SA 31, a denominada "a" encerrava traços da Fase 4 e, a denominada "b", da Fase 5. No sítio PR MR 25, como já foi dito, a coleção de superfície integrou a Fase 4.

Quase todos os sítios eram formados por uma concentração, com áreas variando de 472 (43x14m) a 5.037m² (93x69m), geralmente com adensamentos com áreas entre 21 (7x4m) e 753m² (60x16m). Um sítio, com área de 3.307m² (86x49m), possuía três concentrações e, outro, com 12.031m² (145x95m), seis concentrações com adensamentos. A maioria situava-se em encostas de elevações; os demais dispunham-se no topo ou no topo e encosta; esta era a posição do sítio maior. Ocupavam pontos com altitudes variando de 631 a 965m s.n.m. Em poucos sítios a camada arqueológica aprofundava-se até 15cm.

Nas coleções cerâmicas seriadas o tipo Simples Grosso é o mais popular, seguido pelos tipos Pintado e Corrugado Ungulado. Menos populares, mas constantes, são os tipos Ungulado Tangente, Corrugado Complicado, Corrugado Leve, Engobo Vermelho, Escovado, Simples Fino, Corrugado Simples, Digitungulado, Serrungulado e Ponteado. Os tipos Corrugado Espatulado, Penteado, Inciso e Nodulado são raros. Como modelagens, destacam-se cachimbo e lamparina.

Abrasadores planos e sulcados, lâmina de machado e tembetá representam os líticos utilizados ou retocados.

A Fase 5 é constituída pelos sítios PR SA 9, concentração “a” do PR SA 21, PR SA 22, concentração “b” do PR SA 31 e PR SA 48. Situavam-se nas proximidades do rio Tibagi, em parte das áreas ocupadas pelas Fases 3 e 4. Apenas um dos sítios, o com área de 9.361m² (178x67m), encerrava três concentrações com adensamentos; os demais eram formados por concentrações únicas, com áreas variando de 744 (35x26m) a 2.555m² (74x44m). Situavam-se no topo ou nas encostas de elevações, entre 640 e 819m s.n.m.

Nas coleções cerâmicas são populares os tipos Simples Grosso, Pintado, Corrugado Ungulado e Engobo Vermelho, seguidos pelos tipos Ungulado e Ungulado Tangente. Os tipos Digitungulado, Corrugado Espatulado, Escovado, Corrugado Leve, Nodulado, Corrugado Complicado, Ponteado, Lábio Entalhado e Simples Fino são pouco representados mas constantes na seriação. Raros são os tipos Serrungulado, Inciso, Pinçado, Penteadado, Marcado com Tecido e Pintado Branco sobre Engobo Vermelho.

Entre os líticos, estão presentes mão de pilão e lâmina de machado.

As coleções cerâmicas de três sítios, que apresentam tendências tipológicas diferentes das anteriores, correspondem a fases cujos componentes seqüenciais devem ser encontrados fora do espaço pesquisado. Um deles, o PR SA 49, era constituído por uma concentração com área de 353m² (30x15m). Ocupava a encosta de elevação, a 870m s.n.m. estava nas proximidades do rio Barra Grande, tributário da margem esquerda do rio Tibagi.

A cerâmica recuperada proporcionou os tipos Simples Grosso (predominante), Ungulado (menos expressivo), Ungulado Tangente, Engobo Vermelho, Simples Fino, Escovado e Pintado (pouco representados).

O segundo sítio, PR SA 56, também localizado na bacia do rio Barra Grande, compreendia uma área com 2.362m² (59x51m), circunscrevendo quatro concentrações. Estas apresentavam áreas variando de 288 (23x16m) a 409m² (29x18m). Em cada uma delas havia adensamento, com áreas oscilando entre 49 (9x7m) a 129m² (15x11m), realçado por terra preta até 17cm de profundidade. O sítio ocupava o topo de elevação, a 819m s.n.m.

As várias coleções desse sítio compuseram uma seqüência seriada, na qual o tipo cerâmico Simples Grosso é expressivo, seguido pelos tipos Ungulado, Pintado e Engobo Vermelho. Menos representados estão os tipos Ungulado Tangente, Escovado e Corrugado Ungulado. Os tipos Corrugado Leve, Inciso, Ponteado, Digitungulado, Nodulado e Marcado com Tecido são mais raros. O tipo Simples Fino está ausente.

Entre as modelagens, destacam-se recipientes em miniatura, rodela de fuso e aplicação zoomorfa e, entre os líticos, lâmina de machado, pilão e raspador com escotadura.

O último sítio, o PR SA 57, encontrado na encosta de uma elevação a 734m s.n.m., situava-se no vale do ribeirão Barra Grande, um afluente da margem direita do rio Tibagi. Ocupava uma área com 3.815m² (108x45m) e era formado por cinco concentrações, três delas realçadas por terra preta. Estas apresentavam áreas variando de 27 (7x5m) a 81m² (13x8m) e, as demais, de 56 (9x8m) a 254m² (27x12m).

O material arqueológico encerrado nas concentrações não chegava a formar camada como nos demais sítios da tradição. O piso da ocupação encontrava-se aos 14 ou 16cm de profundidade. Recipientes fragmentados constituíam amontoados sobre o piso; na base de alguns deles havia depressões destinadas ao seu equilíbrio no solo. Raros fragmentos pertencentes a outras vasilhas dispersavam-se pelo piso inferindo que, com exceção daqueles recipientes em uso no momento e que permaneceram fragmentados, grande parte dos pedaços dos anteriores havia sido varrida ou removida do local.

Após a restauração dos numerosos fragmentos recuperados restaram poucas peças para o estudo tipológico; apenas uma coleção forneceu pouco mais de 100 cacos. Na seriação praticada os tipos Simples Grosso e Ungulado predominam, seguidos pelos tipos Pintado, Ungulado Tangente e Escovado. São raros os tipos Corrugado Complicado, Marcado com Cestaria, Engobo Vermelho, Corrugado Ungulado, Corrugado Leve e Ponteado. O tipo Simples Fino está ausente.

Apenas uma modelagem, representada por fragmento de pingente e uma peça lítica, correspondente a um raspador com escotadura, procedem do sítio.

Das fases estabelecidas com base nas mudanças de frequência dos tipos cerâmicos, apenas a denominada 1 não apresentou indícios de influência exercida pelos jesuítas no século XVII. As datações por TL (Lacivid-USP) para alguns de seus sítios, apesar de abrangerem um período muito longo para uma fase, corroboram a análise laboratorial. O sítio PR WB 2 forneceu a data de 1343±90 AP (707 d.C.), a do PR RP 11, 777±50 AP (1173 d.C.) e, a do PR WB 7, 626±40 AP (1324 d.C.). No sítio PR WB 15 foram datadas amostras da concentração A, em 698±46 AP (1252 d.C.) e da concentração C, em 732±48 AP (1218 d.C.). As datações por C-14 existentes para o vale do rio Itararé e trecho contíguo do rio Paranapanema, algumas delas ligadas à Fase Cambará, oscilam entre 1195 AP (775 d.C.) e 760 AP (1190 d.C.).

A cronometragem conseguida por TL para sítios das demais fases, entretanto, não correspondem ao registro histórico de jesuítas,

os quais começaram a fundar reduções com índios Tupi-Guarani em 1610, na margem esquerda do rio Paranapanema. As reduções do vale do rio Tibagi, São José, São Francisco Xavier e Nossa Senhora da Encarnação, foram estabelecidas entre 1622 e 1625. A de São Miguel, fundada em 1626 a montante da última, reduziu índios “Camperos”.

As reduções do vale do rio Ivaí, que também exerceram influência entre os índios da área da pesquisa foram, igualmente, criadas tardiamente em relação ao desmantelamento do Guayrá pelos bandeirantes preadores até 1631.

Para a Fase 2, foram datados o sítio PR RP 12, em 649 ± 45 AP (1310 d.C.) e o PR SA 1, em 531 ± 40 AP (1419 d.C.). Na Fase 3, somente o sítio PR SA 44 teve concentrações datadas: na A, obteve-se 90 ± 5 AP (1860 d.C.), na B, 750 ± 50 AP (1200 d.C.) e, na C, 470 ± 50 AP (1480 d.C.). Amostras procedentes dos mesmos pontos foram datadas por C-14 em 430 ± 60 AP ou 1520 d.C. (Beta-180.908) na A, 360 ± 60 AP ou 1590 d.C. (B-180.909) na B e 290 ± 50 AP ou 1660 d.C. na C. Considerando-se a margem de erro das duas últimas, pode-se situar a fase no momento histórico; a primeira situa-se um pouco antes dos acontecimentos.

Na Fase 4, o sítio PR SA 7 forneceu a data por TL de 337 ± 25 AP (1613 d.C.), que se aproxima dos fatos, mas a do PR SA 5 deles está distante: 623 ± 45 AP (1327 d.C.). A fase 5 teve apenas o sítio PR SA 9 datado: 570 ± 46 AP (1380 d.C.) na concentração A e 464 ± 35 AP (1486 d.C.) na B.

Entre os sítios isolados, o PR SA 49 e o PR SA 57 não apresentam indícios de contato com os jesuítas. No PR SA 56 ocorreram fragmentos de cerâmica com marca de tecido que, ao lado daquela engobada de vermelho em recipientes com base em pedestal e a penteadada, representa traço diagnóstico nos sítios influenciados pelos missionários. São poucos e restringiram-se à parte sul do sítio, a que dista apenas 26m do PR SA 55, este fortemente influenciado.

O sítio PR SA 57, o constituído por depósitos delgados de material, foi datado por C-14 em 440 ± 5 AP ou 1510 d.C. (B-224.258).

A sobreposição de fases da mesma tradição já havia sido constatada em outros espaços estudados no Paraná, mas com diferenças temporais acentuadas. O que se verifica na atual abordagem, especialmente no trecho centralizado pelo rio Tibagi, compreende um espaço de tempo curto, de 4 a 8 anos (Fig. 107). Ao atuarem junto aos Tupi-Guarani, com vistas à implantação de reduções, os jesuítas chegavam a deslocar grupos de índios para atender a necessidade de uma área ou para neutralizar tensões entre caciques. O provincial Nicolau Duran refere-se à queixa dos padres responsáveis pela redução

de São José com relação à dificuldade de sua manutenção devido ao pequeno número de índios disponíveis e à proposta que lhe fizeram de que “... se levassen los índios que aqui avia a las otras.” (CORTESÃO, 1951:230). O p. Antonio Ruiz menciona que “... fue mucha gente la que entonces lleve a S. Xavier dividida em tropas y estan agora muy contentos de ver que se ha cumplido lo que sus padres le dixeron porque lo que le enseñamos continuamente es que se amen unas haciones a otras con que van perdiendo la bestial costumbre de matarse y comerse (p. 234). O mesmo p. Ruiz, ao se referir à redução de Nossa Senhora de Encarnação, que contava com 600 índios, queixou-se que poderia ter 800 “... si la reduccion de S. Pablo no se les uviera quitado por tenerlos mas cerca de si en sus tierras, pero entiendo que llegara esta reduccion a numero de ochocientos a Mill Índios por estar a la redonda mucha gente de la qual cada dia se van reduciendo y lo hiçieran con mas brevedad si leshicieramos alguna compulsion.” (p. 276).

A redução de Nossa Senhora da Encarnação teria sido fundada na foz do rio Barra Grande com o rio Tibagi¹⁵ e, a de São Paulo, no médio rio Ivaí. Nos arredores desta, os índios do Tibagi exploravam a erva-mate.

Os movimentos populacionais referidos pelos jesuítas teriam ocasionado, na área da pesquisa, o surgimento das diversas fases contemporâneas, diferenciadas pela composição e tendência dos tipos cerâmicos próprios de cada grupo deslocado. Tais deslocamentos, afetando territórios ocupados por grupos do baixo rio Tibagi e médio rio Ivaí, deveriam abranger também aqueles situados mais a leste, até o rio das Cinzas ou mesmo até o rio Itararé. A ocorrência de boleadeira junto aos indícios PR MR C-1, localizados entre os rios Alonso e Tibagi, na área das Fases 3 e 4, peça nunca registrada em sítio Tupiguarani no Paraná, indica contato com índios das primitivas reduções do Rio Grande do Sul.

As seqüências seriadas, embora restritas a sítios captados em uma estreita faixa territorial, possibilitam considerações sobre padrões de implantação e a reconfiguração de alguns deles. Sítios que haviam sido registrados como formados durante uma ocupação, em consequência da definição das fases, acabaram se revelando compostos por estruturas independentes.

Espaços que comportavam sítios registrados como unidades em função do distanciamento ou configuração, adquiriram novo desenho

¹⁵ A localização exata dessas e de outras reduções tardias não é conhecida, em parte porque não chegaram a ter uma urbanização como as do rio Paranapanema, de cujas edificações restaram ruínas. Durante as atuais pesquisas, esforços foram dispendidos para identificar os vestígios da redução de Nossa Senhora da Encarnação, mas resultaram infrutíferas.

após a análise laboratorial. Na Figura 42, por exemplo, estão representados três sítios Tupiguarani, dois deles sobrepostos ao sítio Itararé (PR SA 20). O primeiro daqueles, o PR SA 21, era composto por duas concentrações, mas as evidências da “a” compõem a Fase 5 e, a da “b”, a Fase 3. As do sítio PR SA 22 pertencem à Fase 5. No sítio PR SA 31, também registrado como formado por duas concentrações, a denominada “a” liga-se à Fase 4 e, a “b”, à Fase 5. A nova configuração mostra um sítio reunindo três concentrações da Fase 5, distando uma das outras pouco mais de 100m e, dois sítios representados por concentrações únicas e referentes às Fases 3 e 4, separados por cerca de 100m.

De uma maneira geral, entretanto, as fases definidas na pesquisa eram formadas por sítios pequenos e médios e um grande, dispersos pela área. Os primeiros encerravam uma ou poucas concentrações e, os grandes, muitas concentrações. Esse padrão de implantação corresponde ao descrito por Antonio Ruiz (1639:6), nos *“... pueblos de Índios, que viviendo a su antiqua usança em montes, tierras y valles, em escondidos arroyos, em tres, quatro o seis casas solas, separadas a légua, dos, três y mas uno dos otros los reduzio la diligencia de los Padres a poblaciones grandes...”*

Um jesuíta anônimo informa que antes de reduzir-se, os Guarani habitavam *“... en casas bien hechas armadas em çima de buenos horcones cubiertos de paja, algunas tienen ocho a diez horcones y otras mas o menos conforme el cazique tienen los basallos porque todos suelen vivir en una suela casa de horcon a horcon es un rancho y en cada uno habitan dos familias una a una banda y outra a outra (...) sus poblaciones son pequenas porque como siempre siembran en montes quierem estar pocos que no se les acaben y tambien por tener sus pescaderos y caçaderos acomodados”* (CORTESÃO, 1951:166).

O desenvolvimento das reduções, resultando em *“poblaciones grandes”*, nas palavras de Ruiz, não impedia que aldeias periféricas continuassem existindo e por elas sendo influenciadas. Essa interação está explicitada na cerâmica produzida nos sítios jurisdicionados pelas reduções e, às vezes, até com incorporação de objetos metálicos, fato já constatado no entorno das fundadas no rio Paranapanema (CHMYZ, 1974:85) e mesmo no de Ciudad Real, estabelecimento espanhol do século XVI.

A periodização arqueológica do espaço afetado pela LT 750kV no Paraná cessa com os vestígios ligados aos formadores dos primeiros núcleos de ocupação moderna. São representados pelos indícios PR AN C-6 e PR AN C-7, ambos situados ao sul e sudoeste da sede do

Município de São José da Boa Vista. Distanto 2km um do outro, apresentavam áreas com 1.413m² (45x40m) e 1.660m² (47x45m), indicativas de bases de habitações e atividades periféricas. O material recolhido, principalmente louças de faiança fina e grés comercializados na segunda metade do século XIX, não incluiu cerâmica artesanal que costuma ocorrer em sítios da Tradição Neobrasileira. A ausência de telhas nos locais infere edificações de madeira. Apenas junto aos indícios PR AN C-7 havia fragmento de tijolo maciço, talvez componente de estrutura menor.

Em meados do século XIX a ocupação da área começou com mineiros instalados na margem esquerda do rio Itararé, dando origem a São José do Cristianismo. Em consequência do abandono dessa freguesia algumas décadas depois surgiu, mais a oeste, o povoado de São José da Boa Vista, elevado à condição de Vila em 1897. Seus habitantes dedicavam-se à agricultura e criação de animais, com possibilidades de crescimento muito limitadas devido à falta de vias de comunicação com centros consumidores.

ABSTRACT: This monography presents the results of the archaeological rescue project carried out in the area of the Power Transmission Line (LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III), implanted by Furnas Centrais Elétricas S.A. on the states of Paraná and São Paulo. The fieldwork was done between the years of 2001 and 2006, along a belt of 227km by 100m, being recorded sites related to the traditions Umbu, Itararé, Casa de Pedra and Tupiguarani, besides remains related to modern human occupations, covering a period of time between 9.630 BP and 90 BP. Based on the field and laboratory data, this monography discusses settlement patterns, funerary practices, rock art, populational movements, and the influence of the Jesuitic reductions over the indigenous groups.

KEY-WORDS: Archaeological rescue; Archaeology of the states of Paraná and São Paulo; Traditions Umbu, Itararé and Tupiguarani.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingáng de Palmas. In: **Ensaios de Etnologia Brasileira**. Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional. v. 101, p. 29-69. 1937.

_____ Terminologia de Parentesco Kaingáng. **Sociologia**. São Paulo, v. 14, n. 1, 1952.

BARBOSA, Luiz B. H. A pacificação dos índios caingangue paulista [1913]. In: **O problema indígena do Brasil**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios. p. 33-72. 1947.

BARBOSA, João N. de A. **Arte Rupestre**. A história que a rocha não deixou apagar. Curitiba: Arcádia. 117p. 2004.

BECKER, Ítala B. **O índio Kaingáng do Paraná**. Subsídios para uma etno-história. São Leopoldo: Unisinos, 344p. 1999.

BEHLING, H. Late Quaternary vegetation, climate and fire history in the Araucária forest and Campos region from Serra Campos Gerais (Paraná), S. Brazil. **Review of Palaeobotany and Palynology**, v. 97, p.109-121. 1997.

BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo Caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 417p. 1974.

BLASI, Oldemar. Aspectos da arte pré-histórica no sul do Brasil. **Symposium Internacional d'Art Préhistorique** (Anais). Capó di Ponte, p. 461-465, 1970.

_____ Cultura do índio pré-histórico. Vale do Iapó, Tibagi, Paraná, Brasil. **Arquivos do Museu paranaense: Arqueologia**. Curitiba, n. 6, p. 1-19.1972.

BORBA, Telemaco M. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná, em Tibagi. **Revista do Museu Paulista, São Paulo**, v. 6, p. 53-62. 1905.

_____ **Actualidade indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense. 174p. 1908.

BOUTIN, Leônidas. Colônias indígenas na Província do Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 36, p. 49-112. 1979.

BRITO, José M. de. Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da Colônia Militar. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 32, p. 45-72. 1977.

CARDOSO, Jayme A.; WESTPHALEN, Cecília M. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. 78p. 1981.

CHMYZ, Igor (coord.) **Primeiro relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1975-76)**. Curitiba: Projeto Arqueológico Itaipu. 105p. 1976.

Segundo relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1976-77). Curitiba: Projeto Arqueológico Itaipu. 150p. 1977.

Quarto relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1978-79). Curitiba: Projeto Arqueológico Itaipu. 109p. 1979.

CHMYZ, Igor; SAUNER, Zulmara C. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. **Dédalo**. São Paulo, v. 13, p. 7-36. 1971.

SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E. **Arqueologia da área prioritária do Projeto Hidroelétrico Tijuco Alto**. Rio Ribeira, São Paulo, Paraná. Curitiba: Companhia Brasileira de Alumínio. 187p. 1999.

BORA, Eloi; CECCON, Roseli S.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E. A Arqueologia da Área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná. **Arqueologia**. N.E. Curitiba, v. 2, p. 1-138. 2003.

CHMYZ, Igor. Breves notas sobre petróglifos no segundo planalto paranaense (Sítio PR UV 5). **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, n. 1, p. 53-63. 1968a.

Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. **Pesquisas**. São Leopoldo, n. 18, p. 115-125. 1968b.

_____ Novas manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná. **Pesquisas**. São Leopoldo, n. 20, p. 121-130. 1969a.

_____ Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, n. 13, p. 103-132. 1969b.

_____ Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do alto rio Paraná. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, n. 26, p. 67-90. 1974.

_____ A ocorrência de sítio arqueológico com pontas-de-projétil no litoral paranaense. Nota prévia sobre o sítio PR P 31: Ribeirão. **Anais da Academia Brasileira de Ciência**. Rio de Janeiro, v. 47(Supl.), p. 81-89. 1975.

_____ Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real do Guairá. **Cadernos de Arqueologia**. Museu de Arqueologia e Artes Populares. Paranaguá, v. 1, n. 1, p. 7-103. 1976a.

_____ Nota prévia sobre o sítio PR PG 1: Abrigo-sob-rocha Cambiju. **Estudos Brasileiros**. Curitiba, v. 2, p. 231-246. 1976b.

_____ Pesquisas paleoetnográficas efetuadas no vale do rio Paranapanema, Paraná-São Paulo. **Boletim de Psicologia e Antropologia**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, v. 5, p. 1-248. 1977a.

_____ Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado do Paraná, Brasil. **Hombre y Cultura**. Panamá, v. 3, n. 2, p. 5-19. 1977b.

_____ **Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas na Área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-80)**. Florianópolis; Curitiba: Eletrosul. 101p. 1981.

_____ **Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu**. São Paulo: Cesp. 74p. 1986.

CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 505p. 1951.

DRUMOND, Carlos; PHILIPSON, J. Os túmulos Kaingang de Paranapuã. **Sociologia**. São Paulo, n. 4, p. 386-393. 1947.

ELLIOT, João H. Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do exmo. Sr. barão de Antonina. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 17-42. 1847.

EMBRAPA. Levantamento de reconhecimento dos solos do Estado do Paraná. **Boletim Técnico Embrapa - IAPAR**. Londrina, v. 1-2, 789p. 1984.

FERNANDES, José L. Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 1, p. 161-209. 1941.

_____. Frei Luiz de Cimitille. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, v. 3, n. 1, p. 52-75. 1956.

_____. Os índios da serra dos Dourados. Os Xetá. In: **3ª Reunião Brasileira de Antropologia** (Anais). Recife: UFPE. p. 27-46. 1959.

FRANCO, Arthur M. **Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava**. Curitiba: Museu Paranaense. 270p. 1943.

GODOY, Oscar R. de. Esqueletos e utensílios de índios encontrados no Estado de São Paulo. **Arquivos da Polícia Civil**. São Paulo, v.13, p. 205-222. 1947.

GUÉRIOS, Rosário F. M. O Xocrén é idioma Caingangue. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 4, p. 321-331. 1945.

HANKE, Wanda. Los índios Botocudos de Santa Catarina, Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 6, p. 45-106. 1947.

HENRY, Jules. **Jungle People**. A Kaingang Tribe of the Highland of Brazil. New York: J. J. Augustin Publisher. 215p. 1941.

HICKS, David. The Kaingang and the Aweikoma: a Cultural Contrast. **Anthropos**, v. 61, 1966.

IBGE. **Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Fundação Pró-Memória. 96p. 1981.

ITCF. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná**. Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e Florestas. 16p. 1988.

ITCF/UFPR. **Atlas do Estado do Paraná**. Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná/Universidade Federal do Paraná. 73p. 1988.

LAMING, A; EMPERAIRE, J. Découvertes de peintures rupestres sur les hauts plateaux du Paraná. **Journal de la Société des Américanistes**. Paris, t. 45, p. 165-178. 1956.

LANGER, Johnni; SANTOS, Sérgio F. Petróglifos do médio rio Iguaçu, Brasil. <http://rupestreweb.tripod.com/iguazu.html>

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná/Universidade Federal do Paraná/ Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350p. 1968

MANIZER, H. H. Les Kaingangs de São Paulo. In: **Anais do 23º Congresso Internacional de Americanistas**. New York, p. 760-791. 1930.

MAYA, Sérgio I. C. La arqueología de rescate en proyectos de generacion transmisión eléctrica. In: **Arqueología de rescate en líneas de transmisión eléctrica**. Isa – Interconexión Eléctrica. Bogotá, p. 2-27. 1994.

MELIÁ, Bartomeu. Informação etnográfica e histórica sobre os Kaingang de Rio Grande do Sul. **Publicações Avulsas do Museu Municipal**. Paulínia, n. 26, p. 11-24. 1983.

MOURA, Gentil. Relatório da exploração do rio do Peixe. In: **Exploração do rio do Peixe**. São Paulo: Comissão Geográfica e Geológica. p. 1-11. 1907.

NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos sobre os Guaranis. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, N.S., v. 8, p. 9-57. 1954.

_____. **Cartas do sertão**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia Assírio & Alvin. 396p. 2000.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Paraná**. Curitiba. 741p. 1900.

PARELLADA, Claudia I. Técnicas de documentação de gravuras rupestres no programa de salvamento arqueológico da UHE Salto Caxias. **Resumos da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. 1999.

_____. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná**. Doutorado. MAE-USP. 271p. 2005.

PAULA, José M. de. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina. In: **Anais do 20º Congresso Internacional de Americanistas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 117-130, 1924.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: Editora UnB. 605p. 1992.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Petrópolis: Vozes. 495p. 1982.

RIVET, P.; LOUKOTKA, C. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A; COHEN, M. **Les Langues du Monde**. Paris: Société de Linguistique. p. 1099-1160. 1952.

ROBRAHN, Erica M. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira do Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso**. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP. São Paulo, 175p. 1989.

RUIZ (de Montoya), Antonio. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape**. Madrid: Imprensa del Reyno. 103p. 1639.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil**. A dramática experiência dos Xoklêng. Florianópolis: Edine. 313p. 1973.

SAKAI, Kiju. **Notas arqueológicas do Estado de São Paulo**. São Paulo: Instituto Paulista de Arqueologia. 101p. 1981.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Epud/Edusp. 190p. 1974.

SCHNEIDER, R. L.; MUHLMAN. E.; TOMMASI, R. A. Revisão Estratigráfica da Bacia do Paraná. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Geologia**. Porto Alegre, v. 1, p. 41-65. 1974.

SILVA, Sergio B. da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingáng: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais.** Doutorado. PPGAS-USP. 365p. 2001.

STADEN, Hans. Relação verídica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 267-360. 1892.

STECA, Lucinéia C.; FLORES, Mariléia D. **História do Paraná.** Do século XVI à década de 1950. Londrina: Editora UEL. 205p. 2002.

SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguai.** Etnohistoria de los Guaraníes. Época Colonial. Assunção: Museo Etnográfico Andrés Barbero. v. 2, 331p. 1979/1980.

TAUNAY, Alfredo d. Os índios Caingangs. Coroados de Guarapuava. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 51. Supl., p. 251-310. 1888.

VACA, Alvar N. C. de. **Naufraios y comentarios.** 3ª Ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina. 262p. 1947.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná.** Curitiba: Editora dos Professores. 185p. 1967.

WESTPHALEN, Cecília M.; MACHADO, Brasil P. e BALHANA, Altiva P. Nota prévia ao estudo da ocupação de terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná.** Departamento de História. Curitiba, n. 7, p. 1-52. 1968.

ANEXO 1. TABELAS												
Tabela 1. Características dos indícios da Tradição Umbu.												
INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA CÔRREGO (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
PR AN L-1 N°C 3668	NO 448	156	-	260	821	ENCOSTA	ARADO	MARRON-AVERMELHADO ARGILOSO	27 X 8M (169,56M ²)	-	ACAMPAMENTO	WENCESLAU BRAZ
PR RP L-2 N°C 3662	NO 361	131	475	-	713	TOPO	PASTO	MARRON-CLARO ARGILO-ARENOSO	35 X 4M (109,50M ²)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR RP L-3 N°C 3590	SO 332	453	-	150	642	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	17 X 6M (80,07M ²)	TUPIGUARANI PR RP C-10	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR RP L-4 N°C 3564	NO 335	35	-	173	667	TOPO	PASTO	MARRON-CLARO ARENO-ARGILOSO	37 X 20M (580,50M ²)	-	HABITAÇÃO	VENTANIA
PR RP L-5 N°C 3565	S 332	919	-	446	751	TOPO	ARADO	MARRON-CLARO ARENOSO	23 X 10M (180,35M ²)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR RP L-6 N°C 3566	S 339	87	-	252	676	ENCOSTA	ARADO	MARRON-CLARO ARENOSO	14 X 8M (87,92M ²)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR RP L-7 N°C 3567	SO 340	191	447	-	644	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	15 X 12M (141,30M ²)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR RP L-9 N°C 3616	S 324	82	-	166	785	ENCOSTA	PASTO	MARRON-CLARO ARGILO-ARENOSO	18 X 13M (183,89M ²)	TUPIGUARANI PR RP 11	ACAMPAMENTO	CURUÍVA
PR RP L-10 N°C 4325	SE 338	587	789	-	715	TOPO	PASTO	MARRON ARENOSO	60 X 5M (235,30M ²)	ITARARÉ PR RP C-9	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR WB L-1 N°C 3573	SE 349	185	21	24	605	ENCOSTA	TERRAPLE- NADO	MARRON-CLARO ARENOSO	16 X 9M (113,04M ²)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA

PR WBL-2 N°C 3574	SE 350	320	95	-	633	ENCOSTA	TERRAPLE- INADO	MARROM-CLARO ARENOSO	10M (78,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WBL-3 N°C 3575	N 357	426	-	340	840	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	66 X 15M (777,15MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WBL-6 N°C 3578	SE 392	382	839	248	663	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	21 X 15M (247,27MF)	-	ACAMPAMENTO	PINHALÃO
PR WBL-8 N°C 3580	SE 410	85	884	192	618	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	7M (38,46MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WBL-9 N°C 3581	SO 413	184	136	73	565	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	1 ARTEFATO	-	-	ARAPOTI
PR WBL-10 N°C 3565	NE 443	37	-	365	781	TOPO	ARADO	CINZA-ESCURO ARGILOSO	32 X 17M (427,04MF)	-	HABITAÇÃO	WENCESLAU BRAZ
PR WBL-12 N°C 3567	SE 444	1.520	-	20	739	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	20 X 15M (235,50MF)	-	ACAMPAMENTO	WENCESLAU BRAZ
PR SAL-2 N°C 3571	S 283	50	-	1.094	732	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SAL-3 N°C 3572	NE 274	274	-	-	689	PLATÔ	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SAL-4 N°C 3573	274	TORRE	-	736	736	PLATÔ	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	168 X 19M (2.366,57MF)	TUPIGUARANI PR SA C-6	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SAL-5 N°C 3574	270	TORRE	-	755	771	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	61 X 19M (909,82MF)	ITARABÉ PR SA C-89	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SAL-6 N°C 3576	SE 244	100	-	204	575	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	18 X 11M (155,43MF)	TUPIGUARANI PR SA C-24	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SAL-7 N°C 3753	243	TORRE	-	150	610	PLATÔ	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 ARTEFATO	-	-	SAPOPEMA
PR SAL-8 N°C 3754	L 239	112	763	-	619	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	8 X 3M (18,84MF)	-	ACAMPAMENTO	SAPOPEMA

PR SA L-9 Nº 3755	S 238	288	682	-	636	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 ARTEFATO	TUPIGUARANI PR SA C-33	-	SAPOPEMA
PR SA L-10 Nº 3756	L 226	230	-	177	707	PLATÔ	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA L-11 Nº 3800	N 223	91	-	1.231	713	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-12 Nº 3801	NE 213	774	-	10	681	PLATÔ	PASTO	MARROM-CLARO SILTICO-ARGILOSO	10M (78,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-13 Nº 3802	N 211	25	-	333	754	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	40 X 20M (628MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA L-15 Nº 3864	L 207	30	-	591	788	TERRENO PLANO	MATA SECUNDÁRIA	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	15 X 5M (66,87MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-16 Nº 3865	NO 204	200	-	666	773	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-17 Nº 3866	N 201	170	-	43	786	ENCOSTA	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	35 X 12M (329,70MF)	TUPIGUARANI PR SA C-60	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA L-18 Nº 3889	L 193	77	-	209	774	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-19 Nº 3890	NE 193	120	-	25	771	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-20 Nº 3913	NO 165	722	-	736	853	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	27 X 11M (233,14MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-21 Nº 4323	SE 191	291	-	146	818	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	7 X 5M (27,47MF)	TUPIGUARANI PR SA 55	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA L-22 Nº 3763	239	TORRE	-	754	634	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTICO-ARENOSO	1 ARTEFATO	TUPIGUARANI PR SA C-32	-	SAPOPEMA
PR MR L-2 Nº 4138	107	TORRE	242	53	483	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	35 X 20M (646,50MF)	ITABARÉ PR MR C-28	HABITAÇÃO	ROSÁRIO DO IVAÍ

PR.MR.L-3 N°C.4130	NO 131	296	-	7	460	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-CLARO ARENOSO	12 X 11M (103,62MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-4 N°C.4131	NO 131	346	-	8	466	ENCOSTA	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	29 X 15M (341,47MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-5 N°C.4132	S 129	40	-	100	476	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-6 N°C.4133	NO 128	205	-	526	465	PLATÔ	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	1 ARTEFATO	-	-	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-7 N°C.4134	NO 121	57	-	294	647	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	4M (12,58MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-8 N°C.4135	NO 121	88	-	326	632	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30 X 15M (353,25MF)	TUPIGLARANI PR.MR.C-17	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-9 N°C.4136	SE 118	164	-	67	506	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	25 X 12M (235,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR.MR.L-11 N°C.4565	O 49	115	-	230	740	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	105 X 34M (2.802,45MF)	ITARARÉ PR.MR.39	HABITAÇÃO	IVAIPORÃ
PR.MR.L-12 N°C.4139	L 113	457	27	-	427	TERRAÇO FLUVIAL	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	38 X 18M (636,94MF)	-	HABITAÇÃO	ROSÁRIO DO IVAI
PR.MR.L-13 N°C.4140	NO 111	252	525	44	433	TOPO E ENCOSTA	ARADO	MARROM ARENO-ARGILOSO	30 X 15M (353,25MF)	-	HABITAÇÃO	ROSÁRIO DO IVAI
PR.MR.L-14 N°C.4141	110	TORRE	-	58	458	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	57M (2.550,46MF)	-	HABITAÇÃO	ROSÁRIO DO IVAI
PR.MR.L-15 N°C.4142	NO 108	20	584	216	483	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	6M (28,28MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSÁRIO DO IVAI
PR.MR.L-16 N°C.4143	N 106	220	208	-	466	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM-CLARO SILTOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSÁRIO DO IVAI
PR.MR.L-17 N°C.4144	O 104	10	-	80	451	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	42 X 27M (860,19MF)	-	HABITAÇÃO	ROSÁRIO DO IVAI

PR MIR L-18 N°C 4145	N 102	150	-	67	453	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	1 FRAGMENTO	-	-	ROSÁRIO DO IVAI
PR MIR L-20 N°C 4208	NO 69	93	-	419	718	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	31 X 14M (340,69MF)	-	HABITAÇÃO	GRANDES RIOS
PR MIR L-21 N°C 4209	NE 99	153	-	158	531	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARENOSO	11 X 5M (43,17MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSÁRIO DO IVAI
PR MIR L-22 N°C 4210	N 93	200	-	52	550	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSÁRIO DO IVAI
PR MIR L-23 N°C 4211	S 92	150	-	75	559	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	10 X 6M (47,10MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSÁRIO DO IVAI
PR MIR L-24 N°C 4212	O 89	88	-	27	546	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO DETRITICO	12 X 11M (103,62MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR L-25 N°C 4213	S 63	51	-	11	631	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	19 X 12M (178,98MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR L-26 N°C 4214	SO 61	100	-	-	436	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	8 X 6M (37,68MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR L-27 N°C 4216	SO 60	19	-	311	443	PLATÔ	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	1 FRAGMENTO	-	-	GRANDES RIOS
PR MIR L-28 N°C 4216	L 55	15	231	-	427	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	3M (7,08MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR L-29 N°C 4244	SO 114	313	56	-	439	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	28 X 14M (307,72MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MIR L-32 N°C 4247	SE 49	129	-	256	715	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	23 X 15M (270,82MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ
PR MIR L-33 N°C 4248	47	TORRE	-	238	686	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	43 X 28M (945,14MF)	ITARARÉ PR MIR 33	HABITAÇÃO	IVAIPORÃ
PR MIR L-34 N°C 4249	NE 54	351	192	43	388	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ

PR MIR-L37 NºC 4262	N 41	385	5	-	432	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	4M (12,58MF)	-	ACAMPAMENTO	ARRANHA DO IVAÍ
PR MIR-L38 NºC 4253	40	TORRE	41	-	438	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÁ
PR MIR-L39 NºC 4254	O 39	70	98	-	449	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	23 X 18M (324,99MF)	-	HABITACÃO	IVAIPORÁ
PR MIR-L41 NºC 4256	L 31	473	6	-	507	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,63MF)	-	ACAMPAMENTO	ARRANHA DO IVAÍ
PR MIR-L42 NºC 4257	NE 29	143	-	78	576	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	18 X 11M (155,43MF)	-	ACAMPAMENTO	ARRANHA DO IVAÍ
PR MIR-L45 NºC 4260	15	TORRE	-	276	740	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	6M (28,26MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS
PR MIR-L46 NºC 4261	14	TORRE	-	510	765	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	7 X 5M (27,47MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS
PR MIR-L48 NºC 4263	O 11	182	-	750	786	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	6 X 4,5M (21,19MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS
PR MIR-L49 NºC 4264	NE 10	244	-	718	798	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	8 X 4M (25,12MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS
PR MIR-L50 NºC 4265	10	TORRE	-	567	795	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	52 X 28M (1.142,96MF)	-	HABITACÃO	MANOEL RIBAS
PR MIR-L51 NºC 4266	O 6	197	-	121	814	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	12 X 8M (75,36MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS

Tabela 2. Características dos indícios da Tradição Itararé.

INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA CÔRREGO (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
PR AN L-2 NC 3669	NO 454	35	425	849	738	TOPO	PASTO	MARRON-AVERMELHADO ARGILOSO	1 FRAGMENTO	-	-	WENCESLAU BRAZ
PR RPL-1 NC 3661	N 303	120	-	3	714	TERRAÇO FLUVIAL	MATA CILIAR	CINZA-CLARO ARENOSO	6M (28,28MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR WBL-4 NC 3664	O 442	128	-	418	762	ENCOSTA	ARADO	CINZA-ESCURO ARGILO-ARENOSO	31 X 23M (559,70MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WBL-5 NC 3577	N 387	12	770	94	690	TOPO	ARADO	-	30 X 18 (423,90MF)	-	HABITAÇÃO	PINHALÃO
PR WBL-7 NC 3579	NE 396	210	-	431	671	TOPO	ESTRADA	CINZA-ESCURO ARGILOSO	8M (50,24MF)	-	ACAMPAMENTO	PINHALÃO
PR WBL-11 NC 3666	S 443	232	-	550	775	TOPO	-	MARRON-AVERMELHADO ARGILOSO	41 X 16M (515MF)	-	HABITAÇÃO	WENCESLAU BRAZ
PR SAL-1 NC 3670	287	TORRE	-	849	745	ENCOSTA	ARADO	MARRON-ESCURO SILTOSO	25 X 15M (294,37MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SAL-14 NC 3603	O 211	370	-	15	672	TERRAÇO FLUVIAL	MATA CILIAR	MARRON SILTOSO	1 FRAGMENTO	-	-	ORTIGUEIRA
PR SAL-23 NC 4380	SE 220	280	-	1.500	728	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	10M (78,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRL-1 NC 3524	NE 144	128	-	333	724	ENCOSTA	ARADO	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	6M (28,28MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRL-10 NC 4137	114	TORRE	189	252	474	ENCOSTA	PASTO	MARRON-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	51 X 29M (1.161,01MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA

PR MR L-19 N°C 4162	NE 123	400	-	226	514	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	TUPIGURANI PR MR C-15	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MR L-30 N°C 4245	SE 86	403	-	145	689	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	5 X 3M (11,77MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MR L-31 N°C 4246	L 50	85	-	583	682	ENCOSTA	PASTO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ
PR MR L-35 N°C 4250	44	TORRE	60	-	430	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	19 X 14M (208,81MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ
PR MR L-36 N°C 4251	43	TORRE	83	114	437	ENCOSTA	ARADO	MARROM ARENO-ARGILOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IAVI
PR MR L-40 N°C 4255	34	TORRE	100	-	516	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	35M (961,62MF)	-	HABITAÇÃO	ARIRANHA DO IAVI
PR MR L-43 N°C 4258	O 23	162	-	5	660	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 FRAGMENTO	-	-	ARIRANHA DO IAVI
PR MR L-44 N°C 4259	SE 20	251	-	18	676	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	3M (7,08MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IAVI
PR MR L-47 N°C 4262	SO 13	62	-	526	784	TERRENO PLANO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	MANOEL RIBAS
PR AN C-1 N°C 3880	S 452	192	614	1.137	755	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	47 X 46M (1.697,17MF)	TUPIGURANI PR AN 29	HABITAÇÃO	WENCESLAU BRAZ
PR AN C-2 N°C 3881	NE 458	116	-	420	645	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARGILOSO	49 X 38M (1.461,67MF)	-	HABITAÇÃO	WENCESLAU BRAZ
PR AN C-3 N°C 3882	SO 461	185	235	-	576	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARGILOSO	39 X 35M (1.071,52MF)	-	HABITAÇÃO	WENCESLAU BRAZ
PR RP C-1 N°C 3882	SO 306	233	-	706	883	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	19 X 14M (208,81MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR RP C-5 N°C 3886	SO 322	258	1.207	153	805	TOPO	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	8 X 5M (31,40MF)	TUPIGURANI PR RP C-4	ACAMPAMENTO	CURIÚVA

PR RP C-6 Nº C 3587	SE 325	48	-	226	755	TOPO	PASTO	MARRON-CLARO ARENO-ARGILOSO	36 X 36M (1.017,36MF)	TUPIGUARANI PR RP 12	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR RP C-8 Nº C 3589	N 327	27	-	321	676	ENCOSTA	ARADO	MARRON-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	7 X 6M (32,97MF)	TUPIGUARANI PR RP C-7	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR RP C-9 Nº C 3593	SE 338	587	789	-	715	TOPO	PASTO	MARRON ARENOSO	60 X 15M (706,50MF)	UMBU PR RP L-10	HABITAÇÃO	VENTANIA
PR RP C-11 Nº C 3592	S 333	490	-	130	641	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	16 X 12M (150,72MF)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR RP C-12 Nº C 3593	L 336	21	-	86	643	TOPO	PINNUS	MARRON-CLARO ARENOSO	9 X 7M (49,45MF)	-	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR WB C-1 Nº C 3594	NO 346	280	-	473	774	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	73 X 19M (1.088,79MF)	-	HABITAÇÃO	VENTANIA
PR WB C-3 Nº C 3596	SO 353	43	564	324	721	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	22 X 6M (103,82MF)	TUPIGUARANI PR WB 13	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-4 Nº C 3597	SE 354	232	-	170	675	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	89 X 61M (4.281,76MF)	TUPIGUARANI PR WB C-5	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-6 Nº C 3599	SE 364	160	-	394	833	ENCOSTA	ARADO	MARRON-CLARO ARENOSO	30 X 18M (423,90MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-7 Nº C 3600	NE 365	48	-	295	847	TOPO	ARADO	MARRON-CLARO ARENOSO	30 X 21M (494,55MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-9 Nº C 3602	370	TORRE	565	-	774	ENCOSTA	PASTO	MARRON-CLARO ARENO-ARGILOSO	10 X 6M (47,10MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-10 Nº C 3603	S 374	300	630	-	765	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	70 X 15M 824,25MF)	TUPIGUARANI PR WB C-2	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-11 Nº C 3604	N 382	41	95	-	628	TOPO	PASTO	MARRON-CLARO ARGILOSO	23 X 9M (162,49MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-12 Nº C 3605	NE 386	175	1.110	-	703	TOPO	MATA SECUNDARIA	CINZA-ESCURO ARENOSO	21 X 4M (65,94MF)	-	ACAMPAMENTO	PINHALÃO

PR WB C-13 N°C 3606	O 397	32	-	494	676	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILOSO	75 X 52M (3.061,50MF)	-	HABITAÇÃO	PINHALÃO
PR WB C-14 N°C 3607	N 398	234	-	310	635	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	11 X 7M (60,44MF)	TUPIGURANI PR WB C-15	ACAMPAMENTO	PINHALÃO
PR WB C-16 N°C 3609	NO 399	829	1.426	113	659	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	1 FRAGMENTO	-	ACAMPAMENTO	PINHALÃO
PR WB C-17 N°C 3610	SO 408	235	106	177	565	ENCOSTA	ARADO	MARROM-ESCURO ARENO-ARGILOSO	14 X 8M (87,92MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-20 N°C 3613	NE 410	201	747	-	605	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	50 X 19M (745,75MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-21 N°C 3614	SE 422	64	-	418	710	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	31 X 25M (608,37MF)	TUPIGURANI PRWB 9	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR SA C-1 N°C 3690	NE 291	40	-	1.087	788	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	55 X 28M (1.208,80MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-2 N°C 3691	SE 290	160	-	1.025	790	PLATÔ	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	60 X 45M (2.119,50MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-4 N°C 3693	SO 286	30	-	394	724	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	TUPIGURANI PR SA C-5	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-8 N°C 3697	NO 288	92	-	80	722	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO SILTOSO	7 X 3M (16,48MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-10 N°C 3699	NO 267	60	-	-	697	TOPO	ESTRADA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 FRAGMENTO	TUPIGURANI PR SA C-9	-	CURIÚVA
PR SA C-14 N°C 3703	NE 257	30	-	600	732	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	40 x 30M (942MF)	TUPIGURANI PR SA C-13	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-16 N°C 3705	SO 256	298	-	239	735	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	60 X 30M (1.413MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-18 N°C 3707	NE 254	183	-	417	704	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	28 X 5M (109,90MF)	TUPIGURANI PR SA C-19	ACAMPAMENTO	CURIÚVA

PR SA C-22 Nº 3711	253	TORRE	-	-	660	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	140 X 60M (6,59MF)	TUPIGUARANI PR SA 7	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-25 Nº 3757	NO 278	193	-	57	691	ENCOSTA	ARADO	MARROM ARGILO-ARENOSO	74 X 25 (1.452,25MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-27 Nº 3759	S 270	190	-	881	755	PLATÔ	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	100 X 80M (6,28MF)	CASA DE PEDRA	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-29 Nº 3761	N 242	32	-	100	589	ENCOSTA	PASTO	MARROM ARENO-ARGILOSO	5 X 3M (11,27MF)	TUPIGUARANI PR SA C-28	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-30 Nº 3762	N 242	425	-	9	530	TERRAÇO FLUVIAL	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	14 X 13M (142,87MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-31 Nº 4374	231	TORRE	1.572	270	614	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	8 X 5M (31,40MF)	TUPIGUARANI PR SA 19	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-35 Nº 3767	L 237	130	731	-	605	ENCOSTA	PASTO	MARROM ARGILO-ARENOSO	15M (176,62MF)	TUPIGUARANI PR SA C-36	ACAMPAMENTO	SAPOEIRA
PR SA C-41 Nº 3773	NE 226	51	-	415	751	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	22 X 18M (310,86MF)	TUPIGUARANI PR SA C-42	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-44 Nº 3732	SE 238	161	769	628	655	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILOSO	30 X 26M (612,30MF)	TUPIGUARANI PR SA C-45	HABITAÇÃO	SAPOEIRA
PR SA C-46 Nº 3875	245	TORRE	-	126	610	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	167 X 48M (6,282,56MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-51 Nº 3811	217	TORRE	-	148	757	TOPO	ARADO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	13M (132,67MF)	TUPIGUARANI PR SA C-52 E CASA DE PEDRA	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-55 Nº 3815	L 214	92	-	55	743	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	10M (78,50MF)	UMBU PR SA 30	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-59 Nº 3870	SE 209	897	-	647	767	ENCOSTA	PASTO	MARROM-ESCURO ARGILOSO	1 FRAGMENTO	TUPIGUARANI PR SA 37	-	ORTIGUEIRA
PR SA C-62 Nº 3873	NO 201	85	-	209	778	ENCOSTA	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	1 FRAGMENTO	TUPIGUARANI PR SA C-61	-	ORTIGUEIRA

PR SA C-63 N°C 3974	NO 200	58	-	597	924	PLATO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	6 X 5M (23,53MF)	TUPIGURANI PR SA 39	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-65 N°C 3976	SE 198	155	-	285	1.004	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-66 N°C 3977	192	TORRE	-	51	832	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	30 X 10M (235,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-67 N°C 3978	N 191	65	-	290	831	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	40 X 20M (628MF)	TUPIGURANI PR SA C-68	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-71 N°C 3982	188	TORRE	-	372	784	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	25 X 15M (294,37MF)	TUPIGURANI PR SA C-70	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-74 N°C 3985	179	TORRE	357	-	906	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30M NA ESTRADA	TUPIGURANI PR SA C-73	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-76 N°C 3987	SE 227	1.328	-	247	768	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	7 X 6M (32,97MF)	TUPIGURANI PR SA 46	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-77 N°C 3988	180	TORRE	-	9	893	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARGILO-ARENOSO	20M (314MF)	TUPIGURANI PR SA C-72	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-78 N°C 3974	S 176	146	730	149	853	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	31 X 28M (632,71MF)	TUPIGURANI PR SA 48	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-80 N°C 3916	S 172	200	-	248	872	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	6M (28,28MF)	TUPIGURANI PR SA C-81	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-83 N°C 3919	N 170	40	-	91	863	PLATO	CAPOEIRA	CINZA-CLARO ARGILOSO	18 X 15M (211,95MF)	TUPIGURANI PR SA C-82	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-86 N°C 3922	NE 165	261	-	623	880	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	45 X 33M (1.165,72MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-88 N°C 4324	SE 191	181	-	103	819	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	14 X 10M (109,90MF)	TUPIGURANI PR SA 56	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-89 N°C 3974	270	TORRE	-	755	771	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	61 X 19M (909,82MF)	UMBU PR SA L-5	HABITAÇÃO	CURIUVA

PR SA C-03 N°C 4591	S 297	272	-	247		TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	12 X 8M (75,36MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIUVA
PR MR C-2 N°C 3926	N 115	94	-	144	477	ENCOSTA	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	TUPIGUARANI PR MR 10	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MR C-4 N°C 3928	151	TORRE	-	268	808	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	1 FRAGMENTO	TUPIGUARANI PR MR C-3	-	ORTIGUEIRA
PR MR C-6 N°C 3930	149	TORRE	-	387	832	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO DETRICTICO	8 X 4M (25,12MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MR C-8 N°C 3932	N 139	60	-	349	672	PLATÔ	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	6M (28,26MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MR C-9 N°C 3933	S 137	50	-	392	663	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	30 X 15M (353,42MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MR C-10 N°C 3934	136	TORRE	-	317	681	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	20 X 12M (188,40MF)	TUPIGUARANI PR MR C-11	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MR C-12 N°C 3936	NO 137	370	-	145	659	PLATÔ	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30 X 25M (688,75MF)	TUPIGUARANI PR MR C-13	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MR C-24 N°C 4155	SO 114	417	49	-	437	TERRENO PLANO	ARADO	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	24 X 20M (376,80MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MR C-26 N°C 4157	112	TORRE	576	99	508	PLATÔ	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	35M (661,62MF)	TUPIGUARANI PR MR C-25	HABITAÇÃO	ROSARIO DO IVAI
PR MR C-27 N°C 4168	109	TORRE	-	117	469	ENCOSTA	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	-	ACAMPAMENTO	ROSARIO DO IVAI
PR MR C-28 N°C 4159	107	TORRE	242	53	483	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	35 X 20M (549,50MF)	UMBU PR MR L-2	HABITAÇÃO	ROSARIO DO IVAI
PR MR C-30 N°C 4161	L 107	133	336	188	488	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	28 X 15M (*329,70MF)	TUPIGUARANI PR MR C-29	HABITAÇÃO	ROSARIO DO IVAI
PR MR C-32 N°C 4218	SE 71	51	-	267	753	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	7 X 5M (27,47MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS

PR.MR.C-33 N°C 4219	NO 98	64	-	111	543	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	23 X 11M (198,60MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-34 N°C 4220	O 91	50	-	96	579	PLATÔ	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	24 X 16M (301,44MF)	-	HABITAÇÃO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-35 N°C 4221	S 90	10	-	185	610	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	19 X 13M (193,89MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-37 N°C 4223	SE 84	108	445	105	636	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	11 X 8M (69,08MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-38 N°C 4224	SE 84	267	542	72	649	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	10 X 6M (47,10MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-39 N°C 4225	L 75	92	-	131	633	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	15 X 8M (94,20MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-40 N°C 4226	O 74	36	-	217	665	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	18 X 12M (169,56MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-41 N°C 4227	NE 58	42	500	-	447	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM ARENOSO	13 X 9M (91,84MF)	-	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-43 N°C 4267	S 86	234	-	265	705	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	40 X 21M (659,40MF)	TUPIÇUARANI PR.MR.31	HABITAÇÃO	GRANDES RIOS
PR.MR.C-45 N°C 4269	49	TORRE	-	199	720	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	3M (7,06MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ
PR.MR.C-46 N°C 4270	SE 46	98	-	390	666	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	18 X 13M (183,69MF)	-	ACAMPAMENTO	IVAIPORÃ
PR.MR.C-47 N°C 4271	L 43	510	37	-	426	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	31 X 16M (389,36MF)	-	HABITAÇÃO	ARIRANHA DO IVA
PR.MR.C-50 N°C 4274	SO 37	86	567	-	505	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	11 X 6M (51,81MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVA
PR.MR.C-51 N°C 4275	NO 37	225	197	-	474	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	50 X 32M (1.258MF)	-	HABITAÇÃO	ARIRANHA DO IVA

PR MR C-52 N°C 4276	S 36	64	870	-	577	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	23 X 13M (234,71MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAÍ
PR MR C-53 N°C 4277	SE 32	373	-	187	650	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	6 X 4M (18,84MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAÍ
PR MR C-55 N°C 4279	NO 24	158	-	505	651	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	10 X 7M (54,95MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAÍ
PR MR C-58 N°C 4282	SO 28	315	-	432	585	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	20 X 12M (188,40MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAÍ
PR MR C-60 N°C 4129	133	TORRE	-	468	525	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	21M (346,18MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA

Tabela 3. Características dos indícios da Tradição Tupiguarani.

INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA CÔRREGO (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
PR AN C-4 N°C 3883	O 478	84	1.134	795	651	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	21 X 13M (214,30MF)	-	HABITAÇÃO	SÃO JOSE DA BOA VISTA
PR AN C-5 N°C 3884	NE 481	120	1.328	247	605	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	56 X 52M (2.285,92MF)	-	HABITAÇÃO	SÃO JOSE DA BOA VISTA
PR AN C-6 N°C 3887	NO 497	85	-	390	624	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	40 X 22M (690,80MF)	-	HABITAÇÃO	SÃO JOSE DA BOA VISTA
PR AN C-9 N°C 3888	L 505	13	-	600	596	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	32 X 12M (301,44MF)	-	HABITAÇÃO	SÃO JOSE DA BOA VISTA
PR RP C-2 N°C 3593	NE 312	57	-	600	871	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	53 X 47M (1.955,43MF)	ITARARÉ PR RP 10	HABITAÇÃO	OURIÚVA
PR RP C-3 N°C 3594	S 318	150	288	306	740	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARGILOSO	12 X 8M (75,36MF)	ITARARÉ PR RP 13	ACAMPAMENTO	OURIÚVA

PR RP C-4 Nº 3955	SO 322	258	1.207	153	805	TOPO	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	14 X 10M (109,50MF)	ITARARÉ PR RP C-5	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR RP C-7 Nº 3958	N 327	31	-	340	676	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	24 X 17M (320,28MF)	ITARARÉ PR RP C-8	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR RP C-10 Nº 3991	SO 332	447	-	150	642	ENCOSTA	ESTRADA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	14 X 6M (65,94MF)	UMBU PR RP L-3	ACAMPAMENTO	VENTANIA
PR WB C-2 Nº 3955	S 374	300	630	-	765	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	70 X 15M (824,25MF)	ITARARÉ PR WB C-10	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-5 Nº 3958	SE 354	232	-	170	675	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 FRAGMENTO	ITARARÉ PR WB C-4	-	ARAPOTI
PR WB C-8 Nº 3901	NE 369	224	-	468	809	TOPO	ARADO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	85 X 26M (1.734,85MF)	ITARARÉ PR WB 3	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-15 Nº 3908	N 398	234	-	310	635	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	11 X 7M (60,44MF)	ITARARÉ PR WB C-14	ACAMPAMENTO	PINHALÃO
PR WB C-18 Nº 3911	SE 356	458	-	232	683	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	44 X 21M (725,34MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-19 Nº 3912	N 410	300	575	-	615	TOPO	ARADO	MARROM-CLARO ARGILOSO	84 X 15M (969,10MF)	-	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR WB C-22 Nº 3978	S 440	65	-	280	776	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	10 X 8M (62,80MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-23	O 442	86	-	376	761	ENCOSTA	ARADO	CINZA-ESCURO ARGILO-ARENOSO	15 X 12M (141,30MF)	-	ACAMPAMENTO	ARAPOTI
PR WB C-24 Nº 4371	N 369	288	450	519	824	ENCOSTA	ARADO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	62 X 26M (1.265,42MF)	ITARARÉ PR WB 18	HABITAÇÃO	ARAPOTI
PR SA C-3 Nº 3992	NE 289	82	-	64	829	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	54 X 28M (1.186,92MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-5 Nº 3994	SO 286	30	-	394	724	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	1 FRAGMENTO	ITARARÉ PR SA C-4	-	CURIÚVA

PR SA C-6 Nº C 3695	274	TORRE	-	-	736	PLATÔ	ARADO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	60 X 20M (942MF)	UMBU PR SA L-4	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-7 Nº C 3696	N 270	300	-	713	752	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	40 X 30M (942MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-9 Nº C 3698	NO 267	60	-	633	697	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	2 X 1M (1,57MF)	ITARARÉ PR SA C-10	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-12 Nº C 3701	S 262	101	-	368	673	TOPO	ARADO	CINZA-ESCURO ARGILO-ARENOSO	21 X 9M (148,35MF)	ITARARÉ PR SA 2	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-13 Nº C 3702	NE 257	30	-	600	732	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	40 X 30M (942MF)	ITARARÉ PR SA C-14	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-15 Nº C 3704	O 256	5	-	519	706	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	60 X 40M (1,884MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-17 Nº C 3706	O 255	13	-	337	727	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	35 X 25M (686,87MF)	ITARARÉ PR SA 4	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-19 Nº C 3708	NE 254	182	-	416	704	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	15 X 5M (58,87MF)	ITARARÉ PR SA C-18	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-20 Nº C 3709	N 254	32	-	254	685	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	1 FRAGMENTO	-	-	CURIÚVA
PR SA C-21 Nº C 3710	NO 254	322	-	471	704	TOPO E ENCOSTA	ARADO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	63 X 17M (840,73MF)	ITARARÉ PR SA 6	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-23 Nº C 3712	SE 249	80	-	-	654	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO SILTOSO	15 X 1M (117,75MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-24 Nº C 3713	SE 244	100	-	204	575	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	19 X 13M (193,89MF)	UMBU PR SA L-6	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-26 Nº C 3758	NO 276	20	-	261	672	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	53 X 26M (1.081,73MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-28 Nº C 3760	N 242	32	-	100	569	ENCOSTA	PASTO	MARROM ARENO-ARGILOSO	5 X 3M (11,77MF)	ITARARÉ PR SA C-29	ACAMPAMENTO	CURIÚVA

PR SA C-32 N°C 3764	239	5	-	754	634	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTICO-ARENOSO	25 X 8M (157M²)	UMBU PR SA L-22	ACAMPAMENTO	SAPOPEMA
PR SA C-33 N°C 3765	S 238	268	682	-	636	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	10M (78,50M²)	UMBU PR SA L-9	ACAMPAMENTO	SAPOPEMA
PR SA C-34 N°C 3766	SE 237	177	795	-	615	ENCOSTA	PASTO	MARROM ARGILO-ARENOSO	30 X 15M (353,25M²)	-	HABITAÇÃO	SAPOPEMA
PR SA C-36 N°C 3768	L 237	130	731	-	605	ENCOSTA	PASTO	MARROM ARGILO-ARENOSO	15M ESTRADA	ITARARÉ PR SA C-35	ACAMPAMENTO	SAPOPEMA
PR SA C-37 N°C 3769	SE 236	280	225	-	590	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	38 X 23M (886,09M²)	-	HABITAÇÃO	SAPOPEMA
PR SA C-38 N°C 3770	236	TORRE	310	-	600	PLATO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	20 X 10M (157M²)	-	ACAMPAMENTO	SAPOPEMA
PR SA C-39 N°C 3771	O 236	236	30	-	505	TERRAÇO FLUVIAL	MATA CILAR	CINZA-ESCURO ARENOSO	-	-	2 FRAGMENTOS	SAPOPEMA
PR SA C-40 N°C 3772	O 229	400	-	876	733	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	10 X 5M (39,25M²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-42 N°C 3774	NE 226	20	-	424	751	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	46 X 22M (1.193,32M²)	ITARARÉ PR SA C-41	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-43 N°C 3775	SE 225	196	-	827	743	PLATO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	22 X 9M (155,43M²)	ITARARÉ PR SA 23	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-45 N°C 3805	S 256	50	-	580	733	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30 X 20M (471M²)	ITARARÉ PR SA 59	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-47 N°C 3807	N 224	100	-	25	715	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	2M (3,14M²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-48 N°C 3808	224	TORRE	-	140	714	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	10M (78,50M²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-49 N°C 3809	SE 220	280	-	1.500	728	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	10M (78,50M²)	ITARARÉ PR SA L-23	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA

PR SA C-50 N°C 3910	218	TORRE	-	125	772	PLATÔ	PASTO	CINZA-ESCURO DETRITICO	20 X 10M (157MF)	ITARARÉ PR SA 27 UMBU PR SA 8	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-52 N°C 3912	217	TORRE	-	139	757	TOPO	ARADO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSA	24 X 18M (339,12MF)	ITARARÉ PR SA C-51	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-53 N°C 3913	N 213	30	-	145	732	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO SILTOSO	10M (78,50MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-54 N°C 3914	212	TORRE	-	516	731	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	6M (28,28MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-56 N°C 3967	NO 230	2	-	238	673	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	38 X 16M (447,49MF)	ITARARÉ PR SA 32	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-57 N°C 3968	NO 230	301	-	273	665	TOPO	CAPOEIRA	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	51 X 30M (1.201,05MF)	ITARARÉ PR SA 33	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-58 N°C 3969	NO 227	101	-	241	722	TOPO	PASTO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	25 X 16M (314MF)	ITARARÉ PR SA 36	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-60 N°C 3971	N 201	170	-	43	786	TERRENO PLANO	PASTO	MARROM-CLARO ARENO-ARGILOSO	35 X 12M (329,70MF)	UMBU PR SA L-17	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-61 N°C 3972	NO 201	85	-	209	778	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	30 X 10M (235,50MF)	ITARARÉ PR SA C-62	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-64 N°C 3975	NO 199	20	-	525	969	PLATÔ	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	50 X 20M (765MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-68 N°C 3979	N 191	66	-	290	831	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	40 X 20M (628MF)	ITARARÉ PR SA C-67	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-69 N°C 3980	S 190	8	-	86	777	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	10 X 6M (47,10MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-70 N°C 3981	188	TORRE	-	372	794	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	25 X 15M (294,37MF)	ITARARÉ PR SA C-71	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-72 N°C 3983	O 180	9	-	270	893	PLATÔ	PASTO	CINZA-ESCURO ARGILO-ARENOSO	10 X 8M (62,80MF)	ITARARÉ PR SA C-77	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA

PR SA C-73 N°C 3984	179	TORRE	357	-	906	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30 X 10 (353,15MF)	ITARARÉ PR SA C-74	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-75 N°C 3986	SE 227	1.486	-	245	765	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	33 X 23M (595,81MF)	ITARARÉ PR SA 45	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-79 N°C 3915	174	TORRE	-	381	888	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILOSO	15 X 11M (129,52MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-81 N°C 3917	S 172	200	-	284	872	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	6M (28,26MF)	ITARARÉ PR SA C-80	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-82 N°C 3918	NO 170	40	-	91	863	TOPO	CAPOEIRA	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	12 X 10M (94,20MF)	ITARARÉ PR SA C-83	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-84 N°C 3920	SE 170	304	-	179	884	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	15 X 7M (82,42MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-85 N°C 3921	S 170	200	-	134	874	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARGILO-ARENOSO	4M (12,56MF)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR SA C-87 N°C 3923	NE 165	359	-	645	891	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	68 X 30M (1.601,40MF)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR SA C-80 N°C 4370	SO 272	150	-	-	743	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	10 X 5M (39,25MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-91 N°C 4589	N 274	789	-	297	656	TOPO	ARADO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	15 X 14M (164,85MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-92 N°C 4590	N 275	349	-	14	687	PLATÔ	ARADO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	21 X 13M 214,30MF)	-	HABITAÇÃO	CURIÚVA
PR SA C-94 N°C 4592	SO 253	1.396	-	100	653	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	14 X 13M (142,87MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-95 N°C 4593	SO 251	300	-	57	632	ENCOSTA	ARADO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	19 X 6M (89,49MF)	-	ACAMPAMENTO	CURIÚVA
PR SA C-96 N°C 4594	S 246	1.345	-	146	671	TOPO	ARADO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	80 X 22M (1.381,60MF) A- 32 X 18M (461,92MF) B- 28 X 24 (672,50MF)	ITARARÉ PR SA 15	HABITAÇÃO 2 CONCENTRAÇÕES	CURIÚVA

PR SA C-07 N°C 4955	SO 246	1.689	-	538	721	TOPO	ARADO	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	26 X 17M (333,62M) A+ 13 X 7M (71,43M)	ITARARÉ PR SA-43	HABITAÇÃO 1 CONCENTRAÇÃO	CURIÚVA
PR MRC-1 N°C 3925	NE 161	45	-	226	896	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	100 X 30M (2.355M ²)	-	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MRC-3 N°C 3927	151	TORRE	-	247	808	TERRENO PLANO	PASTO	CINZA-CLARO ARENOSO	30M (706,50M ²)	ITARARÉ PR MRC-4	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MRC-5 N°C 3929	SO 150	52	-	242	816	ENCOSTA	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	4M (12,56M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-7 N°C 3931	O 143	47	-	330	729	TOPO	PASTO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	5M (19,62M ²)	ITARARÉ PR MRC-3	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-11 N°C 3935	136	TORRE	-	136	681	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	4M (12,56M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-13 N°C 3937	NO 137	370	-	145	659	PLATO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	12 X 8M (75,36M ²)	ITARARÉ PR MRC-12	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-14 N°C 3938	135	TORRE	-	264	678	TOPO	ARADO	CINZA-CLARO ARENO-ARGILOSO	5M (19,62M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-15 N°C 4146	NE 123	400	-	226	514	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62M ²)	ITARARÉ PR MRC-19	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-17 N°C 4148	NO 121	88	-	362	632	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62M ²)	UMBU PR MRC-18	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-18 N°C 4149	SO 120	478	1.015	194	614	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-19 N°C 4150	NE 116	115	-	452	538	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	2M (3,14M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-20 N°C 4151	O 116	15	626	327	533	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	6M (28,26M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA
PR MRC-21 N°C 4151	S 115	75	-	96	431	ENCOSTA	ARADO	MARROM-CLARO ARGILO-ARENOSO	16 X 15M (188,40M ²)	-	ACAMPAMENTO	ORTIGUEIRA

PR MIR C-22 N°C 4153	114	TORRE	-	300	475	PLATÔ	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	42 X 16M (527,52MF)	ITARARÉ PR MIR L-10	HABITAÇÃO	ORTIGUEIRA
PR MIR C-25 N°C 4156	112	TORRE	592	115	508	PLATÔ	PASTO	CINZA-LARO ARENO-ARGILOSO	1 FRAGMENTO	ITARARÉ PR MIR C-26	-	ROSARIO DO IVAI
PR MIR C-29 N°C 4160	L 107	134	336	189	488	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	1 FRAGMENTO	ITARARÉ PR MIR C-30	-	ROSARIO DO IVAI
PR MIR C-31 N°C 4217	N 71	97	-	323	753	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	8 X 5 (31,40MF)	ITARARÉ PR MIR 17	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR C-36 N°C 4222	SE 84	64	475	140	635	ENCOSTA	CAPOEIRA	MARROM-ESCURO ARGILO-ARENOSO	6 X 4M (18,84MF)	ITARARÉ PR MIR 18	ACAMPAMENTO	GRANDES RIOS
PR MIR C-42 N°C 4228	L 80	8	1.075	248	687	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	5M (19,62MF)	ITARARÉ PR MIR 29	ACAMPAMENTO	ROSARIO DO IVAI
PR MIR C-48 N°C 4272	SE 43	480	214	-	452	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARENO-ARGILOSO	13 X 8M (81,64MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAII
PR MIR C-56 N°C 4280	NE 18	189	-	614	721	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILO-ARENOSO	30 X 20M (471MF)	-	HABITAÇÃO	ARIRANHA DO IVAII
PR MIR C-59 N°C 4283	SO 28	347	-	442	584	ENCOSTA	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	4M (12,56MF)	-	ACAMPAMENTO	ARIRANHA DO IVAII

Tabela 4. Características dos indícios da Tradição Umbu em São Paulo.

INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA CÔRREGO (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
SP BAL-2 (N°C-4899)	SE 516	109	-	220	598	TOPO	ARADO	MARRON-AVERMELHADO ARGILOSO	17 X 15M (200,17M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BAL-3 (N°C-4900)	N 526	52	-	220	620	TOPO	ARADO	MARRON-AVERMELHADO ARGILOSO	1 ARTEFATO	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BAL-4 (N°C-4901)	SE 527	114	-	315	522	TOPO	ARADO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	15 X 4M (47,1M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BAL-5 (N°C-4902)	N 528	260	-	165	519	TOPO	ARADO	MARRON-CLARO ARGILOSO	76 X 33M (1.968,78M²)	-	SÍTIO DESTRUIDO	RIVERSUL
SP BAL-6 (N°C-4903)	SE 546	185	-	180	639	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	122 X 87M (8.331,99M²)	-	SÍTIO DESTRUIDO	ITARARÉ
SP BAL-7 (N°C-4904)	O 550	410	-	22	612	ENCOSTA	ARADO	MARRON-CLARO ARENOSO	65 X 45M (2.296,12M²)	-	SÍTIO DESTRUIDO	ITARARÉ
SP BAL-8 (N°C-4905)	NE 578	114	-	9	533	ENCOSTA	PASTO	MARRON-CLARO ARGILOSO	22 X 9M (155,43M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BAL-9 (N°C-4906)	SO 586	86	328	-	547	ENCOSTA	PASTO	CINZA-ESCURO ARENO-ARGILOSO	15 X 7M (82,42M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL

Tabela 5. Características dos indícios da Tradição Itararé em São Paulo.

INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA CÔRREGO (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
SP BA L-1 (Nº 4598)	SO 513	142	580	-	515	TOPO	PASTO	PRETO ARGILO-ARENOSO	35 X 22M (84,45M²)	-	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL
SP BA C-4 (Nº 4610)	S 519	19	-	182	594	ENCOSTA	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	49 X 33M (1.269,34M²)	-	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL
SP BA C-8 (Nº 4614)	N 529	185	-	80	527	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO-ARGILOSO	30 X 15M (353,25M²)	-	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL
SP BA C-9 (Nº 4615)	SE 537	17	-	445	552	TOPO	PASTO	MARROM-ESCURO ARENOSO	154 X 42M (5.771,38M²)	TUPIGUARANI SP BA C-10	SÍTIO DESTRUÍDO	ITARARÉ
SP BA C-11 (Nº 4617)	SE 554	100	-	670	625	TOPO	PASTO	MARROM-CLARO ARENOSO	27 X 12M (254,34M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BA C-12 (Nº 4616)	SE 556	1.340	-	610	702	TOPO	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	32 X 16M (376,80M²)	-	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL
SP BA C-13 (Nº 4619)	SE 556	834	-	300	694	TOPO	ARADO	MARROM-CLARO ARENOSO	111 X 40M (3.485,40M²)	-	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL
SP BA C-15 (Nº 4621)	SO 578	350	-	468	544	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARENOSO-ARGILOSO	13 X 1M (102,05M²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BA C-17 (Nº 4623)	NE 578	910	-	276	535	ENCOSTA	ARADO	CINZA-ESCURO ARENOSO	48 X 23M (866,64M²)	TUPIGUARANI SP BA C-16	SÍTIO DESTRUÍDO	RIVERSUL

Tabela 6. Características dos indícios da Tradição Tupigaurani em São Paulo.

INDÍCIO	LOCALIZAÇÃO TORRE	DISTÂNCIA TORRE (M)	DISTÂNCIA RIO (M)	DISTÂNCIA Córrego (M)	ALTITUDE (S.N.M.)	TOPOGRAFIA	VEGETAÇÃO	SOLO	DIMENSÕES	REOCUPAÇÃO	TIPO/SÍTIO	MUNICÍPIO
SP BA C-1 (N°C-4607)	SE 515	1.000	510	-	551	TOPO	PASTO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	1 FRAGMENTO	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BA C-2 (N°C-4608)	SO 517	51	-	428	615	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	123 X 43M (4.151,86M ²)	CASA DE PEDRA SP BA C-3	SÍTIO DESTRUIDO	RIVERSUL
SP BA C-5 (N°C-4611)	SO 525	54	-	151	614	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	36 X 32M (904,32M ²)	-	SÍTIO DESTRUIDO	RIVERSUL
SP BA C-6 (N°C-4612)	N 525	52	-	220	620	TOPO	ARADO	MARROM-AVERMELHADO ARGILOSO	51 X 20M (800,70M ²)	-	SÍTIO DESTRUIDO	RIVERSUL
SP BA C-7 (N°C-4613)	L 527	16	-	62	532	ENCOSTA	ESTRADA	MARROM-ESCURO ARENOSO	13 X 9M (91,84M ²)	-	ACAMPAMENTO	RIVERSUL
SP BA C-10 (N°C-4616)	TORRE 537	-	-	407	552	TOPO	PASTO	CINZA-ESCURO ARENOSO	162 X 130M (16.532,10M ²)	ITARARÉ SP BA C-9	SÍTIO DESTRUIDO	ITARARÉ
SP BA C-16 (N°C-4622)	NE 578	910	-	276	535	ENCOSTA	ARADO	CINZA-ESCURO ARENOSO	48 X 23M (866,64M ²)	ITARARÉ SP BA C-17	SÍTIO DESTRUIDO	RIVERSUL



Foto 1. Ao lado do curso fluvial, parte do sítio PR SA 14: Ribeirão Barra Grande - 3, de Tradição Umbu.



Foto 2. Limpeza e escavação na área da concentração B do sítio PR SA 14: Ribeirão Barra Grande - 3, de Tradição Umbu.



Foto 3. Escavação no sítio PR SA 38: Ribeirão Piquira, de Tradição Umbu.



Foto 4. Escavação no sítio multicomponential PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas (Tradições Umbu e Itararé).

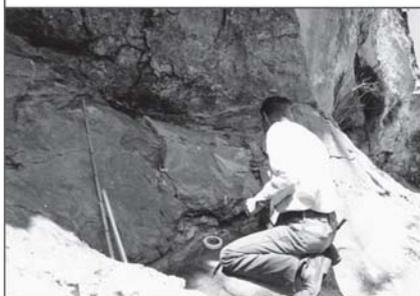


Foto 5. Decalque de pinturas rupestres no sítio PR WB 4: Abrigo-sob-rocha do Serro, de Tradição Umbu.



Foto 6. Decalque de sinalizações em bloco de arenito, no ponto 2 do sítio PR MR 16: Nabor - 2, de Tradição Umbu.

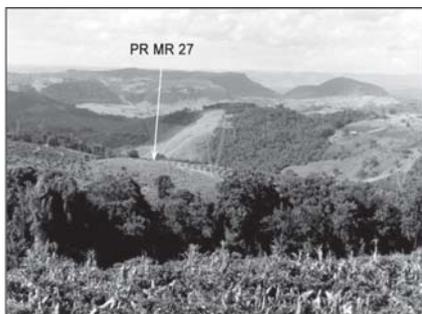


Foto 7. Área do sítio PR MR 27: Córrego Feio - 3, de Tradição Itararé.

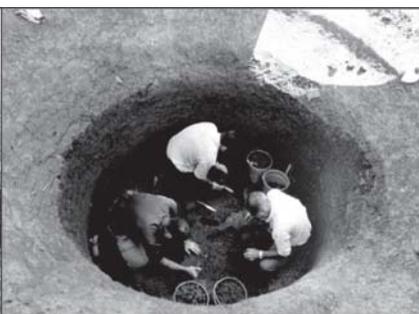


Foto 8. Escavação da estrutura subterrânea no sítio PR MR 15: Nabor - 1, de Tradição Itararé.



Foto 9. Escavação da estrutura subterrânea no sítio PR SA 34: Arroio Belo - 6, de Tradição Itararé.



Foto 10. Corte-estratigráfico praticado no sítio PR SA 8: água da Cangaia, de Tradição Itararé.



Foto 11. Bloco exposto práticas funerárias Itararé no sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas: enterro primário e cremação (canto superior esquerdo).



Foto 12. Escavação na área do sítio PR MR 18: Rio Branco - 1, de Tradição Itararé e dos indícios MR C - 36, de Tradição Tupiguarani.

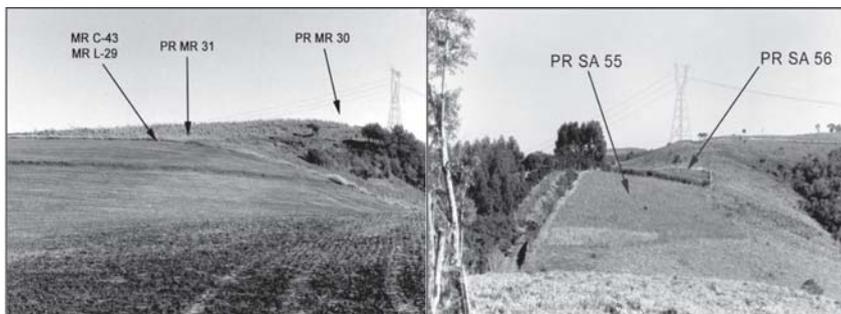


Foto 13. Áreas de implantação dos sítios PR MR 30: Faz. Rib. Bonito-1 e PR MR 31: Faz. Rib. Bonito-2, das Tradições Itararé e Tupiguarani e, dos indícios MR L-29 e MR C-43, das Tradições Umbu e Tupiguarani.

Foto 14. Áreas de implantação dos sítios PR SA 55: Água do Piquira - 1 e PR SA 56: Água do Piquira - 2, de Tradição Tupiguarani.

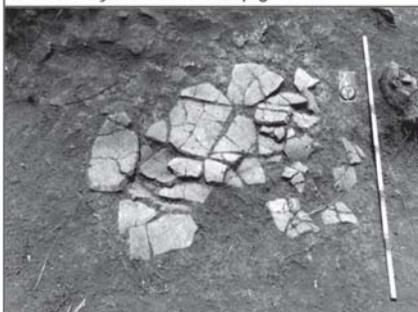


Foto 15. Recipiente cerâmico fragmentado exposto na área do sítio PR SA 57: Córrego Jacutinga, de Tradição Tupiguarani.



Foto 16. Preparação de coleção cerâmica para análise.



Foto 17. Restauração de recipiente cerâmico de Tradição Tupiguarani, encontrado no sítio PR SA 57: Córrego Jacutinga.

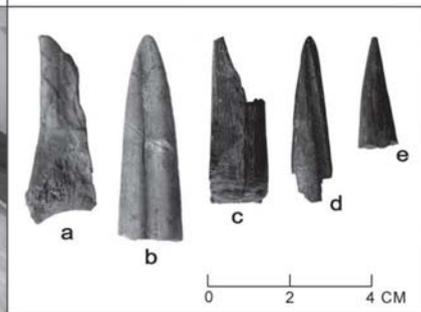


Foto 18. Pontas ósseas fragmentadas do sítio PR WB 16: Abrigo-sob-rocha Tunas, de Tradição Umbu.

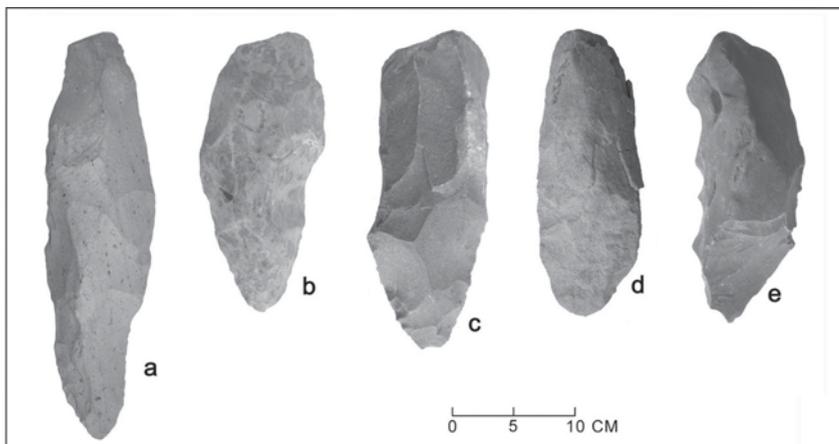


Foto 19. Cavadeiras (a - d) e picão (e), em sítios de Tradição Umbu.

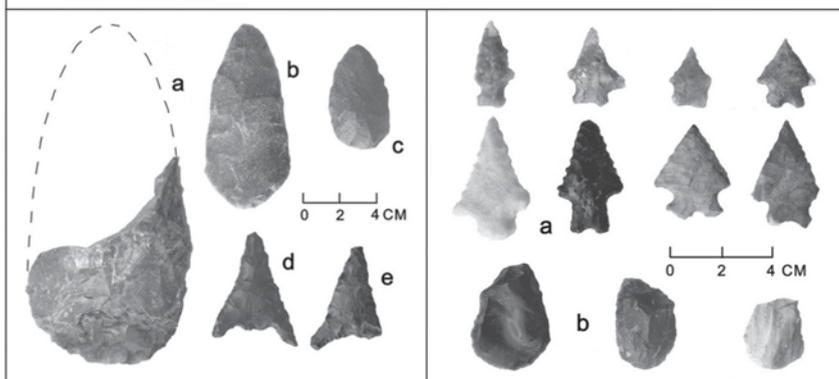


Foto 20. Pontas de projéteis foliáceas (a - c) e com aletas (d - e), em sítios de Tradição Umbu.

Foto 21. Pontas de projéteis pedunculadas (a) e raspadores unificiformes (b), em sítios de Tradição Umbu.

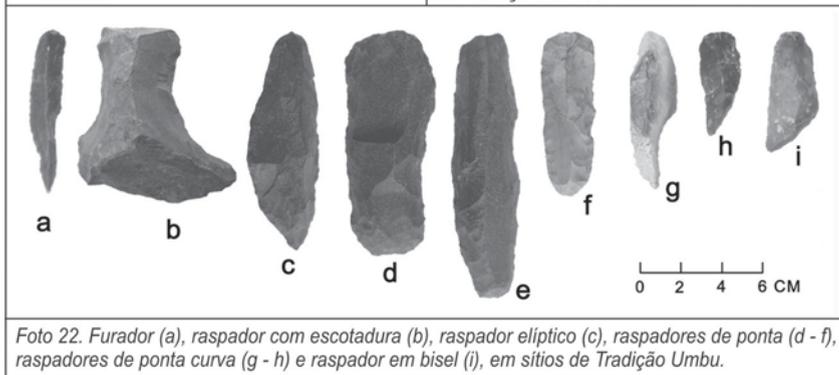


Foto 22. Furador (a), raspador com escotadura (b), raspador elíptico (c), raspadores de ponta (d - f), raspadores de ponta curva (g - h) e raspador em bisel (i), em sítios de Tradição Umbu.

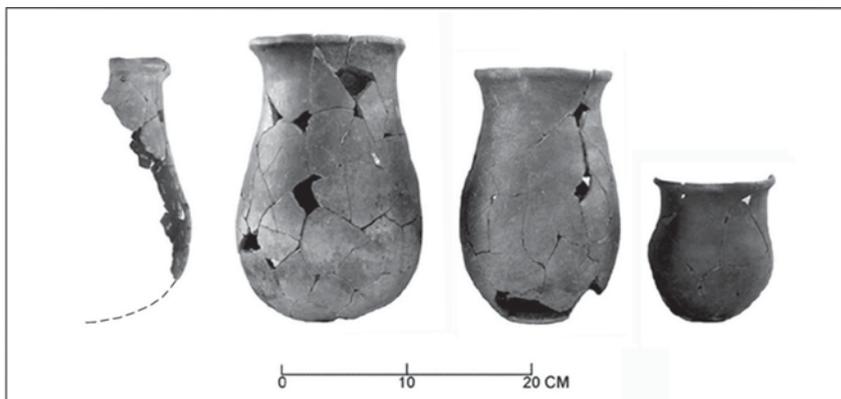


Foto 23. Recipientes cerâmicos de Tradição Itararé, procedentes do sítio PR SA 8: Água da Cangaia.

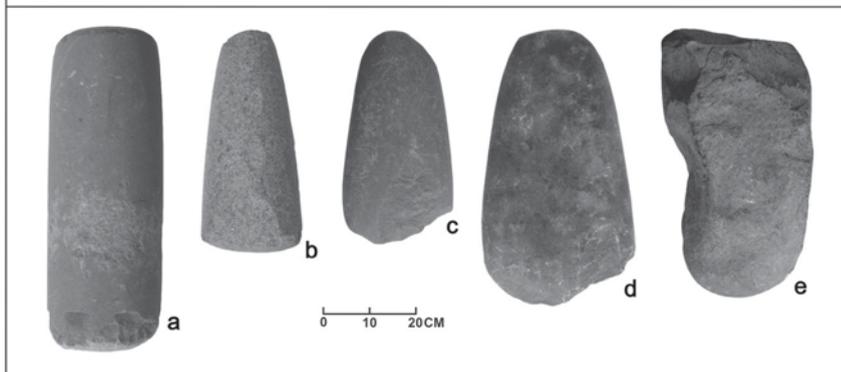


Foto 24. Mãos de pilões (a - b) e lâminas de machados (c - e), em sítios de Tradição Itararé.

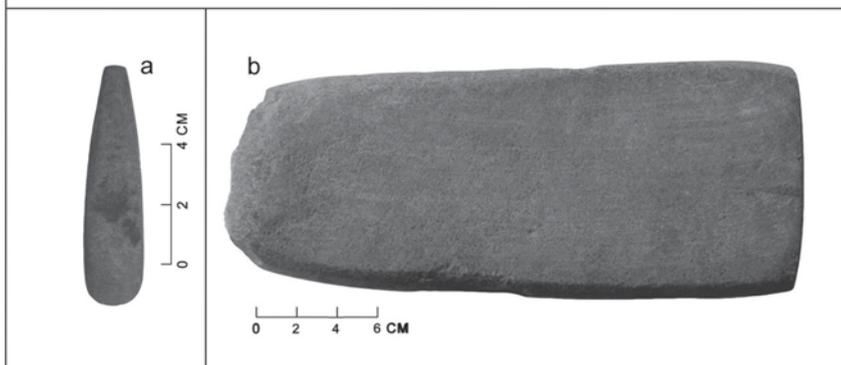


Foto 25. Artefatos da Tradição Itararé. a: lâmina de machado em miniatura; b, moedor.



Foto 26. Recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani escavados no sítio PR SA 57: Córrego Jacutinga.

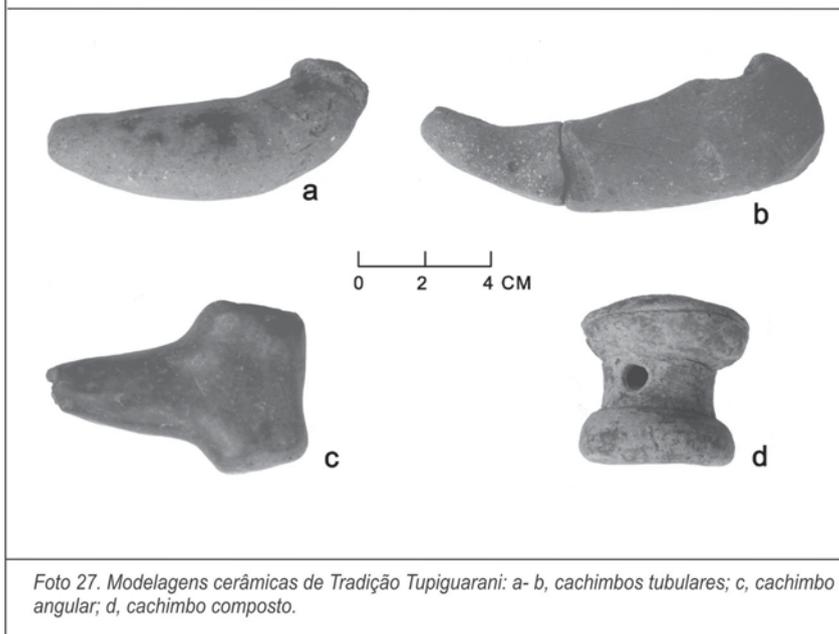


Foto 27. Modelagens cerâmicas de Tradição Tupiguarani: a- b, cachimbos tubulares; c, cachimbo angular; d, cachimbo composto.

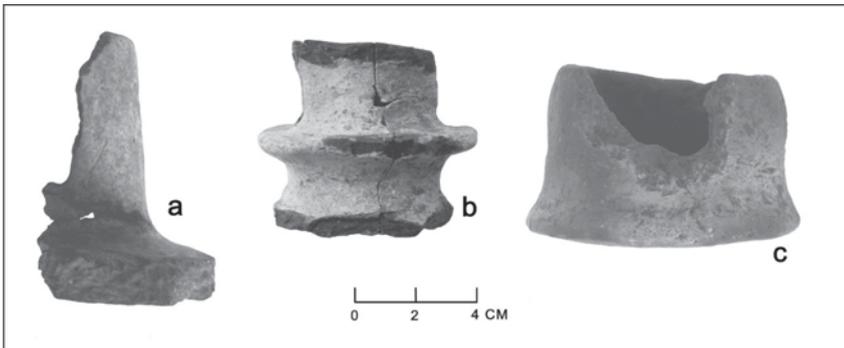


Foto 28. Modelagens cerâmicas em sítios de Tradição Tupiguarani: a - b, castiçais e c, lamparina.

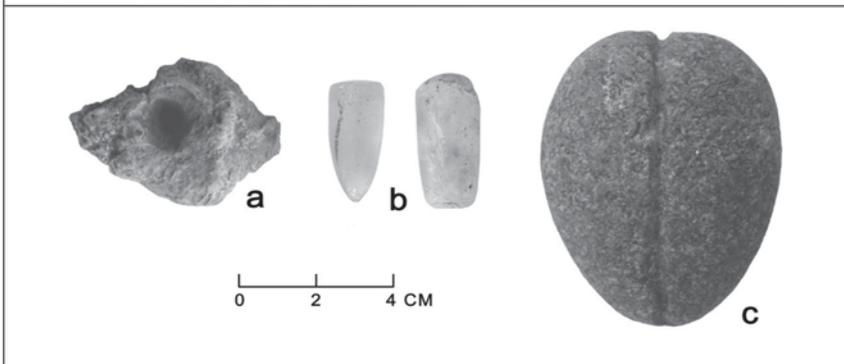


Foto 29: a, modelagem cerâmica zoomorfa; b, tembetás; c, boleadeira, em sítios de Tradição Tupiguarani.

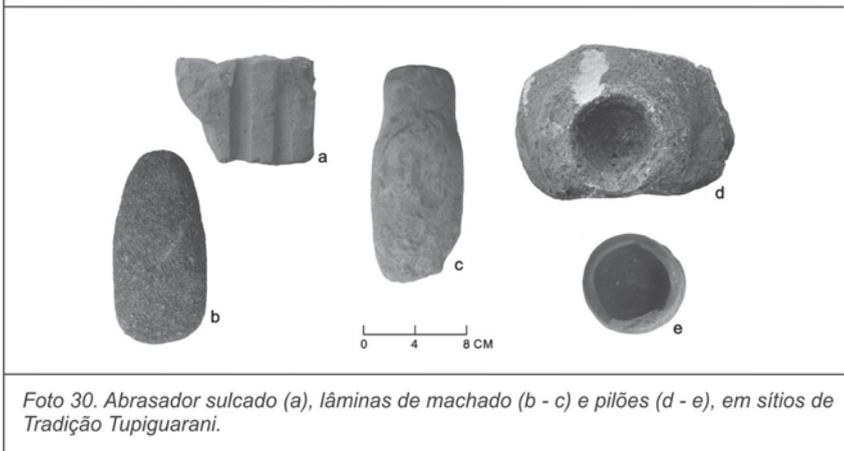


Foto 30. Abrasador sulcado (a), lâminas de machado (b - c) e pilões (d - e), em sítios de Tradição Tupiguarani.

SUMÁRIO

RESUMO	1
INTRODUÇÃO	1
O AMBIENTE	3
A OCUPAÇÃO HUMANA	6
Período Histórico	6
Aspectos culturais dos grupos indígenas	13
Arqueologia da área	23
O PROJETO DE SALVAMENTO	25
Antecedentes	25
Planejamento	26
Atividades e metodologias	26
OS RESULTADOS	34
Período Pré-Ceramista	34
A tradição Umbu	34
Período Ceramista	77
A tradição Itararé	78
A tradição Casa de Pedra	163
A tradição Tupiguarani	166
Os Indícios Históricos Recentes	230
Sítios e Indícios Arqueológicos de São Paulo	231
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	237
ABSTRACT	266
REFERÊNCIAS	267
ANEXO I. TABELAS	274
1. Características dos Indícios de Tradição Umbu	274
2. Características dos Indícios de Tradição Itararé.....	280
3. Características dos Indícios de Tradição Tupiguarani.....	288
4. Características dos Indícios de Tradição Umbu em São Paulo.....	296
5. Características dos Indícios de Tradição Itararé em São Paulo.....	297
6. Características dos Indícios de Tradição Tupiguarani em São Paulo.....	298
ANEXO 2. FOTOS. Ambiente, Sítios e Indícios, Procedimentos e Artefatos.....	299

